

O FENÓMENO INTERNACIONAL

A RAPARIGA QUE SOBREVIVEU

A FAMÍLIA FOI ASSASSINADA À SUA FRENTE...
ELA NÃO SE LEMBRA DE NADA.



«UM
THRILLER
BRILHANTE!»
AMAZON

LESLIE WOLFE

Autora *bestseller* de *A RAPARIGA SEM NOME*

alma
dos
livros



O FENÓMENO INTERNACIONAL

A RAPARIGA QUE SOBREVIVEU

A FAMÍLIA FOI ASSASSINADA À SUA FRENTE...
ELA NÃO SE LEMBRA DE NADA.



«UM
THRILLER
BRILHANTE!»
AMAZON

LESLIE WOLFE

Autora bestseller de A RAPARIGA SEM NOME

alma
livros

LESLIE WOLFE

A RAPARIGA
QUE SOBREVIVEU

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos
livros

FICHA TÉCNICA

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt

Traduzido e editado pela Alma dos Livros, com a permissão de Italics Publishing. Esta tradução é baseada no livro *The Watson Girl* de Leslie Wolfe.

© 2017 Leslie Wolfe. Todos os direitos reservados.
A Italics Publishing não tem filiação com a Alma dos Livros
e não é responsável pela qualidade da edição traduzida.

© 2020 Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Título: *A Rapariga Que Sobreviveu*
Título original: *The Watson Girl*
Autora: Leslie Wolfe
Tradução: Carla Ribeiro
Revisão: Silvina de Sousa
Paginação: Maria João Gomes
Capa: Vera Braga/Alma dos Livros
Imagens de capa: Shutterstock
Impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.
ISBN: 978-989-8999-19-1
1.^a edição em papel: janeiro de 2019

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

SANGUE-FRIO

QUINZE ANOS ANTES

Bateu à porta com o cano da arma, depois enroscou o silenciador enquanto esperava que alguém o deixasse entrar. Examinou de novo o ambiente que o rodeava. No pesado crepúsculo, as sombras eram longas e os sons demasiado escassos para perturbar a tranquilidade dos subúrbios. Um cão ladrava algures na vizinhança e mal dava pelos sons do longínquo trânsito na autoestrada.

A vivenda de dois andares tinha todas as janelas iluminadas, com cortinas brancas que tornavam as luzes mais ténues e davam à enorme casa neocolonial um ar de conto de fadas. O som distante de um desenho animado chegava até ao alpendre tenuemente iluminado. Reconheceu a voz gutural de Daffy Duck.

Só havia um veículo estacionado na ampla entrada que acedia à garagem para três carros, o monovolume prateado que Rachel Watson gostava de utilizar enquanto desempenhava as funções da maternidade moderna, com um ou mais dos três filhos sentados nos bancos de trás. O automóvel de Allen Watson não se via em lado nenhum. Mas Watson metia sempre o *Benz* na garagem, tendo o cuidado de não deixar cair nem uma partícula de pó na pintura personalizada que lhe devia ter custado uma pequena fortuna.

Ainda que não conseguisse ver o carro, sabia que Watson se encontrava em casa.

Sabia porque não deixava nada ao acaso. Paciente, esperara no carro, discretamente estacionado ao virar da esquina e quase escondido pela generosa folhagem de uma viçosa palmeira. Manteve os olhos colados à rua, observando, seguindo o alvo. Agora estava pronto.

Ouviu passos e apertou mais a arma, escondida atrás das costas. A porta abriu-se e Allen Watson chegou-se silenciosamente para o lado, um sorriso hesitante nos lábios e o laivo de um franzido intrigado a enrugar-lhe a testa. Indicou-lhe que entrasse, e ele assim fez, com a arma firmemente apertada na mão. Watson fechou a porta e fitou-o, inquisitivo.

— O que estás a...

A pergunta de Watson titubeou perante a arma na mão agora visível, e ficou petrificado, recuando com passos vacilantes até chocar contra a parede atrás dele. Os olhos de Watson, esbugalhados de surpresa, cravaram-se nos seus, com as palavras incapazes de lhe sair da boca aberta.

— Não... Não... — conseguiu finalmente dizer numa voz rouca, fraca e embargada.

Hesitou e levou tempo a levantar mais a arma, apontando ao peito de Allen, a poucos centímetros. Então, o som de pés minúsculos a bater no soalho do andar de cima precedeu uma voz aguda que ecoou ruidosamente sobre as suas cabeças.

— Quem é, papá?

Olhou brevemente para cima e viu dois dos miúdos Watson a olhar para eles, vestindo pijamas coloridos e agarrando com as mãos os pilares que sustentavam o corrimão da varanda sobre a principal sala de estar.

— Não... — sussurrou Watson. — Por favor...

Não podia adiar mais.

Premiu o gatilho duas vezes em rápida sucessão, e Watson caiu inerte, enquanto os gritos aterrorizados das duas crianças lhe trespassavam os ouvidos. Subiu as escadas, três degraus de cada vez, e correu para os quartos. Em poucos passos, alcançou as duas crianças aos gritos. Então, o silêncio engoliu de novo a casa enquanto ele a revistava quarto a quarto em busca da terceira miúda.

Não tardou a acabar o trabalho no andar de cima e estava pronto para descer quando uma batida na porta da frente o fez paralisar a

meio de um passo. Recuou, encostando-se mais à parede, e susteve a respiração. Preocupado, olhou para as janelas junto à entrada principal, só parcialmente cobertas pelas cortinas, movendo depois o olhar para o corpo de Watson, caído a poucos centímetros dessa porta.

O visitante podia ver o corpo através das cortinas abertas. Só tinha de espreitar para dentro e inclinar-se um pouco para o lado.

Raios!

As batidas repetiram-se, um pouco mais altas e mais longas, seguidas pelo tinido da campainha. Então, ouviu uma voz de homem, abafada pela enorme porta.

— Ei, é o Ben, da porta ao lado. Tenho o seu aparafusador sem fios. — O homem parou de falar, bateu mais algumas vezes e prosseguiu: — Vou deixá-lo no alpendre. Obrigado!

O visitante indesejado foi-se embora, os passos pesados e ruidosos, mas quase indistinguíveis contra o som dos desenhos animados na televisão. Respirou lenta, calma e calculadamente.

Passado um momento, desceu, cauteloso, em busca de Rachel Watson. Escutou atentamente e, para lá da voz nasalada de Daffy Duck, ouviu o som de tinidos vindos da cozinha. O laivo de um sorriso esticou-lhe o canto do lábio enquanto se dirigia para ali com passos silenciosos e felinos.

Não sabia quanto tempo demorara a fazer tudo, mas era hora de partir. O som de sirenes à distância acelerou a partida, e ele deixou a casa apressadamente e em silêncio, após verificar uma vez mais as tranquilas e imperturbadas redondezas, prestando a máxima atenção a todos os pormenores. A casa do outro lado da rua tinha o piso principal inundado de luz, as cortinas abertas, permitindo que a luz transbordasse para a rua. A família estava exposta aos olhares curiosos. Franziu o sobrolho. As pessoas deviam preocupar-se mais com a privacidade.

Decidiu esgueirar-se por trás do monovolume de Rachel e voltar a examinar as imediações antes de se dirigir de novo para o seu carro. Agachou-se, e poucos passos depois estava escondido atrás

do monovolume, tendo o cuidado de não lhe tocar. Olhou para as casas vizinhas e ficou à escuta de quaisquer sons que não se enquadrassem naquele ambiente. O franzido do seu sobrolho aprofundou-se com a aproximação de sirenes da polícia, mas então olhou para cima e ficou petrificado, sentindo o sangue transformar-se em gelo.

Na janela de trás do monovolume havia um decalque com as caricaturas estilizadas de uma família feliz, mostrando um homem, uma mulher, um rapaz, duas raparigas e um gato, exibindo todos sorrisos anatomicamente impossíveis.

Tinha um grande problema. Estava certo de que matara dois rapazes e uma rapariga.

Agachou-se mais e gemeu, esfregando furiosamente a testa cada vez mais franzida, como se fosse resolver os problemas ou conter quaisquer respostas.

— Pensa, pensa! — sussurrou, zangado.

Rachel Watson não teria cometido um erro ao encomendar o decalque para o carro. O resto batia certo, incluindo o gato, cujos ameaçadores olhos fosforescentes tinham seguido os seus movimentos do alto do armário da cozinha enquanto ele tratava de Rachel. Deixara o gato viver; não merecia uma bala, porque os gatos não falam.

Mas aquilo? Não fazia sentido, continuava a pensar, de olhos colados ao decalque. Mostrava claramente duas raparigas quase da mesma idade, pois as respetivas figuras eram idênticas, até às tranças duplas com laços. A figura do rapaz era um pouco maior do que as das raparigas. O que andava Rachel a fazer? A substituir o raio dos autocolantes todos os anos? Decerto. E de certezinha que não se enganava nos elementos da família.

Então o que se passava ali? Encontrara uma rapariga num dos quartos, a brincar sozinha com *Legos* no chão. Devia ter cinco ou seis anos. Os outros dois miúdos eram um pouco mais velhos, talvez sete ou oito anos, não mais do que isso.

Eram ambos rapazes.

Algo estava terrivelmente errado.

Esperou um pouco, tentando situar a localização dos carros de polícia que se aproximavam. Teriam chamado as autoridades por causa dele? Tinha a certeza de que os tiros haviam sido suficientemente silenciosos, mas alguém podia ter visto os lampejos de luz através das janelas. Talvez o vizinho que viera devolver o aparafusador sem fios tivesse detetado o corpo de Watson pelas cortinas abertas. Talvez.

Mas talvez ainda houvesse tempo para corrigir as coisas.

Olhou por um segundo para as costas da mão, tremendo um pouco à luz ténue do crepúsculo, e decidiu agir. Esgueirou-se de novo para o interior da casa, fechando a porta suave e silenciosamente. Depois, começou a revistá-la, movendo-se rapidamente, quarto a quarto, com a arma bem apertada na mão suada.

DE VOLTA AO TRABALHO ATUALMENTE

A agente especial Tess Winnett inclinou-se para mais perto do espelho, examinando, desapontada, os círculos sob os olhos. Escuros e implacáveis, o objeto do seu desdém contornava-lhe generosamente os olhos, tingindo-lhe as pálpebras e fazendo com que o azul das íris parecesse vazio e sem vida. Estava pálida e tinha um ar exausto, a pele retesada e quase translúcida contra as maçãs do rosto altas.

Não lhe faria mal um pouco de maquilhagem. Pena que ela não usava essas coisas.

Regressava ao trabalho após três intermináveis semanas de recuperação na sequência de ferimentos sofridos no exercício das funções. Um ombro deslocado. Ligamentos rompidos. Um par de costelas partidas que ainda lhe apunhalavam o flanco a cada respiração. Mas estava de volta, decidida a não passar nem mais um dia num aborrecimento mortal, a contar as horas e a andar de um lado para o outro entre os trezentos canais de televisão da treta e a pilha de romances, para os quais não tinha paciência.

Não pensava que fossem os ferimentos físicos a fonte da sua palidez; eram os monstros escondidos no seu interior, nos mais profundos recessos do cérebro cansado. As memórias que queria que desaparecessem para sempre, mas que se recusavam a esmorecer, as memórias cruéis daquela noite terrível de há mais de dez anos em que a sua vida sofrera uma abrupta viragem para o pesadelo. Uma noite em que ela fora a vítima indefesa a lutar pela vida, não a destemida agente do FBI em que se transformara.

Essas feridas ainda eram dolorosas, faziam-na andar pela vida hipervigilante, embora o atacante já não lhe pudesse fazer mal. Tais feridas doíam mais do que um par de costelas partidas.

Concentrado na sua forma física e provavelmente alheio ao resto da sua estrutura, o médico prescrevera-lhe seis semanas de descanso, com as duas últimas passadas em sessões diárias de fisioterapia, fortalecimento e exercícios de mobilidade. Tess apelara e ameaçara, mas ele já falara com o seu supervisor no FBI, o agente especial responsável, ou agente Pearson, como ela gostava de lhe abreviar o título, aconselhando-o a que, por razões médicas, ela não regressasse ao trabalho. Ao ouvir isso, Tess passara-se, virando-se contra o médico com toda a sua raiva irracional, e acusara-o de tudo o que se lembrara, de violar a confidencialidade de uma paciente a ser simplesmente um idiota imprudente, egoísta, preocupado apenas em proteger a própria pele, que nunca na vida devia ser autorizado a usar as credenciais de médico.

Isso não a levou longe. O médico resfolegou ao ouvir falar em violação da confidencialidade de um paciente e assegurou-lhe que só partilhara com o agente especial Pearson a ordem de repouso de seis semanas, e nenhum dos pormenores. Mas, milagrosamente, nesse dia, concordou em deixá-la ficar pelas três semanas, se fizesse apenas trabalhos ligeiros, como estar sentada atrás de uma secretária a preencher papelada.

Não, raios.

Porém, podia voltar a pôr os pés no edifício federal; o FBI tinha renovado as suas credenciais. O resto era com ela, certo? Um sorriso irónico surgiu timidamente naquele espelho da casa de banho, estendendo-se num grande sorriso que lhe engoliu os olhos e fez com que as olheiras quase desaparecessem.

Estava de volta. Só isso importava.

— Bem-vinda, Winnett — cumprimentou-a uma mulher ao passar, fechando depois a porta do último cubículo atrás de si.

Tess deu um salto. Não ouvira a mulher entrar na casa de banho; escutara apenas a voz atrás dela, demasiado perto quando pensava estar sozinha e em segurança. Sentiu o coração acelerar e as mãos tremeram-lhe um pouco. Concentrou-se na respiração por alguns segundos. Dentro. Fora. Dentro. Fora.

— Obrigada — respondeu, algo hesitante, soltando depois um longo suspiro e acalmando-se ligeiramente.

Estava pronta para voltar? Era bom que sim. *Vê se acordas, Winnett.*

Olhou um pouco mais para o seu reflexo, ganhando confiança para a reunião com o agente especial Pearson. Nessa manhã, encontrara uma nota colada na sua secretária com uma breve mensagem: «Vem ver-me assim que chegares.» A mensagem estava assinada por Pearson, o nome rabiscado, evoluindo de letras maiúsculas para uma pseudoassinatura basicamente ilegível. Mas, de qualquer modo, ela sabia quem era.

O agente especial Pearson. *Ugh.* O chefe, que já a avisara várias vezes e que não ia aceitar mais tretas. Um homem que completara doze anos de serviço como *profiler* com um registo invejável, só excedido por ela. Tinha noventa e oito por cento; ela tinha cem. Uma pequena diferença com grande significado. Tinha a certeza de que os dois pontos percentuais ocupavam um lugar de destaque na mente do chefe, pelo menos parte do tempo. Acima de tudo, Pearson era um *profiler* experiente que detetaria aquelas olheiras e dispensá-la-ia, para mais três semanas a dar em doida no seu apartamento.

Franziu os lábios, ponderando as opções, e pigarreou:

— Ei, Colston, por acaso não tens maquilhagem contigo?

— Ahã, aqui tens — respondeu a mulher, estendendo-lhe a bolsa por baixo da porta do cubículo. — Serve-te à vontade.

— Obrigada — respondeu Tess.

Pegou na bolsa e pô-la sobre a bancada, mas hesitou um pouco antes de a abrir. Tinha dificuldades em invadir daquela maneira a privacidade de alguém, apesar de ter sido convidada a fazê-lo. Como eram diferentes as outras pessoas. Quão... confiantes e ingênuas e abertas. Calmas. Despreocupadas. Despretensiosas. Ao abrir a bolsa, sentiu uma pontada de inveja. Gostava de poder ser assim, como todos os que partilhavam, confiavam e baixavam a guarda de vez em quando.

A bolsa de Colston continha um tesouro de produtos de maquiagem e ela olhou perplexa para a quantidade de pequenos objetos, sem ter a certeza do que usar.

— É disto que precisas — disse Colston, retirando um corretor. A mão pingava água para a bolsa aberta, mas ela não pareceu importar-se.

Tess ficou sem fôlego, mas engoliu e conseguiu agradecer-lhe. Como não ouvira Colston puxar o autoclismo nem a vira lavar as mãos? Tinha-as lavado, pois estava a secá-las minuciosamente com um toalhete de papel. Que tipo de agente em campo deixa as pessoas esgueirarem-se daquela forma? Precisava de se controlar.

Escondeu a expressão e aplicou rapidamente o corretor com o dedo, sorrindo com gratidão.

— É melhor pões também um pouco de *blush*. Estás demasiado pálida. Espera, deixa-me — sugeriu Colston, e retocou as faces de Tess com um pincel grosso, dando cor à sua pele de alabastro. — Perfeito, aí tens. Muito melhor.

Saíram juntas da casa de banho, mas depois separaram-se enquanto Tess passava pela secretária para pegar no bloco de notas antes de se dirigir ao gabinete de Pearson.

Lá estava ele, sentado à secretária, com a cabeça careca baixa enquanto lia as páginas de um dossiê, folheando-o impacientemente e cerrando os lábios, um claro sinal de irritação. Tirara o casaco e arregaçara as mangas da camisa, o que significava que ia permanecer no gabinete pelo menos algumas horas.

Bateu na ombreira da porta e esperou em silêncio. Ele fez-lhe sinal para que entrasse sem erguer os olhos da papelada. Tess ficou de pé e deixou os olhos vaguear pelos poucos objetos que adornavam o gabinete. Atrás de Pearson, ocupando uma prateleira numa estante meio vazia, um conjunto de três fotografias emolduradas mostrava a sua família. A esposa, com um pouco de peso a mais, era uma mulher cordial e afetuosa que lhe segurava confiantemente a mão num retrato que incluía os dois filhos.

As outras duas imagens eram fotografias da formatura dos filhos, do tipo profissional que as universidades de topo oferecem no dia da cerimónia. Ambos tinham no olhar a bondade da mãe; versões mais jovens, mais brandas do pai. Perguntou-se se a dureza nas feições de Pearson era genética ou adquirida. Examinou as duas rugas verticais que lhe ladeavam os lábios franzidos, as rugas permanentes na testa alta e a tensão no maxilar. Provavelmente estava na sua natureza.

Entretanto, Pearson olhou para cima e franziu um pouco mais a testa.

— Senta-te, Winnett.

Ela obedeceu.

— Estás de volta, então. Antes do tempo.

— Senhor.

— Bem-vinda. Estás pronta?

— Obrigada, senhor. Sim, estou.

Ele esfregou a testa e apertou a ponte do nariz, onde os óculos lhe tinham deixado marcas avermelhadas. Então, recostou-se na cadeira, embrenhado em pensamentos.

— Tenho algumas coisas para ti — disse. O tom não era promissor.

Tess assentiu, mas nada disse. Remexeu-se nervosamente na cadeira, obrigando-se depois a ficar quieta.

— Primeiro, temos a questão do teu último caso. Vai haver uma análise formal de todo o desenvolvimento. Está agendada para daqui a duas semanas.

— Uma análise formal? Posso perguntar porquê?

— A minha questão é: precisas de perguntar? — Cravou os olhos nos dela até ela baixar o olhar e fitar o chão. — Sim, encerraste o caso. Sim, acrescentaste mais uma linha notável ao teu registo. Mas o comité de análise deu-se conta de que algumas das tuas estatísticas não são assim tão boas.

— Que estatísticas? — Sabia que tinha um registo impecável, pelo que não podia ser isso. O quê, então?

— A tua taxa de mortes é superior à dos outros. Foste ilibada em todos os disparos, mas houve algo no último caso que lhes chamou a atenção.

— Senhor, eu...

— Deixa-me acabar, Winnett. Aguarda que o comité conclua a análise formal e faça as suas recomendações. Como disse, já foste ilibada em todos os disparos, por isso vais ficar bem.

Tess esperou um segundo inteiro antes de falar.

— Senhor, com o devido respeito, eu não estou bem. Uma análise formal pode acabar com uma carreira.

Pearson levantou-se bruscamente, começou a andar de um lado para o outro e enterrou as mãos bem fundo nos bolsos.

— Não há nada que *possas* fazer, Winnett. Não há nada que se possa fazer. Deixa as coisas acontecerem e não abanes o barco. Mas não te fazia mal prenderes um suspeito, para variar, em vez de lhe dares um tiro.

Tess olhou silenciosamente para o chão, sentindo o agulhão da frustração.

— Entendido — respondeu, abstendo-se de contestar tudo o que o sistema tinha de errado.

Pearson sentou-se novamente à secretária e a sua expressão aprofundou-se.

— O segundo elemento da lista não vai ajudar-te na análise que aí vem. — Pigarreou antes de prosseguir. — Gostaria que trabalhasses com um parceiro durante algum tempo.

— Oh?! — exclamou ela, olhando para Pearson com mal disfarçada irritação. Ela não queria um parceiro, mas sabia que teria de acontecer mais cedo ou mais tarde. Pearson fora claro quanto a isso. Ainda assim. — Não é obrigatório termos parceiros permanentes no FBI, por isso estava...

— Não me cites os estatutos, Winnett. Ainda sou eu quem decide quem faz o quê aqui dentro, e com quem. Entendido?

— Sim, senhor. Mas isso significa que quer ter-me supervisionada, em vez de...

— Winnett!

Ela parou. Não queria forçá-lo demasiado, mas também não sentia que merecesse aquilo. Onde podia traçar a linha entre aceitar orientações do chefe e defender-se?

— Por agora, não há ninguém disponível para trabalhar contigo — disse ele, fulminando-a com o olhar, pois o seu alívio devia ter sido demasiado óbvio. — Mas quero que penses nisso como o próximo passo na tua carreira. Ajudar-te-á muito e também na perceção que as pessoas têm de ti.

— Que perceção?

— Que não trabalhas em equipa. Que não te importas com o que os outros sentem ou com os seus resultados; só em resolver caso após caso, o mais rápido e o melhor possível.

— Hum... e qual é o problema de resolver os casos depressa? É o meu trabalho!

— A perceção é que não te interessa quem magoas pelo caminho. Tens de corrigir esta ideia, Winnett. E não estou a brincar. Recupera a confiança e o respeito dos teus colegas e certifica-te de que demonstras que pertences a esta equipa. Não há cá espaço para individualismos, Winnett, independentemente do teu registo. Somos parte de uma equipa, e temos de agir como tal.

Como ia ela fazer isso? Interações como a da casa de banho com Colston eram tão raras que só provavam a regra às exceções. Tinha de admitir que eram agradáveis.

— Trabalhei bem com o Mike. Acho que demonstrei isso. Mas o Mike foi-se. Está morto.

— Escuta, Winnett — prosseguiu Pearson, afrouxando a gravata com um suspiro frustrado. — Por mais que tu, ou eu, ou qualquer outra pessoa estivéssemos dispostos a fazer, o Mike não volta. Mesmo que te culpes ou decidas que não podes trabalhar com mais ninguém. É tempo de seguir em frente, Winnett. Não deixes que isso destrua a tua carreira. — Calou-se por um segundo, de modo a que o seu olhar carregado dissesse as palavras que não pronunciara.

Tess baixou de novo o olhar, sem saber o que mais podia dizer.

— Depois há o problema com o governador — continuou ele.

Tess suspirou e absteve-se de revirar visivelmente os olhos.

— Ligou-me duas vezes enquanto trabalhavas no último caso. Duas vezes!

— Ele recebe chamadas das pessoas chiques que incomodo durante os meus...

— Winnett! — explodiu ele. — Achas que não sei como as coisas funcionam? Mas tens de ser esperta! Um dia destes, ele pode ligar e pedir-me formalmente que passes a ser um problema de outro governador! Não há nenhum agente neste departamento com o teu histórico. Todos resolvem casos, talvez não com o teu recorde de sucessos, mas com menos barulho e perturbação. Com menos queixas. — Fez uma pequena pausa, como se tentando perceber o que fazer com ela. — Sê esperta nestas coisas, Winnett — prosseguiu. — Não deixes que o teu comportamento lance uma sombra sobre a reputação interna e externa desta equipa. Entendes?

— Perfeitamente — conseguiu Tess responder. Teria de fazer com que as pessoas gostassem dela e a aceitassem. Precisava de mudar, e isso nunca era fácil. Tinha de amaciar um pouco, continuando ágil no trabalho, mantendo a sua vantagem. Não sabia como, nem por onde começar.

— Vou dar-te uma missão — prosseguiu Pearson.

Ela animou-se, sentindo a antecipação e o entusiasmo elevar-lhe o espírito sombrio.

— Há um assassino em série no corredor da morte em Raiford; Kenneth Garza.

— Ah, o Homem de Família — acrescentou ela.

— Sim, o Homem de Família — confirmou Pearson. — A data da execução está marcada e aproxima-se. É daqui a cerca de três semanas, no dia vinte e dois. Gostaria que estudasses o processo e fosses lá interrogá-lo. Certifica-te de que tudo bate certo, que não nos escapou nada, e de que não vamos ter surpresas de última hora. Conheces o caso?

— Não, só a reputação. Foi antes do meu tempo.

— Caramba, tu és impressionante! Antes de Winnett e depois de Winnett, é isso? Quão arrogante podes ser? — A irritação na voz de Pearson era evidente, quase física no tom invulgarmente agudo.

— Não, senhor. Quero dizer que conheço todos os processos de assassinos em série encerrados durante o meu período de serviço.

— Claro que conheces — reagiu ele —, porque foste tu quem os fechou!

— Não, senhor. Queria dizer que conheço todos os casos de assassinos em série encerrados pelo Bureau, independentemente de quem os fechou, desde o dia em que, há dez anos, me juntei ao FBI.

O queixo de Pearson descaiu um pouco, mas depois recuperou a compostura, aparentemente inabalado. Teve vontade de sorrir, mas sabia que não devia, e conteve-se.

— Muito bem — prosseguiu ele. Familiariza-te então com o ficheiro do Garza e vai conversar com ele antes de fritar.

— Sim, senhor — aquiesceu Tess e levantou-se, pronta para partir.

Ele apontou para uma pilha de caixas, já carregadas num carrinho encostado a um canto do gabinete, junto à porta. Tess arqueou as sobrancelhas.

— O ficheiro do Garza — esclareceu ele, recomeçando a ler os documentos que estudava antes da sua chegada.

Tess pegou na asa do carrinho e retraiu-se. Uma dor aguda trespassou-lhe o flanco. Passou a pega para a outra mão e conseguiu sair dali sem bater nas paredes nem amolgar a mobília.

Aliviada, concentrou-se em puxar desajeitadamente o carrinho pela densa alcatifa, olhando para trás a cada passo a fim de garantir que a pilha de caixas não caía. Então, chocou contra alguém, batendo com a cabeça num peito musculado vestido de camisa branca e gravata colorida. Arquejou, pois o impacto provocou-lhe uma vaga de dor no ombro.

— Que raio, Winnett, tem cuidado — barafustou Donovan. Era o melhor e o mais brilhante elemento da equipa de análise. Analista, não agente de campo, apesar das suas inúmeras candidaturas e do firme e inquebrantável entusiasmo.

Ela cerrou os lábios e engoliu uma longa série de palavrões.

— Desculpa, Donovan. Estás bem? — Um laivo de sarcasmo infiltrou-se-lhe na voz. Ele abanou a cabeça.

— E pensar que ganhas a vida de arma na mão. Ah... Pergunto-me quem aprovou isso — respondeu ele, mordaz.

Aquilo doeu-lhe e, naquela furiosa fração de segundo, Tess esteve quase a dizer a Donovan que tinham sido as mesmas pessoas que recusaram a *sua* candidatura para se tornar agente de campo. Mas então lembrou-se do compromisso consigo e com Pearson e engoliu essa réplica zangada.

— Hum, mais uma vez, desculpa — disse baixinho, virando-se.

Donovan ficou de queixo caído, sem saber como reagir. A Tess Winnett que ele e todos conheciam tê-lo-ia despedaçado por menos. Permaneceu ali, a vê-la retrair-se enquanto se esforçava por puxar o carrinho carregado.

— A propósito, caso queiras saber: o carrinho empurra-se, não se puxa quando está assim tão carregado — sugeriu ele, virando as costas e retomando o caminho em direção aos elevadores.

Argh... Fechou os olhos por um segundo, tentando visualizar um espaço onde pudesse libertar os palavrões que lhe apetecia lançar a Donovan, e assim soltar alguma da pressão. Esse lugar não existia.

Virou o carrinho e começou a empurrá-lo, percebendo quão fácil era atravessar o amplo piso até à secretária. Sorriu, quase esquecendo o comité de análise e o peso dos milhares de páginas a pormenorizar os muitos homicídios macabros perpetrados pelo Homem de Família.

Estava de volta. Só isso importava.

UMA CARTA

A receita de massa primavera pode ser traiçoeira para quem dedica pouco tempo à cozinha. Laura Watson não aspirava à perfeição culinária; só queria preparar uma refeição rápida para Adrian e para si, algo diferente das fastidiosas sanduíches tostadas no forno ou da longa lista de jantares de micro-ondas comidos frente à televisão.

Jovens normais, partilhavam um apartamento que refletia o bem-estar financeiro de Laura, bem como a profissão. Estava adornado com pelo menos o dobro das lâmpadas e candeeiros habituais, todos com o logótipo da WatWel Lighting.

Um aplique específico em forma de concha estilizada tinha um significado especial. Laura desenhara esse candeeiro aos quinze anos e o pai adotivo/sócio construíra o protótipo. Um ano depois, aquele modelo específico vendera-se como pãezinhos quentes a hotéis e estâncias turísticas em ambas as costas. Na parede do apartamento, aparentemente deslocado, o protótipo do aplique estava quase sempre aceso. Olhar para a luz suave do candeeiro recordava a Laura o legado da família, a empresa que o pai biológico fundara com o agora pai adotivo, Bradley Welsh.

Brad tinha um lugar especial no seu coração; fora um pai adotivo fantástico, que quebrara todas as regras e não pusera a sua herança num fundo; em vez disso, envolvera-a nas decisões desde nova; estivera lá para alimentar o seu interesse pelo processo de fabrico de candeeiros, ensinando-a a liderar, deixando-a assistir a reuniões de alto nível e a negociações com clientes importantes. Juntos, tinham-se tornado os queridinhos da comunicação social.

Havia fotografias deles nas paredes do apartamento, a mais antiga de quando ela tinha sete ou oito anos e Brad a levava à

inauguração da nova fábrica. Fora Laura a cortar a fita, debatendo-se com as enormes tesouras, mas ciente de que o tinha a seu lado. Num lugar especial por cima da lareira estava a única foto da família que há muito perdera, cinco rostos felizes partilhando um de muitos momentos de proximidade, numa caminhada em Yosemite. Na parede oposta, encontrava-se outra foto estimada, do pai e de Brad Welsh, tirada no dia em que haviam criado a WatWel Lighting.

Por isso, e seguindo a tradição da família, Laura escolhera licenciar-se em engenharia elétrica, uma especialidade difícil que se ajustava ao seu futuro papel na WatWel Lighting. Fora rápida a completar o currículo e tudo se encaminhava para terminar a licenciatura dentro de alguns meses. Mas seguir uma simples receita de massa tornava-se um problema para ela.

Laura leu de novo as instruções e gemeu. A receita estava classificada como «fácil» ou «para principiantes» em dois dos mais populares *sites* de receitas, mas não tinha a paciência necessária para seguir todas as etapas até chegar à colorida tigela de massa. Soltou outro gemido frustrado e decidiu simplificar, cortando as partes com que tinha mais problemas. Curgetes? Não tinha e não lhe apetecia ir às compras. Adrian não notaria a diferença, de qualquer forma. O único pimento vermelho que restava no frigorífico estava mole; decididamente, um candidato ao caixote do lixo, não ao seu glamoroso almoço de sábado.

Viu as horas, lançando um olhar preocupado ao relógio digital pendurado na parede da sala de jantar, e decidiu não desperdiçar mais tempo. Um pouco nervosa, passou os dedos pelo longo cabelo liso, enfiando algumas madeixas rebeldes atrás das orelhas. O *workshop* de Adrian estava quase a acabar e ela queria ter a refeição pronta. Bem... precisava de se despachar.

Escorreu a massa, resmungando algo ininteligível quando alguns *farfalle* rebeldes fugiram do escorredor e caíram no caixote do lixo. Deitava a massa numa frigideira grande no momento em que o telemóvel tocou. Olhou rapidamente para o ecrã e viu uma mensagem de Adrian: «Estou a caminho, chego em dez minutos.»

Abriu então um pequeno pacote de mistura de vegetais congelada e verteu-o por cima da massa. Adicionou azeite sem o medir e acendeu o fogão.

Laura adorava todo o tipo de maquinas; talvez uma característica herdada do cérebro técnico do pai, ou um gosto adquirido, não tinha a certeza. O seu apartamento tinha uma coleção de pequenos eletrodomésticos e vários tipos de ferramentas elétricas. Amanda, a melhor amiga e irmã adotiva, provocava-a dizendo que tudo no seu apartamento tinha de ter um fio elétrico, ou não pertencia ali. Para a tarefa que a maioria das pessoas faz sem pensar, a parte da receita que diz «cozinhar no fogão, mexendo constantemente», Laura tinha um novo aparelho automático que encaixava no topo da frigideira e mexia a comida por ela. Ao menos isso ajudava um pouco.

Limpou a mesa e pôs os individuais, ligando depois um pequeno ralador elétrico dentro do qual pôs um pedaço de parmesão fresco. Estava quase pronta quando ouviu a chave na fechadura.

— Olá, querida — cumprimentou-a Adrian com um sorriso, beijando-a depois nos lábios. — Mmm... cheira bem aqui!

Boo, o seu gato malhado, rodeou-lhe as pernas com a cauda erguida como um estandarte.

Ela riu-se baixinho. A forma como se denrascara ia continuar a ser o seu segredo; Adrian não saberia. Era órfão, perdera os pais para as drogas e para vários sistemas prisionais, crescendo em gangues de rua e no seio do crime juvenil até que alguém o acolhera. Um estranho... um vizinho disposto a suportar o adolescente problemático e que o fizera ver a razão antes que arruinasse por completo a sua vida.

Tinham isso em comum, Laura e ele haviam perdido os pais demasiado cedo. Laura tivera melhor sorte, contudo. Não vivera um dia na rua, nem na pobreza, nem em instituições de acolhimento ao cuidado do Estado. O sócio do pai e a sua família estavam lá no momento em que os pais lhe foram tão tragicamente tirados, aos

cinco anos. Nesse aspeto, Laura tivera sorte, pois crescera com o amor e o cuidado de uma família que nada deixava a desejar.

Adrian ainda tinha aquela aspereza, a ferocidade do sobrevivente de rua, do rapaz que fora obrigado a crescer cedo demais e a defender-se sozinho quando outros da sua idade ainda escreviam cartas ao Pai Natal. Tinha o coração no sítio certo, mas às vezes tornava-se autoritário e demasiado protetor, os medos e monstros interiores alimentados pelas sabe-se lá que experiências de pesadelo por que passara. Dava com ela em doida.

Foi por isso que Laura evitou o mais possível o seu olhar nesse dia; não conseguia dizer-lhe que estava grávida. Confirmara-o de manhã. Esperara que Adrian saísse para a escola, indo depois a correr comprar um teste à farmácia da esquina e voltando logo para casa. Só tinha alguns dias de atraso e ainda havia esperança. Tomava a pílula todas as manhãs sem exceção, pelo que contava ver uma linha no teste, a solitária linha que acalmaria os medos.

Viu duas. Não acreditava; não podia ser. Decorrida mais uma hora, repetiu o teste. As mesmas duas linhas confirmavam a verdade indesejada: estava grávida. Em choque, correu para o portátil e escreveu o que sentia. Pesquisou: «A tomar a pílula e grávida. Como é possível?» Acrescentou vários pontos de interrogação a seguir à frase, sem qualquer motivo racional; só para se poder impedir de partir coisas.

Os resultados da pesquisa devolveram-lhe várias causas possíveis que não correspondiam ao seu caso, mas a quarta da lista fez-lhe arrepios na espinha. Aparentemente, tomar antibióticos e a pílula podia reduzir a eficácia desta. Lembrou-se então da infeção na garganta que tivera três ou quatro semanas antes e do plano completo de antibióticos que enfiara. Alguém devia tê-la avisado!

Engolindo as lágrimas, ponderou as opções. Não estava pronta para constituir família, para se atarefar com fraldas, e tudo isso. Queria terminar o curso, seguido do mestrado, e juntar-se depois ao pai adotivo ao leme da WatWel Lighting para abrir uma nova linha de candeeiros LED digitais. Nos seus planos de vida, não havia

espaço para um bebé. E Adrian? Provavelmente não seria o melhor dos pais. Nem o pior, mas alguém tão autoritário podia dar com um filho e a mãe em doidos. Ainda assim, o aborto não era opção; nem conseguia pensar nisso.

A meio da manhã, tornara-se simplesmente demasiado difícil engolir as lágrimas, e Laura abriu as comportas. Chorou até se cansar, decidindo depois cozinhar uma refeição especial, só para ter algo que impedisse Adrian de ver que havia, de facto, algo diferente nela. Um engodo, uma cortina de fumo culinária. Quanto à gravidez, precisava de pensar e de se decidir. Sentia a falta da mãe, da verdadeira, de quem mal conseguia lembrar-se. Gostava de poder correr para ela e perguntar-lhe o que fazer, e chorar um pouco mais, aninhada no seu colo.

Tocou de passagem no antiquado sistema de correio de voz que estava em cima da bancada, o qual funcionava com cassetes. Conservava-o porque era uma das poucas relíquias que tinha dos pais verdadeiros. Tinham tocado naquela máquina há cerca de quinze anos. Engoliu com dificuldade, virando-se depois para encarar Adrian.

— Como correu a escola?

Ele resfolegou.

— Sabes... alguns daqueles tipos podem ser tão arrogantes que escapa à matéria. Estou sempre a imaginar que os trago de volta à realidade com um pontapé no traseiro.

Laura sorriu, um sorriso irónico cheio de ternura. Aquele era o seu Adrian. Duas partes engenheiro, duas partes ursinho de peluche, uma parte mula e uma de arruaceiro.

— Simpson, hã? — perguntou, referindo-se ao professor de campos eletromagnéticos?

— Ahã — assentiu ele, metendo a mão no tacho da massa para roubar um par de *farfalle* coberto de parmesão acabado de ralar. Ela deu-lhe uma palmada nas nádegas.

Ainda empunhava um monte de cartas. Nem sequer lavara as mãos antes de tocar na comida.

— Au!

— Tira a mão — disse ela —, ainda não está pronto. E lava as mãos.

— Parece-me pronto — argumentou ele, largando a pilha do correio em cima da mesa.

— Tira isso daí, acabei de limpar a mesa. Alguma coisa interessante?

— Só isto — respondeu ele, escolhendo as cartas por cima do caixote do lixo, que acabava por receber a maioria do correio por abrir.

Passou-lhe um envelope branco com o seu nome e endereço escritos à mão em letras cursivas. Laura limpou as mãos às calças de ganga e pegou no sobrescrito, examinando-o de ambos os lados. A carta fora enviada localmente, em Miami. Abriu-a e tirou uma página escrita a computador.

Leu as primeiras linhas e teve de se sentar, invadida por uma vaga de emoção. Encostou a testa à mão.

— O que se passa, querida?

Tinha dificuldades em falar. Respirou fundo e pigarreou.

— Hum, a carta é de uma Doutora Austin Jacobs, neurocientista. Está a fazer alguns estudos sobre a memória, hum... aqui está, «recuperação da memória cognitiva e deturpações da memória em traumas infantis», e gostaria de falar comigo.

— Por que raio haveria ela de querer fazer isso?

— Diz que sou uma ótima candidata ao estudo. Que podia ajudar-me a lembrar. Vou ligar-lhe na segunda-feira.

— O diabo é que vais — explodiu Adrian, levantando-se bruscamente. — Acabou, querida, essa parte da tua vida terminou. Esquece isso.

Laura cerrou os maxilares, engolindo a resposta mordaz à sua explosão. Não gostava quando ele tentava gerir a sua vida daquela maneira.

— Vou ligar-lhe na segunda-feira, Adrian. É a única hipótese de recordar. Quero lembrar-me... Preciso de o fazer.

Calaram-se, profundamente imersos no próprio tumulto interior e demasiado perturbados. O silêncio entre eles parecia pesado, inquieto, como um presságio.

Laura dobrou a carta e meteu-a no bolso de trás das calças, levantando-se depois para colocar a tigela com a massa na mesa. A seguir, continuou a pôr a mesa, juntando pratos, talheres e copos.

— Já não tenho fome — disse Adrian, amuado e sombrio. Às vezes, portava-se como um menino mimado.

— Não sejas tolo — respondeu Laura, calma, mas firme. — Comas ou não, vou ligar à Doutora Jacobs na segunda de manhã.

REFLEXÕES: PRIMEIRA MORTE

Lembro-me da noite da minha primeira morte como se fosse ontem. Recordo-me de a ter planeado ao pormenor, preparando-me, tanto do ponto de vista tático como emocional. Dizem que matar é difícil; pode quebrar um homem, destruí-lo para sempre.

A mim, libertou-me.

Mas não nos adiantemos na história. O primeiro a acontecer foi a *necessidade* de matar. Para mim, não era um impulso; não de início; enfim. Ou talvez, para ser sincero, já tivesse sentido o ímpeto, mas não o entendesse. Eram como vagas de inquietude, de raiva sufocante, sem um objeto bem determinado, sobre as quais eu não agia, pois simplesmente não entendia o que precisava de fazer. Não até àquela primeira morte.

Sim, tive a extrema *necessidade* de matar Allen Watson. As razões foram muitas, demasiadas, mas irrelevantes para o que quero partilhar. Mas, por favor, acreditem quando digo que tentei tudo para não ter de o matar. Fui encurralado, sem outra alternativa exceto acabar com a patética vida do sacana.

Assim que entendi que não tinha escolha, comecei a pensar em como fazê-lo. Estão a ver, ir para a prisão não era — e continua a não ser — opção. Estava constantemente a pensar, à procura de uma solução que não espetasse comigo numa cela. Enquanto dava voltas na cama durante noites seguidas a tentar criar o homicídio perfeito, algo aconteceu. O destino interveio e abriu-me uma porta.

Um assassino em série, a quem os meios de comunicação deram o ridículo nome de Homem de Família, matara uma família de quatro a poucos quilómetros do bairro dos Watson. Soube disso pelas notícias. Vi toda a gente na televisão preocupada com as mortes, chamando-lhe uma macabra repetição de outros homicídios,

cometidos praticamente de igual forma, mais ou menos na mesma área, e dos quais eu não ouvira falar.

Que oportunidade!

Lembro-me de ter dormido como um bebé o resto da noite. Na manhã seguinte, revigorado, comecei a pesquisar tudo sobre esse assassino em série. Tive o cuidado de não deixar rasto. É para isso que as bibliotecas servem, para pesquisar anonimamente, protegido por um capuz e óculos de armação grossa, e com um aspeto tão desleixado que a minha própria mãe não me reconheceria. Se eu soubesse quem inventou o capuz, mandava-lhe um cheque. Pensando melhor, não... Seria deixar um rasto de papelada; grande erro. Enviava-lhe antes dinheiro.

Não tardou a que soubesse tudo o que havia disponível sobre o Homem de Família a partir dos meios de comunicação e da Internet. Provavelmente, a polícia tinha retido alguns pormenores, para impedir que aparecessem imitadores perfeitos, mas não me importei. Talvez tivessem mentido sobre alguns dos factos que divulgaram; continuava a não me importar. Imitar o Homem de Família era a melhor oportunidade. Estudei o seu trabalho e anotei todos os factos, tomando-os por verdadeiros: como matava as vítimas, como acedia às suas propriedades, que tipo de arma usava, a marca e o calibre. Cada pormenor.

Só havia um problema em imitar o Homem de Família: tinha de matar toda a família de Allen Watson. Oh, bem... A culpa seria dele, não minha. Ele obrigara-me a fazê-lo, fosse como fosse.

Foi complicado arranjar a arma apropriada. Precisava de comprar uma *Beretta* de nove milímetros, não registada, claro, e de um vendedor de rua fiável. Chegar à esquina certa perto de Liberty Square revelou-se mais difícil do que adquirir a arma. Não podia conduzir o meu carro. Hoje em dia, os táxis têm câmaras; portanto, ali estava eu, a usar os transportes públicos pela primeira vez em anos, com o telemóvel desligado e o casaco com capuz apertado até cima, apesar da onda de calor precoce. Mantive o rosto

escondido atrás de um jornal o tempo todo e, uma vez nas redondezas, escolhi fazer a pé a última parte do percurso.

A primeira pessoa que abordei mandou-me para o inferno. Era um negro bem constituído, e presumiu de imediato que lhe perguntava por armas contrabandeadas devido à sua etnia. Era verdade, mas não o admiti; limitei-me a pedir abundantes desculpas, até que ele disse: «Tanto faz, meu.» E seguiu em frente. Aprendera uma lição.

Andei por Liberty Square durante mais algum tempo e depois abordei outro jovem, um branco; bem, pelo menos a pele debaixo das tatuagens devia ter sido branca. Tinha tiques rápidos pelo corpo inteiro; provavelmente era viciado em metanfetaminas. Mas conhecia alguém e, por uma nota de vinte, disse que me indicaria a direção certa.

Passado um minuto, um terceiro homem aproximou-se e conduziu-me a um carro, cuja mala continha uma variedade de armas de fogo. Tinha a pistola que eu procurava, e jurou que nunca fora usada para algo mau. Sim, claro, como se eu acreditasse... ou talvez ele estivesse a dizer a verdade, quem sabe?

Pedi duzentos dólares. Desconhecendo o preço de rua das armas ilegais, fora preparado para pagar dois mil, e ali estava eu, a esforçar-me por tirar as duas notas que ele queria sem que ele visse quão grosso era o meu rolo de dinheiro. Encantado por eu não regatear, ofereceu-me duas caixas de munições, e eu fiz uma nota mental para limpar as impressões digitais de todas e de cada bala. Nunca se é demasiado cuidadoso.

Estava pronto e não podia adiar mais. Allen Watson não ia desaparecer nem aprender a calar-se; constituía um grande risco para mim. Fui lá e estacionei na rua paralela ao seu beco, escondido atrás de um arbusto. Paciente, esperei que ele chegasse a casa e depois aguardei até o crepúsculo se instalar. Então, fiz a minha jogada.

Deixou-me entrar, tal como eu esperava, e nem sequer o deixei acabar a pergunta. Não fazia sentido. O tempo de conversar tinha

passado. Premi o gatilho duas vezes e vi-o cair contra a parede, deixando uma espessa mancha de sangue nos painéis de madeira cor de caramelo.

A emoção da matança atingiu-me como uma dose de heroína nas veias, indo direita ao cérebro e reverberando em cada célula do corpo. Uau! Que adrenalina! Lembro-me de inalar o cheiro metálico a sangue fresco, as narinas dilatadas de luxúria, e de sentir a euforia do fluxo de adrenalina a transformar-me em algo diferente, um super-homem, um predador a seguir o cheiro do sangue. Estão a ver, esperava sentir-me enojado após ter matado Watson, pois fora o que ouvira dizer que os outros sentiam; até levava um saco de plástico para vomitar, só para a eventualidade de ser preciso. Mas não, não foi o meu caso.

Ouvi os miúdos gritar, e não queria que Rachel Watson viesse a correr e complicasse as coisas. Corri escadas acima e apanhei-os facilmente. Não me importei de despachar os três miúdos, mas também não gostei. Não senti... nada. Mas, de novo, não tinha escolha, pois o Homem de Família matava famílias inteiras, não apenas os adultos.

Guardara o melhor para o fim, e estava na hora de encontrar Rachel. Um vizinho apareceu e pregou-me um susto; odiei isso. Odiei sentir o medo a apertar-me a garganta e a torcê-la, sufocando-me. Os verdadeiros predadores não sentem medo. Então, porque o sentia eu? Sacudi-o e fui à procura de Rachel Watson, com uma sensação esquecida, mas familiar, a excitar-me, deixando-me ansioso.

Ao ver-me, Rachel deixou cair alguns pratos e gritou, recuando até bater contra a bancada da cozinha. Depois implorou. «Não, não», dizia, tal como o marido, momentos antes de morrer. Mas não fui capaz de premer o gatilho; havia algo que não me deixava. Queria fazê-lo; *queria-a* morta e *precisava* que estivesse morta. Mas não assim... parecia-me um desperdício, um desperdício terrível do que podia ser uma experiência inebriante, uma memória arrebatadora para estimar nos anos futuros.

Pousei a arma na bancada e tirei uma grande faca do suporte de madeira, dando depois um passo na direção dela. Os seus olhos, arregalados de medo, olharam para a grande lâmina. Arquejou e continuou a gritar, cada vez mais alto: «Não, não!» Certo... Como se isso me fizesse mudar de ideias. A sério, estava à espera de quê? Que eu de repente largasse a faca e dissesse: «Bem, se não queres, vou para casa»? Ridículo.

Pensando bem, não esperava gostar assim tanto de matar. Lembro-me de ver Rachel numa poça de sangue aos meus pés e de me sentir excitado, pensando que tinha de repetir aquilo. Em breve.

Então ouvi as sirenes.

Não me importava que o Homem de Família passasse dias com as vítimas; não ia fazer isso, imitador ou não, embora deva admitir que gostaria de ter demorado mais tempo com Rachel. Corri para o exterior e escondi-me atrás do monovolume dela por algum tempo. Então, todo o meu mundo desabou. Os estúpidos dos decalques... Devia tê-los verificado primeiro, mostravam duas raparigas e um rapaz, e isso não correspondia à realidade no interior da residência dos Watson. Escapara-me um miúdo? Deixara uma testemunha? Estavam a brincar, certo?

Sabem, eu não presto atenção a miúdos; nunca. Para mim, não existem. São uma fonte de barulho e de aborrecimentos, e não consigo sequer olhar para eles. Irritam-me, independentemente da idade e do género. Naquele caso, devia ter prestado mais atenção, pelo menos ao raio dos miúdos dos Watson, tendo em conta o que planeara fazer.

Voltei, pois, a entrar e procurei em toda a parte, verifiquei debaixo das camas e abri todos os armários. Não, não havia ali mais ninguém. Com as sirenes a soar cada vez mais perto, tive de partir, mas confiante de não ter deixado pontas soltas.

Só na manhã seguinte soube quão errado estava.

Laura Watson tinha, de algum modo, sobrevivido. Maldição! A imprensa chamou-lhe a Filha dos Watson e, de alguma forma, isso

tornou-se a alcinha da única sobrevivente de mais um horrendo ataque do Homem de Família.

Como deixara isso acontecer?

Em retrospectiva, considerando o stresse inerente a matar alguém pela primeira vez, faz sentido que eu tivesse de ver os decalques no carro de Rachel para concluir que alguma coisa não batia certo.

Mesmo assim, que trapalhada.

CORREDOR DA MORTE

Tess fora sempre a acelerar até Raiford, a pequena vila onde se situa a prisão estadual que serve de lar ao corredor da morte da Florida. Ligara as luzes de emergência embutidas na grelha do seu *Suburban* preto e desfrutara da emoção de estar de novo na estrada, a irromper pelo trânsito a cento e trinta quilómetros por hora.

O agente especial Pearson teria franzido o sobrolho se a visse serpentear pelo denso trânsito na Interestadual 95. Visitar um recluso no corredor da morte dificilmente se podia considerar uma emergência, mas esse era um exemplo claro da proverbial bênção da ignorância. O que Pearson não sabia não lhe faria mal. Nem a ela.

Saiu finalmente da I-95 e teve de percorrer uma longa e sinuosa estrada rural, chegando ao terreno da prisão. Estacionou num dos lugares reservados e saiu lentamente do SUV, sentindo-se rígida e dorida. Doíam-lhe os ombros, e as costelas lançaram-lhe agudas punhaladas de dor, mas estava feliz por poder devolver algum sangue às pernas e recarregar energias.

Pegou na pasta e dirigiu-se energicamente para a entrada principal. Uma série de incontáveis controlos de segurança depois, estava lá dentro, após ter entregado a arma a um guarda prisional ao portão. Foi levada ao diretor, que rapidamente lhe deu as instruções de como interagir com reclusos do corredor da morte. Nada havia de novo nos regulamentos; ela já ali estivera. Ele também o sabia e poupou-lhes o máximo de tempo que podia sem quebrar o protocolo.

Garza já se encontrava na sala de interrogatório e Tess pediu ao agente que a acompanhava que a deixasse passar algum tempo na

sala de observação contígua, a examinar o assassino e a preparar as notas. Entrou lentamente na sala, assimilando os pormenores. O ténue cheiro a desinfetante, onnipresente desde que chegara às instalações. O frio húmido e bafiento que se entranhava nos ossos. As luzes fluorescentes em toda a parte, com tonalidades azuladas e um tremular quase impercetível.

O agente ofereceu-lhe um fumegante copo de papel cheio de café e Tess aceitou-o com gratidão. Era razoável, tendo em conta o sítio — não era propriamente o Starbucks. Envolveu o copo com as mãos geladas e passou alguns minutos a examinar Garza através do espelho unidirecional.

Era um homem mediano; provavelmente não olharia para ele duas vezes se o visse na rua. Tinha cabelo castanho pelos ombros e um pouco oleoso, quase sem cabelos brancos, embora rondasse os cinquenta. O único vestígio de cinzento estava na barba de cinco dias e, aqui e ali, nas densas sobrancelhas. Uma testa alta e franzida emergia destas, a testa de um intelectual.

Era então assim que um assassino em série que matara trinta e quatro famílias parecia. Tendo-lhe sido atribuídas cento e oito vítimas, das quais trinta crianças, Garza aparentava ser uma pessoa normal, e fora talvez isso que lhe permitira continuar a matar durante tanto tempo, apesar dos constantes esforços feitos pelas forças da lei para o apanhar. Se lhe tirassem o uniforme da prisão e o pusessem numa mercearia a empurrar um carrinho de compras, encaixaria na perfeição, à espera na fila da caixa e a estabelecer conversas casuais com gente comum. Por outro lado, era por isso que esses predadores tinham tanto sucesso a atrair as vítimas. Não sobressaíam; eram carismáticos e transmitiam confiança. Encaixavam em qualquer lugar.

Verificou o seu ficheiro. Garza nem sequer terminara o secundário, sendo autodidata. Fora avaliado várias vezes durante a investigação e mais tarde, alguns meses após o encarceramento. Somara trinta e dois pontos em quarenta possíveis no Teste de Psicopatia de Hare, e era tido como um indivíduo extremamente

inteligente, perspicaz e culto. Um certo psicólogo observara, quase seis anos antes, que «Garza gosta de esclarecer as coisas e de ter debates significativos de natureza quase filosófica». Planeava utilizar isso.

Estava calmamente sentado à mesa metálica, quase descontraído no macacão cor de laranja e com uma *T-shirt* branca por baixo. Tinha as mãos e os pés algemados e uma corrente ligada às algemas passava através de um anel soldado à mesa. Olhava para o espelho, quase diretamente nos olhos de Tess. Detetava-se um estado de paz, de calma no olhar. Garza aceitava o destino, à espera da morte. Não havia raiva no olhar, nenhum sinal de angústia ou tumulto interior.

Deitou o copo vazio no caixote do lixo e pegou nas pastas, voltando-se depois para o agente.

— Estou pronta.

— Estaremos aqui a assistir. Acene ou bata quando terminar — respondeu ele.

Abriu a porta, e Tess entrou na sala de interrogatório. Garza fitou-a com o laivo de um sorriso. Ouviu a porta fechar-se e depois o tinido de fechos elétricos a trancá-la. Conteve um arrepio.

— Olá — disse Garza. Tinha voz grave, quase de barítono. Tess perguntou-se se sabia cantar.

— Olá — respondeu com neutralidade. — Sou a agente especial Tess Winnett, do FBI. Importa-se que me sente?

Garza arqueou as sobrancelhas. Provavelmente não estava habituado àquela consideração por parte das forças da lei.

— Não, sente-se, por favor — respondeu.

— Esta é uma conversa de rotina — informou Tess, mantendo o tom neutro. — Tendo em conta que se aproxima a data da sua execução.

— Estou a ver — replicou ele. — Quer falar de quê?

— Na verdade, isso é mais consigo — sugeriu ela, decidindo adiar a lista de perguntas-padrão, interna e oficiosamente conhecida

como a entrevista de saída. Se conseguisse fazer com que ele se abrisse, então, talvez tivesse mais hipóteses de obter respostas.

— Comigo? — zombou ele. — Não tenho nada a acrescentar. Não é aqui que acontecem coisas novas e interessantes, sabe? Este é um lugar onde os reclusos do corredor da morte se preparam para morrer. Bem, já estou pronto. Há oito anos.

— Não se arrepende de nada?

A pergunta de Tess abalou-o um pouco. Por breves instantes, desviou o olhar, devolvendo-lhe depois o olhar calmo.

— Toda a gente tem arrependimentos.

— Diga um.

— Um que não esteja aí? — Garza apontou para a pasta que Tess mantinha fechada à sua frente.

— Sim, porque não? — Continuou a deixá-lo comandar a conversa, já intrigada.

— O meu maior arrependimento é que não se interessem tanto pela verdade como deviam, tendo em conta a vossa linha de trabalho.

— Como assim?! — Tess franziu um pouco o sobrolho. Iria Garza ser um cliché e começar a dizer «Não fui eu»? Isso seria uma grande desilusão.

— Já disse a outros antes de si que matei trinta e uma famílias, não trinta e quatro. Teria esperado algum interesse, considerando que as três famílias que me imputaram sem motivo foram mortas por alguém que vai sair impune. Mas não. Ninguém quer saber. Só querem fechar os casos, sem interesse pela verdade ou pela justiça.

Tess fitou-o, intrigada. Porque haveria ele de dizer aquilo?

— Então interessa-se pela justiça?

— Acha isso assim tão difícil de acreditar?

Franziu os lábios. Havia em Garza um ar de aceitação, quase de bondade. Mas aquele homem tirara tantas vidas a sangue-frio. A diferença entre o aspeto do homem e a sua história arrepiava. Um verdadeiro e absoluto psicopata. Ficou de cabelos em pé.

— Sim, na verdade, acho. Posso ser franca?

— Força — incentivou-a, fazendo um gesto com a mão restringida pela corrente chocalhante.

— Penso que, sejam trinta e uma famílias ou trinta e quatro, vai fritar na mesma. O que quer? Abrir a caixa de Pandora agora para obter a suspensão da execução?

Ele riu-se e recostou-se na cadeira o máximo que as correntes lhe permitiram.

— Não, Deus, por favor, nada de suspensão da execução. Quero que isto acabe. — O riso acalmou, transformando-se num sorriso difuso e demorado. — Não, só quero que a verdade seja verdade. Que seja conhecida como tal.

— Mais nada? — interrogou Tess.

— Não. Só isso.

Pensou durante alguns segundos, tentando perceber que tipo de manipulação podia o psicopata à sua frente estar a tramar. Não descortinava nenhuma segunda intenção e às vezes as forças da lei cometiam erros, mais do que alguém gostaria de admitir. Decidiu manter a mente aberta.

— Muito bem, estou a ouvir — disse, preparando-se para tomar notas numa página em branco da pasta.

— Bem, seria a primeira. De certeza que tem aí dentro a lista de famílias — respondeu ele, igualmente calmo. — Por favor, tire-a e acompanhe-me.

Ela acedeu, lançando-lhe um rápido olhar inquisitivo.

— Os Meyer, os Townsend e os Watson, encontrou-os?

— Hum, sim — confirmou Tess, após assinalar os três nomes com a caneta.

— Esses, não os matei. Os outros, sim. O resto é tudo meu, mas esses não são.

— Está bem, mas prove-mo — desafiou-o Tess, olhando-o nos olhos. — Já foi considerado culpado por um tribunal pelo homicídio destas famílias, portanto, não vejo razões para acreditar em si.

— Que motivos teria eu para lhe mentir?

— E quais teria para não o fazer? — replicou ela, impassível. — Tem de fazer melhor do que isso.

— Hoje, dar-lhe-ei duas razões, e deixo-a voltar e trabalhar esse ângulo. Depois, conversaremos um pouco mais, se estiver interessada.

— Dispare — respondeu ela, parecendo apenas parcialmente interessada. Sabia que não devia demonstrar qualquer interesse ou entusiasmo com um psicopata.

— Primeiro facto: se fizer a cronologia dos meus homicídios, dos que realmente cometi, verá que decorrem pelo menos três meses entre eles. Precisava desse tempo para escolher os alvos, estudá-los e preparar-me para a matança. Os Watson, os Townsend e os Meyer são os únicos que quebram o padrão. Os Watson foram mortos poucas semanas depois dos Hamilton. Matei os Hamilton, mas não os Watson.

— A maioria dos assassinos em série sofre um agravamento. De certeza que sabe isso.

— Foi o que os outros polícias disseram, mas garanto-lhe que tal não aconteceu.

— Está bem, digamos que vou investigar isso. Qual é a segunda razão para acreditar em si?

Garza manteve-se em silêncio durante algum tempo, mostrando pela primeira vez sinais de conflito interior. Cerrou os maxilares e mordeu o lábio antes de falar, enquanto abria e fechava as mãos repetidamente.

— Ainda não partilhei isto com ninguém. É muito pessoal, sabe?

Tess assentiu em silêncio, esperando que ele continuasse.

— Tanto gosto de matar mulheres como homens e os descendentes. Este assassino gosta mais de matar mulheres... Posso ser assassino, mas não sou violador. Verifique os factos.

Tinha tristeza no rosto, um laivo de melancolia a tingir-lhe as feições. Tess perguntou-se porquê. Verificou as notas. O ficheiro classificava Garza como um assassino hedonista movido pela raiva, cujos métodos não incluíam a violação. O *modus operandi* era

rápido e direto. Alvejara as vítimas uma ou duas vezes na cabeça ou no peito, de forma rápida e indolor. O que o tornara famoso, porém, era o que fazia depois de as ter matado.

— Nenhuma destas vítimas foi violada, as que está a contestar: os Meyer, os Townsend e os Watson. Refere-se a quê?

Ele susteve-lhe o olhar inquisitivo durante longos segundos antes de responder.

— Verifique os factos.

METODOLOGIA

Laura circulava lentamente pela pequena área da recepção, um pouco inquieta, tentando evitar o olhar da rececionista, ainda que a jovem parecesse bondosa e compreensiva, não a julgando de todo após tê-la convidado várias vezes a sentar-se.

Tinha dificuldades em ficar parada. Vários pensamentos aleatórios rodopiavam na sua mente, talvez um sinal da ansiedade ante a ideia de se encontrar com a Dra. Jacobs, de olhar para o seu passado esquecido. Nervosa, viu as horas, metendo depois uma madeixa do cabelo louro atrás da orelha. Olhou rapidamente para a rececionista, que lhe sorriu, apologética.

Estava há quase quinze minutos à espera, com a coragem a diminuir. Talvez a sua mente se tivesse fechado e engolido todo aquele horror por um motivo. Talvez não houvesse nada para recordar; ou não tivesse realmente visto nada. Talvez Adrian estivesse certo e ela não devesse tentar arranjar o que não tinha conserto. Nada que fizesse agora poderia trazer a família de volta.

Rodou nos calcanhares e dirigiu-se à saída, desviando o olhar.

— Peço desculpa — disse timidamente. — Tenho de ir.

— Por favor, não vá — pediu a rececionista. — A doutora está ao telefone com o hospital; houve uma emergência. Não é algo que possa abreviar. Por favor. São só mais alguns minutos. Vou chamá-la outra vez.

— Hum. Não tenho bem a certeza se devia sequer estar aqui — murmurou, em jeito de desculpa.

— Por favor. A doutora vai ficar muito desiludida, pois sabe que podem ajudar-se uma à outra.

Laura baixou a cabeça; sentia-se derrotada. *Mais alguns minutos não vão fazer diferença*, prometeu a si mesma, vendo a rececionista

digitar, provavelmente uma nova mensagem para a Dra. Jacobs.

Para passar o tempo, focou-se nos diplomas pendurados na parede, à esquerda da porta do gabinete. Normalmente, os diplomas encontravam-se dentro do gabinete do médico, não fora. Questionou-se quanto àquela exceção tácita, mas depois foi absorvida pela impressionante lista de credenciais. Doutoramento da UCLA, com louvores. Especialista certificada em psicologia cognitiva e comportamental. Prêmios por publicações no ramo da neurociência cognitiva. Investigações internacionalmente reconhecidas. A Dra. Jacobs podia trabalhar com quem quisesse. Mas convidara-a a ela.

— Pode entrar agora — disse a rececionista, interrompendo-lhe a linha de pensamento.

Bateu duas vezes à porta e entrou.

O gabinete da Dra. Jacobs era enorme e decorado com um gosto incrível. Painéis de mogno, sofás de cabedal e generosas poltronas, além de uma enorme secretária. Obras de arte penduradas na parede, pinturas a óleo dignas de uma galeria, de naturezas-mortas e paisagens deslumbrantes. Os diplomas emoldurados a negro teriam arruinado o aspeto e a sensação do sofisticado gabinete.

— Olá, sou...

— Laura Watson, certo? — A Dra. Jacobs aproximou-se dela com um andar vigoroso e uma mão afavelmente estendida. — Obrigada por ter vindo e sobretudo por ter esperado! Foi-me impossível escapar, peço desculpa.

O seu aperto de mão era firme e Laura gostou da amizade e do calor que transmitia.

— Porque estou aqui, Doutora Jacobs? — perguntou, ansiosa por ouvir a resposta.

A Dra. Jacobs inclinou a cabeça por um segundo, lançando-lhe um olhar perscrutador.

— Sentemo-nos — sugeriu, conduzindo-a a um par de poltronas instaladas frente a uma lareira acesa. — Estou a iniciar os trabalhos de um novo estudo, um método para recuperar memórias

bloqueadas ou distorcidas por traumas de infância. Acho que daria uma ótima candidata, porque, bem, encaixa no perfil que procuramos e...

— Que perfil é esse ao certo? — Laura fitou-a, séria e implacável. Jacobs não vacilou sob o seu olhar penetrante e nem a sua atitude amigável esmoreceu.

— Adultos que sofreram traumas significativos em crianças, de idade inferior a sete anos, e que não têm qualquer memória desses acontecimentos.

— Estou a ver — assentiu Laura, baixando depois um pouco a cabeça.

— Esse é apenas o perfil. No entanto, a Laura é uma candidata perfeita para o meu novo método porque, no seu caso específico, há muita documentação do que ocorreu durante o acontecimento traumático, e porque já temos informação sobre o perpetrador.

Laura franziu o sobrolho.

— O que significa?

— Que sabemos quem matou a sua família, Laura. Posso tratá-la por Laura?

— Sim, claro. E de que forma é que isso é importante?

— A principal aplicação será no sentido de auxiliar na investigação de crimes cometidos contra ou na presença de menores de sete anos, cujas memórias bloqueadas não podemos extrair ou entender pelos métodos tradicionais. Para preparar esta metodologia, temos de demonstrar a sua validade, a sua fiabilidade. No seu caso, saber quem é o assassino dar-nos-á precisamente isso: validação dos resultados.

— Hum, sou engenheira, ou quase, Doutora Jacobs, não sou médica. Percebo a maior parte do que diz, mas não tudo. Quer dizer que vai ajudar-me a recordar?

— Sim.

— Mesmo o que aconteceu na noite em que eles morreram?

— Sim. Tudo.

Torceu as mãos, receosa do que o passado iria desvendar. Rugas profundas franziram-lhe a testa. Queria lembrar-se, por mais doloroso ou assustador que isso parecesse.

— Posso apenas imaginar aquilo por que está a passar, ou quão difícil isto é para si, mas não se preocupe — acrescentou Jacobs, lendo corretamente os motivos da sua ansiedade. — Isto não a forçará a ir além daquilo com que consegue lidar. Trabalharemos de forma gradual; no momento em que se sentir desconfortável, paramos.

Laura franziu mais o sobrolho e, por alguns segundos, ponderou a hipótese de fugir dali sem olhar para trás. Mas devia isso aos pais, devia-lhes a memória. Desejava lembrar-se do seu aspeto, de como soavam, da sensação de quando lhes tocava. Os olhos inundaram-se-lhe de lágrimas.

— Por favor, descreva-me o que vai fazer — pediu baixinho, quase num sussurro. Olhou para a lareira, onde um fogo alegre dançava sobre troncos verdadeiros, lembrando-lhe um passado distante, outra lareira, outra vida.

— Começaremos devagar — murmurou a Dra. Jacobs. — Primeiro, farei uma folha informativa, listando todos os pormenores essenciais de que se recorda ou que soube por terceiros. Acrescentarei informação dos relatórios policiais e do ficheiro do homicídio da sua família. Depois teremos sessões semanais de regressão de idade.

— Hipnose?

— Sim.

— Já foi tentado — disse Laura, soando quase apologética.

— Não desta maneira — replicou Jacobs. — Acrescentaremos detalhes sensoriais, para ajudar a ativar as memórias enterradas.

— Que detalhes sensoriais?

— Cheiros, sons, imagens, perceções.

Laura não escondeu a confusão. Olhou para Jacobs com um novo e profundo franzir de testa.

— Já lhe explico. Mas primeiro, porque não me descreve o que aconteceu?

Tinha uma voz suave, meiga, compreensiva. Laura respirou fundo, preparando-se para começar. Decorreram longos segundos de um silêncio ensurdecedor antes que ela conseguisse falar.

— Não me lembro, sabe disso. Dir-lhe-ei o que soube por outras pessoas.

— Está bem — concordou Jacobs, pronta para tomar notas.

Laura engoliu em seco, os sentimentos e as memórias dolorosas a sufocá-la. Respirou fundo e, finalmente, encontrou as palavras.

— Foram mortos numa sexta-feira à noite e descobertos apenas na manhã seguinte, quando a empregada da limpeza apareceu. Trabalhava aos fins de semana. Lembro-me de alguém dizer que tinha aulas durante a semana, era por isso.

— Onde estava quando a encontraram?

— Disseram que estava no cesto da roupa suja.

— No cesto da roupa suja? Rapariga esperta! — reagiu Jacobs.

— Costumávamos jogar às escondidas com a avó — disse Laura, sorrindo com tristeza ao recordar —, e eu dava com ela em doida, pois escondia-me em todo o tipo de sítios invulgares. A minha irmã e o meu irmão escondiam-se como miúdos normais, debaixo de camas e dentro dos armários, mas eu aproveitava as malas, uma vez a máquina de lavar loiça, e o cesto da roupa suja. Ela costumava dizer-me que eu devia gostar de sujidade e meias fedorentas. — Riu-se baixinho, limpando depois uma lágrima rebelde do canto do olho.

— Lembra-se então de brincar com os seus irmãos e com a sua avó?

— Sim, como se tivesse acontecido a outra pessoa, mas sim, essa memória continua lá.

— Ótimo. Que mais se lembra de lhe ter sido dito sobre esse dia?

— As pessoas não falavam disso comigo. A Carol e o Bradley, os meus pais adotivos, evitavam ferozmente o assunto. Entendo porquê. A única coisa que me contaram foi que eu não disse uma

palavra durante alguns anos a seguir a essa noite. Mas sei que foi a Hannah, a nossa empregada, quem eventualmente me encontrou.

— Porquê eventualmente? Sabe?

— Sei, sim. Procurei-a depois de ser mais velha, pois queria saber tudo o que pudesse sobre aquele dia, e os meus pais adotivos não sabiam grande coisa. Ela continua por aí; mantivemo-nos em contacto. De início, não quis dizer, mas contou-me que sabia que eu estava algures na casa porque não encontrou... hum, não descobriram o meu cadáver em lado nenhum. Procurou em toda a parte, sabendo como eu gostava de me esconder, e aparentemente meteu-se em sarilhos com a polícia por interferir com a cena do crime.

— Estou a ver. Importar-se-ia se eu falasse com ela?

— N-não, suponho que não. O que lhe perguntaria?

— Mais pormenores apenas, para nos ajudar com o ajuste sensorial.

— Não sei se estou a entendê-la — disse Laura, encolhendo os ombros.

— Por exemplo, o que foi o jantar nessa noite? O cheiro dessa comida específica pode desencadear memórias. Que roupas, se é que havia algumas, estavam no cesto? Meias ou as blusas de seda da sua mãe? O toque de um tecido específico na sua pele pode desencadear uma memória. A televisão estava ligada? Ou havia música?

— Compreendo — respondeu Laura —, ou pelo menos acho que sim. — Respirou fundo. — Quando começamos?

— Mais cedo do que espera. Está livre amanhã à tarde? — perguntou Jacobs, abrindo um amplo e encantador sorriso.

— Posso estar, porquê?

— Fui convidada para falar sobre o novo método na televisão, e gostaria de lhe pedir que fosse comigo. É uma entrevista com, nada mais, nada menos, o Brandt Rusch — acrescentou, referindo um dos mais famosos jornalistas do momento. — É de uma estação nacional, sabe? Não é local.

Laura levantou-se bruscamente, preparando-se para partir.

— Nem pensar.

Surpreendida, a Dra. Jacobs levantou-se também e tocou-lhe no cotovelo.

— Não compreendo — disse ela. — Não vê a oportunidade?

— Pode ser uma oportunidade para si, Doutora Jacobs, mas é a minha vida, e não deixarei que seja transformada num circo para benefício de ninguém, incluindo a doutora. Lamento ter desperdiçado o seu tempo.

Fez menção de partir, cerrando os lábios para se impedir de dizer algo por que tivesse de se desculpar mais tarde. Não acreditava que perdera tanto tempo e aumentara as esperanças daquela maneira em vão. Por um estúpido programa de televisão.

— E se não o tivessem apanhado? — questionou-a a Dra. Jacobs, erguendo a voz apenas um pouco acima do nível amigável e compreensivo.

Laura parou, petrificada.

— E se o homem que matou a sua família ainda andasse por aí à solta? Não vê? O seu caso é a linha de fundo de que precisamos para calibrar um estudo que pode levar centenas de criminosos à justiça, criminosos que atacam crianças. O facto de sabermos com tanta precisão quem foi o assassino da sua família torna-se uma oportunidade única, Laura. Por favor, não a desperdice.

Laura virou-se e encarou a Dra. Jacobs, as suas feições esculpidas em pedra. Sentiu o sangue a ferver, à medida que uma esmagadora vaga de emoção a engolia.

— Não a desperdiço se a doutora desistir do circo televisivo. Porque faz isso? E porquê arrastar-me consigo?

— Porque é assim que se ganham bolsas de investigação. Estas metodologias, à semelhança do resto, são como produtos. Primeiro inventam-se, criam-se protótipos, mas depois é preciso publicitá-las para que o mercado responda e os investidores apliquem o seu dinheiro na ideia. Entrevistas na televisão, comunicados de imprensa, artigos, angariações de fundos, tudo. Promover esta

metodologia a nível nacional, após ter provado, para lá de qualquer dúvida, que funciona e que pode ser utilizada de forma justa e segura em investigações criminais, implicará muito tempo e esforço. Esforço financeiro.

Laura ficou em silêncio, sentindo a resistência desaparecer sob a força do argumento da Dra. Jacob.

— Porque — continuou a Dra. Jacobs, de novo baixinho e tocando-lhe uma vez mais no braço — é assim que se obtêm bolsas. Com um maldito circo.

DISCREPÂNCIAS

Tess saiu do complexo prisional de Raiford pouco depois do almoço, conduzindo tão depressa como à ida. Atravessou os campos intermináveis em direção a leste pela State Highway 16, ansiosa por chegar à Interestadual, com as luzes de emergência ligadas. Embora fosse constantemente a mais de cento e trinta quilômetros por hora, a viagem de regresso a Miami parecia-lhe uma tarefa interminável e angustiante, sobretudo porque o que deveras queria era parar e rever os ficheiros das três famílias que Garza alegava não ter matado.

Havia nos relatórios de medicina legal alguma referência a violações que lhe escapara, e talvez a todos? Como podia Garza saber que o outro assassino gostava mais de matar mulheres, quando só tivera acesso a umas quantas fotografias das cenas dos crimes? Haveria outro assassino à solta, pacientemente à espera que Garza fritasse para ficar livre de quaisquer consequências do que fizera?

Ou estaria Garza a brincar com eles, após ter tirado alguns nomes da sua lista, os que aparentemente não batiam certo com o seu ritmo habitual de matar uma família a cada três ou quatro meses? Iria ele tirar um coelho da cartola, após tê-la instigado, para que não o fritassem no dia 22?

Tecnicamente, já ninguém fritava. Na Florida, a pena capital era aplicada por injeção letal, mas o termo ficara no glossário das forças da lei e era difícil de largar. Pormenores... irritantes, como Garza saber que o suspeito gostava mais de matar mulheres do que homens. Como?

Buzinou, furiosa, a um condutor distraído que não a deixava passar num troço da estrada sinuosa, mais irritada por ter dado por

si a utilizar o termo suspeito, o que significava que a sua mente já considerava a possibilidade de andar outro assassino algures à solta. Um sujeito desconhecido, que aparentemente gostava mais de matar mulheres do que homens. Ou não? Como sabia Garza disso? E porque o entristecia a ideia de violação? Porque o perturbava? A sua mente continuava às voltas, tentando extrair qualquer sentido de alguns factos pouco conhecidos e pura especulação.

Ali estava ela, a Interestadual 95, uma longa extensão de asfalto que a levaria até Miami. Viu as horas e praguejou baixinho. Por mais depressa que conduzisse, não chegaria em menos de quatro horas. Não conseguia esperar tanto tempo; a paciência não era propriamente o seu ponto forte.

Virou para a rampa de acesso e passou por St. Augustine, tomando depois a saída para Crescent Beach. Alguns minutos decorridos, após ter reabastecido o *Suburban* e comprado um café, encostou numa estrada secundária junto à água, com a traseira do carro voltada para o rio Matanzas. Saiu e inspirou o ar húmido e aromático, sentindo a tensão dissipar-se. Ia obter as respostas naquele momento.

Subiu para a traseira do SUV, deixando a porta aberta, e sentou-se de pernas cruzadas entre as quatro caixas de documentos. O copo alto de café encaixava mais ou menos na abertura lateral da zona de carga sobre a roda esquerda, e Tess quase se riu ao pensar em como os criadores do *Suburban* tinham falhado ao não pôr um suporte para copos algures na parte de trás. Ali trabalhava-se, e as pessoas precisavam de bebidas.

Curiosa e ansiosa por substituir a especulação por factos, Tess vasculhou rapidamente as caixas e extraiu os três ficheiros, começando a examiná-los ao pormenor. Já estudara o volumoso ficheiro sobre Garza e os seus métodos, as particularidades das cenas dos seus crimes, *modus operandi* e tudo o mais que distinguia o Homem de Família dos restantes psicopatas assassinos que por aí andavam.

Nos casos específicos que Garza mencionara, Tess procurou discrepâncias, e também de que forma tinham sido descuradas ou explicadas pelos detetives que haviam encerrado os respectivos casos como mortes causadas por Garza.

Cronologicamente, os Watson eram a primeira das três famílias assassinadas que Garza não admitia ter matado. Quinze anos antes, alguém entrara na casa dos Watson e alvejara Allen, dois dos seus filhos e um rapazinho que ficara lá a dormir nessa noite. Primeira discrepância: o assassino esfaqueara a mulher, Rachel, em vez de a alvejar. Segunda discrepância: uma menina sobrevivera, escondida algures na casa. Terceira discrepância: o assassino não posicionara os corpos nem passara um período significativo com eles, a julgar pelas evidências deixadas para trás. Concluindo, o homicídio dos Watson parecia menos organizado do que qualquer dos de Garza, e faltava-lhe um elemento crítico. Ou dois.

O Homem de Família ganhara a alcunha ao matar famílias inteiras, posicionando-as depois à volta da mesa de jantar. Gostava de passar muito tempo com elas, fingindo fazer parte da família. Comia à sua mesa, rodeado de corpos em decomposição. Dormia na cama das vítimas. Vivia nas suas casas por um dia, às vezes dois. Certificava-se sempre de que não seria surpreendido por empregadas da limpeza, amas ou outro pessoal contratado; fazia meticulosamente o trabalho de casa.

A maioria dos seus ataques dava-se à sexta-feira à noite, antes do fim de semana, quando podia viver a sua fantasia sem que ninguém o interrompesse ou reparasse que as vítimas faltavam à escola ou ao trabalho. Garza era extremamente organizado. Fosse qual fosse a fantasia tresloucada que o levava a matar, ele mantinha-a controlada, sendo meticuloso na pesquisa antes de atacar.

No caso dos Watson, porém, emergia uma quarta discrepância. Tinham sido mortos numa sexta-feira à noite, embora o horário de trabalho da empregada incluísse fins de semana e excluísse segundas e terças. Uma nota esclarecia isso, e a escrita era-lhe

vagamente familiar. Folheou as páginas até encontrar o nome do detetive que trabalhara no caso. Detetive Gary Michowsky, Palm Beach.

Suspirou. *O bom velho Gary.*

Tinha de admitir que provavelmente Garza nunca mataria os Watson. Com eles, não podia viver a sua fantasia doentia. Pelo menos por tempo suficiente. Não encaixavam no perfil. Mas não havia qualquer referência a abusos sexuais nas conclusões do médico legista.

Tess encostou-se à janela do veículo e fechou os olhos por um segundo. Esfaquear era uma forma mais pessoal de matar do que um tiro. Premir um gatilho é algo que se faz à distância, enquanto esfaquear exige proximidade, contacto, paixão. Mas não havia abuso sexual. O esfaqueamento da Sra. Watson fora atribuído à evolução do *modus operandi* do assassino, apesar de Garza ter continuado a alvejar, e não a esfaquear.

Outro pormenor, descartado com a mesma rapidez: os exames balísticos não correspondiam aos tiros anteriores de Garza. As pessoas veem aquilo que querem ver e não reparam no que têm mesmo à sua frente.

Oh, Gary... Que raios andava a fazer?

Passou para o processo seguinte, os Meyer. Tinham sido assassinados no ano seguinte, em fevereiro. Esse homicídio parecia mais organizado, sem nenhuma das pontas soltas de que o caso dos Watson estava crivado. O dos Meyer destacava-se, porém, por outro conjunto de razões. Para começar, não tinham filhos. Além disso, a Sra. Meyer fora esfaqueada múltiplas vezes e morrera de exsanguinação, após o que o médico legista determinara terem sido «três, talvez quatro horas de tortura». Também no caso da Sra. Meyer não existira abuso sexual. Uma nota rabiscada no rebordo do relatório médico-legal na letra do Dr. Rizza dizia: «Padrão invulgar de distensão da pele na ferida provocada pela facada. Não foram encontrados quaisquer vestígios.» Tomou nota para perguntar ao Dr. Rizza o que queria ele dizer com isso.

Suspirou de novo ao fechar o ficheiro dos Meyer. Nenhum daqueles dois casos encaixava no perfil de Garza, mas, de alguma forma, haviam-nos simplesmente juntado aos restantes. Voltou a abrir o ficheiro dos Meyer, à procura do nome do detetive.

— Oh, merda, Gary, outra vez, não — sussurrou, questionando-se. Gary Michowsky era um bom polícia. Tinha o coração no sítio certo e era experiente e meticulado. Já trabalhara com ele e, sim, reparara nalguns deslizes, mas quem não escorrega às vezes? Fora há muito tempo, mas planeava confrontar Gary com as suas decisões. Então retraiu-se, ao recordar as palavras de Pearson sobre resolver casos sem se importar com quem saía magoado.

Resfolegou, um pouco amargurada. Provavelmente, Gary era popular junto dos colegas e considerado um membro fiável da equipa, enquanto ela não era. Mas fizera asneira da grossa nos casos dos Meyer e dos Watson, e Tess queria ouvir a sua versão da história. Como é que um bom polícia cometia um erro tão grave e óbvio?

Abriu o terceiro ficheiro, receando encontrar novamente o nome de Gary logo ali, na página da assinatura. Não estava, e Tess sentiu-se aliviada. O processo fora trabalhado por um tal detetive McKinley, de Miami-Dade. Nunca ouvira falar nele.

A família Townsend fora morta quase três anos depois dos Meyer. Desta vez havia uma criança, uma menina de apenas oito anos. Tess abanou a cabeça, sentindo uma vaga de raiva a sufocá-la. Quase se perguntou que tipo de homem mata crianças, mas já sabia a resposta. Um homem como Kenneth Garza. Um psicopata frio e sanguinário, alguém que merecia morrer.

Passou os dedos finos pelo cabelo, afastando-o do rosto, e retomou o estudo do ficheiro dos Townsend à luz ténue do dia que acabava. As mesmas notáveis exceções ao típico *modus operandi* de Garza, mas desta vez mais fortes, mais preponderantes. Uma vítima do sexo feminino esfaqueada. Tortura prolongada. E então a surpresa, ali mesmo, na última página do relatório de medicina legal.

Um pormenor que lhe escapara na sua primeira e apressada análise. Um parágrafo de duas linhas que lhe revolveu as entranhas. Emily Townsend tinha sido violada.

CONVERSA AO JANTAR

Era quase meia-noite quando Tess chegou à cidade. O trânsito diminuía entretanto um pouco, facilitando-lhe a passagem.

Doíam-lhe os maxilares de os ter mantido teimosamente cerrados toda a viagem. Poderia ter sido assim tão simples? Só porque as mulheres foram esfaqueadas em vez de alvejadas nos três homicídios que Garza rejeitava, podia ele ter descoberto que o assassino gostava mais de matar mulheres? Quem melhor para entender o funcionamento da mente de um psicopata do que outro psicopata? Ou talvez Garza estivesse a fazer dela estúpida, dando-lhe pequenos engodos para farejar e perseguir como um cão de caça bem treinado.

Em primeiro lugar, perguntou-se porque acreditava que ele não matara as três famílias. Alguma vez a palavra de um psicopata era suficiente? Mas o instinto dizia-lhe que devia acreditar em Garza e encontrar o verdadeiro assassino. Quinze anos após os acontecimentos, era praticamente impossível, mas mesmo assim valia a pena tentar.

Absorta nos pensamentos, quase não deu conta de chegar ao Media Luna, com pouca esperança de que o sinal azul de «Aberto» ainda estivesse na montra do velho bar e restaurante. Estava, e havia carros no parque. Estacionou do lado mais distante, não querendo assustar os clientes, que podiam afastar-se após verem um veículo preto e sem marcas das autoridades à frente do edifício.

Assim que agarrou no puxador de bronze e entrou, os cheiros e ruídos familiares soltaram o rosnido furioso do seu estômago vazio. Não comera nada o dia todo e o corpo enviava-lhe sinais de protesto. Empoleirou-se num banco junto ao balcão pegajoso e procurou o *barman*.

Ainda não a vira; estava distraído a conversar com um homem de macacão sujo das obras e, a julgar pela intensidade dos gestos e o volume dos risos, divertia-se à grande. Sorriu involuntariamente ao vê-lo tão descontraído, a gozar a vida e a desfrutar de fazer os clientes felizes. Viu que tinha as costas um pouco mais curvadas e talvez também tivesse perdido peso. Os longos cabelos ondulados ficavam cada dia mais brancos, mas continuava com bom aspecto para a idade. Aproximar-se-ia dos setenta? Provavelmente ainda não; mas sem dúvida que passava dos sessenta.

Homens como ele não envelheciam. Sempre que olhava para ele ou o ouvia falar, lembrava-se, por alguma razão, de Willie Nelson, embora o seu cabelo fosse um pouco mais curto e não conseguisse cantar nem para salvar a vida. Mas algo nele, na sua natureza rebelde, no espírito livre e recusa em crescer, falava de liberdade, bondade e amizade.

Continuava a usar as características camisas havaianas, com os dois botões de cima desapertados para mostrar um pouco da tatuagem, o desenho tribal de um tigre que lhe ocupava a maior parte do peito bronzeado. Pela abertura da camisa, só se viam os olhos e o nariz do tigre, mas bastava para lhe ter valido a alcunha que apenas alguns amigos chegados estavam autorizados a usar: Catman, ou Cat, o diminutivo. Para o resto do mundo, era o Ricky; ou o Sr. Bedell, para os estranhos.

Virou-se e olhou na direção dela, e os lábios esticaram-se-lhe num grande sorriso, mostrando dentes brancos que cintilavam contra a pele escura. Continuou a olhar para ela e a sorrir enquanto mantinha as mãos ocupadas a preparar bebidas, e ela acenou-lhe e correspondeu ao sorriso. A amizade de Cat fora a pedra angular da sua existência perturbada ao longo dos últimos dez anos, uma amizade improvável que começara na pior noite da sua vida.

À distância, Cat levantou um hambúrguer e inclinou um pouco a cabeça, numa pergunta silenciosa. Tess ergueu dois dedos e o seu sorriso aumentou. Então, mostrou-lhe o saco de batatas congeladas, e ela assentiu vigorosamente, rindo-se baixinho.

— É demasiado bonita para estar sozinha. O que prefere? — perguntou de repente um homem. Quase deu um salto, com o coração a martelar-lhe contra o peito. Enquanto estivera concentrada em Cat, alguém ocupara o banco ao lado dela e nem reparara.

Outra vez, censurou-se impiedosamente. Deixaste outra vez que alguém se chegasse a ti desta maneira. Vê se acordas!

Virou-se e olhou para o homem que sorria, expectante, à sua esquerda. Puxou o casaco para o lado de modo a mostrar o distintivo, pendurado no cinto desde que entrara na prisão. O sorriso do indivíduo petrificou, e ele desapareceu sem dizer mais nada. Conteve-se para não se rir. Ninguém queria ter nada que ver com as forças da lei. Caso estivesse interessada em namorar, ficaria preocupada.

Olhou novamente para Cat, que abanava a cabeça, divertido. Disse «desculpa», percebendo que acabava de assustar um cliente. Ele encolheu os ombros e, ato contínuo, pôs dois suculentos hambúrgueres e uma pilha de batatas fritas estaladiças à sua frente. Tess começou a devorar tudo, demasiado faminta para fruir os sabores requintados. Depois, embrenhou-se nos pensamentos, fixando o copo alto que tinha à frente, mexendo de vez em quando as ervas e os minúsculos cubos de gelo com as duas palhinhas.

— Em que pensas, miúda? — perguntou Cat, puxando-a de volta à realidade. Estranho como a voz *dele* nunca a sobressaltava. — Um mau caso?

— Não são todos? — respondeu ela, rindo-se com tristeza. — Nah, nada assim tão mau, esta noite, não. Estou bem.

Ele resfolegou baixinho, quase ofendido, olhando-a nos olhos e desafiando a sua mentira.

— É só trabalho, Cat, mais nada — confessou Tess. — Não é um caso, mas o trabalho em geral. Pareço estar sempre a fazer asneiras, por mais que me esforce. O meu chefe... Não sei o que seria preciso para obrigar aquele homem a dizer que faço um bom trabalho.

Cat puxou uma cadeira e sentou-se do outro lado do balcão, abrindo depois uma garrafa de *Bud Light* e bebendo um gole.

— As pessoas — continuou Tess, olhando de novo para o fundo do copo —, é esse o meu problema. Sou uma treta com as pessoas, é um facto.

Cat tocou-lhe suavemente no braço e sorriu, hesitante.

— Cat, porque não consigo confiar em ninguém?

Ele pousou a garrafa de cerveja no balcão.

— Confias em mim, não confias?

— Com a minha vida — respondeu sem hesitar. — Desde o dia em que te conheci.

— Porquê? — perguntou ele baixinho, e acenou a um cliente que estava de saída. — Na altura não me conhecias. Não sabias nada sobre mim.

As memórias inundaram-lhe a mente, roubando-lhe o fôlego e marejando-lhe os olhos. Nessa noite, Tess entrara ali aos tropeções, quase moribunda, o sangue a jorrar-lhe das feridas, as roupas em farrapos, e colapsara no chão sujo do bar. Cat perguntara-lhe se queria que ligasse para o 112, e ela recusara vigorosamente, por isso fora ele quem cuidara dela. Quando acordara no dia seguinte, tinha as feridas cuidadosamente ligadas e a dor diminuía um pouco, pelo menos a física. A primeira coisa que vira ao acordar fora Cat, a dormir numa poltrona junto à sua cama, velando por ela. Dormira vários dias no pequeno apartamento por cima do bar, enquanto os clientes procuravam bebidas noutro lado, deparando-se com o Media Luna fechado, dia após dia. Até ela voltar a estar pronta para encarar o mundo.

— Era uma rafeira abandonada — disse baixinho — que aterrou à tua porta quase a soltar o último suspiro. Salvaste-me, Cat. Nunca te poderei agradecer o suficiente.

— Podes, sim — respondeu ele com gentileza. — Confia nos outros, ou pelo menos tenta. Só um bocadinho, e vê o que acontece. Talvez encontres alguns amigos por aí. Talvez descubras uma nova vida.

— Ah — sussurrou ela —, foi isso que ele disse.

— O teu chefe?

— Deus, não, embora por esta altura ele talvez já saiba que algo se passa comigo. Outro tipo do trabalho, um *profiler*. Descobriu que tenho stresse pós-traumático. Confrontou-me.

— Surpreende-me que não tenha acontecido antes, miúda. É isso que esses tipos fazem todos os dias. Foste tu quem me disse.

— Ahã, eu sei — respondeu, bebendo mais um gole.

— Estás metida em sarilhos?

— Podia estar, sabes? Surpreende-me que ainda não me tenha denunciado. Os procedimentos são claros; o stresse pós-traumático não controlado exclui os agentes do trabalho de campo. Ele quebrou as regras e mal me conhecia.

Cat abriu um amplo sorriso.

— Quem diria? Alguém quebrou as regras por ti sem te conhecer. Caramba, pergunto-me como pode uma coisa dessas acontecer.

Tess olhou para ele, confusa por uma fração de segundo, depois baixou a cabeça para esconder o sorriso lacrimoso. Nessa horrível noite de há dez anos, ao não chamar a polícia para reportar o seu ataque, Cat tinha violado a lei por ela. E isso dera-lhe uma vida, uma carreira sem vergonha, sem o estigma público da violação a marcar cada dia da sua existência.

Manteve os olhos cravados na superfície brilhante do balcão, sem palavras.

— Sim, também estou a confrontar-te, Tess. Confia em alguém amanhã. Tenta. Depois vem cá comer um hambúrguer e beber um copo e conta-me como correu. Falamos sobre isso.

Ficou em silêncio, a olhar para o vazio, absorvendo as palavras de Cat. Ele foi ver se ainda havia clientes no bar, desligando depois o sinal de «Aberto».

— Prometo — disse ela, e ergueu o olhar. Cat estava ocupado a fechar o bar. Limpou o balcão, lavou os copos sujos, mantendo o olhar fixo no ecrã da televisão. Àquela hora, repetia uma entrevista

com duas mulheres que Tess não reconheceu, mas a legenda chamou-lhe a atenção.

— Cat, põe mais alto, sim?

Ele carregou no comando enquanto Tess se aproximava apressadamente da televisão.

— Menina Watson, o que recorda da noite em que Kenneth Garza, o assassino em série conhecido como Homem de Família, assassinou a sua família? — perguntava o entrevistador.

Oh, merda.

A ENTREVISTA

Há anos que Laura Watson não estava à frente de uma câmara de televisão, e não lhe sentia a falta. Ainda ficava enjoada e um pouco zozza perante as ofuscantes luzes brilhantes, e agradecia por grande parte das contundentes perguntas de Brandt Rusch serem dirigidas à Dra. Jacobs. Se o seu papel se ia resumir a permanecer ali sentada na poltrona de cabedal preto encostada à tela verde, ela não tinha objeções.

Esperava que a entrevista acabasse em breve, pois estava com dificuldades em ficar quieta, mantendo as mãos elegantemente cruzadas no colo e as costas direitas. Projetava uma imagem profissional e serena, incluindo um sorriso de gelo que lhe deixou os músculos faciais doridos após os primeiros minutos. Parecia pequena e frágil no seu fato de calças azul-marinho, e igualmente vulnerável.

A Dra. Jacobs tinha um talento natural para estar à frente das câmaras. Sentia-se entusiasmada por falar do seu novo método e descreveu ao pormenor os inúmeros benefícios de extrair memórias traumáticas profundamente enterradas num ambiente terapêutico controlado. Passou depois a explicar, sem linguagem técnica, como funcionaria o processo e porquê. Por fim, guiada pelas perguntas de Rusch, voltou a atenção para Laura e falou um pouco sobre o seu contexto.

Laura teve ainda mais dificuldades em continuar quieta.

— Alguns de vós poderão recordar-se de Laura Watson — disse a Dra. Jacobs, gesticulando na direção dela à medida que a câmara se afastava para a incluir no ecrã. — Ficou conhecida como a Filha dos Watson, a famosamente esperta e corajosa menina que, há

quinze anos, sobreviveu ao mortífero ataque de Kenneth Garza à sua família.

Rusch sorriu e acenou na sua direção, e Laura fez um esforço e ampliou o sorriso, reconhecendo o cumprimento com um rápido baixar de cabeça.

— A sua icónica sobrevivência oferece-nos a oportunidade única de utilizar o novo método para extrair as memórias traumáticas de Laura e compará-las com os dados conhecidos do caso. A equipa deste projeto teve a sorte de conseguir o compromisso da menina Watson em participar. Obrigada por fazer isto — disse a Dra. Jacobs, sorrindo abertamente para as câmaras. — Posso apenas imaginar quão difícil será para si.

Laura anuiu, sorrindo também, enquanto uma ruga indesejada lhe surgia na testa. Só queria que tudo aquilo acabasse.

Então, Brandt Rusch virou-se para ela e fez-lhe a primeira pergunta direta, e Laura sentiu o suor brotar-lhe nas raízes do cabelo, e a súbita vontade de vomitar.

— Menina Watson, o que recorda da noite em que Kenneth Garza, o assassino em série conhecido como Homem de Família, assassinou a sua família? — começou Rusch.

Laura invocou toda a força de vontade e conseguiu inspirar uma golfada de ar quente e poeirento sob as luzes do projetor.

— Receio que não muito. Suponho que é isso que faz de mim uma boa candidata para este estudo. Disseram-me que estava escondida no cesto da roupa suja de uma das casas de banho. Ninguém sabe mais nada e não me lembro. — Engasgou-se um pouco. Recitou mentalmente as instruções de Rusch. «Frases curtas e simples», dissera ele. «Vá direta ao assunto e lembre-se de respirar.»

Bons conselhos. Mas difíceis de pôr em prática.

— Vimo-la muitas vezes na televisão após a prisão de Garza — disse Rusch. — A sua história de sobrevivência foi inspiradora. Depois, desapareceu. O que aconteceu?

— Cresci — respondeu, quase rindo. — Tive finalmente voto na matéria, e o meu voto foi não.

— Não gosta de publicidade? — insistiu Rusch.

— De todo — replicou com um sorriso apologético. — A razão por que toda a gente queria filmar-me, e hoje não é exceção, consistia no facto de a minha família ter sido morta. Não é motivo para celebrar, pelo menos para mim.

Rusch fez sinal com a cabeça e arqueou as sobrancelhas, enquanto um sorriso de admiração lhe iluminava o rosto.

— E modesta também — disse ele. — Os nossos espetadores adorariam conhecê-la melhor, menina Watson.

Laura olhou para Jacobs, e ela assentiu, num incentivo quase impercetível. Conteve um suspiro.

— Lembro-me de ser feliz, de crescer com o meu irmão e a minha irmã, de brincar, de me divertir. Hoje, é tudo como um borrão, mas as memórias continuam lá. Depois, nada... Como se uma nuvem tivesse engolido alguns anos da minha vida. Tenho memórias mais recentes, da minha nova família, da minha irmã, Amanda, e dos meus pais, Bradley e Carol Welsh. O Bradley era sócio do meu pai e cofundador da WatWel Lighting. Tive o privilégio de ser criada por eles, de poder crescer perto do legado da minha família, de fazer parte do que os meus pais construíram e deixaram para trás.

— O que espera obter da participação no estudo, menina Watson? — perguntou Rusch, olhando rapidamente para Jacobs, que se inclinou um pouco em antecipação.

Laura pensou por um segundo antes de responder.

— Quero... quero lembrar-me — disse, sentindo o aperto das lágrimas a embargá-la. — Quero recordar-me de tudo. Espero ver finalmente o assassino nas minhas memórias e lembrar-me do que fez e disse. Talvez isso... — parou bruscamente e pigarreou —, explique porquê. Talvez entenda porque morreram. Porquê eles e não outros — acrescentou, consternada. — Sei que é terrível de se

dizer, mas quero saber. E poder ver imagens dos meus pais na minha mente.

— Até agora, tem-se dado bem na vida. — Rusch mudou abruptamente de assunto, o que a fez franzir um pouco o sobrolho. — Preocupa-a que a participação no estudo possa afetar o seu bem-estar?

Laura olhou de novo para a Dra. Jacobs.

— Sinceramente, sim — respondeu. — Já tenho medo de olhar lá para dentro, de abrir este... este baú cheio de monstros escondidos, trancados na cabeça. Mas sinto que devo isso aos meus pais, ao meu irmão e à minha irmã, até a mim. — Parou por um segundo, mas Rusch não a interrompeu. — Tenho a certeza de que vi alguma coisa naquela noite. Decerto, é por isso que a minha memória desapareceu. *Sei* que o vi. É impossível que tenham todos morrido sem eu ter visto nem ouvido nada. Não pode ser. Simplesmente tenho de me lembrar.

No momento em que acabou de falar, sentiu um baque de medo a revolver-lhe as entranhas. Tentou, mas não conseguiu afastá-lo.

Rusch assentiu um par de vezes antes de avançar para a pergunta seguinte.

— Kenneth Garza foi preso quatro anos depois da morte da sua família. Como é que a detenção alterou a sua vida? Trouxe-lhe a sensação de desfecho?

Laura franziu vincadamente o cenho, sem se importar que as rugas aparecessem na televisão. Aquela pergunta não estava na lista pré-aprovada.

— Mudou a minha vida na medida em que os meus pais adotivos deixaram de ter medo que o assassino pudesse vir atrás de mim e atar a ponta solta. Nunca o fez; em retrospectiva, acho que se tinha tornado público que eu não me lembrava de nada, por isso, afinal, não corria grande perigo. Desfecho? Não. Não me parece que alguma vez possa haver um desfecho; não para mim. — Ficou sem fôlego e cobriu a boca com a mão. O operador de câmara alterou rapidamente o ângulo e concentrou-se em Rusch.

— Há uma estranha coincidência entre o seu estudo e a iminente execução de Garza. Não concorda, Doutora Jacobs?

— Concordo, Brandt, e tenho de admitir que preferia que a execução fosse adiada até terminarmos, mas isso não vai acontecer. Temos, no entanto, os ficheiros do caso e inúmeros interrogatórios, avaliações e notas do próprio Garza para me ajudar a determinar a fiabilidade do método. Acho que estamos bem.

— Menina Watson, o que gostaria de dizer a Kenneth Garza?

A câmara focou-se de novo nela, trazendo as suas feições angustiadas para o centro do ecrã, bem de perto.

Laura sentiu um fluxo de raiva indizível contra Rusch, que a fizera passar por aquele inferno depois lhe assegurar repetidas vezes que se cingiria ao que haviam acordado. Um maldito sacana exibicionista, era isso que ele era. Um tubarão que se alimentava da tragédia das pessoas. Mas, em última instância, a culpa era sua por estar ali. Nunca devia ter concordado com a entrevista.

— Nada. Não tenho nada a dizer a Kenneth Garza — disparou, lacónica. Lançou a Rusch um olhar assassino, vendo depois no ecrã de controlo como a câmara se afastava e se desviava do seu rosto.

Manteve-se quieta por mais alguns minutos, à espera que Rusch terminasse a entrevista com a Dra. Jacobs. Horas depois, a sensação de fatalidade enroscada nas suas entranhas continuava a mantê-la acordada, e não conseguia explicá-la.

REFLEXÕES: MEMÓRIAS

Desligo a televisão carregando furiosamente no botão do comando e atirando-o depois para o outro lado da sala. Bate contra a parede e as peças espalham-se por toda a parte na espessa alcatifa. Tenho os punhos tão apertados que as minhas articulações rangem, mas nem esse gesto me traz algum alívio.

Quero apertar-lhe o pescoço, aqui e agora. Estou desejoso de ir lá fora, encontrá-la e calar para sempre a sua boca descuidada e desordeira. Se ao menos pudesse.

— Maldita cabra estúpida! — permito-me resmungar em surdina, mais baixinho do que queria. Gostava de poder deixar a raiva rugir, para aliviar a pressão ardente que sinto no peito, mas não posso.

Esta merda não acabou. Ainda me pode fazer mal. Isto é que os erros do passado voltarem para me assombrar.

Deixo-me cair no sofá e fecho os olhos, tentando desesperadamente recordar-me. Decorreram quinze anos, sim, mas ainda me lembro dessa noite com grande pormenor, sobretudo por ter feito asneira da grossa e levado depois inúmeras noites a perguntar-me como raio isso acontecera. Bem, agora sei.

Lembro-me de ir ao andar de cima duas vezes, não uma, e de ambas entrar na casa de banho, não na principal, mas sim na do corredor, a que os outros três quartos partilhavam. Estaria ela escondida na casa de banho principal e foi por isso que não a vi?

Tenho uma sensação de ardor nos olhos e esfrego-os furiosamente, conseguindo pouco alívio. Verifiquei a casa de banho principal pelo menos uma vez. A luz estava acesa... lembro-me disso. Mantenho os olhos fechados, tentando visualizar a casa de banho principal. Sim, consigo vê-la. Tinha as luzes acesas, dois potentes conjuntos de seis lâmpadas sobre cada lavatório. O

cubículo do duche encontrava-se vazio e as paredes de vidro completamente limpas de vapor; não havia ninguém lá dentro. A banheira estava vazia, e era só. Nenhum cesto ou pequeno armário, nada que pudesse esconder aquela rapariga. Definitivamente, não se escondera na casa de banho principal.

Deixo escapar um suspiro frustrado por entre os lábios ressequidos e sirvo-me de uma generosa dose de *bourbon*, bebendo-a de um só gole sedento. De repente, estou a andar de um lado para o outro no quarto como um animal enjaulado e odeio a sensação. Nem o *bourbon* consegue afastar esse sentimento.

Porque não verifiquei a casa de banho do corredor? Porquê?

Lembro-me da porta aberta. A casa de banho estava escura; com as luzes apagadas. A única luz a chegar ao interior vinha do corredor. Concentro a mente cansada nesse ténue lampejo de memória. A porta da casa de banho ali mesmo, aberta, e ao passar não vejo nada. Ninguém.

Da primeira vez, não hesitei nem parei para olhar; limitei-me a passar apressadamente. Acabara de encontrar e alvejar os três miúdos que pensava serem todos filhos dos Watson; não havia, por isso, razão para prosseguir. Mas da segunda vez procurei. Estava com pouco tempo, claro, com as sirenes da polícia aos berros, mas abri todos os armários e procurei debaixo de cada cama. Até inspecionei a despensa, o enorme frigorífico, o forno duplo e a máquina de lavar loiça.

Terei parado para ver na casa de banho?

Baixo bruscamente a cabeça, pesada com o fardo da culpa e da humilhação. Fiz asneira da grossa.

Não, mal abrandei ao passar por aquela casa de banho. Tinha a porta aberta e as luzes apagadas. Presumi... Sim, sei o que vão dizer. Presumi. E isso pode custar-me a vida.

Mas agora lembro-me. Consigo visualizar. Vejo o cesto azul da roupa suja, grande o suficiente para conter a roupa de uma família com três filhos. E também a ela, Laura Watson, o maior erro da minha vida.

Aperto o copo de *bourbon* na mão suada e, de repente, atiro-o para o outro lado da sala, fazendo-o chocar contra a lareira.

Ela precisa de morrer. Agora. Hoje.

O meu raciocínio é ditado pelo medo, e isso é muito mau. Os verdadeiros predadores mantêm-se calmos perante o perigo. Quanto maior a ameaça, mais serenos ficam. Alguma vez viram um tigre passar-se? Ou um leão?

Se lhe tirar a vida agora, todos ficarão a saber que Garza não matou aquela família. E com mais certeza do que nunca. Estaria a dar-lhes as provas de que precisam para ilibar Garza do crime. Estão a ver, ele deve ter-lhes dito que não matou os Watson, mas aparentemente não lhe deram ouvidos. Ou talvez *tenha* confessado o crime para juntar mais um nome à lista. Hum... Com as pessoas, nunca se sabe.

Continuo a andar de um lado para o outro, sentindo-me cada vez mais preso, enjaulado, prestes a ser apanhado e morto. Odeio isso... Odeio que a minha vida dependa de uma qualquer treta psicológica que pode muito bem ser apenas falsa ciência. Quem diabos sabe... Talvez durante os anos em que Laura acreditou que Garza matara a sua família tenham substituído as verdadeiras memórias e ela revele que viu Garza fazê-lo e tudo acabará assim.

Mas como vou saber? Como posso descobrir o que ela faz nessas, como raio lhes chamou... sessões de regressão? Não posso ficar apenas aqui sentado à espera que a polícia me arrombe a porta e me leve algemado.

Estúpida, rapariga estúpida. Tem tudo o que uma jovem podia desejar, mas não, precisa de abrir a maldita caixa de Pandora. Tem de morrer... não há outra maneira. E é bom que eu não parta o pescoço no processo.

Não posso ser *eu* a matá-la; isso é certo. Por mais que queira. Por mais noites que tenha sonhado cravar nela a minha lâmina, uma e outra e outra vez. Não, tenho de ser forte e recusar-me esse prazer.

Laura tem de ter um acidente que esteja acima de qualquer suspeita.

DIREÇÃO

Ainda estava escuro quando Tess estacionou num lugar reservado a visitantes e subiu até ao andar onde se situava o gabinete do agente especial Pearson. Era a primeira a chegar; o horário normal de trabalho só começava dali a uma hora.

Todo o piso estava às escuras, excetuando as luzes de presença. Sensores ativaram as lâmpadas fluorescentes do teto no momento em que abriu as portas de vidro. Mas não se deu ao trabalho de passar pela secretária; puxou apenas a cadeira mais próxima, pô-la à frente da porta de Pearson e sentou-se, esperando impacientemente e batendo com a sola do sapato contra uma secretária.

Passados dois minutos, decidiu ir buscar uma chávena de café quente e o ficheiro dos Watson para ocupar o tempo de forma útil enquanto aguardava. Olhava para o relógio duas ou três vezes por minuto e prometeu a si mesma que ligaria a Pearson às oito em ponto, nem um segundo mais tarde.

— Nunca fui perseguido antes, Winnett. — A voz de Pearson quase a sobressaltou, ecoando no silêncio do escritório deserto. — Já ouviste falar em usar um telefone?

Tess levantou-se de um salto e seguiu-o para o interior do gabinete. Reparou que tinha os ombros um pouco curvados, esticando-lhe o casaco nas costas, embora fosse largo o bastante para lhe servir confortavelmente. Trazia uma velha pasta de cabedal, talvez a favorita de sempre, pois podia permitir-se uma em melhor estado, menos esfolada.

Pousou o copo alto do Starbucks na secretária e afrouxou um pouco o nó da gravata.

— Não quis ligar tão cedo...

— Bem, da próxima vez liga. O que se passa?

— Precisamos de reabrir três processos. Tenho razões para acreditar que foram erradamente atribuídos a Garza. Falo dos Watson, Townsend e Meyer.

Pearson tirou os óculos de armação grossa e esfregou a ponte do nariz entre o polegar e o indicador, lenta e meticulosamente. O rosto franziu-se-lhe numa multiplicidade de rugas profundas. Não estava encantado com as notícias, mas Tess não esperava outra coisa.

— Quão fortes são as tuas razões?

Hesitou um pouco, desorientada pela formulação da frase. Mordeu o lábio antes de responder e limpou as mãos às calças.

— Não garanto a cem por cento, mas é provável que Garza não tenha matado essas famílias. Há um imitador algures, alguém que nos escapou.

— Tens a certeza de que o Garza não está a brincar contigo?

Tess desviou o olhar por uma fração de segundo. Ninguém podia ter a certeza de nada no que dizia respeito a um psicopata.

— Mais uma vez, não tenho cem por cento de certeza. Mas...

— Sim, eu ouvi da primeira vez. Dás-te conta do que isto significa? Será um pesadelo de relações públicas. Não podemos simplesmente dizer, após quinze anos, que lamentamos, mas cometemos um erro. No momento em que o homem que durante este tempo afirmámos ser o assassino está prestes a ser executado.

Passou as mãos pela cabeça reluzente, uma a seguir à outra. Se Pearson ainda tivesse cabelo, poderia sentir-se tentado a arrancar algum, num gesto de profunda frustração.

— O caso Watson é agora uma prioridade, senhor — insistiu Tess.

— Porquê?

— Ontem à noite, num programa de televisão, Laura Watson, a sobrevivente do massacre dos Watson, declarou que ia sujeitar-se a uma terapia experimental de recuperação da memória, ou algo assim. Se o verdadeiro assassino andar à solta, irá à procura dela.

O franzir de sobrolho de Pearson aprofundou-se. Silencioso, estendeu a mão, esperando que ela lhe entregasse o ficheiro. Minutos depois, ergueu o olhar das páginas cobertas de notas rabiscadas por Tess, a frustração ainda mais visível.

— Está bem — disse. — Dou-te quarenta e oito horas. Vê o que consegues descobrir, tira as tuas conclusões e vamos deixar esta confusão em paz. Trata disso em quarenta e oito horas, e nem mais um segundo. Tenho um processo de fraude com seguros de saúde à tua espera.

Ela assentiu, embora achasse que quarenta e oito horas provavelmente não seriam suficientes. Era um caso encerrado, arquivado há quinze anos. Não havia novas testemunhas, novas provas forenses, nada. Só algo dito por um psicopata no corredor da morte.

— Hum, preciso de pôr a Laura Watson sob proteção policial.

— Nem pensar nisso — respondeu Pearson com firmeza.

— Mas, senhor, esta rapariga tem um alvo nas costas desde que transmitiram a sua entrevista. Acha que o verdadeiro assassino vai correr o risco de a deixar andar por aí?

O agente especial Pearson cerrou os maxilares, mas manteve o silêncio por alguns segundos, pensando. Devia estar a ponderar as implicações de expor a incerteza das suas conclusões sobre os Watson numa fase tão avançada do processo. Tess entendia as suas preocupações, pois passara grande parte da noite acordada às voltas na cama, tentando tomar a decisão mais sensata tendo em conta as circunstâncias.

— Senhor, entendo o risco comunicacional, mas temos de o fazer — insistiu. — Se ela morre...

— Não preciso que me digas isso, Winnett. Posso pensar por mim mesmo.

Tess calou-se. Por mais que tentasse, não caía nas suas boas graças. Não conseguia estabelecer um verdadeiro diálogo entre eles. Talvez as frustrações passadas com o seu comportamento fossem tão profundas que a sua relação já não podia ser curada.

Talvez o seu emprego estivesse por um fio, à espera de quebrar à primeira rajada de um vento adverso.

— Ouve bem, Winnett, porque só digo isto uma vez. Não vais pôr a Watson sob proteção policial. Não até confirmares as tuas teorias para lá de qualquer dúvida razoável e teres um caso sólido com um novo nome lá dentro. Mesmo então, vens falar comigo primeiro para que seja aprovado.

— Mas, senhor, ela vai morrer... — ripostou vigorosamente, levantando-se.

— Por amor de Deus, Winnett, ainda não acabei — reagiu ele, contrariado com a sua reação. — Por agora, não tens nada, apenas especulação. Por favor, interrompe-me à vontade se estiver enganado.

O tom condescendente de Pearson trespassou a calma que Tess impusera a si mesma, fazendo-lhe ferver o sangue. Ainda assim, decidiu calar-se e ouvir, por mais desencorajador que isso fosse. Pearson era o seu superior, quer ela quisesse, quer não.

— Ainda bem que concordamos em alguma coisa — prosseguiu ele. — Queres comprometer a reputação de vários departamentos da polícia e dos detetives com base em meras especulações. Dás-te conta de que cada caso que esses detetives tiverem fechado será aberto um recurso? E do efeito cascata de uma descoberta dessas tanto tempo após os factos? Depois disso, ninguém confiará nesses detetives nem para receber o correio... Tudo o que têm no seu ramo de atividade é a reputação. Destruí-la-ias por completo, com base em especulações vindas de um assassino em série no corredor da morte. Para não falar na brecha que abririas entre nós e eles, entre a agência federal regional e a polícia local. É suposto trabalharmos em equipa, estarmos do mesmo lado, Winnett. Mas também, o que sabes tu sobre equipas, hã?!

As palavras dele acertaram-lhe como pedras, como se tivesse sido apanhada numa avalanche de dor e humilhação que não sentia que merecesse. Era assim tão mau pôr a vida de uma mulher acima

de tretas políticas? Baixou a cabeça por um segundo, levantando-a depois para olhar Pearson nos olhos.

— Lamento, senhor, mas não acredito que nenhuma dessas tretas políticas faça com que valha a pena apostar a vida de Laura. Se fosse a sua filha, provavelmente estaria mais de acordo.

Pearson susteve-lhe ferozmente o olhar, e Tess viu que a sua pele estava a ficar mais escura, talvez o sinal de que a raiva contida lhe subia os níveis da pressão arterial.

— A única coisa que estou a pedir, Winnett, é que me tragas alguns malditos factos antes de fazermos algo que provavelmente lamentaremos durante muitos anos. Podes fazer isso por mim?

— Posso, senhor. Entretanto, pode, por favor, aprovar proteção policial para a Laura Watson?

Pearson levantou-se bruscamente e bateu com as mãos na secretária. Surpreendida, Tess deu um passo trás, numa reação instintiva de pôr mais distância entre ela e aquela explosão invulgar.

— Ainda não há bases para isso, não até me trazeres alguns factos. Pensava que tínhamos acabado de concordar acerca disso. Estás dispensada.

REENCONTRO

Tess saiu do edifício federal, ansiosa por colocar alguma distância entre ela e o agente especial Pearson, entre o seu rosto enrugado e os olhares inquisitivos dos colegas, que chegavam em filas intermináveis, jorrando dos trajetos matinais e fazendo fila para o controlo.

Tentara afastar Laura do perigo e falhara. Esforçara-se, ao ponto de irritar irremediavelmente o supervisor direto. Mas admitia que Pearson tinha uma certa razão. Até agora, não dispunha de quaisquer factos do seu lado; só das palavras de um assassino em série no corredor da morte e algumas observações, pormenores que a teriam feito investigar os casos com mais cuidado.

Teriam? Ou poderiam tê-lo feito?

Aqueles homicídios tinham ocorrido quinze anos antes — os dos Watson. Os restantes eram posteriores, um ano ou dois. Na altura, o ADN era uma ciência forense emergente e os testes tornavam-se demasiado caros, mal se conseguia a sua aprovação e demoravam uma eternidade. A Internet não era nem de perto aquilo que é hoje, nem as comunicações móveis, os sistemas de navegação dos automóveis ou as bases de dados nacionais integradas, como a que ela preferia utilizar, o SIVD.

O SIVD, ou Sistema de Integração e Visualização de Dados, trouxera uma pesquisa que, numa única fonte, extraía resultados de centenas de bases de dados, tornando fáceis e acessíveis as deduções correlativas e, mais importante, baseando-as em factos. Era infinitamente mais fácil para ela do que para os investigadores que tinham examinado aqueles casos. Ainda assim, não deviam ter descartado tão facilmente as discrepâncias na assinatura do assassino, nos exames balísticos e no *modus operandi*. Isso —

pondo de parte as provas de ADN, o SIVD ou qualquer outro avanço tecnológico — constituía um mau trabalho policial.

Os exames balísticos, por exemplo. A arma usada nos homicídios dos Watson era do mesmo modelo utilizado nos crimes anteriores de Garza, uma *Beretta* de nove milímetros, mas diferente. No entanto, os peritos tinham-no rapidamente explicado, afirmando que Garza devia ter utilizado outra arma. Mais tarde, com os homicídios dos Meyer, quando, de novo, os exames balísticos não bateram certo com o último crime de Garza, disseram que a arma era a mesma dos Watson, um homicídio *já* confirmado como sendo da autoria de Garza na altura do massacre da família Meyer. As provas estavam lá, iria além da coincidência? Seria assim tão incompreensível presumir que Garza pudesse ter utilizado duas armas idênticas, não uma, ao longo de vários anos de matança? Contudo, descartar tão depressa provas balísticas e de *modus operandi* não dizia bem do trabalho policial feito quinze anos antes.

Oh, Gary... Em que diabos pensava na altura?

Receava a chamada que estava prestes a fazer. Já antes o seu caminho se cruzara com o do detetive Gary Michowsky, e nem sempre fora agradável. O seu estilo impaciente e rigoroso colidia com a natureza dele quase indulgente. Era um bom polícia, com excesso de trabalho, tentando fazer o que julgava ser o melhor, e às vezes falhando. Como toda a gente, incluindo ela.

Mas havia outro lado de Gary. No último caso em que tinham trabalhado juntos, ele arriscara a vida para a proteger, mesmo depois de ela o ter tratado com dureza, irritada com erros que cometera ao longo da investigação. Retraiu-se ao pensar no que podia descobrir no processo Watson, e no que isso podia significar para Gary, para a sua carreira, reputação e autoestima.

Entrou no *Suburban* e ligou o motor, aumentando o fluxo de ar frio e respirando fundo algumas vezes para controlar a raiva. Todos tinham feito o melhor que podiam em circunstâncias invulgares. Mas não sentia que isso fosse o suficiente; não quando a vida de uma jovem corria perigo.

Ah, que se lixe a política, e que se lixem eles se não conseguirem aguentar, pensou, ligando depois a Gary Michowsky. Todos faziam o melhor que podiam; mas desta vez não era suficiente. Tinha de fazer o necessário.

Ele atendeu de imediato e o ruído de fundo disse-lhe que estava num carro.

— Daqui Michowsky e Fradella — respondeu, abrindo a chamada num estilo muito próprio.

— Bom dia, Michowsky e Fradella — cumprimentou-os, o mais alegre possível. — Daqui fala Tess Winnett.

Seguiu-se um momento de denso silêncio. Percebia que os dois trocavam olhares.

— Gary — prosseguiu —, preciso de falar consigo sobre o caso Watson e mais dois.

Ouviu uma explosão de gargalhadas no carro de Gary. Retraiu-se e baixou o volume do microfone.

— O que tem tanta graça, hã?! — Parecia quase irritada.

— Paga, paga — disse a voz de Fradella, interrompendo as risadas de Gary. — Tínhamos uma aposta e ganhei. Dez paus. É bom dinheiro para um jovem pobre como eu, não é verdade, agente Winnett?

— Pois... ele ganhou — admitiu Gary com relutância, o seu riso apagado.

Tess franziu os lábios e absteve-se de lhes dar um sermão.

— A aposta era sobre o quê? — perguntou, em vez disso, mantendo a voz calma e neutra para os encorajar a abrir-se.

— Assim que acabou a transmissão daquele programa de televisão ontem à noite com a Filha dos Watson, soube que ia ligar logo de manhãzinha — respondeu Todd Fradella. — Eu soube. Mas o Gary, não, disse que provavelmente estava a trabalhar noutro caso, a tratar dos seus assuntos.

Tess não soube como reagir. Talvez estivesse demasiado tensa, temendo pela vida de Laura. Talvez visse coisas que os outros não viam, as possíveis verdades escondidas atrás das palavras de um

monstro chamado Garza. Talvez soubesse como o verdadeiro assassino, se andasse por aí, lidaria com o risco que representava o facto de Laura recuperar o acesso às suas memórias. Não lhe importava qual delas era ao certo... só sabia que não tinha vontade de rir. Nenhuma.

— Está bem... como queiram. Estou a caminho de Palm Beach. Vou instalar-me na sala de reuniões, como nos bons velhos tempos. Vamos pôr a conversa em dia.

Calaram-se, provavelmente engolindo o que tinham a dizer sobre a iminente visita.

— O que se passa? — perguntou Gary por fim.

— Tenho motivos para acreditar que os Watson e duas outras famílias não foram mortos por Garza — respondeu Tess, dando-lhes a mesma frase enlatada que antes dirigira ao agente especial Pearson. Esperava obter melhores resultados com Michowsky e Fradella, mas ia esperar sentada. Ninguém gostava de desenterrar histórias antigas.

Novo silêncio, e o som rítmico dos pneus do carro a atravessar os segmentos de betão de uma ponte.

— Estou a ver — respondeu Michowsky, sem um laivo de humor na voz sombria. — Posso perguntar porque está a examinar esses casos agora?

— O Garza está prestes a ser executado. Fiz algumas diligências de rotina, os procedimentos normais antes da execução. Algumas coisas chamaram-me a atenção, só isso.

Era inútil entrar em pormenores ao telefone. Haveria tempo para isso mais tarde, numa sala de reuniões, onde podiam juntar-se todos e discutir livremente.

— Quando chega? — perguntou Todd, a voz marcada por uma maldisfarçada preocupação.

— Agora mesmo — respondeu Tess friamente. — Estou a caminho.

Ninguém respondeu. Sentia-se o familiar indesejado de visita à família por alguns dias, mas não se importou. A única coisa que lhe

interessava era apanhar o assassino que andava livremente por aí, após ter tirado sabe-se lá quantas vidas e a preparar-se para ceifar outra.

— Sabe, é uma coincidência dos diabos — observou Gary — estar a examinar estes casos no momento em que a sobrevivente vai fazer aquelas sessões de regressão. — Calou-se, provavelmente à espera que ela dissesse algo. — Está bem, vemo-nos depois.

Desligou, deixando-a livre para pensar nas suas palavras. Coincidência? Não, esse conceito não existia. Não na sua realidade. Sentiu um puxão de inquietude nas entranhas, como se um monstro assustador enroscado lá dentro estivesse prestes a despertar.

DISCUSSÃO

A sala de espera do concessionário era pequena, mas bem equipada para quem quisesse passar uma hora ou duas à espera de que a manutenção do seu carro estivesse pronta. Só havia outro cliente, e Laura desfrutou da tranquilidade, deixando a mente vagar enquanto folheava distraidamente a mais recente edição da *Popular Mechanics*.

Do outro lado, na sala de exposições, um homem alto e magro estava junto à saída, a olhar na sua direção através de duas paredes de vidro. Não mexia os olhos; fitava-a com um olhar intenso e penetrante, e a expressão facial, imutável, parecia esculpida em pedra. Destacava-se dos outros, vestindo camisola preta de gola alta e casaco, uma combinação invulgar, especialmente em Miami.

Um pouco inquieta, Laura sacudiu a súbita pontada de medo que lhe trespassou as entranhas e regressou à *Popular Mechanics*. Era inevitável que todo o tipo de tarados olhasse para ela depois daquele maldito programa de televisão. Gostava da revista e, normalmente, lia rapidamente os artigos que lhe despertavam a atenção, mas nada era normal desde o dia em que recebera a carta da Dra. Jacobs. De volta ao seu passado sombrio e lançada num abismo de tumulto e ansiedade, já não conseguia situar-se.

Precisava de tempo para recompor os pensamentos, a fim de se fortalecer para o que estava prestes a fazer. Infelizmente, só ali no concessionário encontrava esses momentos tranquilos. A escola era dura por aqueles dias; um frenesim de tarefas difíceis de último ano e hordas de alunos jovens e descontraídos, sobretudo rapazes, que tentavam arrastá-la para encontros, festas e todo o tipo de passatempos de que se lembravam. Aproximavam-se as férias de

março; para onde iria? Queria juntar-se a eles numa viagem de mergulho a Key West?

Em casa, as coisas não iam melhores. Desde que fora ver a Dra. Jacobs, Adrian estava mais autoritário. Tentou arranjar justificações para ele, talvez mais do que devia. Era um rapaz que nunca tivera mais ninguém além dela. Provavelmente, temia perdê-la, ou o que pudesse alterar o frágil equilíbrio da vida juntos. No fundo, Adrian devia querer impedi-la de ir às sessões de regressão, mesmo contra a sua vontade. Não devia tentar fazê-lo, pois conhecia-a bastante bem. Laura parecia frágil, e a aura do seu passado rodeava-a como uma etérea nuvem de dor e tristeza, mas tinha força de vontade e defendia o que queria, o que achava certo.

Pois... isso era válido para as vezes em que não se escondia durante horas num concessionário automóvel para evitar confrontos e desfrutar de alguma paz.

Cerrou os lábios, zangada consigo mesma, e abandonou a revista na pequena mesa junto à sua cadeira. Estava na hora de ir para casa, embora planeasse parar na mercearia. Ia cozinhar, em vez de fazer outra vez sanduíches no micro-ondas, e queria preparar *piccata* de galinha. Sentia que estava a descobrir um novo passatempo, cozinha de stresse. Não alimentação de stresse; isso seria terrível. Não... apenas cozinha de stresse. Riu-se baixinho, imaginando uma conversa em que diria: «O meu passatempo? Sou cozinheira de stresse.» Bem, cozinheira de stresse ou não, precisava de alcaparras. A última paragem antes de ir para casa.

Uma mensagem preocupada e impaciente de Adrian fê-la levantar-se de um salto e pedir ao mecânico que apressasse as coisas. Poucos minutos depois, o carro estava pronto e Laura recebeu as chaves de um assistente que não desviava os olhos do seu corpo.

Não tardou a que estivesse na fila para a caixa da mercearia, com um frasco de alcaparras e uma embalagem de peitos de frango. Pô-los no tapete rolante e cumprimentou a exausta operadora de caixa com um sorriso ténue.

— São onze dólares e quarenta e nove — disse esta.

Tirou o cartão e passou-o, estendendo depois a mão para pegar no recibo. Pelo canto do olho, viu algo que lhe chamou a atenção e virou-se. Ficou paralisada. Lá estava ele outra vez, o homem da camisola de gola alta, de olhos fixos nela. Agora mais perto, demasiado, a poucos metros. Tinha rugas de tensão no queixo, na boca, e na forma como os músculos se lhe retesavam sob as faces ao cerrar os maxilares. Sentiu uma onda de pânico indescritível, mas conseguiu não fugir aos gritos. Em vez disso, tentou manter a calma e pensar. Quem poderia ser aquele homem? O que queria?

— Aqui tem, minha senhora — disse a operadora, mas Laura não reagiu.

Não podia chamar a polícia; o homem não fizera nada de mal. Mas não conseguia desviar os olhos dele, petrificada, como se fossem os olhos hipnotizantes de uma serpente prestes a atacar.

— Minha senhora? — insistiu a operadora, estendendo-lhe o recibo.

Laura pegou-lhe com uma mão trémula, interrompendo o contacto visual com o estranho. Dirigiu-se à porta, tentando andar calmamente.

— Minha senhora? — chamou a operadora. — Esqueceu-se dos sacos.

Suspirou e virou-se rapidamente para agarrar nos sacos, desaparecendo depois pelas portas automáticas a passo acelerado. Puxou os fios da camisola e o capuz para cima da cabeça, quase até aos olhos. Estava grata pela chuva pesada que compunha a escuridão daquele anoitecer de inverno. Receosa de olhar por cima do ombro, mas sentindo o medo a estrangulá-la, estugou o passo até ao carro. Ligou o motor, e carregou no acelerador assim que deixou o parque de estacionamento. Só então respirou fundo, mas foi virando a cabeça, olhando para os carros que passavam e pelo retrovisor.

Na curta viagem de elevador até ao seu apartamento, teve alguns segundos para se acalmar. Não queria assustar Adrian.

Conhecendo-o como conhecia, era capaz de sair porta fora e bater as ruas, procurando em toda a parte o estranho que perseguira a namorada. Não, não precisava de nada disso.

Abriu a porta e trancou-a assim que entrou, sem se esquecer de pôr a corrente. Depois, encostou-se a ela, sentindo-se um pouco mais segura.

— Cheguei — gritou, não vendo Adrian.

— Estou no duche — respondeu ele.

Boo apareceu, de cauda hirta e ereta enquanto miava entusiasticamente, esfregando-se depois contra as suas pernas num complicado padrão.

— Olá, *Boo* — disse Laura baixinho, pegando-lhe ao colo e esfregando o rosto no focinho dele. *Boo* ronronou alegremente.

O seu momento de beatitude desvaneceu-se, dispersado pelas memórias ansiosas da experiência recente. Quem era aquele homem horrível? E o que queria? Subitamente, arrependeu-se de não ter olhado por cima do ombro ao sair da loja, para ver se a seguia. E se a tivesse seguido até casa? E se soubesse onde vivia?

Inquieto, o estômago começou-lhe às voltas, e Laura sentiu-se enjoada. Largou *Boo* em cima da mesa e tirou o capuz. Segundos depois, caía frente à sanita, vomitando violentamente.

Sentiu as mãos de Adrian agarrar-lhe o cabelo e afastar-lho da cara. Vomitou mais algumas vezes e depois parou, respirando pesadamente.

— Que raios, Laura? O que se passa? — Parecia zangado.

— Nada — respondeu ela. — Estou enjoada, só isso.

— Só isso? Deixa-me que te diga, não é só isso. É aquela maldita coisa com a Jacobs, é isso que se passa.

— Deus... — apelou Laura, com a frustração a exceder as náuseas. — Não sejas ridículo. Estou só enjoada. Deve ter sido alguma coisa que comi.

— Querida, não tens de fazer isso — insistiu ele, num tom tranquilizador. — Está a deixar-te doente, a stressar-te.

Ela não queria discutir. Quase cada palavra que dissera desde que chegara a casa era mentira. Adrian merecia melhor, e um dia ia compensá-lo.

— Desiste dessa maldita loucura, querida, por favor — apelou ele. — Não nos faças isto.

Laura gemeu.

— Adrian, eu não *nos* estou a fazer nada. Tem que ver com os meus pais, a minha família. E não contigo. Preciso de saber, de descobrir o que aconteceu naquela noite, e algumas destas coisas que a Doutora Jacobs faz são incríveis. Sinto-me mais perto de me lembrar, como nunca estive, e nem sequer comecei com as sessões.

— O que queres dizer?

Ainda estava de joelhos no chão, encostada à sanita, com medo de que os vômitos regressassem.

— Ela ensinou-me a recordar cheiros, sons e a casa, como eram as coisas, antes de me tentar lembrar de mais qualquer coisa. E está a resultar!

Adrian arqueou as sobrancelhas.

— Estás a dizer que te lembras?

— Não, ainda não — respondeu, deixando que toda a tristeza lhe transparecesse na voz e nos olhos marejados. — Mas começo a lembrar-me de coisas *daquela altura*. A recordar-me dos meus pais, do meu irmão e da minha irmã, e da sensação de estar com eles.

— Então e o resto? Tu sabes... aquela noite?

— Não consigo — lamentou-se, baixando a cabeça, derrotada. — Ainda não. Parece um armário escuro; é assustador e tenho medo de o abrir e olhar lá para dentro.

— Talvez seja assustador por um motivo — disse ele baixinho. — Talvez não devesse olhar. Porque haverias de querer reviver a morte da tua família?

— Eu... tenho de o fazer, Adrian. *Tenho*. Não sei porquê, não consigo explicar, mas sempre senti que tinha de ver por mim mesma, ver esse assassino com os próprios olhos.

— Vai ser executado dentro de poucos dias; isso não chega? — perguntou ele, aparentemente irritado.

— Não... Preciso de me lembrar. Não faças isto, por favor.

— Fazer o quê?

— Continuar a insistir desta maneira.

Adrian levantou-se e recuou alguns passos até ao corredor.

— Isto é ridículo. Estás a ser ridícula — disse ele, metendo a mão esquerda ao bolso.

Laura ficou em silêncio durante algum tempo, triste e impotente.

— Sabes, és provavelmente um de poucos homens capazes de discutir com alguém que está doente, ao lado da sanita — explodiu, um pouco mais amarga do que desejava.

Ele virou-se e saiu sem dizer nada, e Laura ouviu-o sentar-se no sofá e praguejar baixinho.

Tinha de continuar a mentir, pelo menos por algum tempo. Não era capaz de lhe dizer que estava grávida. Não assim, não com a sua atitude. Ia passar-se por completo.

Conteve um arrepio. Também não conseguia obrigar-se a falar-lhe do homem da camisola de gola alta nem de quão assustada estava.

EGO SENSÍVEL

Tess estacionou o *Suburban* junto à entrada, ignorando os lugares disponíveis para visitantes. O edifício de dois andares onde se situava o gabinete do xerife do condado de Palm Beach tinha uma nova placa de aço inoxidável a substituir a antiga e enferrujada de que se lembrava. Fora isso, nada mudara desde a última vez que ali estivera.

Foi direita à receção e mostrou o distintivo.

— Agente especial Tess Winnett, FBI. Por favor, mande transportar as quatro caixas de ficheiros que estão no meu veículo lá para cima, para a sala de reuniões, pode ser? — Largou as chaves do carro no balcão, sob o olhar esbugalhado de um jovem que não podia ter mais de vinte e três anos.

— Hum, não posso... Desculpe, mas não posso sair do meu posto, minha senhora — disse ele, gaguejando e ficando vermelho.

As sobranceiras de Tess franziram-se, mostrando a frustração com o quão difícil tudo parecia ser ultimamente. Debruçou-se sobre o balcão, sem sequer disfarçar a irritação.

— O que tenho de fazer...

— Diz só que sim, Jimmy — ouviu Michowsky gritar do segundo andar. — Confia em mim, vai fazer mais pela tua carreira do que imaginas.

Tess acenou na direção de Gary, o seu rápido olhar foi suficientemente longo para lhe dizer que ele não estava feliz por a ver ali. Tinha as mãos nas ancas e não sorria.

Subiu as escadas mais lentamente do que gostaria, sob o seu olhar perscrutador, passando depois por ele a caminho da sala de reuniões. As costelas lançavam-lhe dardos de dor sempre que fazia esforços.

— Também é bom vê-lo, Gary. — Ouviu-o resfolegar atrás dela.
— Ei, Todd — cumprimentou, ao passar pela secretária de Fradella, o parceiro mais novo de Gary. Fradella empurrou a cadeira para trás e virou-se para ela.

— Olá, Tess.

Esperou que eles a apanhassem à entrada da sala de reuniões e fechou a porta.

— Imagine a minha surpresa — disse Gary — quando, esta manhã, recebi uma chamada do meu capitão logo a seguir a termos falado ao telefone. Tirou-nos dos nossos casos e atribuiu-nos a seja qual for a caça aos gambozinos a que anda a dedicar-se. A quem devemos o prazer?

O seu sarcasmo tentava ser mordaz, mas Tess não vacilou.

— Será ao meu chefe, o agente especial responsável Pearson. Julgo que se conheceram recentemente, caso queira agradecer-lhe em pessoa.

Gary ficou inquieto, mudando o peso de um pé para o outro. Todd reprimiu o laivo de um sorriso que lhe curvava os cantos da boca.

— Acabaram-se as tretas? — perguntou Tess com frieza.

Michowsky baixou o olhar zangado e puxou uma cadeira. Fradella seguiu-lhe o exemplo.

— Muito bem — disse Michowsky, soltando um longo suspiro. — Qual é o problema com o caso Watson?

Tess esperou mais um segundo antes de se sentar e puxar das suas notas.

— A versão resumida? Contei-lhe ao telefone. Os Watson, os Meyer e os Townsend não foram mortos por Garza. Precisamos de descobrir quem os matou, tipo ontem. A Laura Watson tem um alvo nas costas depois daquele programa de televisão.

— Tem a certeza? Porquê? Esses casos foram fechados há anos — ripostou Michowsky, soando um pouco preocupado.

— Há discrepâncias que lhe escaparam. Dois dos processos eram seus, caso se tenha esquecido.

— Não, Winnett, é claro que não me esqueci, raios! — explodiu Michowsky.

Ela fitou-o terminantemente e prosseguiu, imperturbável:

— O terceiro, o dos Townsend, foi investigado por um detetive, hum!, McKinley, de Miami-Dade. Não o conheço.

— Isso é porque ele morreu há muito tempo. Um enfarte fulminante — disse Gary.

— Bolas... Esperava que ele pudesse esclarecer porque imputou o caso dos Townsend ao Garza.

— *Imputou?* — reagiu Michowsky, a sua voz aguda quase estrangulada. — Acha que foi isso que eu e o McKinley fizemos? Imputámos casos às pessoas, em vez de investigar?

Tess reprimiu um gemido de frustração, desta vez irritada consigo mesma. Até quando tentava ser diplomática, dizia as coisas que faziam com que as pessoas explodissem e se tornassem defensivas. Esquecera-se de como Gary podia ser sensível. Bastava uma palavra.

— Sabe o que quis dizer — respondeu rápida e apologeticamente. — Queria dizer *atribuiu* ao Garza.

— Sim, pois... — replicou Michowsky, taciturno. — Diga-me, Winnett, a sua carreira está assim tão à deriva que já não lhe atribuem casos a sério? É isso?

Tess susteve a respiração. Seria verdade? Sentiu um súbito impulso de ligar a Pearson e perguntar-lhe porque a incumbira do interrogatório a Garza e o que se passava com a estranha coincidência que Gary referira. A lógica tomou o controlo e Tess travou a sua espiral rumo ao abismo da ansiedade, lembrando-se de que podia continuar de baixa médica essa semana e mais duas. Ela é que insistira em regressar ao trabalho mais cedo. Fora uma decisão sua, e apenas sua. Nada de coincidências. As teorias da conspiração de Gary tinham ido por água abaixo. Quase sorriu.

— Vamos apenas investigar os casos, malta. É só o que peço. Vamos pô-los numa matriz e mapear as discrepâncias.

— Está a desenterrar processos antigos com base na palavra de um assassino em série condenado, Winnett. Sabe isso, certo? — insistiu Michowsky. — Não se importa nem um bocadinho com o que isso me faz, nos faz, aqui na esquadra.

— Não tem de lhe fazer nada, Gary. Mas, se houver um assassino por aí à solta, não vai querer saber? Não quer ter a certeza?

— Eu *tenho* a certeza — ripostou, erguendo a voz. — Tenho a certeza de que o Garza os matou e agora está a mexer consigo, a julgar pela pressa que tem de arranjar problemas e sacrificar-nos. Decerto que neste momento está a divertir-se à grande.

De repente, pareceu-lhe mais velho e cansado. Tess sabia que ele também só regressara ao trabalho uma semana antes, após o traumatismo craniano que sofrera ao tentar ajudá-la. Que reencontro. Deviam estar os três a beber *mojitos* e a partilhar histórias de guerra. Tinham passado por muito e feito um bom trabalho. Ao invés, atacavam-se. Fradella assistia silenciosamente à discussão, com uma expressão de sombria incredulidade no rosto.

— Gary, este assassino vai voltar a matar, e não é o Kenneth Garza — disse ela baixinho, tentando acalmá-lo.

— Diz quem? Um assassino condenado? — vociferou ele. — E, para surpresa de ninguém, a agente especial Tess Winnett, do FBI, acredita na palavra *dele*, em vez de na minha, após vinte e cinco malditos anos no raio da polícia!

No lado de fora da sala de reuniões, algumas cabeças viraram-se. Fitavam-nos através da parede de vidro com olhares desaprovadores. Jimmy aproximou-se, hesitante, e esforçou-se por bater à porta com duas das quatro caixas nos braços. Tess abriu a porta para o deixar entrar, grata pela interrupção.

— Todd, pode sair da sala por um minuto, por favor?

Fradella aquiesceu e saiu, um segundo depois de Jimmy.

— Sente-se, Gary, por favor.

Teimoso, ele permaneceu de pé, espetando o queixo, num gesto de desafio. Tremia ligeiramente, sinal de um profundo tumulto

emocional.

— Por favor — insistiu ela.

Por fim, ele acedeu, cruzando os braços sobre o peito.

Tess estudou-o por um segundo, assimilando as olheiras, o cansaço que parecia emanar, o passo rígido, talvez devido à mesma irritante ciática que o fazia questionar-se sobre a velhice e invejar o parceiro mais novo. Retraiu-se um pouco, ciente do que estava prestes a dizer.

— Gary, não há uma maneira fácil de lhe dizer isto; portanto, vou ser direta. Apanhar um potencial assassino à solta bate o seu ego e a sua preocupação por encobrir quaisquer erros que possa ter cometido. É assim tão simples. Lamento.

Ele fitou-a, atónito.

— Sua cabra arrogante! — vociferou, numa voz grave e carregada. — Já ouvi isso a seu respeito, mas não quis acreditar. É verdade, tão verdade. Sou um maldito idiota, é o que sou.

Tess estava à espera da reação, e recebeu-a, impassível.

— Trabalhe comigo neste caso, Gary — continuou, tão calma como antes —, e prometo que farei o melhor que puder para que, no fim, o Gary pareça um herói.

— Hã?! — reagiu ele, um pouco surpreendido. — Por que raio faria isso?

— Porque o Gary é um bom polícia e um bom homem. O resto é a vida, os pormenores, o caos que nos acontece. Os psicopatas brincam connosco. Às vezes, somos enganados, encurralados em situações das quais não temos culpa.

Gary ficou calado, mordendo o lábio e apertando as mãos. Levantou-se e andou lentamente de um lado para o outro, mantendo as mãos nos bolsos. Não disse uma palavra, limitou-se a parar passado algum tempo e a olhá-la nos olhos antes de tomar a decisão.

Virou-se então para o telefone e marcou uma extensão interna.

— Jimmy? Por que raio demoras tanto com o resto dessas caixas? — Depois desligou e olhou para ela com um laivo de

curiosidade nos olhos. — Vamos lá mapear os malditos casos.

REFLEXÕES: O QUE QUERO

O que quero tornou-se claro a partir do dia em que matei os Watson. Desde aquele momento arrebatador de há quinze anos que sei quem sou, ou pelo menos comecei a descobrir. Sou um predador mortífero. Um caçador experiente com instintos apurados e um coração destemido. Uma morte, e fiquei viciado para a vida. Vivo para a emoção da matança, antecipando quem escolherei a seguir, como o farei, planeando cada pormenor uma e outra vez na cabeça. Contando os minutos até ao dia do banquete.

Viciado, é o que sou. Completamente. Agarrado até ao último osso do meu corpo, mas não descontrolado. Sei que tenho de ser paciente e controlar o ritmo. As melhores refeições saboreiam-se lentamente e em pequenas quantidades. A maior mudança que Allen Watson trouxe à minha vida foi o facto de poder ver com clareza e aceitar aquilo que sou. Estar-lhe-ei grato para toda a eternidade. Dele, não minha.

Sabem, não sou como os outros; nem pensar. A certa altura, também devem ter tido dificuldade em aceitar aquilo que são, talvez tenhamos isso em comum, mas é aí que as semelhanças terminam. Sou um captor, a derradeira máquina de se apoderar. Quando vejo algo de que gosto, não hesito; vou atrás, agarrando a oportunidade. Sempre fui assim, sempre entendi e adorei isso acerca de mim, muito antes de Allen Watson e eu nos termos sequer conhecido.

Desde que me lembro, sempre soube o que queria. Certas pessoas têm vergonha dos desejos e das necessidades. Algumas são doutrinadas na culpa por preceitos religiosos; outras pela sociedade; e ainda pela educação que recebem das suas famílias e comunidades. Não quer dizer que não tenham tentado isso em mim... só que não pegou, nem um bocadinho. Podia fechar os olhos

agora e recitar de cor algumas dessas tretas sem sentido que transformam os homens em ovelhas, geração após patética geração.

Não, não se pode querer ser rico, não abertamente; as pessoas podem pensar mal de nós. Não, não se pode fazer sexo com uma mulher diferente todos os dias; isso é pecado. Perdoem sempre, é bom para a alma.

Bom para a alma, o caraças. Já tentaram matar o homem que vos lixou para ver quão bom para a alma *isso* podia ser? Bem, talvez não para vocês... Estou sempre a esquecer-me de que não somos iguais. Podia destruir-vos, fazer-vos mergulhar num abismo interminável do qual não há retorno. Nunca.

Sim, vou atrás do que quero. O meu problema na altura, logo a seguir aos Watson, foi melhorar o método. Porque, gostasse de o admitir ou não, com os Watson fizera asneira da grossa ao deixar uma testemunha com vida. E já antes acontecera.

Mas essa noite com os Watson foi cheia de revelações; Rachel Watson foi outra surpresa. Fez-me lembrar a minha juventude, com o seu erro quase desastroso. Lembrou-me esse sentimento há muito esquecido de sublime exultação que vem do exercício do poder absoluto sobre outro ser humano. Sobre o corpo vulnerável de uma mulher, deitada indefesa a meus pés, pronta para ser tomada pelo meu corpo.

O que quero é complicado, a verdade é essa. Tão complicado que quase me custou a vida na universidade. Chamava-se Donna e era uma beldade, uma criatura magnífica que não sabia da minha existência. Queria-a; desejava o seu corpo como um viciado anseia pela dose que pode acabar com ele, com mãos trémulas e noites sem dormir. Por isso fi-lo; fiz a minha jogada estúpida e apressada, pejada de indesculpáveis erros juvenis. Tinha um corpinho apertado que se debateu com o meu com cada fibra do seu ser, fazendo os meus sentidos vibrar de prazer de cada vez que a penetrava. Deu-me uma noite para recordar, uma noite que realizou os meus sonhos mais loucos.

Bem, na verdade, não foi propriamente *dar*. Digamos que lhe *tirei* uma experiência sexual como nenhuma outra. É isso que faço... tiro o que quero.

No dia seguinte, Donna desiludiu-me profundamente; denunciou-me à polícia. Inacreditável. Dizem as estatísticas que grande parte dos abusos sexuais não é denunciada, pois as vítimas têm demasiada vergonha de se apresentar. A minha espantosa Donna recusou-se a ser uma dessas estatísticas, infelizmente. Em retrospectiva, talvez tivesse levado as coisas longe demais e ela tivesse precisado de cuidados médicos. Não sabia quem eu era, claro. Visitara-a de noite, às escuras, e tivera o cuidado de não deixar fluidos corporais. A polícia não tinha muito com que continuar.

Imaginem a minha surpresa quando a polícia me bateu à porta no dia seguinte. O meu álibi era inconsistente, mal pensado, porque... bem, porque era jovem e descuidado. Passada uma hora, tinham-me numa linha de identificação na esquadra, e o que senti então é indescritível. A minha vida, tal como a conhecia, estava prestes a acabar. Foi preciso um esforço tremendo para manter um ar inocente e calmo, disfarçar a fúria ardente, esperar que acabasse, esconder as gotas de suor que emergiam constantemente das raízes do meu cabelo e me escorriam pela testa.

Eu não sinto medo como vocês; de todo. É difícil de descrever, mas noto quando as coisas estão prestes a escapar ao meu controlo e a entrar no de outra pessoa. Deixa-me zangado e, acima de tudo, tenso. É uma chatice. Por exemplo, saber que podia ficar preso durante anos devido à minha noite de aventura com Donna deu-me uma sensação que podia ser descrita como medo, embora não fosse. Era mais como um estado concentrado de prontidão, de alerta. Os meus músculos estavam tensos e os neurónios disparavam a toda a velocidade, percorrendo inúmeros cenários para identificar oportunidades e analisar o comportamento dos meus captores em busca de pistas. Nestes momentos, ao contrário do que acontece convosco, o meu ritmo cardíaco mantém-se constante e a

minha respiração abrandava, aprofundando-se, oxigenando cada fibra do meu corpo que precisa de estar pronto para atacar.

Nesse dia, todas as estrelas se alinharam para mim, e soltaram-me sem um pedido de desculpa. Malditos sacanas... Soube mais tarde que a querida Dona tinha apontado para o contabilista da esquadra no alinhamento. Embora grato por essa reviravolta de um destino favorável, fiquei também um pouco frustrado. O homem parecia medíocre, quase humilde. As únicas coisas que tínhamos em comum além do género eram a cor do cabelo e a altura. Como podia uma mulher com quem havia sido tão íntimo, durante tantas horas, confundir-me com... *aquilo*?

Mas ainda bem que o fez.

Infelizmente, após essa maravilhosa noite com Donna e o quase desastre que se seguiu, não me atrevi a tentar outra vez, durante muito tempo. Não fazia ideia de como a polícia me encontrara nem do que fizera mal. Aprendi a refrear os impulsos e esperei que um dia deixasse de sentir o seu ardor insatisfeito no âmago do meu ser.

Nunca parou de arder. Esse fogo acendia-se repetidamente nos meus genitais, exigindo ação. Exigindo-me que possuísse alguém, completa e urgentemente.

Estão a ver, o que quero é primordial. O poder absoluto sobre uma mulher. Lembrem-se, tiro sempre o que quero. Talvez tenham dificuldades em entender porque o faço de forma tão feroz, sem preocupação pelo ser humano do qual escolho desfrutar. Deixem-me explicar da forma mais simples possível.

Alguma vez saborearam uma maçã? Já cravaram os dentes na pele fresca e estaladiça, libertando os sucos que tão deliciosamente vos saciam a sede? Ah, fizeram-no... Nesse caso, eis algumas perguntas para ponderarem: já pediram desculpa a esse fruto por o possuírem, por o consumirem? Pelo infinito prazer que a sua morte trouxe aos vossos sentidos? Sentiram-se mal por ansiarem pelo seu sabor? Alguma vez essa consciência, que tanto se orgulham de ter, vos incomodou com um duradouro remorso por cada maçã que saborearam?

Bem me parecia que não.

PERGUNTAS

Fradella ajudou Tess a fazer uma lista dos três casos no quadro. Colocaram-nos ao centro, por ordem cronológica. Tess esperava descobrir as mortes que o suspeito causara antes e depois, e possivelmente algumas pelo meio, por isso certificou-se de que deixava espaço para quaisquer descobertas desse tipo.

Um pouco à esquerda estava o caso dos Watson, com várias fotografias dos cadáveres como haviam sido encontrados e grandes planos dos ferimentos fatais. Allen Watson fora alvejado duas vezes no peito. As crianças tinham sido mortas com tiros na cabeça, à queima-roupa, ao estilo de execução. Finalmente, Rachel fora esfaqueada três vezes no abdómen.

Com os Meyer, as coisas aconteceram de modo um pouco diferente. O homem fora alvejado duas vezes no peito, à semelhança de Watson, mas a mulher fora torturada antes de ser esfaqueada. A tendência continuava com a família Townsend, com o homem alvejado duas vezes, a filha morta de forma rápida e indolor com uma bala na nuca e a mulher visivelmente torturada e depois esfaqueada.

Tess recuou e olhou para o quadro. Ponderou todas as imagens e analisou os pormenores, como se os visse pela primeira vez. Franziu o sobrolho e murmurou qualquer coisa.

— O que se passa? — perguntou Michowsky.

— Isto não acontece — disse ela, apontando vagamente para o quadro.

— Acontece, pois. Olhe para o Garza. Ele fez muitas destas.

— Não, refiro-me a estes espaços antes dos Watson e depois dos Townsend. Nem pensar que este foi o primeiro crime. Nem que os Townsend foram o último. Temos de descobrir a primeira vítima.

Aposto tudo o que tenho na carteira em como o Watson não foi a primeira vítima.

— Por ser tão organizado? — perguntou Fradella.

— É organizado, cuidadoso e preciso. Não está nem perto do nível de organização de Garza, mas está lá em cima. A família Watson é do mais baixo risco que há. Mas olhem para a evolução dele, passando de homicídio para violação. A história, as estatísticas mostram-nos que os assassinos em série evoluem da violação para o homicídio, não o contrário. — Tess coçou a cabeça e puxou uma madeixa de cabelo para trás da orelha. — Muito bem, vamos mapear esta confusão.

Desenhou uma tabela, pondo o nome de cada família como cabeçalho das colunas e identificando a última como TVG.

— TVG? — perguntou Michowsky.

— Típica vítima do Garza — respondeu Tess. — Vamos mapear as discrepâncias aqui.

— Pensava que presumira que estas três famílias não eram vítimas do Garza, certo? — questionou ele, realçando a confusão com um ligeiro franzir de sobrolho.

— Sim, vamos partir desse pressuposto. Se o Garza tiver matado estas famílias, então não temos nada com que nos preocupar. Vai fritar dentro de dias e ninguém irá atrás da Laura Watson.

— Então, porque está a mapear as discrepâncias? — insistiu ele.

— Precisamos de descobrir quem é realmente este suspeito quando não está a imitar o Garza. Que aspetos da vitimologia, do *modus operandi* e da assinatura lhe pertencem? O que o define?

— Fixe — disse Fradella, saltando da mesa de reuniões onde se empoleirara e pegando num marcador. — Posso tentar?

Com um gesto, Tess convidou-o a fazê-lo.

Fradella acrescentou algumas linhas à tabela e começou a identificá-las à esquerda.

— Temos *modus operandi*, arma, assinatura, vitimologia... foi o que disse. O que mais?

— Por agora é tudo, vamos preencher os campos — convidou-o Tess.

Ele começou a rabiscar notas em cada espaço.

— Acho que a primeira pergunta é: temos um único suspeito para os três casos? Ou mais do que um?

Olharam ambos para ela.

— Dois ou três imitadores num tão curto período? — replicou Gary. — Seria bastante improvável, julgo.

— Concordo — respondeu Tess, mordendo ligeiramente a ponta do marcador. — Pensemos em cavalos, não em zebras.

— Hã?! — reagiu Todd.

— Quando ouvirem cascos, pensem em cavalos, não em zebras — frisou. — É um princípio orientador dos estudantes de medicina, incentivando-os a não perder tempo a correr atrás do improvável. É a versão médica da Navalha de Occam.

— Vamos partir do pressuposto de que é um único suspeito? — perguntou Todd.

— Por agora — respondeu ela baixinho, franzindo mais o sobrolho. — Não, isto não está certo, veem? — apontou para a linha da assinatura. — Não me parece que já conheçamos a sua assinatura. Tortura e violação não são a assinatura, Todd, são parte do *modus operandi*. Para Garza, o que ele fazia depois de ter matado as vítimas era a sua assinatura.

— Como define então a assinatura de um assassino?

Gostava de Todd. Tinha uma mente inquisitiva e absorvia entusiasticamente cada informação. Era inteligente e estava disposto a crescer a nível profissional, ainda que às vezes o ego se interpusse.

— Uma assinatura é o que o assassino faz além do crime em si, a parte de que *não* precisa para executar o crime. No caso do nosso suspeito, os tiros e o esfaqueamento, até a violação, são o seu *modus operandi*, mas não conhecemos ainda a assinatura. É essencial descobri-la, pois permite ver a sua constituição psicológica e as razões por trás de quem é e de porque faz o que faz.

— Não podemos descobrir isso a partir do que temos aqui? — perguntou Michowsky.

— Talvez, mas ainda não descobrimos. Pode ser um mero pormenor. Talvez ele leve lembranças, algo tão insignificante que ninguém reparou que faltava nas cenas dos crimes. Tão simples como tirar fotografias das vítimas. Talvez seja algo que ele faz e que ainda não descobrimos.

Durante algum tempo, circulou diante do quadro, sem desviar os olhos dele.

— Gary, trabalhou no local do crime dos Watson, certo? Diga-me do que se lembra.

Michowsky pigarreou antes de falar.

— Hum, encontrámos o Allen Watson onde a empregada nos disse que estava.

— Hum... Hannah Svoboda? — perguntou Tess, após verificar as notas.

— Sim, foi ela quem ligou para o 112.

— Ah, sim, já sei. Esqueçamos o que está no ficheiro. Diga-me o que sentiu, o que o instinto lhe disse. O que cheirou, ouviu ou sentiu.

— Argh... foi há muito tempo, sabe? — respondeu ele, pensativo. — Lembro-me da televisão aos berros, num canal de desenhos animados. Estávamos tão chocados que demorámos a desligá-la. Primeiro, verificámos a casa, e fui eu quem examinou a cozinha. Foi terrível, pior ainda do que os quartos das crianças no andar de cima. Sangue por todo o lado, como vê ali — acrescentou, apontando para o quadro.

Tess assentiu em silêncio, esperando que ele continuasse.

— Lembro-me de pensar que os padrões do sangue pareciam ter sido perturbados — acrescentou, olhando para o chão e passando uma mão pelo cabelo à escovinha.

— Perturbados? — perguntou Tess. — Como em...

— A maneira como o sangue empoça depois de a vítima ter sido esfaqueada e cair ao chão, certo? Forma uma poça com orlas lisas

e curvas, principalmente numa superfície brilhante e regular como azulejos de cozinha. Esta era diferente, como se alguém tivesse tocado no sangue. A poça era irregular e a orla tinha ângulos e manchas.

— Poderá ser uma assinatura, talvez? — questionou Tess. — Viu o mesmo padrão nos Meyer?

— Em retrospectiva, talvez. Lembro-me de ter pensado nisso na cena do crime dos Meyer, mas concluí que não podia ter a certeza, por causa da tortura. Sabe que ele torturou a mulher.

— Refere-se a Jackie Meyer, certo? — disse Tess, fulminando-o com um olhar implacável. Não lhe agradava a aparente falta de respeito para com as vítimas. O mínimo que podiam fazer era dizer os nomes e tratá-las com a deferência que mereciam.

— Certo — respondeu ele, com uma expressão de perplexidade no olhar.

— Mas é possível, com base naquilo de que se recorda, que o suspeito tenha mexido nas poças de sangue de Jackie Meyer após a sua morte?

— Para fazer o quê?

— Isso não sabemos; mas é possível?

Michowsky levantou-se e dirigiu-se ao quadro. Semicerrou os olhos e examinou atentamente todas as fotografias da cena do crime dos Meyer.

— Sim, suponho que sim — respondeu.

— Muito bem — suspirou ela. — Olhemos agora para os Townsend. Temos mais fotos aqui — acrescentou, abrindo o ficheiro.

— Sim, vejo-o aqui e aqui — disse Todd, apontando para uma das fotos. — O que raio estava ele a fazer?

— *Está* — corrigiu-o ela. — *Está* a fazer. Não temos razões para acreditar que parou.

— Sim, tem razão — concordou.

Tess apoiou as mãos nas ancas e soltou um suspiro frustrado.

— Todd, por favor, tire da caixa um ficheiro do Garza. Qualquer caso serve. Vamos examinar as poças de sangue.

Fradella obedeceu e espalhou as fotos pela mesa. Era uma família de três membros, de Kendale Lakes. A mulher, ruiva, lembrava-lhe a Dra. Jacobs.

Examinou atentamente as fotos, mordendo o lábio inferior e franzindo o sobrolho.

— Ahã! — exclamou. — Pode acrescentar uma linha à tabela das discrepâncias. Chame-lhe poças de sangue. Garza não lhes mexeu. Vê-se onde tirou os corpos do local em que foram mortos, mas as orlas das poças estão intactas. Completamente diferente.

Todd acedeu, hesitando antes de acrescentar a palavra «perturbadas» sob os três casos que estavam a investigar e «intactas» na coluna TVG.

— Estamos mais perto de descobrir a assinatura — disse ela. — Há alguma entrada nas notas forenses sobre estas poças de sangue?

Todd folheou o ficheiro em busca do relatório. Murmurou enquanto o lia e fez o tipo de sons que algumas pessoas impacientes fazem em vez de bater com os dedos.

— Não, nada. É invulgar. Devem ter pensado...

— Devem ter pensado que o Garza o tinha feito e parado de trabalhar. Parado de pensar, de fazer os seus trabalhos — disparou Tess. — Torna o nosso trabalho muito interessante, quinze malditos anos depois.

Michowsky lançou-lhe um olhar magoado e hostil.

— É tão rápida a julgar, Winnett. As pessoas estão a fazer um ótimo...

— Oh, poupe-me, sim? — explodiu ela. — Não diga bom trabalho, porque sabe que não foi.

Fechou a pasta com força e recomeçou a andar de um lado para o outro. Olhou para as feridas abertas das três mulheres esfaqueadas e lembrou-se de algo que lera no ficheiro dos Meyer: «Padrão invulgar de distensão da pele na ferida provocada pela facada. Não foram encontrados quaisquer vestígios.» Perguntou-se se podia existir alguma relação entre essa distensão invulgar e as

poças de sangue alteradas. Uma teoria ténue, a mais ténue que podia ter. A ela, os ferimentos de Jackie Meyer pareciam-lhe iguaizinhos aos de Rachel Watson ou de Emily Townsend, mas o Dr. Rizza podia ter uma opinião diferente.

— Antes de começarmos a correr todos os casos não resolvidos de violação e homicídio dos últimos vinte anos, precisamos de falar com o médico legista. Talvez o doutor se lembre de algo que não está aí.

ALMOÇO EM FAMÍLIA

Laura olhou de forma discreta para Adrian enquanto ele conduzia o seu SUV pelas tranquilas ruas de Miami Shores, exibindo todas elas relvados tratados com esmero diante de grandes e modernas casas americanas, escondidas da vista por vegetação luxuriante. Ciprestes, palmeiras, arbustos em flor — podados e preservados por profissionais — completavam o pitoresco retrato de um bairro para os confortavelmente abastados que não queriam exagerar e acrescentar mais um zero ao preço das suas casas pelo privilégio de viver na faustosa Miami Beach.

Adrian parecia tenso e desconfortável nas suas calças e camisa bem engomadas, longe da rotina habitual, que incluía *T-shirts*, normalmente com mensagens humorísticas, e calças de ganga desbotadas. Passara uma longa e enervante hora a preocupar-se com a indumentária, sentindo a pressão de ter de impressionar a família da namorada durante um longo e pretensioso almoço.

Não era a primeira vez que Adrian se encontrava com a família adotiva de Laura, haviam-se conhecido no Lincoln Road Mall, onde se tinham cruzado. Laura e Adrian, vestidos de forma casual e a comer comida de plástico no restaurante chinês da praça de alimentação, e os Welsh, impecavelmente vestidos, a passear pelo centro comercial como realeza de Miami. Não correria lá muito bem. A bondade e a atitude agradável de Carol tinham parecido forçadas, e o sobrolho franzido de Bradley desvalorizara Adrian, fazendo-o sentir-se inferior e indesejado. À semelhança de qualquer jovem na sua posição, Adrian nunca esquecera o ego ferido.

O carro virou a esquina para Grand Concourse, e Laura remexeu-se no lugar, também um pouco ansiosa. A silhueta da casa onde crescera já não lhe era assim tão familiar, quase lhe parecia

estranha. Saíra quando fora para a escola, mas não era esse o motivo. Nos últimos dias, despendera muito tempo a pensar no passado, mais distante, em que uma casa branca de dois andares em Palm Beach havia sido o seu lar.

Bradley e Carol tinham vendido a propriedade em seu nome, temendo que as más memórias ficassem na casa e viessem a assombrá-la anos depois. Tinham razão, mas ultimamente Laura dava por si a passar pela zona, tentando recordar, sentir algo mais do que a sensação de fatalidade que não lhe saíra do coração desde aquele maldito programa de televisão.

Voltou à realidade quando Adrian desligou o motor. Tinham chegado, e estava estacionado na rua.

— Vá lá — incentivou-o —, estaciona à entrada. Não faz mal.

— Nem pensar — reagiu ele, saindo do carro. Sorriu quando ele se aproximou do seu lado e lhe abriu a porta, como um verdadeiro cavalheiro.

Percorreram o caminho até à porta principal sem dizer palavra, embrenhados nos pensamentos. Laura empurrou a maçaneta e entrou, seguida, após um segundo de hesitação, por Adrian.

— Chegaram — gritou Amanda do meio das escadas, voando pelos amplos degraus na pressa de chegar até eles. Era quatro anos mais velha do que Laura e desde que se lembrava que era a afetuosa e alegre irmã adotiva. Tinha longos cabelos castanhos ondulados e um rosto digno de um cartaz para os nacionais de claqués. Cheia de energia e de alegria de viver, Amanda tornara a vida de Laura melhor a cada etapa. Primeiro namorado, estivera lá para lhe dar bons conselhos. Primeiro desgosto de amor, saíra à socapa e fora comprar uma caixa de *Häagen-Dazs* para partilharem, transformando em riso a amargura nas lágrimas de Laura, salpicado com cinismo por todas as coisas masculinas.

Amanda abraçou Laura com força, afastando-se depois para se voltar para Adrian. Pegou-lhe nas mãos e segurou-lhas ao lado do corpo, como se examinasse um modelo. Ele estava petrificado.

— Bem, olha para ti. Ouvi muitas coisas a teu respeito, mas não és mau de todo — concluiu, na habitual maneira direta e pouco diplomática. — Sim, saíste-te bem, mana — acrescentou, rindo-se e soltando-o. Adrian meteu de imediato as mãos nos bolsos e deu um passo atrás.

Bradley apareceu vindo da cozinha, a limpar as mãos a um toalhete de papel.

— Ei — disse, aproximando-se depois para beijar Laura na face. — Adrian. — Estendeu a mão e o jovem tirou uma das suas do bolso e cumprimentou Bradley firmemente.

— Senhor.

— Candeeiro novo? — perguntou Laura, apontando para o teto. Era diferente do que vira na fábrica — metálico, de aço inoxidável, tendo cada braço uma forma personalizada, uma forma triangular que apontava para cima, com bordos irregulares e superfícies macias e curvas de metal escovado. Cada uma destas secções irregulares escondia uma pequena lâmpada atrás da base, projetando múltiplas sombras triangulares nas paredes. Era um *design* bastante interessante.

— É só um protótipo, algo que me diverti a criar — disse ele, sorrindo para o teto.

— Vamos fazê-lo?

— Oh, não! — riu-se ele. — Os engenheiros disseram que ficaria excessivamente caro; não valeria a pena. Demasiado trabalho a fornecer peças, dado que cada braço tem um molde diferente, um componente distinto.

— Não podemos padronizar?

— Não é assim tão bom, sabes? Vamos, o almoço espera-nos — acrescentou, indicando o caminho para a sala de jantar.

Parecia cansado e preocupado com alguma coisa. Laura deu por si a questionar-se, preocupada. O cabelo preto, curto, parecia cada vez mais recuado, e duas pequenas mas profundas rugas marcavam-lhe a ponte do nariz, uma de cada lado.

— Olá, minha querida — cumprimentou-a Carol, largando depois um arranjo floral para lhe dar um abraço. — Estás um pouco pálida. Está tudo bem?

— Sim, sim, não te preocupes — respondeu, enquanto Carol apertava a mão a Adrian.

— Sabes que é nesse momento que uma mãe se preocupa, certo?

Riram-se todos, uma rápida explosão coberta pelo arrastar de cadeiras e pelo encher de copos.

— Deixa-me ajudar — ofereceu-se Laura, indo atrás de Carol buscar a comida.

Tinham preparado um mimo, ovos recheados e *bruschetta* para entrada, e um assado de vitela com puré de batata de fazer crescer água na boca.

Laura sentou-se ao lado de Adrian, os seus joelhos tocando-se debaixo da mesa. Amanda sentou-se à frente deles e já começara a atacar os ovos recheados. Laura olhou de novo para Bradley. Comia devagar, olhando para o prato, o sobrolho ainda visivelmente franzido.

— *Bon appétit* — disse Carol, erguendo o copo de vinho.

Fizeram um brinde e provaram o sofisticado vinho branco, recomeçando a comer em silêncio.

— Se quiseres, posso vir trabalhar contigo a tempo inteiro a partir de setembro — disse Laura, abrindo a conversa, ciente de quão silenciosos estavam. — Posso acelerar as coisas e acabar mais cedo.

Bradley ergueu os olhos do prato e sorriu, um sorriso sombrio que não lhe chegou aos olhos.

— Então e o teu MBA?¹

— Pode esperar — respondeu ela. — Achei que talvez a ajuda te desse jeito.

O seu sorriso aumentou, dissipando algumas das sombras.

— Estou bem; posso aguentar-me sozinho por mais algum tempo. Não sou assim tão velho, sabes? — respondeu, divertido.

— Eu sei que podes — insistiu Laura. — Só que pareces um pouco cansado. Apenas quero ajudar. Além disso, a Amanda já trabalha, porque é que eu não posso?

— Ah, nem vás por aí — respondeu Amanda. — O meu pai, sim, ele arranjou-me um estágio num maldito jornal. Acreditas? Que desperdício horrível do meu tempo!

— Oh? — reagiu Laura. — E qual é o mal?

— É só o *Miami Daily*, o maior jornal da Florida — respondeu Brad, comendo outra garfada da deliciosa *bruschetta*.

— É um jornal, gente — replicou Amanda, o mais ofendida possível. — Quando foi a última vez que leram um jornal? Hã? São os dinossauros da indústria da informação e estou a perder o meu tempo lá.

— És licenciada em jornalismo, não és? — interveio Carol, na sua voz calma e apaziguadora.

— Sou, sim, mas qual é o mal da televisão? Porque não estagiar na CBS? A única coisa que estou a aprender é como preparar uma empresa de comunicações para o capítulo 11.²

Adrian deixou cair o garfo e o tinido trouxe à mesa um silêncio acompanhado de olhares furtivos. Adrian corou e murmurou um pedido de desculpas, enquanto Amanda lhe esboçava o seu sorriso radiante.

Carol serviu o assado, provando depois o primeiro bocado, de olhos fixos em Laura. Engoliu e disse:

— Esqueçam o drama dos jornais, nunca lhe veremos o fim, certo?

Amanda lançou-lhe um olhar magoado. Ver as duas juntas era engraçado. Amanda era uma versão mais jovem e mais rebelde da mãe. A beleza de Carol ainda se mantinha, reforçando o seu aspeto sofisticado.

— Estou mais preocupada contigo — prosseguiu ela, olhando para Laura. — Estás a perder peso?

— Ahã — respondeu Laura, de boca cheia.

— O que se passa com essas sessões que andas a fazer? Tens-nos preocupado.

Laura engoliu e pousou o garfo, quase revirando os olhos.

— Tenho de fazer isto. Tu, mais do que ninguém, devias entender.

Brad olhou de novo para o prato, franzindo os lábios, visivelmente desagradado com o rumo da conversa.

— Porquê passar por isto? Só te pode fazer mal, querida — insistiu Carol. A sua voz calorosa lembrou Laura de quando era mais nova, crescendo na serenidade do seu lar e tendo a mesma voz calorosa a guiá-la pelos primeiros desafios da vida. Sentiu que os olhos se marejavam.

— Preciso da tua ajuda, meu jovem — prosseguiu Carol, virando-se para Adrian.

— Oh, não precisa de pedir, minha senhora. Estou de acordo. Mas sabe como é a Laura — respondeu ele, encolhendo os ombros.

— Recuem, por favor — pediu Laura, sentindo as lágrimas a sufocá-la. — Tenho de fazer isto; é importante para mim. A decisão está tomada.

Olhou em redor da mesa em busca de um rosto solidário, mas não encontrou nenhum. A expressão sombria de Brad não era algo que tivesse visto no passado, salvo raras exceções. Sempre estivera lá para ela, incentivando-a a fazer o que quisesse, ajudando-a a esquecer que não era sua filha. Até Amanda olhou para o prato.

— É a atenção mediática? — perguntou Adrian, pegando na mão de Laura. — É isso que procuras?

Laura levantou-se de um salto, incapaz de impedir que os olhos se enchessem de lágrimas. Uma onda de tristeza atingiu-lhe o peito. Nesse instante, sentiu-se sozinha no mundo, enquanto as poucas pessoas que amava se juntavam para a atacar. Tapou a boca com a mão e pôs todas as palavras que não podia dizer no olhar lacrimoso que lançou a Adrian antes de sair da sala.

1 *Master of Business Administration*: grau acadêmico de pós-graduação voltado principalmente para as áreas de gestão e administração de empresas. (*N. da T.*)

2 Capítulo da Lei de Falências dos Estados Unidos que permite a reorganização de empresas. (*N. da T.*)

CONCLUSÕES DA AUTÓPSIA

Tess ia à frente no caminho até à morgue, ignorando os comentários sussurrados por Gary e Todd poucos passos atrás dela. Estava ansiosa por saber mais sobre os três casos anómalos e sabia que, se alguém em toda a zona do condado de Palm Beach fizera bem o seu trabalho, essa pessoa teria sido o Dr. Rizza, o médico legista.

As portas automáticas abriram-se e Tess entrou, recebida por uma vaga de ar frio e húmido, carregado do cheiro a desinfetante. Deu uma rápida olhadela e viu que as duas mesas de exame estavam vazias. Suspirou, aliviada. Ver um cadáver na laje fria dava-lhe sempre arrepios, lembrando-lhe o pouco que separara o seu destino do das vítimas de violação com que Rizza trabalhava. Sim, dez anos antes, podia ter acabado naquela mesa, mas, de alguma forma, sobrevivera. No entanto, ver a morgue não a deixava orgulhosa por ter sobrevivido; sentia antes uma imensa tristeza por todas as raparigas que não o tinham conseguido.

O Dr. Rizza levantou-se da cadeira e veio cumprimentá-los, com um grande sorriso no rosto rechonchudo. Fora o único a não franzir o sobrolho ante a sua presença ali. Conheciam-se há muito tempo, e eram ambos excelentes no que faziam. Ao longo dos anos, haviam formado uma aliança tácita, e a camaradagem de Rizza era algo que Tess apreciava, em contraste com as fricções jurisdicionais e comportamentos defensivos desenvolvidos com os restantes elementos do gabinete do xerife do condado de Palm Beach.

— Bem, cá está a Tess outra vez — disse Rizza, abraçando-a ligeiramente. — Parece bem depois da última aventura, mas sei que as costelas rachadas podem doer durante muito tempo, por isso nada de abraços de urso para si hoje, minha menina.

Tess riu-se, enquanto Gary e Todd ficavam à espera, um pouco tensos. O Dr. Rizza fazia parte da sua equipa, e talvez se sentissem traídos ao vê-lo cumprimentá-la tão calorosamente.

— Ouvi dizer que vinha — continuou Rizza. — Qualquer coisa que ver com o Garza?

— Pelo contrário — respondeu ela, puxando uma cadeira para a frente da mesa vazia. — Temos três casos que precisamos que examine e que nos diga aquilo de que se lembra.

Colocou os três ficheiros em cima da mesa e viu o Dr. Rizza pôr os óculos e abrir o primeiro.

— Watson, sim. Lembro-me deste. — Folheou a pasta, murmurando «ahã» a cada poucos segundos. — Quem mais? Os Meyer, sim, e a família Townsend.

Tess esperou pacientemente que ele refrescasse a memória. Depois, ele desapareceu na arrecadação contígua, abriu um dos grandes arquivos e vasculhou-o, extraindo os seus próprios registos dos três casos.

— Muito bem, estamos prontos. O que quer saber?

— Acho que estas três famílias foram mortas por outra pessoa, não pelo Garza.

— O quê?! Como assim?! — Ficou de boca entreaberta, enquanto passava a mão pelo cada vez mais escasso cabelo desgrenhado que ainda lhe crescia junto ao cocuruto.

— Doutor, pode confirmar que a Emily Townsend foi violada? É um grande desvio do *modus operandi* do Garza.

— Hum, sim, está escrito aqui — confirmou, apontando para um parágrafo do seu relatório.

— Sim, eu vi isso, estou só a confirmar. — Olhou para o teto, pensativa. Estaria Garza a brincar com ela? Como sabia ele que a Sra. Townsend fora violada?

Virou-se para Gary.

— Houve um interrogatório formal a Kenneth Garza no caso Townsend?

— Deve ter havido — respondeu Gary. — Mas o processo não era meu, por isso não posso ter a certeza.

— Bem, ou ele foi interrogado sobre a violação ou então ouviu nas notícias.

— Não me lembro de essa informação ter sido tornada pública — observou Gary.

O seu olhar demorou-se distraidamente no rosto de Todd enquanto ponderava opções. O que Gary pudesse ou não recordar não era sólido para ela.

— Está bem, eu faço-o — disse Todd.

— O quê?

— Verificar as notas de imprensa da altura para ver se esta informação alguma vez foi tornada pública. Escavar nos arquivos.

— Fradella, é o maior — respondeu ela.

— É o que todos dizem — gracejou Todd.

— Principalmente as senhoras — acrescentou Gary, mas não havia nenhum sorriso a acompanhar as palavras. — Inúmeras senhoras, sabe?

— Está com ciúmes? — perguntou Tess. — A sério? Ele tem metade da sua idade, Gary. É a vez dele, agora.

Gary resmungou algo ininteligível e ela deixou cair o assunto.

— Doutor, o que pode dizer-nos sobre estes três casos? Começemos por assumir que Garza não matou nenhuma destas pessoas, e presumamos que foi um único outro assassino.

Rizza esfregou pensativamente o queixo, enquanto os seus olhos corriam de um relatório de autópsia para o seguinte.

— A primeira coisa que importa mencionar é que o intervalo entre o momento da morte dos homens e o das mulheres está a aumentar.

Tess franziu um pouco o sobrolho e debruçou-se sobre a mesa para ver ao que se referia.

— O senhor e a senhora Watson foram mortos mais ou menos na mesma altura. As temperaturas dos respetivos fígados eram quase iguais, com a mera diferença de 0,2 graus. Isso situa a hora das

mortes à distância de poucos minutos. Com a família Meyer, vemos um intervalo, e expliquei-o salientando que Jackie tinha sido torturada durante três, talvez quatro horas antes de ser morta, *depois* de o marido morrer. Finalmente, no caso Townsend, Ralph e Cindy, a filha, morreram por volta das nove e meia da noite, enquanto Emily morreu cerca das três e meia da manhã do dia seguinte. Seis horas depois.

— Demorou assim tanto tempo a morrer? Vejo que a causa foi exsanguinação devido a traumatismo perfurante.

— Não — respondeu o Dr. Rizza, abanando vigorosamente a cabeça. — A facada fatal cortou-lhe a artéria ilíaca comum direita. Esvaiu-se em sangue em minutos.

— Mas antes disso ele torturou-a e violou-a durante seis horas? — perguntou Tess.

— Exato. Começou por a esfaquear superficialmente ali. A dor deve tê-la logo subjugado, mas a facada em si não foi fatal. Foi uma forma de contenção.

Sentiu que uma onda de náusea a atingia e agarrou-se à ponta da mesa para se firmar.

— Descreva-me o que aconteceu às três mulheres — pediu baixinho.

— A morte de Rachel Watson foi a mais limpa — respondeu ele, examinando Tess, inquisitivo.

Tess desviou o olhar. Era perspicaz, o Dr. Rizza, como qualquer bom médico legista devia ser.

— Foi esfaqueada três vezes, dois dos ferimentos mais hesitantes, superficiais, sendo o terceiro o fatal, profundo, cortando quase por completo a aorta abdominal. Deve ter morrido no espaço de um ou dois minutos.

— Hesitante? Como se nunca tivesse feito aquilo? — perguntou Gary.

— É uma possibilidade — respondeu Rizza. — Embora, se eu fosse de apostas, o que não sou, apostaria que já matou antes, só

que nunca esfaqueou ninguém. Os tiros dados a Allen Watson e às crianças não mostram qualquer hesitação.

— Esfaquear é pessoal — acrescentou Tess. — Podemos presumir que a Rachel Watson era o verdadeiro alvo?

— Da perspectiva estritamente médico-legal, e com a conjuntura das outras duas vítimas do sexo feminino, sim. Mas não posso presumir. Não é esse o meu trabalho. Compete-me enunciar os factos e deixar-vos inferir tudo o que quiserem.

— E quanto à Jackie Meyer?

— Foi torturada. Tinha marcas profundas nos seios e nas coxas de mordeduras que romperam a pele. Mostra aquilo a que chamamos excesso: múltiplas facadas profundas e potencialmente fatais desferidas de forma repetida. A incisão letal foi esta aqui, na parte inferior do abdómen.

Tess fechou os olhos por uma fração de segundo, olhando depois para algumas fotos adicionais que não estavam no ficheiro que ela tinha. Engoliu em seco, forçando o estômago enjoado a voltar para o seu lugar.

— Outra coisa — disse o Dr. Rizza —, ele tornou a vesti-la.

— Ia perguntar-lhe como tinha sido mordida e esfaqueada tantas vezes quando foi encontrada com as roupas vestidas.

— É uma boa questão. Descobri aqui algum sangue, por baixo deste botão — esclareceu ele, apontando para a blusa de Jackie Meyer. — Foi encontrada de costas, e este botão está centímetros acima dos ferimentos. Tecnicamente, não devia haver sangue ali, entre o botão e o tecido, a menos que ela tivesse sido vestida após as mordeduras e a tortura, por alguém com luvas manchadas de sangue.

— Acha que o facto de ele ter voltado a vesti-la explica as manchas que vemos nas poças de sangue?

— Provavelmente — respondeu o Dr. Rizza. — Talvez haja outros fatores em jogo, mas não posso afirmar ao certo quais.

— Analisemos isto — pediu Tess. — Ele entra na casa, dispara contra o marido, e depois?

— Depois esfaqueia a mulher uma vez, aqui — replicou ele, apontando para uma pequena ferida aberta do lado esquerdo do abdómen de Jackie Meyer. — Não é fatal; falhou os órgãos e os vasos sanguíneos vitais, cortando-lhe apenas o baço. Muito doloroso. Com um ataque destes, ficou imediatamente subjugada, incapaz de fazer fosse o que fosse para se defender. Depois, durante três ou quatro horas, mordeu-a e cortou-lhe a carne, causando inúmeras feridas superficiais até à facada final.

Ficaram em silêncio por segundos, enquanto Tess e Gary reviam as fotos, com a nova perspetiva.

— Doutor, o que queria dizer com «padrão invulgar de distensão da pele na ferida provocada pela facada. Não foram encontrados quaisquer vestígios»? Vê? Aqui mesmo — apontou para a entrada no relatório.

— Ah, sim. Tem que ver com este ferimento, a facada fatal. Sabe o que são linhas de Langer?

— Não — respondeu Tess, olhando depois para Gary. Ele abanou a cabeça.

— São linhas de tensão natural na pele, devido à orientação das fibras de colagénio na derme. Correm paralelamente às fibras musculares subjacentes e são a razão para a cicatriz de a sua apendectomia ser oblíqua. Sabe, se se cortar ao longo das linhas de Langer, não há tensão para abrir a incisão. Mas se o corte for perpendicular a estas linhas de tensão, então a ferida abre naturalmente. Como vê na maior parte destes ferimentos na lateral do abdómen, mas não aqui, no centro, onde as linhas de Langer correm na vertical.

— Certo, percebi — respondeu Tess.

— O comentário que encontrou no meu relatório tem que ver com este ferimento, a facada fatal, que parece mais aberta do que podemos atribuir às linhas de Langer. Os extremos da ferida parecem ter sido ligeiramente forçados.

Tess franziu o sobrolho e sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha.

— O que significa?

— Que é possível que algo tenha sido introduzido na ferida. Seja o que for, não deixou vestígios.

— Oh, Deus... — disse Gary. — Por favor, diga-me que não foi...

— Não sabemos o que foi e não podemos especular — interrompeu-o o Dr. Rizza, sombrio. — Não há vestígios.

Tess quis falar, mas não lhe saiu nenhum som. Pigarreou e tentou novamente.

— E quanto à Emily Townsend?

— A mesma história, mas sem mordeduras. Violou-a múltiplas vezes, após ter sido esfaqueada, mas antes de desferir o golpe fatal. Deve ter sido um banho de sangue, mas não foram encontrados vestígios nem ADN.

Tess fechou os olhos, tentando afastar as imagens que se formavam na sua cabeça. Sentiu então uma vaga de fúria a crescer.

— Como foi possível atribuir tão levianamente estes três homicídios ao Homem de Família? Vejo cada vez mais discrepâncias, e só estou a investigar há algumas horas.

— Na altura, não pareciam assim tão diferentes, sabe? — respondeu calmamente o Dr. Rizza. — Quando vimos o esfaqueamento nos Watson, presumimos que ele estava a evoluir. O mesmo se passou com os outros dois casos. Quem poderia saber, na altura, que o Homem de Família continuaria a matar durante anos, sem alterar o *modus operandi* nem a assinatura? Por alguma razão dizem que a retrospectiva tem uma visão perfeita.

— Então e a assinatura horrenda do Garza, que não apareceu em nenhum destes casos? Isso não incomodou ninguém?

Gary franziu os lábios, prestes a explodir.

— Sim, e lembro-me bem dessa conversa — continuou o Dr. Rizza. — Mas na altura não entendíamos o cérebro dos psicopatas da maneira como o entendemos hoje, após vários anos de investigação em ressonâncias magnéticas funcionais.

— E quanto ao resto dos casos do Garza? Viu alguma coisa que se assemelhasse remotamente a estes?

— Não. Não houve esfaqueamentos em nenhum além destes três, que agora, no nosso enquadramento atual, faz mais sentido excluir. Acima de tudo, a assinatura do Garza foi sempre a mesma, rigorosamente.

— Diga-me. Só sei o que li nos ficheiros, mas gostaria de ouvir a sua perspetiva.

O Dr. Rizza respirou fundo antes de prosseguir, exalando depois lentamente.

— Excluindo estes três, posso dizer que todos os casos foram idênticos. Provavelmente, Garza entrará para a história dos assassinos em série, pois não evoluiu em nada. Matava de forma rápida e indolor, todos os membros da família. Depois, posicionava-os à volta da mesa de jantar e passava um longo período com eles. *Vivia* com a família morta. Dormia na sua cama, comia com eles à mesa, via televisão, tomava duche. Acreditam nisto?

Tess e Gary olharam para o Dr. Rizza, ambos sem palavras, à espera que ele continuasse.

— A morte é suja; vem com a perda total do controlo dos esfíncteres. Podem imaginar comer à mesa com gente morta e em decomposição? Argh... Seja como for, após trinta e seis a quarenta e oito horas, ia-se embora, a tempo de evitar ser apanhado por empregados ou amas. — Parou por um segundo. — Deixou muito ADN e bastantes vestígios nas cenas do crime. É normal, quando se tem em conta que viveu tanto tempo naquelas casas. O ADN que tínhamos recolhido permitiu-nos condená-lo, embora nestes três casos não haja provas de ADN. Limitámo-nos a presumir que ele não pôde ficar, pelo que não deixou nada. Acho que foi um grande erro a maneira como descartámos a ausência de ADN. Oh, e os registos dentários não correspondiam.

— Como assim? — perguntou Gary.

— Tirámos moldes das mordeduras de Jackie Meyer. Tenho tudo aqui. — Extraiu um saco de provas de uma caixa e desembulhou vários moldes de cor creme. — Este é o molde da mordedura do assassino dos Meyer. Não corresponde ao Garza, mas explicámo-lo

facilmente. A análise de mordeduras não é uma ciência assim tão exata.

Tess franziu mais o sobrolho.

— O que é isso?

— Este? — O doutor apontou para outro molde. — É o molde de uma facada, um dos ferimentos fatais dos Meyer. Tinha esperança de que nos ajudasse a reduzir a lista de possíveis armas do crime.

— Não parece uma faca — replicou Tess, examinando-o, curiosa.

— Isso é porque se trata de uma ferida abdominal. Assim que a faca foi retirada, os órgãos reorganizaram-se na cavidade e a maior parte do padrão do ferimento ficou comprometida. Não acrescentou qualquer valor, mas já tinha tirado o molde, por isso guardei-o nos arquivos. Os moldes só trazem valor em ferimentos que atravessam músculo ou osso.

— Continuo sem entender como é que estes três casos foram juntos aos do Garza. Estão a mundos de distância.

— Não propriamente — respondeu de novo o médico, com uma calma inabalável. — Contra trinta e um casos idênticos, estas discrepâncias parecem pequenas anomalias. Talvez tivesse sido interrompido, sem tempo para o ritual. Talvez tenha esfaqueado a senhora Watson porque ficou sem balas. Ou talvez tivesse sido perturbado. Mais uma vez, talvez estivesse a evoluir naturalmente, como acontece com a maioria dos assassinos em série.

Parou de falar por alguns momentos, esfregando depois a testa com um grande suspiro.

— Suponho que talvez tivéssemos demasiado medo de pensar que podíamos ter dois monstros a matar famílias na nossa cidade. É possível que não pudéssemos sequer conceber essa ideia. — Engoliu em seco e bebeu alguma água da garrafa aberta. — Sim, em retrospectiva, acho que tem razão, Agente Winnett. Devíamos tê-lo visto há muito tempo.

REFLEXÕES: A ARTE DA ESCOLHA

Imaginem-se com fome, ávidos, ansiosos por uma dentada de sabor gratificante. Estão diante de uma taça de cristal cheia de exuberantes e apetitosas maçãs. Imediatamente, uma *red delicious* chama a vossa atenção. Quase a retiram do monte, enfeitados pelos contornos em forma de coração de um brilhante e vivo vermelho, a cor do sangue fresco. Antecipam o ruidoso estalido que os dentes produzirão ao arrancar um fresco e estaladiço pedaço.

Uma maçã *gala* sorri-vos, aninhada ao lado da *red delicious*. É a mais doce, brilhante e gloriosa na sua pele vermelha e amarela, perfeita na unicidade. Por baixo, uma *breaburn* brilha de verde, amarelo-dourado e vermelho-pálido, para o caso de ansiarem pelo despertar do seu rebelde gosto ácido. Se gostam que as maçãs deem luta, é ela a vossa escolha. Essa e a *cripps pink*, quase invisível debaixo das outras, mas igualmente ácida e estaladiça. Ou talvez prefiram o sabor desenvolvido de uma doce *fuji*, para vos satisfazer os sentidos mais refinados. Vá lá, não deixem que a vossa mão hesite, escolham uma e desfrutem! Absorvam o cheiro a cada gloriosa dentada. Sintam o desejo abater, substituído por uma profunda satisfação.

Seja qual for a escolha, quero perguntar-vos: o que vos fez escolher uma maçã entre todas as outras? Podem explicar? Claro que a ciência gastou recursos valiosos a reunir inúmeras palavras compridas agrupadas em frases ainda mais longas para justificar o ato de escolher. Quando, na verdade, é simples.

Enquanto seres humanos educados, adoramos o privilégio da escolha. Vem com a riqueza, a abundância e a liberdade, e damos-lhe um valor imenso. Com uma única maçã na taça, não há opção. Sim, há ciência atrás de cada escolha.

Mas considero-a, acima de tudo, uma arte.

Tem que ver com a antecipação da recompensa que cada maçã trará. E com a satisfação por que ansiamos, com a constante procura de gratificação que nos escraviza. É assim que escolho as minhas maçãs e provavelmente é também assim que as escolhem. Decido-me sempre pela que possui maior potencial para uma experiência deliciosa. A que tem maiores probabilidades de satisfazer os meus sentidos sedentos.

Foi assim que escolhi Jackie Meyer. Para mim, era uma *honeycrisp*. Cabelos claros, de louro-arruivado, olhos verdes e pele perfeita. Passou por mim, sem saber quem eu era, e continuou com o seu dia a dia sem se aperceber de que, desde então, eu estava sempre alguns passos atrás dela. Quando não a estudava, planeava cada detalhe do meu banquete, certificando-me de que ninguém acreditaria que a culpa não era do Homem de Família. Imitá-lo fizera maravilhas com os Watson e não havia qualquer motivo para que não resultasse de novo.

Pouco depois, tinha tudo planeado e conhecia a sua vida ao pormenor. Marquei a data e, nos dias anteriores, debati-me com o fluxo incessante de adrenalina. Já não conseguia dormir, e as minhas mãos tinham um tremor quase permanente que desde então aprendi a associar a uma entusiástica antecipação. Vivia a café e adrenalina.

Comecei a ir cada vez mais ao ginásio. Depois dos Watson, inscrevera-me num ginásio, percebendo que tinha de desenvolver as forças para poder desfrutar desses momentos especiais sem limitações físicas impostas pelo meu corpo. Precisava de estar forte e em forma, mais forte do que nunca. Treinei-me diligentemente, seis dias por semana, e isso notou-se. Também me ajudou com a ansiedade. Sim, estava ansioso, tenho de admitir. Não assustado, é diferente. Um predador não tem medo, e eu também não tinha.

Deparava-se-me uma escolha difícil. Queria possuir Jackie por completo, mas a ideia de Donna e daquele quase desastre na universidade continuava a coibir-me. Tinha uma vontade tremenda

de sentir por completo esse poder sobre ela, com o âmago do meu ser. Mas não estava pronto... ainda não. Sobretudo para o fazer bem, sem correr riscos inaceitáveis.

Mas trabalhava para isso, o mais depressa possível, sem levantar suspeitas. Precisava de aprender tudo o que pudesse sobre a análise forense de uma violação, provas de ADN, o rumo de uma investigação normal. Era muito, e eu ainda não estava pronto. Mas não podia esperar mais. Ansiava pela minha *honeycrisp* a cada respiração. *Eu* não podia esperar.

Nos meus sonhos, sentia o cheiro da sua pele quente, e todas as manhãs acordava ereto e ansioso por me perder na sua suavidade, por saborear cada centímetro da sua sedosa perfeição. Estava em sofrimento.

O dia do banquete não me desiludiu muito. Os seus olhos verdes tornaram-se quase negros quando gritou, implorando a minha misericórdia. O seu corpo magro e pálido contorceu-se sob as minhas mãos, cada vez mais fraco, até conceder a derrota. Quando os meus dentes trespassaram a pele branca do seu seio, a minha boca encheu-se do seu incrível sabor. Demorei algum tempo com ela, seguindo os passos que tão cuidadosamente planeara ao longo de dias seguidos. A emoção de exercer tanto poder sobre o corpo de uma mulher não pode ser exprimida em palavras. Já antes tentei e falhei. Não sou capaz de transmitir a exultação, a poesia de tão grande euforia. Queria que durasse para sempre.

Nada dura, porém.

No dia seguinte, tive de regressar à vida normal, com a memória da minha experiência recente como companhia durante as partes mais aborrecidas dos meus dias, e uma pequena lembrança, algo cuja falta ninguém notará. Sim, tenho uma vida normal, sabem, que é a ponta do icebergue que eu sou. Durante muito tempo, trabalhei arduamente para me tornar normal, para extinguir esse fogo consumidor que grava sonhos de luxúria e de poder no tecido da minha alma. Não poupei esforços. Acabei a universidade e tornei-me bem-sucedido no trabalho. Casei-me com uma linda mulher e

construí uma família. Cheguei a ir à igreja de vez em quando; não por ser crente, mas porque é o que esperam de mim, e é assim que mantenho o poder sobre todas as pessoas na minha vida. Tornei-me muito bom no que esperam de mim, a ser o homem poderoso e bem-sucedido com uma boa família e uma boa vida.

Isso significa, meu caro amigo, que se alguma vez se tornar a maçã que me prende o olhar, não vai dar conta da minha aproximação.

O CAMALEÃO

De regresso à sala de reuniões, ninguém disse uma palavra. Tess ruminava a informação partilhada pelo Dr. Rizza, e quanto mais pensava nas coisas, mais estas faziam sentido. Via que partes dos homicídios pertenciam ao suspeito e quais tinham sido feitas devido à necessidade de imitar o Homem de Família. Os dois conjuntos de atributos dos locais do crime separavam-se agora claramente, como azeite e água.

Fradella entrou a correr, ainda ofegante. Provavelmente, subira os dois lanços de escadas à pressa.

— Não partilhámos a informação — disse ele. — Não há qualquer indício de que a violação no caso Townsend tenha sido divulgada à comunicação social.

Michowsky soltou um curto e ruidoso suspiro.

— Então sabem o que se segue?

— Os interrogatórios? — perguntou Fradella.

— Sim, todos. Precisamos de ter a certeza de que ninguém lha mencionou durante um interrogatório.

— Mas isso são horas infindas... Há anos que o apanharam e de vez em quando alguém vai lá falar com o pulha.

— Ou então limito-me a ir perguntar-lhe outra vez — sugeriu Tess. — Talvez seja um melhor uso do nosso tempo.

— E ele vai abrir-se de repente e partilhar, hã?! — ripostou Michowsky. — Quão iludida pode estar, Winnett?

— Falará comigo; tenho a certeza.

— Por que raio haveria ele de fazer isso?

— Porque fui a primeira polícia a levá-lo a sério acerca destes três casos. Mais ninguém quis saber.

— Lá isso é verdade — concordou Michowsky, sombriamente.

Tess não lhe prestou atenção, mantendo-se focada nas fotografias dos locais dos crimes coladas no quadro. Os intervalos na cronologia antes dos Watson e depois dos Townsend eram o que mais a incomodava.

— Sei o que ele é, este suspeito — disse ela. — É um camaleão. Tal como imitou o Homem de Família, pode ter imitado outros.

— Mas isso não vai contra tudo o que sabemos sobre assassinos em série? — replicou Todd. — Aquilo que li acerca do assunto diz que cada assassino tem o seu *modus operandi*, a sua própria assinatura, algo em linha com a patologia específica.

— Isso está maioritariamente correto, sim — assentiu Tess.

— Maioritariamente? Como?

— Não me parece que entendamos toda a sua patologia, ainda não — respondeu Tess. — Até descobrirmos o que aconteceu aqui — acrescentou, apontando para o intervalo no quadro antes dos Watson —, não podemos entender plenamente as suas motivações. Não temos informação suficiente.

— É obviamente um predador sexual — disse Gary.

— Sim, embora tenha dificuldades em entender a sua evolução distorcida. Os assassinos em série evoluem da violação para o homicídio, não o contrário. Alguma teoria?

Remexeram-se um pouco, mas mantiveram-se em silêncio.

— Muito bem, vamos ser claros — sugeriu Tess. — Ele passou de ausência de tortura para quatro horas e depois seis. Está a evoluir em termos de tortura. Se consideramos a tortura como um preâmbulo para a violação, então sabemos o que preparava. Se sabemos isso, então identificámos a sua patologia central, que é excitação por raiva. O resto foi... camuflagem. São as mulheres que ele quer. Por isso é que a vitimologia não fazia sentido nenhum.

— Mas acaba de dizer que não podemos entender a sua patologia porque nos falta informação — observou Fradella.

— Disse que podemos entender a sua patologia *central*, mas não mais do que isso. Ainda não sabemos porque evoluiu desta forma. De onde vem este suspeito? Não sabemos.

Todd pegou no marcador à beira do quadro e traçou outra matriz de vitimologia.

— Quando examinámos a vitimologia para as famílias — disse ele —, não havia denominadores comuns, além da faixa etária, entre os trinta e os quarenta anos, e do facto de serem famílias suburbanas de baixo risco. Estas nunca interagiram, nunca percorreram os mesmos caminhos. Mas as mulheres também não, pois investigámos de igual modo os seus contextos.

— Sim, é verdade, mas olharam realmente para as mulheres? Só as mulheres, retiradas do contexto da família? O que veem? — Tocou em três fotografias, retratos das três vítimas tirados quando estavam vivas.

— Oh, Deus... — murmurou Gary.

— Está a ver, certo? — perguntou Tess, olhando para Todd.

— Sim, estou. Mesma altura, mesma constituição, cabelo louro, olhos azuis ou verdes. Podiam ser irmãs.

— Podiam. Descartemos o resto das famílias. Isso foi um engodo. O que vemos? Como investigamos estes casos agora? E por que raio não torturou nem violou a Rachel Watson?

O silêncio engoliu de novo a sala de reuniões.

— Vá lá, malta. Talvez antes imitasse outra pessoa. Quem estava ativo na região na altura? Antes dos Watson? Conhecem a regra. Se descobrirmos o seu primeiro crime, encontramo-lo.

Fradella olhou para Michowsky em busca de resposta.

— Não me lembro de ninguém da magnitude do Garza, não desde que entrei para a polícia. Mas a questão é que o Garza matou durante anos antes dos Watson. Onde estava ele, este perpetrador?

Tess suspirou, frustrada. Aquilo não levava a lado nenhum. Então, os seus olhos pousaram num mapa do Sul da Florida pendurado na parede. Estendeu a mão e desceu-o, retirando depois a impressão da moldura. Satisfeita, colou-a no quadro e assinalou as moradas das três famílias assassinadas com pontos pretos.

— Não é para isso que o mapa está ali, sabe? — observou Michowsky.

— Parece-lhe que a decoração me interessa para alguma coisa quando temos um assassino à solta? — disparou Tess.

Michowsky ergueu as mãos num gesto pacificador. Parecia deprimido. Não podia ter sido fácil para ele, mas não tinha tempo para a sua sensibilidade.

— Muito bem, era este então o seu terreno de caça.

— Dele ou do Garza? — perguntou Fradella.

— Bem visto. Vamos assinalar o do Garza a azul. Tome, faça isso, eu leio as moradas.

Passados alguns minutos, um aglomerado de pontos azuis cobria a parte sul do condado de Palm Beach, Boca Raton, Fort Lauderdale, descendo até Miami-Dade. Dois dos pontos pretos eram em Palm Beach, enquanto o terceiro ficava na fronteira norte do condado de Dade.

— Argh... Não tivemos muita sorte aí — admitiu Tess. — Tinha esperança de que pudéssemos triangular o seu terreno de caça para uma pesquisa no SIVD. Muito bem... começemos com os seguintes parâmetros — acrescentou, empurrando o portátil na direção de Todd. — Condados de Palm Beach, Broward e Dade. Recue vinte anos. Situações por resolver: homicídios, violações, pessoas desaparecidas. E agressões graves também.

— Esqueceu-se de que estes três casos aparecem como resolvidos.

— Não me esqueci, só não tenho solução para isso. Os processos julgados que foram contestados pelos arguidos não aparecem registados como tal. Ainda que aparecessem, provavelmente noventa por cento surgiriam como contestados. Poucas pessoas admitem a culpa em casos de homicídio, mesmo depois de condenadas.

— Está bem, percebi — disse Fradella. — Filtro as vítimas por género?

Tess mordeu uma unha, pensativa.

— Hum... ainda não. Vejamos o que temos, depois decidimos.

Fradella carregou no *enter* e o ecrã montado na parede exibiu os resultados.

— Uau... — reagiu Michowsky. — Nunca conseguiremos ver isto tudo. Por onde começamos?

O SIVD devolvera centenas de casos por encerrar para a sua região e período. Filtrados, removidos todos os crimes relacionados com gangues e com drogas e os homicídios que não envolviam ataque a uma vítima do sexo feminino, ficaram com catorze homicídios por resolver, quarenta e duas violações, dezasseis pessoas desaparecidas e duas agressões a que as vítimas quase não sobreviviam. Setenta e quatro casos que correspondiam aos seus parâmetros de busca.

Era impossível dizer quais desses crimes tinham sido perpetrados pelo Camaleão.

UM PEDIDO

Tess levantou-se às quatro da manhã para não apanhar trânsito a caminho de Raiford. Sentiu-se grata pelo toque do despertador, após ter passado cada minuto das horas que estivera deitada às voltas na cama. Debateu-se, pensando noutro momento em que se sentira tão perdida e confusa durante uma investigação. O que agravava tudo era saber que o Camaleão, o suspeito sem rosto e sem rasto, faria em breve a sua jogada e silenciaria a única testemunha que deixara para trás: a Filha dos Watson.

Não ia perder Laura Watson e arruinar o seu registo perfeito de resolução de casos. Era esse o compromisso que assumira consigo mesma, primeiro na noite anterior, quando decidira fazer o que fosse preciso para encontrar o Camaleão, e depois nessa manhã, metendo prego a fundo até à Prisão Estadual da Florida.

Já tinham levado Garza para a sala de interrogatório. Tess não perdeu tempo e entrou de imediato, puxou uma cadeira e sentou-se à frente dele, do outro lado da amolgada e arranhada mesa metálica.

Garza arqueou as sobrancelhas ao reconhecê-la, mas não disse uma palavra. Sorriu apenas um pouco.

— Bom dia — disse ela.

— Olá — respondeu ele, aquele laivo de sorriso agora formado no rosto. — Que honra, agente especial... Winnett, não é?

— Sim — confirmou ela calmamente, embora soubesse que Garza fingia a incerteza que exibia.

Não lhe perguntou mais nada, resignado a estudá-la em silêncio, com aquele sorriso ténue ainda no rosto. Tess retribuiu, renitente em mostrar-se demasiado ávida, demasiado desesperada. Recostou-se na cadeira, preparando-se para uma longa espera.

— Sei que descobriu algo interessante nos casos que lhe dei — disse ele, de forma pausada e calma. — Caso contrário, não estaria aqui agora, pois não, Therese? Posso tratá-la por Therese?

— Não — respondeu secamente. — Mas pode chamar-me Tess, se quiser. Embora prefira agente especial Winnett ou agente Winnett.

— Estou a ver... Obrigado. — Sorriu, calando-se por algum tempo. — Pergunte à vontade, agente especial.

— Como sabia? — explodiu ela, incapaz de esperar mais tempo.

— Que não matei aquelas famílias? É claro que sabia.

— Não, que ele violou as mulheres — respondeu Tess, atirando um pequeno isco.

— Mulher — corrigiu-a ele, impassível.

Tess assobiou.

— Está bem, a sério, como sabia?

Ele sorriu com superioridade e mexeu-se na cadeira para endireitar as costas. As correntes chocalharam. Não respondeu por longos segundos.

— Não é assim tão boa no seu trabalho, agente Winnett. Tenho de a ensinar a fazê-lo, de graça? O que tem para me oferecer?

Chegara então a esse ponto, tal como o resto do mundo previra. Garza estava a enganá-la com falsas promessas, na esperança de obter alguns privilégios. Apeteceu-lhe sair e bater com a porta, só para o ver derrotado, punido por brincar com ela. Queria-o devolvido ao esquecimento do isolamento no corredor da morte, onde pouco tinha em que pensar além da sua morte iminente. Mas o pequeno reforço ao ego que acabava de visualizar não a ajudaria com o caso. As negociações tinham de continuar.

— Uma suspensão da execução está fora de questão, senhor Garza. Receio não poder oferecer-lhe o que procura.

— Não quero a suspensão. Se bem me lembro, acho que já lhe disse isso.

Foi a sua vez de ficar surpreendida.

— O quê, então? O que posso fazer por si?

Garza recostou-se tanto quanto as correntes lhe permitiam e sorriu para consigo, como se saboreando aquilo que estava prestes a pedir.

— Nada de assim tão caro ou complicado, agente Winnett. Não, sou um homem simples. — Lambeu os lábios e uma centelha de prazer interior tremeluziu-lhe nos olhos. — Quero jantar consigo, só isso. Enquanto revemos as fotos do caso juntos, só você e eu.

Tess franziu o sobrolho, apanhada de surpresa pelo pedido.

— Receio não poder retirá-lo das instalações, ainda que temporariamente.

— Não é preciso, agente especial. Aqui seria ótimo. Traga-nos, digamos, uns bifes do lombo de quatrocentos gramas com batatas fritas e um bom vinho. Sirva a refeição numa toalha branca, sem isto — fez chocalhar as correntes. — Permita-me desfrutar de um jantar com talheres a sério, não esses horríveis, hum, *colharfos*, é assim que lhes chamam.

Manteve os olhos fixos nela e Tess não vacilou. O que era um jantar em comparação com o prémio do seu caso? Ou comparado com a vida de Laura Watson? Mesmo assim, jantar com um assassino em série, um assassino de crianças! Suportar a sua presença, tendo de comer e de fingir que tudo estava normal. Esforçou-se por reprimir a vaga de aversão que lhe corria nas veias.

— Comemos, desfrutamos e discutimos o caso. Juntos, agente Winnett. Do outro lado daquele espelho, podem estar centenas de agentes de armas apontadas a mim, mas aqui dentro, só você, eu, o jantar e as fotos. O que me diz?

Tess hesitou por algum tempo antes de responder. Finalmente, quando falou, tinha a voz grave e rouca, quase um rosnido.

— É louco.

— Ah, mas todos sabíamos isso, não é verdade? — riu-se Garza.

O seu riso ainda reverberava depois de Tess ter fechado a porta, quase correndo em direção à saída.

SESSÃO

Laura sentou-se na beira da grande poltrona de cabedal, como se tentasse ocupar o mínimo espaço possível. Sentia uma tensão dolorosa nos ombros, um ardor na nuca e ondas de arrepios subiam e desciam-lhe pela espinha. Sem dizer uma palavra, seguiu os movimentos da Dra. Jacobs enquanto esta se preparava para a primeira sessão de regressão das duas.

Estava aterrorizada.

Puxou o fecho da camisola e apertou os cordões do capuz, como se um feroz vento de inverno soprasse no luxuoso gabinete, em vez do quente conforto da agradável e acolhedora lareira. Enfiou as mãos bem fundo nos bolsos da camisola e conteve outro arrepio.

Vestira-se descontraidamente para a ocasião, seguindo as instruções da médica, e trouxera consigo uma série de potenciais ativadores de memórias. Alguma da sua roupa suja num saco com fecho. Uma dose de salteado, feito segundo a receita da mãe, partilhada por Hannah após ela ter insistido durante mais de uma hora. Um lenço de seda, como os que Hannah disse que a mãe costumava usar, com um borrifo do seu perfume favorito, também fechado dentro de um saco. Agora, só lhe restava esperar que aqueles gatilhos sensoriais funcionassem e a ajudassem a mergulhar no abismo das suas memórias enterradas.

— Fiz-lhe uma chávena de chá, minha querida — disse a Dra. Jacobs, entregando-lhe uma grande caneca de cerâmica cheia de um translúcido líquido dourado. — Camomila. Vai aquecê-la e descontraí-la um pouco.

Laura foi incapaz de descerrar os maxilares para responder. Em vez disso, acenou e envolveu a caneca fumegante com as mãos geladas.

— Como se sente? — perguntou a Dra. Jacobs, franzindo um pouco o sobrolho ao estabelecer o contacto visual.

— Aterrada — admitiu Laura. — Eu... não faz ideia — desabafou. — Não tenho dormido bem, e sinto este receio constante de... nem sei de quê.

A Dra. Jacobs tocou-lhe suavemente no braço.

— A regressão tem mostrado resultados encorajadores como método de tratamento para pacientes com todo o tipo de traumas ou más experiências de que não se recordam, mas que afetam a sua vida presente. Um dos resultados que espero das nossas sessões é uma melhoria generalizada no seu bem-estar.

— Já fiz isto antes, quando era pequena. Sei como é. Mas tive dificuldades — prosseguiu Laura, fungando, sem sequer ter consciência de que os seus olhos se tinham marejado. — Tudo isto foi muito difícil para mim. Falar com a Hannah sobre estas coisas e preparar a comida, o lenço de seda, isso... isso foi difícil. — Tirou uma mão da chávena de chá e tapou a boca para conter um soluço. Sentiu o calor da mão e agarrou-se à sensação calmante que este lhe transmitia.

— Imagino quão difícil deve ter sido, e acho que está a sair-se muito bem. O tempo que levou a preparar estes adereços ajudá-la-á a desbloquear essa câmara na sua mente subconsciente. Os cheiros, as sensações, todos estes fatores contribuirão para o sucesso na recuperação das memórias perdidas.

Laura respirou fundo, armando-se de coragem.

— Vi todos os seus vídeos de família, sabe? — prosseguiu a Dra. Jacobs. — Tudo o que me deu, os vídeos de aniversários. Serei capaz de a guiar ao longo do processo. Não estará lá sozinha, prometo.

Laura inspirou bruscamente.

— Está bem... Vamos a isso.

— Muito bem — respondeu a Dra. Jacobs, sentando-se depois numa otomana à frente de Laura. — Hoje, tentaremos aceder a uma

memória, qualquer memória, anterior ao ataque. Qualquer coisa de que se lembre servirá.

Laura bebeu alguns goles de chá e pousou a chávena numa mesa de apoio. Olhou atentamente para a Dra. Jacobs, invejando-lhe a postura, o traje profissional. Estava elegante, com um fato de calças castanho que combinava com o sedoso cabelo acobreado. Uma blusa branca contrastava agradavelmente com o fato, enfatizando a sua tez clara. Para Laura, porém, parecia demasiado fria, talvez um pouco distante, concentrada em demasia no seu projeto. Desejou que Jacobs tirasse ao menos o casaco e descalçasse os sapatos de salto alto, mas não se atreveu a pedir-lhe isso.

— Estou pronta — disse entre dentes cerrados, não se sentindo de todo pronta.

— Incline-se para trás e sinta os músculos relaxar — começou a Dra. Jacobs. — Feche os olhos e concentre-se no som da minha voz. Estou aqui mesmo consigo, e está em segurança. Estará o tempo todo em segurança. Nada de mau pode acontecer-lhe.

— Ahã — murmurou Laura, quase demasiado baixinho para Jacobs a ouvir.

— Sinta a poltrona apoiar-lhe as costas para que possa descontraír. Sinta o peso dos braços assentes no couro fresco. Sinta os pés tocar no solo, o chão firme que a sustenta. Respire fundo, lentamente, e deixe a mente relaxar. Está em segurança, agora.

Laura respirou fundo e sentiu-se engolida pela enorme poltrona. Lutou contra a sensação, mas a Dra. Jacobs continuou a falar no mesmo tom calmo e tranquilizador.

— Siga o som da minha voz. Está em segurança aqui, comigo. Respire.

Laura sentiu-se incomoda, e a mente pesada e lenta, vazia de todos os medos, pensamentos e sensações.

— Recue comigo ao tempo em que era criança, a brincar com os seus irmãos.

Laura remexeu-se e as suas pálpebras franziram-se e tremularam, mas mantiveram-se fechadas.

— Está segura. Diga-me o que vê — encorajou-a a Dra. Jacobs num sussurro suave.

Não via nada, apenas escuridão. Olhou para todo o lado, mas não havia nada para ver. Começou a entrar em pânico e remexeu-se um pouco mais.

— Shh... está segura. A menina está segura. A pequena Laura está segura. Não deixarei que algo lhe aconteça.

Relaxou um pouco e permitiu que as trevas a submergissem mais. Não via nada, mas começou a ouvir coisas. Vozes... distantes. Escutou com atenção e as vozes tornaram-se mais claras, mais inteligíveis. O pai a perguntar quando é que o jantar estava pronto. O irmão a correr aos berros pelo corredor do andar de cima; nesse dia, queria ser um comboio.

Só parcialmente consciente do que fazia, começou a repetir o que ouvia nas suas memórias tenebrosas. A sua voz soava aguda e nasalada; já não parecia a sua voz. Era como se alguém tivesse tomado o controlo do seu corpo e o usasse para comunicar. Outra pessoa, mas não... continuava a ser ela, mas quinze anos antes.

— Eu sabia — disse a pequena Laura. — Sabia que ias comprar-me uma boia. — Murmurou qualquer coisa que não fazia sentido e prosseguiu, com a voz ainda mais nasalada. — Sim, *senhô*. Daffy Duck... a mais sensacional descobe'ta... colossal... Sleepy Lagoon.

Laura deixou que os sons que ouvia nos mais profundos recessos da sua mente lhe fluíssem livremente pela boca, incapaz de lutar contra o vórtice que a engolia. Deixou-se descer livremente, cada vez mais depressa, para um universo de trevas e sons.

O LABIRINTO

Tess entrou na sala de reuniões levando uma nuvem de aromas de fazer crescer água na boca e uma grande caixa de piza. Instantaneamente, tanto Michowsky como Fradella abriram grandes sorrisos. Era meio da tarde e, ao que parecia, não tinham parado para almoçar.

— Oh, vamos a isso — disse Fradella, tirando-lhe a caixa das mãos e pousando-a na mesa. Foi rapidamente buscar guardanapos e pratos. — *Calzones*? Como assim? Isso fica a sul daqui. Pensava que hoje ia a Raiford.

— Já fui, mas fiz um desvio rápido — respondeu, pegando numa fatia e dando-lhe uma grande dentada.

— Por onde? — perguntou Michowsky, de boca cheia.

— A escola da Laura Watson.

Michowsky deixou a fatia cair novamente no prato.

— Falou com ela? — perguntou baixinho.

— Não, ainda não. Fui só certificar-me de que estava bem.

— Como fez isso? — O tom de Michowsky não profetizava nada de bom.

— Olhe, vou ver como ela está algumas vezes por dia. Vive perto da minha casa, por isso passo por lá à noite, de manhã. Se dependesse de mim, por esta altura, ela já estaria sob proteção policial.

— Pois, se dependesse de si, todo o mundo saberia que talvez tenhamos deixado um assassino escapar durante quinze anos — respondeu Michowsky de forma seca. O seu rosto tornou-se sombrio. Afastou o prato e limpou a boca com um guardanapo.

— Sabe que eventualmente chegaremos a esse ponto, certo? — perguntou Tess, o mais compassiva possível. — A certa altura,

chegaremos aí. Mas fiz-lhe uma promessa que tenciono cumprir, Gary.

— Pois... — resmungou ele, zangado. — E então o quê, agora é uma perseguidora?

Fradella engasgou-se e tossiu algumas vezes, indo depois a correr buscar água.

— O que quer que mantenha a Laura viva, Gary. A propósito, porque *está* ela ainda viva?

— Hã?!

— Não esperava que ela sobrevivesse mais de quarenta e oito horas após a emissão do programa de televisão. Pergunto-me porque não está morta. Ainda bem, mas simplesmente não faz sentido, só isso. — Deu outra dentada na piza e engoliu-a quase sem mastigar.

— Ele pode estar morto ou preso por outra coisa qualquer. Ou pode ter perdido o programa. Com tantos canais de televisão, não é assim tão difícil.

— Pois — respondeu Tess, franzindo mais o sobrolho. — Mas, de alguma forma, duvido que esteja segura. Acho que ele irá atrás dela, Gary. Sinto-o no meu...

— Não me diga, o seu famoso instinto? — riu-se Gary. — Esse seu instinto alguma vez se enganou?

Tess pensou por um segundo.

— Não, ainda não. Quem me dera que o fizesse no caso da Laura. Precisamos de a pôr sob proteção policial, Gary. Veja se consegue que o seu capitão a aprove. O Pearson recusa-se a ceder.

Michowsky não respondeu, limitou-se a olhar para o chão por um longo e silencioso segundo. Sabia que estava a pedir-lhe muito.

— Vamos primeiro obter mais provas — respondeu ele. — Vamos construir um caso. Como correu em Raiford?

Foi a vez de ela desviar o olhar.

— Não consegui nada — admitiu com relutância. — Nada além de um convite. Se jantar com o Garza, ele diz-me o que me está a escapar. Sem algemas, com talheres verdadeiros, tudo isso.

— O quê?! — Michowsky levantou-se e começou a andar furiosamente à frente dela. — Nem pensar, raios. Não é possível que esteja a pensar nisso, pois não?

— Talvez tenha de o fazer, Gary. Se não encontrarmos nada, que mais nos resta?

— Ele não tem nada a perder e é um psicopata com poucos dias de vida. E quer pôr-lhe uma faca na mão? É suicida? Ou mais louca do que ele?

Tess franziu os lábios e recusou-se a responder. Respirou fundo algumas vezes para a ajudar a acalmar-se e a não ser demasiado abrasiva com Gary. Afinal, se ele tivesse feito o seu trabalho há quinze anos, tudo aquilo seria improvável e a vida de Laura não estaria em perigo. Antes de lhe dizer o que podia ou não fazer, talvez devesse pensar nisso. Conseguiu guardar a sua raiva e seguir em frente. Pearson teria ficado orgulhoso.

— O que descobriram numa manhã inteira a escavar? — perguntou, apontando para a mesa de reuniões coberta de ficheiros dispersos e fotos dos locais dos crimes.

Fradella engoliu rapidamente e pigarreou. Parecia entusiasmado.

— Pensámos em comparar estes casos com a vitimologia definida para este suspeito. Se concordamos que ele gosta de mulheres jovens e loiras de olhos azuis ou verdes, e se filtrarmos as vítimas que não correspondem a esta descrição específica, restringimos um pouco as coisas.

— Ótimo trabalho, Todd — incentivou ela, sorrindo pela primeira vez em horas. Estivera tão tensa que sentiu os músculos faciais rígidos. — Diga-me as contagens.

— Estaríamos a olhar para apenas oito homicídios dos iniciais catorze, e vinte e três violações das quarenta e duas totais. Hum, aparentemente, as loiras de olhos claros são as vítimas preferenciais de violações, mesmo aqui, em Miami, onde a população é maioritariamente hispânica. Oh, e uma das agressões em que a vítima quase não sobreviveu, esta era do sexo masculino, por isso eliminámo-la da pilha.

— Oito homicídios e vinte e três violações? — reagiu Tess. — Pode ter sido assim tão prolífico?

— Não seria a primeira vez — respondeu Michowsky. — Lembre-se de Robert Pickton, o assassino criador de porcos do Canadá? Matou quarenta e nove mulheres e ninguém soube da sua existência até que o apanharam.

— Conhece os seus assassinos, Gary, estou impressionada. Não digo que é impossível. Estou só a dizer que é muito. Há provas de ADN de algum desses casos de violação?

— Algumas — respondeu Fradella. — Hoje em dia, quando há muito ADN, o perpetrador é rapidamente apanhado. Existiam provas, mas não deram nenhum resultado no sistema. Não temos nada com que as comparar.

Tess andou lentamente de um lado para o outro, mordendo a unha do indicador esquerdo e perscrutando as fotos dos locais dos crimes afixadas no quadro.

— Todd, encontrou algum assassino em série em ação antes ou depois do Garza que o Camaleão pudesse ter imitado?

— Não, ninguém. Fui de novo ao material de arquivo para ter a certeza.

Andou um pouco mais, pensativa. Às vezes, na sua profissão, tinha de dar um salto de fé e seguir o instinto. Fosse como fosse, não tinha nada melhor.

— Muito bem, então aparentemente este suspeito «evoluiu» em sentido oposto, de homicídio para violação. É demasiado invulgar, tanto que me diz que, após ter-se atrevido a ser o que a sua verdadeira natureza lhe pedia, um violador e um assassino, ele não recuou. Pode ter começado por ser um assassino movido pela adrenalina, ou ter acontecido algo que o impediu de violar a Rachel Watson e a Jackie Meyer, mas adicionou a componente sexual aos homicídios seguintes, e isso alterou as coisas para ele. Estou disposta a apostar o que quiserem em como não voltou atrás. Descoberta a emoção de matar, não podia continuar a ser apenas um violador.

— Pois, tudo bem, percebo isso, mas o que está a dizer? — perguntou Michowsky.

Fradella levantou-se e começou a retirar alguns dos ficheiros dispersos numa pilha impecável, devolvendo-os à caixa respetiva.

Tess assentiu e deixou que um sorriso sardónico lhe surgisse nos lábios. O jovem detetive era mais esperto do que parecia. Mostrava verdadeiro potencial.

— Sim, riscamos todas as violações em que as vítimas sobreviveram. Lembrem-se que o Camaleão é um assassino, não apenas um violador.

O rosto de Michowsky iluminou-se.

— Estamos agora reduzidos a oito casos de homicídio que encaixam no perfil — disse. — Isso podemos gerir.

— E geriremos — concordou Tess. Depois, pegou no portátil e começou a digitar. — Estou a definir um alerta para o tipo de vítima do Camaleão. Assim que alguém do seu calibre desaparecer ou estiver envolvido em qualquer problema, nós saberemos.

— Este sujeito mata depressa — observou Michowsky. — Quando alguma coisa for reportada, já a vítima está morta.

— Pois, mais um motivo para acelerarmos. Precisamos de o fechar numa jaula. — Guardou o alerta no sistema após ter introduzido os números de telemóvel de todos eles e virou-se para Fradella.

— Todd, conhece o conceito de tríade homicida?

Ele franziu um pouco o sobrolho, inseguro.

— Hum... não propriamente.

— É um conjunto de três características comportamentais da infância que se observou estarem relacionadas com tendências violentas posteriores, principalmente assassinos em série. São elas a crueldade para com os animais, incêndios e excesso de chichi na cama. Qualquer dos três é um bom indicador.

— Chichi na cama? Ninguém denuncia isso — replicou Fradella, parecendo mais confuso.

— Não, normalmente ninguém o faz, pelo menos não à polícia. Escolhidos alguns suspeitos, podemos sacar vários registos médicos a fim de procurar a tendência para urinar na cama como qualificativo adicional, de modo a reduzir mais a nossa lista de suspeitos.

— Ainda não temos nenhum suspeito nessa lista. O que quer que faça? — perguntou Fradella.

— Procure pequenos fogos — respondeu Tess. — Vamos trabalhar com a cronologia. Se andava entre os vinte e muitos e a meio dos trinta quando os Watson foram mortos e isso foi há quinze anos, pode ter começado a pegar fogos quase vinte anos antes. Pesquise desde há trinta e cinco anos até há cerca de vinte.

— Pode haver centenas de incêndios por resolver. Milhares, até.

— Temos de começar a jogar com mapas — replicou Tess. — Um miúdo não viaja para longe para lançar fogo a alguma coisa. Fá-lo a curta distância a pé. O mesmo se aplica à crueldade animal. Normalmente, caçam o gato do vizinho. Elabore um mapa dos incêndios não resolvidos, Todd. Depois faça o mesmo para os casos de crueldade animal. Os dois conjuntos de pontos no mapa vão sobrepor-se em certas regiões, e essas assinalarão os berços dos futuros assassinos em série de Miami.

Fradella fitou-a, estupefacto, com a boca ligeiramente aberta.

— Uau, isso é... fantástico que consiga fazer isso.

— Sim, pois é. A esperança é que a ciência evolua ao ponto de poder identificar e tratar aqueles que revelem predisposição para se tornarem assassinos em série e assim evitar inúmeras mortes. Mas isso é no futuro. Por agora, vamos só apanhar este suspeito.

— Vai levar séculos, Tess.

— Não propriamente — respondeu ela. — O SIVD tem uma função de mapas aqui mesmo, no ecrã de resultados da pesquisa. Use isso, depois faça uma nova pesquisa, filtre-a e mostrar-lhe-á uma ligação intitulada «adicionar ao mapa», ou algo assim. A seguir, cruzamos esse mapa com a lista de pessoas interessantes que

encontrarmos nestes oito casos em que vamos trabalhar. Isso é para si, Gary, a propósito.

— Ahã — assentiu ele. — Vou tratar disso.

— Inclua todas as pessoas relacionadas com os casos e vamos analisar as semelhanças e uma matriz de vitimologia separada para eles. Têm de ter mais alguma coisa em comum, além da cor do cabelo e das íris. Não se esqueçam de filtrar pela idade do suspeito. É impossível que ele tenha matado os Watson antes dos vinte e poucos anos.

— Certo — respondeu Michowsky. Depois olhou para a parede, onde o mapa em tempos emoldurado do Sul da Florida estava pendurado, manchado com círculos traçados a marcador preto e azul. — Se o seu sistema gera mapas, porque fizemos aquilo?

— Para o termos sempre à frente dos olhos — replicou ela. — Isso, e o facto de que o SIVD não sabe do nosso Camaleão. Não está em lado nenhum nos dados do sistema; só ali consta o Kenneth Garza.

Michowsky pareceu satisfeito com a resposta, mas Tess quase se riu ao pensar em como ele parecia preocupar-se com aquele artigo de decoração. Provavelmente, o capitão ia dar-lhe chatices por causa disso, ou talvez tivesse algum significado emocional para ele.

— Então e a Tess? — perguntou Gary. — O que vai fazer?

O seu rosto franziu-se e, por alguns segundos, cravou os olhos na alcatifa gasta, ponderando as opções. Esperara ter a oportunidade de falar com Bill McKenzie a título pessoal antes de ter de o chamar profissionalmente. Não fora assim que previra que as coisas acontecessem, mas a vida de Laura estava em jogo. A sua segurança era mais importante do que as preocupações pessoais de Tess.

— Tenho de ligar para Quantico. Por mais que odeie admiti-lo, precisamos de ajuda.

REFLEXÕES: FRUSTRAÇÃO

Alguma vez estiveram a centímetros de realizar uma fantasia devoradora, só para esta vos ser recusada? Alguma vez sentiram a revigorante antecipação daquele momento iminente em que o vosso desejo será plenamente satisfeito, só para ficarem com o anseio, a agonizar na amarga dor da derrota? Alguma vez se sentiram como Tântalo, suportando uma sede interminável junto a águas recuadas e cobiçando o fruto proibido?

Aconteceu-me uma noite, há muitos anos. Ao contrário de Tântalo, o meu pecado foi simples, mas igualmente grave. Privei-me por demasiado tempo e, quando cedi aos anseios, fui apressado, descuidado.

Era uma loura alta, com pernas esbeltas dignas de um sonho e olhos azuis iguaizinhos aos da Donna. Chamava-se Cathy Banks. Um dia, o destino ofereceu-me, mesmo ali na fila da caixa da mercearia. Era a cliente à minha frente e não fazia ideia de que eu não conseguia desviar os olhos famintos da sua cintura fina e das nádegas curvilíneas.

Nesse dia, segui-a até casa e soltei um enorme suspiro de alívio quando me apercebi de que ela encaixava no perfil do Homem de Família. Tinha marido e um filho pequeno. Que desperdício de tempo, ter de lidar com o conjunto completo... mas, na altura, ainda gozava dos benefícios de imitar o Homem de Família e todos os dias pensava na sorte que tinha por ele ainda andar por aí à solta, para uma vez mais poder banquetear-me sob a sua marca.

Não fiz bem o trabalho; devo ter tomado atalhos. Gostaria de ter alguém a quem pudesse culpar por essa derrota, como normalmente faço, mas não há ninguém. Só eu. Agi por impulso, movido pela devoradora ânsia nas entranhas e prescindindo da voz

firme da minha fria razão. Há algum tempo que procurava um naco saboroso e não ia fazer concessões e tomar simplesmente qualquer uma. Queria a *red delicious* perfeita para o banquete de celebração que assinalava o fim de um ano de sacrifício, e têm de concordar que nem todas as maçãs nascem iguais.

Chega de desculpas.

Nessa noite, aproximei-me da casa de Cathy à hora mais negra do ocaso, mesmo antes de a noite cair por completo. Entrei no pátio das traseiras, sem ser visto nem ouvido, e cheguei à porta lateral sem acender nenhum dos holofotes com sensor. Agarrei no puxador e rodei-o lentamente. Não chiou. Abri cuidadosamente a porta, só alguns centímetros, para me situar. Uma segunda porta, metade tela, metade metal, surgiu-me à frente dos olhos, mas não ia ser um problema. Nem sequer tinha fechadura.

Enquanto rodava o puxador, ouvi o som de um ronco, seguido do barulho de garras em rápida aproximação. O ronco não tardou a transformar-se num ameaçador rosnido de gelar o sangue e, instintivamente, fechei de novo a porta de tela, no preciso instante em que um enorme pastor-alemão a atingia com toda a força. Arranhou a tela com as longas unhas negras, mas fui rápido a reagir. Fechei-lhe a porta exterior no focinho rosnante e corri para salvar a vida. Consegui sair do pátio e fechei o portão com força, no momento em que o cão virava a esquina. Enquanto corria rua abaixo, ouvi um homem gritar.

— Apanha-o, rapaz, apanha-o!

O cão arranhou furiosamente a vedação de madeira, pronto a deitar abaixo o portão de dois metros e meio.

Só voltei à respiração normal depois de me ter trancado dentro do meu carro e saído dali a todo o gás. Passada uma hora, enquanto caminhava devagar pelo parque, tentando subjugar suficientemente a raiva de modo a poder ir para casa, entendi o que fizera mal.

Privara-me por demasiado tempo.

Tinha de aceitar quem era, se ia viver tanto tempo e tão livremente quanto queria. Precisava de entender que tentar reprimir

a minha natureza de predador me tornava fraco, instável. Vulnerável.

Um ano de jejum entre banquetes era demasiado.

Sabem, ao contrário da maioria das pessoas, sou muito inteligente. Antes que zombem da minha afirmação, partilharei duas coisas. Primeiro, estatisticamente, estou no percentil 99,99 da perspectiva da inteligência. Sou um num milhão. Isso significa que aprendo com a experiência, adapto-me e sou sempre melhor do que antes. As minhas mentiras são credíveis. As estratégias de manipulação funcionam. Os meus amanhã ultrapassam sempre os ontens. Portanto, prometo-vos, não cometerei o mesmo erro duas vezes.

Em segundo lugar, não acredito em ser modesto acerca da minha inteligência. Sou aberto e direto em relação a ela, tal como é geralmente aceite ser-se aberto e direto sobre a cor dos olhos. Se disser «tenho olhos pretos e cabelo castanho», todos veem que se trata da simples declaração de um facto e não o contestam, nem pensam que me falta modéstia por o admitir tão descaradamente. O mesmo se aplica à inteligência, os bilhetes premiados da lotaria do ADN. Os menos dotados veem com maus olhos esta simples afirmação, enquanto eu, o vencedor, tiro partido dela de formas que jamais compreenderão.

É por isso que partilho esse acontecimento específico, pois assinalou um ponto de viragem na minha vida. Desse dia em diante, em vez de negar o predador dentro de mim, aceitei-o de braços abertos e trabalhei incessantemente no sentido de melhorar. As recompensas eram muitas... Nunca me permiti sentir de novo a mesma frustração, a sede insaciável dessa noite. Caçava sempre que queria e tornei-me melhor a fazê-lo. Incomparável.

Durante quase doze anos após essa noite, nunca mais fui recusado, e ninguém me impediu de saborear as maçãs que tanto desejava.

Até agora. A maldição de Tântalo pesa novamente sobre mim.

Tenho outra pergunta para vocês. Alguma vez passaram muito tempo à espera da recompensa perfeita, da perfeita gratificação sensorial, que a maçã perfeita crescesse, amadurecesse e estivesse pronta para ser colhida pela vossa mão trêmula? Alguma vez passaram as noites a imaginar como seria possuir uma tão sublime criatura?

É isso que a Laura Watson é para mim. É o meu fruto proibido.

Vi-a crescer, tornar-se uma mulher digna dos meus sonhos mais loucos. Controlei pacientemente os impulsos, sabendo que o dia desse supremo banquete chegará. De vez em quando, olho discretamente para ela e sinto uma contração bem fundo no meu corpo, incendiando-me o sangue e dizendo-me que aquela criatura maravilhosa está pronta para ser possuída pelo meu corpo.

Mas não... Não posso. Não podia antes e devo privar-me de novo. Tive de oferecer o derradeiro banquete a um estranho, a um assassino contratado que nem sequer gosta do seu trabalho, não como eu, de qualquer forma. Um mercenário que nem a conhece; não sonha com as suas curvas nem anseia por cravar os dentes na pele de alabastro dos seus jovens seios. Não acredito, raios.

Maldita Laura, maldito Kenneth Garza e maldita aquela psiquiatra intrometida e inútil que me negou o derradeiro prémio.

Não consigo falar mais... estou demasiado zangado. Desde aquele programa de televisão, estou tão furioso que tenho medo de ir para casa à noite e tocar na minha mulher. Temo que uma noite a corte às tiras e mande a minha vida inteira pelo cano abaixo.

Preciso... de uma dose, de algo forte. Preciso de passar horas e horas com alguém especial. Preciso de ir ao local onde ninguém as ouve gritar, para que possa fazer o banquete durar.

Construí-o, sabem, há cerca de três anos. Foi fácil. Comprei um terreno no meio dos bosques, algures bem fundo nos Glades, onde nunca ninguém se aventura. Paguei-o em dinheiro e com um nome falso. Arranjei alguns trabalhadores ilegais para construir uma cabana de troncos e dei-os de comer aos crocodilos uma vez terminada.

Sim, tenho essa cabana. Agora, preciso de uma dose rápida, alguém para levar para lá por um par de noites. Tenho de caçar esta noite, o mais tardar amanhã. Não posso privar-me mais.

REFORMULAÇÃO

A piza desaparecera há muito, após Fradella ter comido os últimos bocados e até Michowsky ter acabado a fatia fria que restava no seu prato. Há já algum tempo que o Sol se pusera e ainda trabalhavam.

Fradella pesquisava no portátil, e o televisor montado na parede mostrava ecrã após ecrã de resultados de pesquisa. Fogos. Casos de incêndios por resolver. Incêndios resolvidos com um único arguido menor. Situações de crueldade animal solucionadas com arguidos menores. Processos pendentes relacionados com a crueldade animal. Centenas e centenas de resultados entupiam o ecrã, abrangendo mais de vinte anos. Um palheiro digital com uma potencial agulha algures no meio para ele encontrar.

Michowsky traçava, a caneta sobre papel, uma matriz de vitimologia para os oito homicídios não resolvidos que tinham selecionado. Muita da informação era antiga, disponível apenas em ficheiros mal digitalizados ou arquivos de papel profundamente enterrados. Demorava séculos a responder a qualquer pergunta, em suspiros longos e atormentados quase contínuos, que soavam cada vez mais como gemidos.

Tess continuava obcecada com os três casos que Garza rejeitara. Torceu a informação em todos os sentidos, tentando fazer sentido do pouco de que dispunham. Estava constantemente a adicionar informações à matriz de vitimologia, concentrando-se nas mulheres. Após algumas horas de estudo, concluiu que o que as três tinham em comum eram a faixa etária, o estado civil e o aspeto físico. Não bastava.

Passou a costa das mãos pela testa, como se para remover o cansaço, o nevoeiro mental que lhe rondava o cérebro. Precisava de

nova abordagem.

— Talvez tenhamos olhado para isto da maneira errada — disse ela, rompendo o duradouro silêncio na bafienta sala de reuniões.

Os dois homens ergueram os olhos do trabalho.

— E se cada um de nós pegasse num destes três casos e o trabalhasse como se fosse a primeira vez que estivesse a vê-lo? Acho que talvez tenhamos sorte; talvez vejamos algo que não vimos antes.

— Já falámos sobre isso — respondeu Michowsky. — Não tem nada e continua a voltar atrás, mas não vai encontrar nada de novo.

— Não tenho nada — admitiu Tess, curvando os ombros para a frente. — Mas também não vou desistir.

— Não, não vamos desistir — concordou Fradella. — Então e isto? — perguntou, apontando para o ecrã montado na parede.

— Sim, continue com isso. Eu só...

Parou bruscamente e virou-se para o quadro, as mãos firmemente apoiadas nas ancas.

— Porque não fazemos assim? O Gary trabalhou nos processos Watson e Meyer na altura. Porque não fica agora com os Townsend? Eu encarrego-me dos Watson e o Fradella dos Meyer. Assim, temos todos um caso em que nunca tocámos.

Michowsky escarneceu, zangado.

— Ouça, este para e arranca está a dar comigo em doido. Ainda há algumas horas começámos a fazer o que a Tess queria. O Todd está a pesquisar na base de dados, o que é uma ótima ideia. Estou a olhar para nada menos do que oito novos casos. Pensa o quê, que em três horas nos despachamos e precisamos de novas tarefas?

Odiava admiti-lo, mas Michowsky tinha razão.

— Está bem, percebo — concordou. — Continuem com isso por agora, mas vou pegar no ficheiro dos Watson e começar a escavar. Até o Bill McKenzie chegar para ajudar, pouco mais tenho com que prosseguir.

— Quando é que ele chega? — perguntou Fradella.

— Amanhã de manhã — respondeu Tess, franzindo inconscientemente o sobrolho.

— Tão cedo, hã?! — replicou Michowsky, também de cenho franzido. — O que acha que ele vai fazer?

Tess andou um pouco de um lado para o outro. Era uma boa pergunta.

— Dar-nos alguma perspetiva, espero.

Calaram-se e Fradella retomou a rápida digitação no teclado do computador.

— Muito bem, os Watson, então — disse Tess. — Que suspeitos investigaram?

— Está no ficheiro — respondeu Michowsky, visivelmente descontente.

Ela encolheu os ombros e empurrou o ficheiro na direção dele, num convite silencioso.

— Não havia sinais de entrada forçada — disse ele, após folhear várias páginas e ler algumas das notas. — Analisámos as pessoas que conheciam os Watson. Começámos pelo sócio, Bradley Welsh.

— E?

— Limpinho. Não tinha qualquer motivo. Álibi sólido, confirmado por várias pessoas. A empresa estava em boas condições. Além disso, teria sabido da Laura. As duas famílias eram muito chegadas. Festas de família, viagens juntos, tudo isso. Teria sabido que tinha de a matar, principalmente se estivesse atrás do dinheiro, certo?

— Sim, isso é verdade — concordou Tess.

— Para não falar em que a miúda tê-lo-ia reconhecido.

— Pois — respondeu, pensativa. Os argumentos de Michowsky eram sólidos. — Quem mais investigaram?

— Verifiquei todas as pessoas de que me lembrei. Vizinhos, inimigos nos negócios, concorrentes, amigos e conhecimentos pessoais, toda a gente que os Watson conheciam. Nada... Ninguém tinha motivos e a maioria possuía álibis sólidos.

Tess franziu mais o sobrolho. Precisava de uma pausa e não ia tê-la.

— E quanto a processos? Alguém suficientemente insatisfeito?

— Hum... havia um processo — disse Michowsky, verificando de novo o ficheiro. — A casa de um dos clientes pegou fogo devido a um candeeiro de teto da WatWel. Ninguém ficou ferido. Resolveram o assunto fora dos tribunais, algumas semanas antes da morte dos Watson. Essa família mudou-se para a Califórnia e comprou uma nova casa em San Diego. Deve ter sido um acordo e tanto.

Tess sentiu um ligeiro puxão nas entranhas, mas não conseguiu situá-lo. A casa de alguém ter ardido era motivo suficiente. Perdem-se muitas coisas quando uma casa arde, coisas que o dinheiro não pode restaurar. Memórias... fotos de família, vídeos de entes queridos que faleceram. Uma vida inteira de apego emocional a objetos contendo um significado precioso, às vezes mais precioso do que a própria casa.

— Verificou os álibis deles?

— De quem?

— Do cliente do processo e da família.

— Sim. Foram vistos a jantar na Califórnia, todos eles, por altura do homicídio dos Watson.

— Transações financeiras invulgares? — insistiu Tess, o instinto a dizer-lhe que tinha ali alguma coisa.

— De quem? Dos Watson? — perguntou Michowsky.

— Não, da família do processo.

— Não há nada aí, Winnett, confie em mim. Eu procurei.

— Sem ofensa, Gary, mas não é assim que investigo. Tenho de verificar. Procurou transações invulgares nos registos financeiros?

Ele empalideceu e estreitou os lábios.

— Não. Não havia motivo para isso. Pareciam estar bem com a nova vida em San Diego. Na minha opinião, mudaram para melhor. Casa maior, carros mais sofisticados, empregos mais bem pagos.

Tinha de admitir que o seu raciocínio fazia sentido, mas a estranha sensação nas entranhas não ia a lado nenhum.

— E quanto às finanças dos Watson?

— Tudo sólido. A empresa era lucrativa, há anos em crescimento constante. Conversei com vários empregados e estavam satisfeitos. Nada de bandeiras vermelhas por aí.

— Nada de jogo? Vícios? Drogas? Mulher ou marido infiel?

— Nada que tenha conseguido encontrar — replicou ele, arqueando as sobrancelhas.

Tess ficou algum tempo a pensar, mantendo os olhos cravados nas fotos do local do crime dos Watson. Não tinha grande coisa com que avançar. Nada.

— Está bem — disse. — Vou trabalhar neste caso o mais rápido e arduamente que puder e ver o que encontro. Isto — apontou para as fotos do local do crime — é obra de um assassino muito motivado. Esse tipo de motivação tem de ter deixado algum vestígio algures. Só precisamos de o encontrar antes que o assassino encontre a Laura.

— Continua a achar que ele irá atrás dela? — perguntou Fradella, erguendo os olhos do ecrã do computador.

— Vai, e não podemos deixar que isso aconteça.

— Por onde quer começar? — perguntou Michowsky.

— Pela Laura. Vou entrevistá-la.

— Deus, Winnett, que raio? — reagiu Michowsky, fulminando-a com um olhar furioso. — Não abra essa caixa de Pandora. Será uma confusão quando chegar à comunicação social.

— É a minha vez de lhe pedir que confie em mim, Gary. Serei discreta e direi que é sobre a iminente execução do Garza.

Gary continuou a fitá-la, mas a intensidade no seu olhar diminuía um pouco.

— Depois, quero falar com esta Hannah... hum, Svoboda. A empregada. Foi ela que os encontrou. Talvez possa dar-nos mais alguma informação.

— Passados quinze anos? O mais provável é que tudo aquilo que recorda esteja corrompido, alterado pelas muitas vezes que contou a história, sempre um pouco diferente. Sabe como isso funciona. Os

testemunhos já não são assim tão fiáveis nas primeiras vinte e quatro horas... O que espera passados quinze anos?

— Espero investigar o caso, malta. Não posso ficar aqui sentada enquanto a vida da Laura está em jogo.

Pegou nas chaves e fez menção de sair.

— Aonde vai? — perguntou Michowsky.

— Ver a Laura.

Não esperou pela reação. Atravessou a sala de operações e, passados segundos, sentou-se ao volante do *Suburban*. Quase ligou o motor, pronta para partir, mas lembrou-se de uma chamada que precisava de fazer primeiro. Marcou o número, usando o ecrã do carro. Foi para o correio de voz. Pigarreou baixinho antes de deixar uma mensagem.

— Doutor Navarro? Olá, daqui fala a Tess Winnett. Pois... Acho que está na altura de voltar à terapia. Por favor, ligue-me quando tiver um minuto. Obrigada.

Desligou e soltou um suspiro de alívio. Era a coisa certa a fazer, e ela sabia-o.

O telemóvel tocou e Tess atendeu sem verificar quem estava a ligar-lhe.

— Sim, obrigada por responder...

— Tess? — A voz de Bill McKenzie interrompeu-a.

— Oh... Bill. Olá. — Riu-se baixinho, um pouco embaraçada. — Pensei que era outra pessoa.

— Percebi — respondeu ele. — Ei, vou agora para o aeroporto. Chego aí muito tarde esta noite, mas queria vê-la amanhã antes do trabalho. Acha que podemos tomar um café? Digamos... às sete?

Tess hesitou antes de responder. Receava as perguntas que ele podia fazer-lhe em privado. Mas também não tinha escolha.

— Sete? Hum...

— Winnett, se posso passar uma noite sem dormir por si, com certeza também pode acordar um pouco mais cedo por mim, certo?

Tess mordeu o lábio.

— Claro. Há um pequeno Starbucks ao lado do escritório. Envio-lhe a morada por mensagem.

— Perfeito — concordou ele, e ela julgou ouvir-lhe um pequeno sorriso na voz. Talvez fosse altura de seguir o conselho de Cat e confiar em alguém.

— Bill? Obrigada por fazer isto, está bem? E boa viagem — desejou, engolindo em seco.

— Ahã. Até amanhã.

A chamada caiu e Tess ficou ali sentada, no silêncio escuro do *Suburban*, a pensar nas coisas. Em tudo. No caso e em quão deturpado e sem sentido era. No segredo sombrio do seu passado e em como os seus tentáculos tocavam tudo na sua vida. E em Laura Watson.

MENTIRAS

Tess familiariza-se com o edifício de Laura Watson. Fizera questão de passar por ali várias vezes todos os dias, só para se certificar de que ela estava em segurança. O seu cérebro lógico debatia-se com o conceito; como podia saber, do parque de estacionamento, ao olhar para o edifício, que a moradora do sétimo andar se encontrava bem?

Subiu ao andar de Laura e percorreu o corredor, escutando atentamente à porta. Mais uma vez, isso não lhe disse grande coisa; se não ouvisse nada, Laura podia estar morta lá dentro e ela não saberia. Mas era só isso que podia fazer, antes de conseguir a aprovação de Pearson para pôr Laura sob proteção policial, e Pearson recusava-se a ceder. Sim, o seu método não adiantaria grande coisa, mas sabia que o seu olhar treinado detetaria coisas que parecessem fora do sítio, pequenas mudanças, sinais de que um assassino podia estar à espreita ali perto.

Pensara em prender Laura sob uma acusação fictícia, só para a manter em segurança durante vinte e quatro horas. Mas não tinha garantias de que fosse apanhar o assassino nesse intervalo e, caso não o fizesse, só pioraria as coisas. O assassino podia passar-se e apressar o ataque assim que ela tivesse de libertar Laura. Não, não tinha alternativa além de fazer essas passagens, na esperança de que calhasse estar lá no momento em que o assassino decidisse atacar. Só até obter a aprovação para a maldita custódia policial, até ter o mandado assinado.

Desta vez, tocou à campainha e Laura abriu rapidamente a porta, após espreitar pela vigia.

— Agente especial Tess Winnett, FBI — disse ela friamente, apresentando o distintivo. — Posso entrar?

Pálida, Laura afastou-se, dando-lhe espaço para entrar e fechando depois a porta com dedos trémulos. Apontou para uma cadeira, mas Tess decidiu ficar de pé.

O apartamento estava inundado de luz, vinda de todo o tipo de candeeiros, provavelmente fabricados pela WatWel. Um arranjo juvenil, com objetos de boa qualidade e um evidente gosto pela decoração. À luz generosa, Laura parecia frágil e pequena. Usava um casaco preto com capuz apertado até cima, apesar do apartamento bem aquecido, e puxava constantemente os fios do capuz com as mãos, apertando-o à volta do pescoço como um cachecol. Na mesa havia uma chávena de chá meio vazia, diante de um lugar onde talvez estivesse sentada antes da chegada de Tess.

— De que se trata? — perguntou Laura.

Tess pigarreou um pouco.

— Hum, como sabe, a execução do Kenneth Garza está agendada para antes do final do mês. Andamos a fazer entrevistas de rotina com várias pessoas. Tenho algumas perguntas para si, se não se importar. Principalmente de rotina — repetiu.

Laura assentiu e puxou de novo os fios do capuz.

— Certo. Hum, diga-me tudo o que se lembrar sobre essa noite. O que lhe vier à cabeça.

Laura sentou-se e pôs as mãos à volta da chávena de chá. Um gato apareceu, vindo do nada, com um miado baixinho, e começou a roçar-se contra as suas pernas.

— Não me lembro de nada — disse ela, olhando para o líquido translúcido na chávena. — Eu... bem, é por isso que me estão a fazer a sessão de regressão, para me ajudar a lembrar. Lamento...

— Não, não faz mal. O que puder dar-me é suficiente.

— Costumava jogar às escondidas com a minha avó e os meus irmãos. Gostava de me esconder onde ninguém me encontrasse. Foi o que fiz nessa noite. Só me lembro de estar assustada e de me esconder, e depois nada, como se a escuridão tivesse engolido a minha memória.

— Nada, então, acerca dessa noite?

— Não... Lamento. Não sabe quantas vezes tentei lembrar-me. Desapareceu... desapareceu tudo.

— Qual é a coisa seguinte de que se lembra?

Laura soltou um riso triste.

— Todos me fazem essa pergunta; os psiquiatras, a Doutora Jacobs, até o jornalista da televisão. Lembro-me da minha nova família. Da Carol, a minha nova mãe, a aconchegar-me à noite, a cuidar de mim. Da Amanda, a minha nova irmã, a brincar comigo, a escovar-me e entrançar-me o cabelo.

— E quanto à sua avó? O que lhe aconteceu?

— Sei que morreu pouco depois dos meus pais; teve uma apoplexia. Não conseguiu lidar com a perda da filha e de dois dos netos. —

Limpou uma lágrima que se formara no canto do olho e fungou. — Disseram-me que foi ela quem me acolheu. Vivi com ela alguns dias, mas não me lembro de nada dessa altura. Soube-o por outras pessoas volvidos alguns anos. Nessa altura, deve ter sentido que algo se passava com ela, pois levou-me à família Welsh. Morreu nessa noite.

Tess olhou para a pequena figura curvada sobre uma chávena de chá para se aquecer a uma temperatura de vinte e seis graus, e perguntou-se o que Laura não estava a dizer.

— Alguém a incomodou nos últimos tempos?

— Ahã — respondeu, rápido demais.

— Viu alguém a agir de forma suspeita, a rondar por aí?

Laura enfiou as mãos nos bolsos do casaco e desviou o olhar.

— Porque haveria alguém de fazer isso? Ele não está preso?

— Hum... Às vezes acontece, quando uma execução está próxima. Todo o tipo de estranhos a sair da toca, a protestar contra a pena de morte, ou coisa assim.

— Ahã — repetiu. — Não vi ninguém desse tipo.

Estava a esconder alguma coisa e Tess não tinha nenhuma vantagem com que a levar a admiti-lo. Toda a conversa fora uma

dança inútil de mentiras. Olhou de novo para Laura e percebeu que ela não estava com frio... mas assustada. Aterrorizada. Porquê?

Tess fitou-a, atenta, e Laura baixou o olhar.

— Menina Watson, está com medo de alguma coisa?

Os grandes olhos redondos de Laura dispararam para cima ao encontro dos de Tess.

— Não, não estou com medo. Estou bem.

Tess pegou no seu cartão de visita e entregou-lho.

— Por favor, ligue-me assim que se lembrar do que lhe causa tanta ansiedade. Posso ajudar, prometo.

Virou-se para sair, mas viu um antiquado atendedor de chamadas e não pôde deixar de o examinar.

— Só vi coisas destas em filmes antigos, sabe? Ainda funciona?

Laura levantou-se e aproximou-se da bancada, onde o sistema telefónico estava ligado.

— Sim — respondeu, com um sorriso tímido —, com uma cassette. — Abriu uma tampa, revelando uma cassette no interior. — Tem, hum, as vozes deles lá dentro. Dos meus pais, do meu irmão e da minha irmã. Todos nós.

Carregou num botão para reproduzir a gravação e um bando de vozes alegres irrompeu da máquina.

— Olá, daqui falam o Allen, a Rachel, o Casey, a Monique e a Lau'a, e somos os Watson!

Quando Tess olhou novamente para Laura, esta tinha o queixo a tremer e os olhos marejados. Voltou a baixar os olhos e, desta vez, Tess respeitou isso.

— Ligue-me — instou-a uma vez mais da entrada. — Por favor.

HANNAH

Hannah Svoboda abriu um pouco a boca e semicerrou os olhos à luz tênue, olhando repetidamente do rosto de Tess para o distintivo do FBI. Tinha excesso de peso e o rosto flácido, e a pele tinha uma miríade de rugas, demasiadas para a idade. Sem dúvida provocadas por muitos anos de trabalho árduo em empregos fisicamente exigentes de empregada doméstica e de limpezas, seguidos de um trabalho como empregada de limpeza para uma grande empresa, num permanente turno da noite.

Tess sorriu-lhe de forma encorajadora e Hannah convidou-a a entrar. O apartamento era pequeno e modesto, como seria de esperar, tendo em conta os rendimentos e o estatuto social. Era, porém, limpo e acolhedor, e Hannah ofereceu a Tess uma chávena de café acabado de fazer. Tess hesitou, tendo em conta a hora tardia, mas então Hannah propôs-lhe um chá, e ela aceitou-o com gratidão, indo contra os procedimentos.

— É sobre o homicídio dos Watson, senhora Svoboda — disse Tess. — Estamos a preparar-nos para a execução de Kenneth Garza, antes do fim do mês, e andamos a fazer...

— Deviam ter abatido esse animal há muito — cortou Hannah amargamente, subjugada pelas lágrimas. — Esse monstro... matou os meus bebés... amava-os como amo os meus, sabe? — acrescentou, limpando as lágrimas com a manga. — A Laura também. Essa pobre criança, ter de viver com aquele horror...

Tess deu-lhe alguns segundos para continuar, mas ela não o fez. Ficou sentada, curvada, resignada a fungar e a deixar as lágrimas caírem livremente dos seus olhos.

— Era próxima da família?

— Há muitos anos que era a empregada deles, desde antes de o primeiro filho nascer. Casey, um rapazinho doce. Espero que esse animal arda no inferno por aquilo que fez — acrescentou, dizendo depois bruscamente uma longa frase numa língua que Tess não entendeu. Soava a russo.

— O quê, desculpe?

— Amaldiçoei-o bem, como só uma mãe russa sabe amaldiçoar. Ninguém escapa a essa maldição.

— Oh, estou a ver — respondeu Tess. — O que pode dizer-me sobre o dia em que os encontrou?

Hannah pigarreou e limpou novamente os olhos com um lenço agora ensopado.

— Cheguei mais cedo do que o habitual. Tinha de ir ao dentista nessa tarde, e a senhora Watson não se importou que eu trocasse as horas de modo a que as coisas funcionassem. Eram tão boas pessoas. Deixavam-me trabalhar aos fins de semana, só porque eu precisava. Não se importavam que eu estivesse lá.

Limpou rapidamente a boca com a mão e voltou a pigarrear.

— Tentei destrancar a porta da frente, mas estava aberta. Não esperava que eles já estivessem acordados. Era sábado e o senhor Watson gostava de dormir até tarde aos fins de semana. Abri a porta e ali estava ele, deitado no chão, sobre o sangue seco — disse ela, a voz dominada pela emoção e novas lágrimas a escorrer-lhe pelas faces pálidas. — Havia sangue na parede, na mobília, em todo o lado. Corri lá para dentro, a pensar naqueles bebés.

Baixou a cabeça e olhou para o chão por longos segundos.

— Encontrei-os, logo depois de descobrir a senhora Watson, rasgada no chão da cozinha. Eu... por essa altura, estava histérica, sei que fiz asneira. A polícia chateou-me bastante por isso, e eu estava assustada, sabe? Tinha um visto de trabalho; receava que me mandassem de volta para a Rússia.

— Porquê? O que aconteceu? — perguntou Tess. Não havia menção a nenhuma infração de Hannah nem a qualquer detenção.

— Disseram que comprometera o local do crime, ao andar por ali a correr e a tocar em tudo. Liguei para o 112 depois de ter encontrado os rapazes lá em cima. Mas continuei à procura da Laura. A correr pela casa, a chamar o seu nome.

— Então sabia que estava viva?

— Não sabia... Tinha esperança, porque... — Hannah ficou com a respiração embargada e tapou a boca por um segundo. — O corpo não estava com os das restantes crianças e eu sabia que a menina adorava esconder-se. Escondia-se tão bem que ninguém a encontrava quando jogavam às escondidas. Eventualmente, encontrei-a.

Uma nova vaga de soluços sacudiu o corpo de Hannah e ela tapou o rosto com as mãos e abanou a cabeça, incapaz de continuar. Tess tocou-lhe suavemente no ombro, dando-lhe tempo.

Hannah inspirou profundamente e prosseguiu.

— Desculpe... Sei que passaram muitos anos, mas para mim parece que foi ontem. Descobri a pobre menina enroscada no cesto da roupa suja, na casa de banho do andar de cima. As luzes todas apagadas. Parecia estar a dormir, com os olhos bem fechados e a chupar no polegar direito. Mal sabia eu — disse ela, parecendo zangada consigo mesma. — Estava em choque e eu a tentar acordá-la. Chupara tanto no polegar que os dentes lhe tinham cortado a pele, assim — demonstrou, traçando um círculo em torno da articulação do polegar direito. — Deve ter cerrado os dentes. Consegue imaginar o terror que aquela criança deve ter sentido? Passar uma noite inteira assim? É um milagre que seja como é hoje, normal.

Hannah sorveu uma profunda e entrecortada golfada de ar. Tess acenou, encorajadora.

— Sabe que ela passou algum tempo sem falar — acrescentou Hannah. — Esteve nas notícias na altura. Chamavam-lhe a Filha dos Watson, a sobrevivente milagrosa. Mas as pessoas da televisão não sabiam o que se passava. Aquela menina estava quebrada e precisava de paz. Então, os Welsh acolheram-na e acabaram com a

atenção mediática, dizendo que receavam que o assassino pudesse voltar para... Oh, Deus. — Por breves momentos, tapou a boca com a mão. — Tínhamos medo, sabe? Senti pavor durante anos, até que apanharam esse monstro do Garza — disse ela, acrescentando uma porção da mesma praga russa que entoara antes, logo após ter dito o seu nome.

— O que aconteceu depois? Do que mais se lembra?

— A Laura começou a recuperar com a família Welsh. Foram bons para ela. Levaram-na a todos os médicos; fizeram coisas por ela. Levou anos, mas começou a tornar-se uma criança mais ou menos normal.

— Mais ou menos? Porquê?

— Há uma tristeza na Laura, algo que nunca a abandona, por mais feliz que pareça. Ficarà sempre marcada. Não é algo que alguma vez possa esquecer. Acho que está deprimida.

— Tem estado em contacto com ela?

— Sim — respondeu Hannah, sorrindo pela primeira vez desde a chegada de Tess. — Procurou-me quando tinha cerca de dezasseis anos. Queria saber pormenores sobre esse dia. O que devia eu dizer? Não podia contar-lhe o horror... não. Ter-lhe-ia partido o coração. Só queria conhecer melhor a família perdida, saber deles, por isso eu disse-lhe. Conte-lhe histórias dos pais, coisas que adoravam, o que gostavam de fazer juntos, os lugares aonde iam. É de partir o coração, sabe?

— Então e agora? — questionou Tess, perguntando-se se Hannah podia saber o que assustava Laura.

— Ainda no outro dia veio ver-me. Tinha mais perguntas sobre essa noite. O que foi que eu vi? A televisão estava ligada? Que perfume usava a mãe? O que estava a cozinhar? Perguntas estranhas, mas ela disse que era para a nova terapia.

— E? Lembra-se?

— A senhora Watson estava a fazer um salteado de carne de vaca com molho *Worcestershire* na grande frigideira de ferro fundido. Quase terminara, pois encontrei o salteado numa taça, já

cozinhado, mas o fogão continuava aceso. Ainda bem que a casa não pegou fogo. Pode imaginar? Com todos eles mortos e aquela menina lá em cima, no cesto? Oh, meu Deus — disse ela, benzendo-se rapidamente três vezes, à típica maneira russa.

— E agora? Reparou se a Laura estava com medo de alguma coisa? De alguém?

Hannah franziu o sobrolho e olhou atentamente para Tess. Um ar de suspeita surgiu-lhe no rosto. Tess sorriu-lhe de modo encorajador.

— Houve sempre... Sempre pareceu ter medo de alguma coisa. Reparei nisso ao longo dos anos, e perguntei-lhe, mas respondeu-me apenas que tem medo do que não se recorda. Como se o medo vivesse dentro dela, disse-me a Laura. E para sempre.

— Então e agora? Viu-a há um par de dias. Pareceu-lhe mais assustada?

— Hum, um bocadinho, talvez — admitiu Hannah, as sobrancelhas grisalhas eriçadas sobre os olhos desolados e húmidos. — Perguntei-lhe e ela disse-me que tem medo desta nova terapia. Teme aquilo que poderá descobrir.

— Ah — disse Tess, baixinho. Parecia plausível, mas, de alguma forma, não a convencia. A Laura que acabara de conhecer estava aterrorizada, temia pela vida, e era algo real, mais real do que as memórias. Por outro lado, não podia descartar o efeito da ansiedade profunda e do stresse pós-traumático. De todas as pessoas, Tess sabia melhor do que ninguém que não devia descartar esses efeitos. Talvez Laura não estivesse a esconder nenhuma informação pertinente nem uma nova ameaça; só um terrível fantasma preso na sua mente.

— Recuemos quinze anos, senhora Svoboda. Lembra-se de os Watson terem referido algum problema com alguém? Alguém que quisesse fazer-lhes mal?

Hannah levantou a cabeça e olhou para Tess.

— Porque pergunta? Pensava que tinham o animal que...

— E temos, senhora Svoboda. São apenas perguntas de rotina.

— Não, não havia nada de errado — respondeu ela, após morder o lábio e franzir o sobrolho, um claro sinal de que não acreditava na justificação de Tess. — Eram pessoas fantásticas, com vida tranquila.

Tess esperou que as portas do velho elevador se fechassem antes de soltar um ruidoso suspiro, carregado de todos os palavrões que conseguiu reunir. Onde quer que procurasse, nada encontrava.

CAFÉ PELA MANHÃ

Na manhã seguinte, Tess estacionou junto ao pátio do Starbucks às sete menos dez, mas Bill McKenzie já se encontrava ali, sentado a uma pequena mesa de ferro forjado. O ar estava frio e húmido para Miami e a ideia de uma chávena de café quente era bem-vinda. De súbito, perguntou-se o que Bill pedira para ela. Havia duas grandes chávenas, uma à sua frente e a outra obviamente à espera dela. Tess sorriu, empolgada com a antecipação.

— O que está aí dentro? — indagou, prescindindo do cumprimento normal. Depois engoliu um palavrão. Podia tê-lo cumprimentado devidamente e perguntado pelo voo. Ele, porém, não pareceu importar-se.

— É um *cappuccino* grande, com duas doses de *espresso*, muita espuma e sem açúcar — respondeu, quase se rindo no final da frase, provavelmente ao ler a expressão desconcertada no rosto de Tess.

Como raios sabia ele o seu favorito? Deu voltas à cabeça, tentando lembrar-se se alguma vez pedira café na sua presença.

Puxou a cadeira e sentou-se, sorrindo depois a Bill com um olhar grato, mas inquisitivo.

— Muito obrigada. A minha fórmula de café preferida está algures no meu ficheiro?

— Não, agente especial Winnett, acontece que sou bom no que faço — respondeu Bill, recostando-se na cadeira após beber outro gole de café.

— Nem pensar! — reagiu ela. — Ninguém é assim tão bom. Não. Por favor, tente novamente.

— Muito bem, vou demonstrar — sugeriu ele.

— Força — incentivou-o, e o seu sorriso alargou-se.

— É uma mulher mais de calças de ganga do que de saias: direta e interessada. Isso significa que odeia coisas falsas. Se não pode ser açúcar, também não será adoçante. Mantenha este ponto em mente para referência futura. É desportiva e não pretensiosa. Isso diz-me que coisas snobes como *mocha lattes* não fazem o seu género. Está em boa forma, por isso cuida da dieta, mas vi como devorava um duplo *cheeseburger* com tudo, exceto o pão. Isso diz-me que controla a ingestão de hidratos de carbono, mas que as gorduras não são problema. O que se traduz em leite gordo, muita espuma, zero açúcar. É cedo, pelo que não teria problema com uma dose dupla de *espresso*, tendo em conta que se queixou um pouco da hora do nosso encontro. Quanto ao tamanho, escolhi pelo seguro. Nem grande, nem pequeno.

— Uau... Estou sem palavras — respondeu Tess. — Ainda bem que pedi a sua ajuda. — O seu sorriso esmoreceu lentamente, ao perceber quão transparente devia parecer a um homem com as capacidades de *profiler* de Bill McKenzie.

Ele franziu um pouco o sobrolho, vendo-a ficar séria.

— Esperava uma chamada sua mais cedo — disse, todo o riso apagado da sua voz. — Aguardava que me contactasse, tal como discutimos.

Tess olhou para o chão, sem encontrar palavras em sua defesa. Mordeu o lábio, contando quantas vezes procurara o número de Bill na memória do telemóvel, só para desistir e adiar o que devia ter feito há semanas.

— Sabe que não pode continuar com o trabalho de campo, Tess. Não com o seu stresse pós-traumático por controlar. Já discutimos isso. — Fez uma curta pausa, sem tirar os olhos dela. — Não posso adiar isto por mais tempo.

Tess olhou-o nos olhos, incapaz e renitente em esconder-lhe a tristeza.

— Eu sei, desculpe. Tentei... Só...

— Quer falar sobre isso? — perguntou ele baixinho.

— Não... não propriamente — sussurrou Tess, mantendo os olhos baixos. Não se sentia capaz de o encarar.

— O que lhe aconteceu? — tentou ele, a voz suave e bondosa, convidativa e compreensiva.

Não se atrevia a contar-lhe. Afinal, era um agente especial supervisor; não o seu superior direto, mas, ainda assim, estava acima na hierarquia do FBI e, como tal, tinha deveres. Entre outros, o de introduzir o crime não reportado na base de dados. Não podia correr esse risco. O seu drama tinha de se manter pessoal.

Olhou para o chão e abanou discretamente a cabeça. Num pensamento ligeiro, sentiu-se grata pelos longos cabelos que lhe caíam para a frente, cobrindo as lágrimas que lhe marejavam os olhos.

— Tess... — chamou ele, mantendo o tom de voz encorajador.

Agora ia pedir-lhe que confiasse nele. Não podia. Inspirou uma funda golfada de ar e fitou-o.

— Mas liguei ao meu terapeuta — disse ela — para voltar ao plano e vê-lo regularmente.

Bill escrutinou-a por intermináveis segundos.

— Preciso do nome dele, por favor. — A sua voz afastara-se ligeiramente do tom amigável para o profissional.

— Está fora dos registos — protestou Tess. — Se isto se souber, estou acabada. Bill, por favor... Este trabalho é tudo o que tenho.

— Não confia nem um pouco em mim, pois não, agente especial Winnett? — Quase sorriu, com um laivo de amargura.

— Não, não é isso, Bill, juro. Trabalhei imenso, e durante tanto tempo, para manter esta coisa enterrada, que passo-me só de pensar que mais alguém sabe, só isso.

— Só preciso do nome dele para ter a certeza de que está a receber o acompanhamento adequado, de alguém suficientemente bom para a ajudar da maneira certa; não alguém medíocre, capaz de fazer mais mal do que bem.

— Está a dizer que nem um bom terapeuta consigo escolher? — O timbre da sua voz subiu com a frustração. Como podia ele confiar

nela para fazer o seu trabalho quando não a via à altura de escolher um maldito psiquiatra?

Provavelmente Bill leu-lhe o rosto como um livro aberto, pois ergueu as mãos num gesto pacificador.

— Estou a dizer que, quando se tem de ir fora dos registos, as opções são menos do que brilhantes.

Tess fitou-o por longos momentos, estudando-lhe o rosto em busca de sinais de logro. Ele susteve-lhe o olhar com uma expressão aberta e amigável, e não vacilou. Claro que todos eles eram treinados em várias técnicas de interrogatório, manipulação e engano, mas não sentiu qualquer puxão de alerta nas entranhas. Lembrou-se do conselho de Cat para que confiasse em alguém um dia em breve. Talvez esse dia tivesse chegado.

— Doutor James Navarro — disse.

Ele assobiou em apreço.

— Há anos que ele não aceita um novo paciente. Escolheu bem.

— Bebeu um pouco de café e Tess perguntou-se se poderia traçar o perfil da sua receita de café e quão longe ficaria da realidade.

— Agora mantenha-se na terapia durante tanto tempo quanto ele lhe disser — prosseguiu Bill. — Talvez não se aperceba disso, mas o stresse pós-traumático está a afetar a sua vida. Além de pôr em risco a carreira, está a perder a vida. É incapaz de confiar em alguém e não consegue estabelecer relações significativas. É um sacrifício inútil, um desperdício de uma boa vida, Tess. Da sua.

Tess olhou para a chávena do *cappuccino*, deixando que as lágrimas lhe ameaçassem os olhos.

— Muito bem, então. Como posso ajudá-la? — perguntou Bill, no seu tom profissional. Ela sorriu, grata pela mudança de assunto.

— Vamos lá acima, se estiver pronto. Temos um caso mesmo lixado.

REFLEXÕES: AUTOCONTROLO

Já nos podemos ter encontrado, nós os dois; é possível. Pode ter sorrido quando passei por si, pensando que eu tinha bom aspeto, um cobiçado e bem-sucedido macho alfa. Pode ter invejado a minha esposa ou admirado o belo casal que formamos. Secretamente, pode ter querido sair comigo, talvez apenas por uma noite, para saborear o fruto proibido do perigoso caso com um carismático e potencial perigoso estranho.

Já me pode ter visto, mas não me ter conhecido por quem sou... não, de facto. Sou a serpente na sua relva impecavelmente cortada.

Pode ter-me dado passagem numa disputa no parque de estacionamento do centro comercial, em que ambos chegámos ao mesmo tempo, prontos para ocupar aquele lugar perfeito junto à entrada. Pode ter visto que eu não estava disposto a ceder e ter virado costas para estacionar noutro lado, desapontado, mas vivo.

Ao contrário daquele cretino com a ferrugenta carrinha *Ford* verde.

Viu-me à espera do lugar, com o pisca ligado, a aguardar que um *Lexus* saísse. Mas não se importou e quase batemos de frente, ambos correndo a aproveitar a oportunidade. Buzinámos, gesticulámos, praguejámos através dos vidros descidos.

Então, ele fez o impensável. Empurrou-me daquele lugar, tirando partido de a sua *Ford* amassada valer menos do que o pneu esquerdo da frente do meu carro. Um *BMW* descapotável novinho em folha nunca ganha contra uma carrinha *Deliverance* do inferno. Não numa luta de frente, seja como for.

Mas cometeu um erro terrível.

Ninguém me domina. Ninguém. Nunca.

Esperei que ele acabasse as compras, e estava lá quando arrancou, ignorando que eu o seguia até aos arredores de Weston. Na I-75 oeste, mantive-me dois carros atrás. Depois, caí-lhe em cima quando virou para os Glades, como esperava fazer.

Cortei-lhe o caminho e obriguei-o a parar à beira da estrada. Ele saltou da sua traquitana de punhos cerrados, gritando e praguejando, a espumar. Quando estava suficientemente perto, dei-lhe com uma chave de pneus na cabeça, e ele caiu como uma mosca. Bati-lhe de novo, só para me certificar de que ficava no chão, e arrastei-o para os arbustos para acabar com ele.

Não estava satisfeito; queria pisá-lo até à morte, mas parecia já morto. De qualquer forma, esfaqueei-o profundamente com a faca de combate, enquanto rugia a minha fúria frustrada. Enterrei a lâmina até lhe ouvir as costelas estalar, e voltei a enterrá-la. E outra vez.

Ninguém me domina. Ninguém. Nunca.

Ali estava eu, ofegante como um cão no cio, a rebolar o seu corpo mais para dentro dos arbustos. Achava-me profundamente insatisfeito. Aquele sacana não morrera a sentir-se pequeno e insignificante como eu queria. Não teve oportunidade de perceber o que lhe estava a acontecer. Não se rendeu ao meu poder; morreu ignorante da sua inutilidade, e senti-me enganado. Quando o matei, não senti nada. Não me senti justificado.

Devia tê-lo seguido até casa, amarrado e obrigado a assistir enquanto possuía por completo a esposa, fodendo-a de todas as maneiras imagináveis, durante horas. Sim, há uma mulher algures que nunca terei oportunidade de conhecer; usava uma aliança barata. Também devia estar aos gritos, não só ela, enquanto as amarras lhe cortavam a carne, incapaz de a ajudar, emasculado da mais suma forma que um homem alguma vez pode ser, completamente impotente. Isso teria sido muito melhor. Que pensamento... Conseguem imaginá-lo a implorar pelo meu perdão, enquanto eu lhe cortava lentamente a esposa, saboreando cada um

dos seus gritos? Foi essa a oportunidade que perdi ao apressar-me em obter uma rápida e inútil vingança.

Fiquei com um vazio por dentro, uma imensa frustração por ter matado sem satisfação. Mas, nesse dia, aprendi algo valioso.

Matar já não me diz grande coisa se as vítimas forem homens. A adrenalina que senti ao matar o Watson desaparecera; o meu cérebro habituou-se a muito mais nos quase cinco anos de mortes desde essa primeira noite transformadora. Como qualquer viciado, precisava de mais e mais para ficar pedrado.

Aquele sacana provinciano privara-me gravemente disso, pois não era uma mulher e porque desvanecera-se depressa, de forma quase indolor, quando merecia morrer aos gritos. É bom saber. Não desperdiçarei o meu tempo com homens a menos que seja absolutamente necessário; e, se for, farei com que valha a pena. Mas preferia manter-me focado no que importa: a busca por essa maçã perfeita e pela receita para o banquete ideal.

Também emergira outro problema na altura em que matei aquele saloio. Preocupavam-me cada vez mais as suspeitas da minha mulher de que se passava algo de estranho comigo. Provavelmente, surgiram quando comecei a rapar as pernas e os pelos púbicos. Não acho que tenha acreditado na explicação, algo relacionado com a higiene pessoal no ginásio. Comecei também a usar doses generosas de laca e a cortar o cabelo mais curto. Não queria que a era emergente das provas forenses de ADN representasse o final da minha.

Percebem que não podia ir simplesmente ter com ela e perguntar-lhe do que desconfiava ou não. Se ela soubesse do verdadeiro eu, surpreender-me-ia que estivesse disposta a alinhar. Sempre tão correta, tão reta em todos os aspetos, a esposa perfeita segundo as normas sociais. Mas não houve alguém que disse em tempos que as águas paradas são profundas? Para mim, são-no, sem dúvida, e talvez também o sejam para ela. É assim tão inconcebível de aceitar? Talvez para vocês, mas não para mim. Na verdade, ficaria feliz por saber que a minha cara-metade é plenamente digna

de ser assim chamada. Mas deve tratar-se apenas de um pensamento ilusório.

Vigiei a minha esposa, e ela pareceu comportar-se de forma normal, por isso não sei ao certo do que — se é que havia alguma coisa — desconfiava ou pode ainda desconfiar. De uma perspectiva diferente, isso é ótimo, pois pode haver um momento em que tenha de testemunhar, se aquele assassino contratado estragar de alguma forma o trabalho da Laura Watson, e ele voltar para me assombrar.

Não acho que isso aconteça; fui cuidadoso, e ele também. Seja como for, a minha espera está quase a acabar. Disse que vai matá-la amanhã.

O PROFILER

Tess acabou de resumir o caso e ficou de pé à frente do quadro, segurando um marcador. Ninguém disse uma palavra. Bill franziu o sobrolho e mordeu o lábio inferior, enquanto os seus olhos se deslocavam entre as fotos dos locais dos crimes. Michowsky e Fradella estavam de olhos colados ao rosto de Bill, à espera que ele partilhasse a sua opinião. Quanto ao Dr. Rizza, ainda estava ofegante por ter subido dois lanços de escadas e ia bebendo água da sua garrafa.

— Sabem — disse Bill —, pediram-me o meu parecer sobre os casos do Garza quando o prepararam para ir a tribunal. De algum modo, tudo isto me escapou. Estes três casos ficaram perdidos no barulho de fundo dos outros trinta e um. Não acredito — acrescentou, franzindo os lábios e cruzando os braços, visivelmente embaraçado.

Tess olhou na direção de Michowsky e achou que ele parecia um pouco aliviado. Quase sorriu. Devia sentir-se justificado nos seus próprios erros.

— Por isso a minha pergunta é — continuou ela, seguindo a anterior linha de discussão —, se o suspeito imitou o Homem de Família durante quase sete anos, e está a evoluir para um perfil de luxúria como motivação, onde começou? Onde continuou após a família Townsend? Seleccionámos setenta e quatro casos, qualquer um podia ter sido tocado por ele. Depois, eliminámos alguns...

— Começemos por descobrir quem ele é — sugeriu Bill. — Vamos traçar um perfil. Tem-se saído bem até agora, agente Winnett, porque não experimenta?

A tampa do marcador encontrou o caminho para a boca de Tess; mordeu-a algumas vezes, produzindo um estalido ténue.

— Imita o Garza, mas viola as mulheres, de qualquer forma? — acrescentou Bill, incentivando-a. — O que é que isso lhe diz?

— Hum, que é esse o seu impulso primário. É a violação o impulso primário, não a morte — sugeriu Tess, hesitante.

— Sim — confirmou Bill. — Continue, está no caminho certo.

Fradella assistia à conversa e tomava notas, encantado por participar no processo de criação do perfil.

— Mas ele não se limita à violação — acrescentou Tess. — Escolhe matar múltiplos indivíduos só para chegar à vítima pretendida. Porquê? E porque hesitou antes?

— O problema de trabalhar com múltiplos casos ao mesmo tempo é que às vezes os pormenores entopem-nos a mente. Eleve o julgamento ao nível estratégico e isole as verdadeiras perguntas.

— Certo... Porque não violou as primeiras duas mulheres? Os violadores têm o impulso sexual, a luxúria; portanto, é pouco provável que não tenha pensado nisso. Não me lembro de um caso na história em que um assassino tenha evoluído para violador, por isso o que raio me está a escapar? — Tinha a frustração gravada na voz.

— A resposta é que ele violou-as — respondeu Bill.

— Hum, não violou, não, estou certo disso — interveio o Dr. Rizza.

— Psicologicamente, fê-lo — esclareceu Bill. — Esfaqueou-as em vez de as alvejar, apesar da propensão para imitar o Garza. Também mordeu a senhora Meyer. Morder é uma prática do sadismo sexual — clarificou, olhando para Michowsky e depois para Fradella. — Vemo-lo com demasiada frequência, infelizmente.

— Então considera o esfaqueamento uma forma de violação? — perguntou o Dr. Rizza, franzindo as sobrancelhas.

— Quase — respondeu Bill. — Esfaquear é pessoal. A lâmina que penetra o corpo da vítima é um poderoso substituto do verdadeiro ato sexual. Olhe para o local das feridas. Não apontou ao coração; esfaqueou-as no baixo-ventre; outra pista poderosa.

— Está a dizer que concorda que ele imitou o Homem de Família e, para todos os efeitos, quase conseguiu, mas, quando se deparou com a oportunidade, não controlou os impulsos e esfaqueou a mulher para os satisfazer com um ato de substituição? — perguntou Tess, uma longa pergunta proferida num único e longo fôlego.

— Sim, é isso que estou a dizer. O primeiro esfaqueamento, o da Rachel Watson, foi feito com uma faca de cozinha, uma arma de ocasião encontrada no local. Ele não foi preparado para o esfaqueamento, mas sim para o resto. Posso fechar os olhos e visualizar a cena. Alveja-os a todos, mas para antes de alvejar a Rachel Watson. Ali, diante dele, tem uma mulher que teme pela vida, trémula, suplicante. Uma inebriante excitação para um violador de poder assertivo. Pega na faca, a maior do suporte, e leva o seu tempo a introduzir a lâmina. Saboreia a penetração. Quantas facadas havia?

— Três — respondeu o Dr. Rizza. — Uma delas hesitante, mas todas no baixo-ventre.

— Deve ter gritado e feito com que ele apressasse a matança. Para os homicídios dos Watson, classificá-lo-ia como um assassino organizado e um violador desorganizado, tudo em um. — Olhou para os rostos perplexos. — Vejo como isso pode ser confuso. Pensem nas compras por impulso. Vão ao mercado comprar vegetais, mas trazem também uma embalagem de gelado, e odeiam-se por isso. A mesma psicologia se aplica aqui. Entra na casa e faz o que ia fazer, mas depois vê a tentação: uma mulher, aos gritos, a implorar, fraca e subjugada. Avança sem pensar.

— Ahah — reagiu Tess —, é uma forma interessante de pôr as coisas. Mas porque não violá-la mesmo, então? Porquê fingir com uma faca? É impotente?

Bill virou-se para o Dr. Rizza.

— Com base nas provas encontradas durante a autópsia da Emily Townsend, estaria disposto a apostar que é funcional nesse departamento.

— Talvez precise de assistência química para ser assim tão funcional? — sugeriu Fradella, corando ligeiramente.

— Tipo o quê, *Viagra*? — perguntou Tess.

— Ahã.

— É uma possibilidade — concedeu Tess. — Mas pessoas dessas nunca saem de casa sem o comprimido azul. É-me difícil de compreender; não faz sentido na minha cabeça.

— Eis outra teoria — propôs Bill. — E se ele não as violou porque tinha medo da investigação forense? Ou de deixar provas no local? E se, em vez de se ter esquecido ou de precisar do *Viagra*, ele se esqueceu dos preservativos? — Parou de falar e olhou um segundo para o teto, coçando a cabeça. — Mesmo com preservativos, a violação é complicada. O violador nunca sabe se não largou um pelo púbico algures no local ou algumas gotas de fluido seminal. A maioria dos violadores é apanhada devido à abundância de vestígios que normalmente encontramos no local e nas vítimas.

— Isso é verdade — concordou o Dr. Rizza.

— Jackie Meyer foi esfaqueada múltiplas vezes e torturada por algumas horas. Com a Emily Townsend, prolongou a emoção e juntou uma violação completa ao menu. O meu palpite é que, até à Emily Townsend, ele tinha medo de violar as mulheres, por isso conformou-se com atos de substituição.

— Diz então que matou porque estava sexualmente frustrado por não poder violar?

Bill ficou algum tempo pensativo antes de responder, esfregando o queixo com os dedos.

— É uma teoria — admitiu, relutante. — É a minha vez de dizer que, de alguma forma, não me soa verdadeira. Os tiros foram demasiado precisos, frios e desprovidos de emoção. Um assassino sexualmente frustrado é desorganizado e sangrento. Mata enquanto grita a raiva e faz as vítimas pagar pela abstinência. Isto foi diferente; como uma execução. Não me parece que compreendamos ainda o seu motivo complexo. Nem temos qualquer pista quanto ao gatilho.

— Mas admite que tenha começado como violador?

— Sim, provavelmente alguém que cumpriu pena pelos seus atos e aprendeu a ter medo de deixar provas. Que tipo de vestígios foram encontrados no caso dos Townsend?

— nenhuns, exceto um único cabelo com o folículo preso — respondeu o Dr. Rizza.

— Fizeram testes de ADN?

— Na altura, não, porque não tínhamos nada com que o comparar. A análise capilar mostrou que não pertencia a nenhum dos Townsend. Fiz um pedido de aprovação, mas o Garza foi apanhado pouco depois e o teste nunca foi feito.

— Está bem, vamos fazê-lo agora — replicou Tess, um pouco tensa.

— Claro — assentiu o Dr. Rizza.

Michowsky estivera o tempo todo calado. Remexeu-se e hesitou, mas falou, após pigarrear.

— Seleccionámos oito homicídios por resolver e começámos a olhar de novo para os factos — disse, empurrando uma pilha de pastas na direção de Bill.

— Como é que os seleccionaram?

— Procurámos homicídios com violação, *modus operandi* semelhante, e em que a vítima corresponde à fisionomia destas três mulheres. Todos depois de o Garza ter sido apanhado. Nenhum dos casos anteriores é uma verdadeira correspondência.

— ADN em algum lado? Para comparar com o cabelo do caso Townsend?

— Não. Os locais do crime estavam incrivelmente limpos. Acho que desenvolveu e aperfeiçoou um método — respondeu Michowsky.

— Há uma questão, e acabo de pensar nisso. Doutor, pode, por favor, verificar se alguma destas oito vítimas apresenta sinais daquele padrão de distensão na ferida?

— Do quê? — perguntou Bill.

— Ao examinar a Jackie Meyer, reparei num padrão invulgar de distensão na pele de uma das feridas do esfaqueamento — respondeu o Dr. Rizza. — Não havia quaisquer vestígios na ferida; mas era como se alguém a tivesse aberto à força. E sim, vou verificar.

Bill franziu o sobrolho, mas nada disse durante longos segundos.

— Pode ser parte de uma assinatura — observou. — Acho que estamos prontos para traçar um perfil preliminar. Vamos juntar o resto da equipa — disse ele, pegando depois no ficheiro dos Meyer e abrindo-o na autópsia. — Pergunto-me o que foi que ele fez — murmurou para consigo.

Então, fechou a pasta e levantou-se, bebeu o resto do café e deitou o copo vazio no caixote do lixo.

— Descafeinado grande, sem leite nem açúcar — disparou Tess. Ele virou-se, sorrindo.

— Como?

— Aqui? Agora? — perguntou, indicando Michowsky, Fradella e o Dr. Rizza. Todos pareciam intrigados pela críptica troca de palavras.

— Sim, vamos a isso — incentivou-a Bill.

— O tamanho era idêntico ao meu, por isso nada de perfis aí; apenas lógica. Depois, reparei que tem um pouco de hipertensão, às vezes fica com o rosto e o pescoço vermelhos. Mas fala apaixonadamente sobre café, o que significa que continua a adorá-lo, o sabor, o cheiro. Portanto, fui pelo descafeinado, pois também foi um pouco depreciativo sobre as pessoas que escolhem *mocha lattes* ou outras misturas pretensiosas *gourmet*, e por ser sempre tão direto e descomplicado. Um tipo de bebidas simples. Quanto a sem leite e sem açúcar, posso talvez apostar com segurança em como não existe um único grama de gordura no seu corpo, e isso não acontece sem sacrifícios.

Acelerou a explicação, envergonhada por ter referido a hipertensão e gordura corporal de Bill diante de outras pessoas. Tinha talento para se encurralar em cantos de onde não havia uma saída elegante.

Ele não pareceu importar-se; sorriu e acenou uma vez, elogiosamente.

— Sabe, há uma vaga na equipa de *profilers* em Quantico — disse ele. — Podia puxar uns cordelinhos a seu favor.

O sorriso de Tess esmoreceu e ela desviou o olhar.

— Agora não — respondeu, com um laivo de tristeza na voz. — Não... posso. Sabe porquê.

— Quando estiver pronta — disse ele, e saiu.

— Como assim, não pode? — perguntou Fradella num tom agudo logo que Bill desapareceu. — Eu morria por essa oportunidade.

Tess fitou-o, incapaz de encontrar uma boa resposta.

Na sala de operações, estavam todos a reunir-se, prontos para ouvir o agente especial supervisor Bill McKenzie formular um perfil preliminar. Pensou bem e não conseguiu lembrar-se de uma vez em que Bill, ou qualquer outro *profiler*, tivesse tentado divulgar um perfil sem entender plenamente o motivo do assassino em série.

O PERFIL

A sala de operações encheu-se rapidamente com muitos rostos desconhecidos. Vários ficaram de pé, à espera que o *briefing* começasse. Tess lançou um olhar inquiridor a Michowsky.

— Pedimos aos condados de Miami-Dade e Broward que estivessem presentes, tendo em conta o rasto do assassino.

— Ah, isso é ótimo — respondeu Tess, um pouco frustrada por não ter sido ela a pensar nisso. Estivera preocupada com Laura Watson; a investigação progredia lentamente e ninguém conseguira ainda obter aprovação para colocar Laura sob proteção policial. Enquanto estivesse lá fora, a sua vida corria perigo.

Tess tinha uma ideia de como forçar a questão; não era elegante, mas podia dar-lhe o resultado que esperava. Pensou em pedir a Bill McKenzie que emitisse a ordem ali mesmo, diante de uma sala cheia de polícias. Franziu o sobrolho. Dizer que não era elegante era um eufemismo. Estaria a forçar Bill a tomar essa decisão, quando ele fora tão bom para ela. Provaria que era a cabra que todos a acusavam de ser.

Deixou escapar um longo e angustiado gemido; odiava situações daquelas, que lhe tinham valido a reputação que tentava sanar, que não se importava com ninguém além de si mesma e do seu trabalho. *Importava*; importava-se com Laura Watson e não tirava da cabeça o seu rosto aterrorizado. Se ao menos estivessem mais perto de identificar o Camaleão.

— Olá a todos, e obrigado por se juntarem a nós — disse Bill, a sua voz impondo um silêncio imediato à sala ruidosa. — Estamos prontos para divulgar um perfil parcial para os seguintes casos de homicídio: Watson, Meyer e Townsend. Estes nomes podem não

parecer familiares; são crimes antigos, antes atribuídos a Kenneth Garza.

Uma vaga de sussurros e sons abafados surgiu à medida que os agentes da autoridade presentes processavam a informação e as suas implicações.

— Por motivos óbvios, não devem discutir nada do que vão ficar a saber fora desta sala — prosseguiu Bill. — Nada de comunicação social. Pode estar em jogo a vida de uma pessoa: Laura Watson, a sobrevivente do homicídio da família Watson. Por favor, levem este assunto muito a sério. Temos razões para acreditar que o suspeito continuou a matar após a detenção de Kenneth Garza e pode ainda estar ativo na região de Miami-Fort Lauderdale-Palm Beach. — Pigarreou baixinho, apontando depois para Fradella. — O detetive Todd Fradella tem mapas que mostram a sua atividade e os oito casos adicionais por resolver que vamos reabrir. Partilhá-los-á convosco.

Tess observou as reações dos detetives à afirmação de Bill. A maioria abanava a cabeça de incredulidade; era-lhes difícil admitir que havia um assassino em série à solta nos seus quintais sem que desconfiassem de nada. Mas não era uma história nova; com a maioria dos assassinos em série prolíficos da história, tudo corria da mesma maneira. Casos arquivados, homicídios por resolver, pessoas desaparecidas que nunca eram encontradas e, de repente, eis que aparecia um assassino em série que fazia com que tudo encaixasse e fizesse sentido.

— Este homem é extremamente organizado e tem um elevado grau de autocontrolo. É branco. Andaria pelo menos nos vinte e poucos há quinze anos, quando a família Watson foi morta. Isso coloca-o agora algures entre os quarenta e os cinquenta anos — disse Bill.

O público parara de se remexer e sussurrar e tirava apontamentos.

— Pode passar por um homem mediano, de classe média. Imitou o *modus operandi* do Kenneth Garza ao ponto de enganar as

autoridades com sucesso e nunca até agora ter sido suspeito destes homicídios. Isso faz dele um sujeito muito inteligente, com um dos maiores graus de autocontrole que alguma vez vi. Pode ter cadastro por violação, uma única condenação, seguida de um registo impecável a partir daí, porque ele aprende. Pode ter sido suspeito num caso de violação, mas nunca ter sido condenado. Seja como for, está integrado na sociedade e pode ser um indivíduo de sucesso e bem ajustado. Pode ser casado e até ter filhos.

Fez uma pausa para permitir que o apanhassem nos seus apontamentos.

— Os homicídios abrangem um vasto período, o que demonstra um elevado controlo dos impulsos. Ao longo dos sete anos em que conseguiu imitar o Homem de Família, tanto quanto sabemos, matou apenas três famílias. Estamos a tentar determinar a sua primeira morte; assim que o fizermos, entenderemos melhor os seus motivos. A família Watson não parece poder ter sido a primeira, tendo em conta a quantidade de cuidadosos preparativos que o suspeito fez. Quase perfeitamente executado, ainda assim, uma pessoa sobreviveu.

Alguns dos detetives ergueram os olhos dos blocos de notas. Um deles, hesitante, levantou uma mão.

— Hum, está apenas a descrever um homem branco, normal e de classe média. Como é que isso nos ajuda?

Bill não pareceu intimidado com a pergunta.

— Eu sei disso; por favor, tenham em mente que se trata de um perfil preliminar. Os detetives Michowsky e Fradella continuarão a trabalhar com a agente especial Winnett para refinar este perfil. À medida que o fizerem, comunicarão convosco. — Tomou fôlego e continuou: — As sessões de regressão da Laura Watson podem conter algumas respostas interessantes.

Olhou para os polícias presentes, convidando-os a fazer mais perguntas.

— Este homem é um sádico sexual de poder assertivo, com forte motivação de luxúria. Verifiquem casos mais antigos de violações

por resolver, processos contestados atribuídos a outros arguidos, mas que na verdade não encaixam nos seus perfis. Procurem situações posteriores em que o fator sexual seja dominante, como violações prolongadas com tortura e morte.

Bill fez um gesto a pedir mais perguntas. Tess mudou o peso de um pé para o outro, desconfortável com o que estava prestes a fazer. Decidiu esperar, porém, e ponderou a opção bem mais decente de pedir a Bill em privado que desse uma palavrinha ao agente especial responsável Pearson sobre a proteção policial de Laura.

— Se isto se espalha, vamos parecer um bando de palhaços — disse um jovem detetive ao fundo. — As pessoas vão passar-se.

— Mais um motivo para terem cuidado ao partilhar qualquer informação até o suspeito ser apanhado. Só então emitiremos um comunicado; nem um momento antes.

— Talvez seja só eu, mas não devíamos estar preocupados com a vida da Laura Watson?

Tess abriu um grande sorriso; tinha vontade de abraçar o detetive mais velho na fila da frente que levantara a questão.

Bill lançou-lhe um olhar surpreendido e o seu sorriso desapareceu de imediato.

— Tanto quanto sabemos, o suspeito não sabe que reabrimos estes casos. A única preocupação vem da declaração de Laura na televisão relativamente à sua decisão de se submeter a terapia de regressão com uma nova e revolucionária metodologia. Contudo —

prosseguiu, erguendo a mão para silenciar a crescente vaga de murmúrios —, há centenas de canais de televisão. A probabilidade de o suspeito ter visto aquele programa e sentir-se ameaçado por isso é baixa, na minha opinião. Se tivermos cuidado e não passarmos nenhuma informação aos jornalistas, o risco da Laura Watson manter-se-á baixo.

O detetive que fizera a pergunta não pareceu satisfeito com a resposta, e Tess também não. O que se passava com todos eles? Bem, quase todos? Porque não viam? Se ela fosse o suspeito, já

teria tratado da única pessoa que a podia meter na cadeia. A única coisa que Laura tinha a seu favor naquele momento era ainda não estar morta. Desde quando é que isso era bom?

— Obrigado a todos — terminou Bill. — Assim que tivermos mais, informá-los-emos. — Voltou-se para Tess e continuou, num tom de voz mais baixo: — Ligue sempre que quiser. Tenho todo o gosto em ajudar.

Virou-se então para sair, mas Tess agarrou-o pela manga.

— Pode, por favor, dar uma palavrinha ao Pearson para pôr a Laura sob proteção policial? — Deu-se conta de que ainda estava agarrada à manga e soltou-a abruptamente. — Desculpe — murmurou.

Por um segundo, Bill estudou-lhe o rosto tenso. Depois sorriu.

— Claro, vou fazer uma chamada.

Virou-se e saiu sem dizer mais nada, enquanto ela continuava a preocupar-se.

Fradella e Michowsky aproximaram-se e os três voltaram para a sala de reuniões.

— Aquilo correu bem — disse Michowsky. — Sabemos muito mais agora — zombou.

— Sabemos mais algumas coisas — respondeu Tess. — Não é preciso sarcasmo.

— E se o Gary e eu começássemos a investigar todas as pessoas com aquele perfil e uma acusação de violação ou antiga suspeita de violação, e elaborássemos uma lista? — sugeriu Fradella.

— Isso dará dezenas de milhares de nomes — respondeu Michowsky, parecendo derrotado.

— Sabe que é sempre assim que começa — observou Tess, mais esperançosa do que convencida. — Uma longa lista que filtramos. Comparamos idades, raças e talvez, se tivermos sorte, até pode ter feito chichi na cama até demasiado tarde e isso estar registado em algum lado.

— Pensava que os registos médicos eram confidenciais — resmungou Michowsky.

— E... são — concedeu Tess, fechando-se em copas, não querendo ir por aí.

Sentia-se cansada e vencida, após um dia inteiro com poucos progressos. Concluía que perdia terreno, em vez de ganhar. E que lhe escapava informação crítica, e que não estava a olhar na única direção em que, desde o início, devia ter olhado.

— Parece-me bem — respondeu Fradella. — O Gary e eu vamos dedicar-nos a isso, e...

— E se me ajudassem a encontrar alguém capaz de entregar um jantar sofisticado num sítio remoto como Raiford?

Michowsky levantou-se de um salto e deu dois passos, parando a menos de trinta centímetros dela, de mãos pousadas nas ancas.

— Não pode falar a sério — quase lhe gritou na cara. — Ele vai matá-la!

Um par de pessoas levantou a cabeça e olhou para eles pela parede de vidro.

— Nah... não vai. Só quer brincar aos jantares de família. É o que ele faz — respondeu Tess. Já estava decidida.

— Com mortos! — berrou Gary. — Para não falar em mostrar-lhe as fotos dos locais dos crimes? Não acha que essas pessoas merecem mais respeito do que ter um condenado do corredor da morte a masturbar-se ante a visão dos seus corpos?

— Gary... O Garza não é esse tipo de assassino em série. Não há qualquer componente sexual nos seus homicídios. Nunca houve. — Fez uma pausa e tocou-lhe no braço, num gesto pacificador. — Não tenho outra opção. Talvez ele nos dê alguma coisa.

— Tipo o quê?

— Tipo não sei o quê, mas algo que possa trazer alguma luz.

— Não pode estar a falar a sério — repetiu Michowsky, abanando a cabeça de incredulidade.

— Esteja à vontade para ir comigo e ficar na sala de observação — concedeu Tess.

— Pode apostar que vou, de arma na mão — respondeu ele, quase a fazendo sorrir. Apesar das suas diferenças, Gary gostava de representar o papel do parceiro protetor.

— Tem isto aprovado pelos seus canais? — perguntou ele.

Tess franziu o sobrolho e baixou os olhos.

— Ainda não.

REFLEXÕES: ANÁLISE

Sei que estão mortinhos por me perguntar o que fiz a seguir. Vá lá, admitam, querem saber. Se pudessem deitar-me a mão, provavelmente fechavam-me numa jaula e faziam-me milhares de perguntas, numa patética tentativa de decifrar como penso.

Far-me-iam, porém, todas as perguntas erradas. Gente como vocês é incapaz de colocar as perguntas certas a indivíduos como eu; a vossa mente é simplesmente incapaz de as conceber. Por isso, poupar-vos-ei a ansiedade e o esforço e tentarei providenciar respostas para as questões fundamentais que estão a perder.

Há dois tipos de seres neste mundo: os fortes e os fracos. Predadores e presas. O mesmo se aplica às pessoas. Alguns, como vocês, levarão vidas servientes, sobrecarregados por uma inutilmente celebrada consciência, desprovidos do que é preciso para agarrar a vida pela garganta e espremer-lhe tudo o que tem, na épica luta pelo poder que transforma ovelhas em lobos. Outros, como eu, vão sempre atrás daquilo que querem e nunca se preocupam com ideias preconcebidas que possam dificultar o seu progresso.

Ideias preconcebidas, como a linha que alguém traçou arbitrariamente algures, não sei ao certo onde, e que separa o que se pode e não pode consumir. É correto, segundo os padrões sociais, cravar os dentes numa maçã ou cortar-lhe um pedaço. Mas as mesmas convenções impedem-nos de cravar os dentes ou retalhar outro ser humano. Certo? Estão a acompanhar-me, para já? E quanto a um cão ou um gato? Também não é permitido. Hum... são mamíferos, tal como os humanos, protegidos por estas ideias preconcebidas gravadas na nossa mente desde a infância.

Mas esperem... então e as vacas? Porcos? Ovelhas? Quem decidiu que era aceitável cravar os dentes num suculento bife do lombo? Quem decidiu o que era certo ou errado? Ou, melhor ainda, de quem recebe as suas ordens? Aposto que nunca pensou nisso desta maneira.

Quanto mais fundo nos aventuramos na cadeia alimentar, mais aceitável é que uma vida animal seja sacrificada para seu prazer epicurista. Não há uma única espécie de peixe que esteja segura nas profundezas, a não ser, claro, que sejam tóxicos ou saibam mal. Quanto à vida vegetal, tal como a minha maçã metafórica, não tem a mínima hipótese. Ou é cultivada ou assassinada em massa, com base num único critério: o valor nutritivo.

O que faz, então, com que algumas espécies sejam sagradas e outras possam ser caçadas, segundo os vossos padrões distorcidos? Onde se traça essa linha? Os mamíferos em geral não estão seguros. Quanto mais exóticos forem, mais os ricos (leia-se, os poderosos) estarão dispostos (leia-se, capazes) a pagar para os petiscar. Isto, claro está, se os mamíferos exóticos em discussão não forem tóxicos nem souberem mal. Ou forem, de outro modo, considerados nojentos.

Nós, humanos, estamos confortavelmente sentados no topo da cadeia alimentar e somos considerados proibidos. Mais algumas espécies apanharam boleia connosco, tornando-se nossos companheiros; pequenos gatos, cães, peixes dourados, hámsters, e tudo o mais com que todos os dias gostamos de nos alvoroçar. Há uma regra tácita que diz que essas criaturas, no topo da cadeia alimentar, seja por mérito ou por estatuto de associação, estão também vedadas.

Começo a ver onde a linha está traçada; vocês, não?

Se houver um intervalo grande entre os que reinam no topo da dita cadeia alimentar e o ponto onde o vosso jantar pretendido se situa, podem avançar e desfrutar do banquete; é aceitável segundo os vossos complicados padrões sociais e religiosos.

Quem é agora o hipócrita?

Veem agora porque é que, para mim, tomar uma maçã da generosa prateleira da vida e banquetear-me com ela é aceitável, ainda que a maçã que desejo possa ser algo — ou alguém — a que chamariam um ser humano inocente. Estou suficientemente acima na cadeia alimentar; acima de todos vós. Muito acima. Livre do peso da consciência, subi ao limite da minha própria flutuação; no meu caso, a imaginação e o gosto pela vida. O intervalo entre mim e os outros seres humanos, incluindo vocês, é grande o bastante para me permitir banquetear-me sem preocupações. *Bon appétit* para mim.

Deixem-me clarificar outro aspeto que talvez não consigam entender. Não sou, de modo algum, um canibal. Todas as referências a comer, consumir, saborear ou banquetear-me foram metáforas para vos poupar aos pormenores gráficos do que gosto de fazer. Meras alegorias, destinadas a ilustrar conceitos que a vossa mente vendada é incapaz de entender de outra forma. Não, não sou um canibal; nunca fui, nunca serei.

Sou um colecionador. Coleciono um tipo especial de poder. Pode ser difícil de entender, mas, por favor, tentem. Sou como uma bateria recarregável, só que nada consome a minha energia; acumulo e agarro-me ao que armazeno. Não há limites para a minha capacidade; posso armazenar uma quantidade infinita desse poder e estou sempre à procura de mais. Quando tiro uma vida, o meu poder cresce, e sinto-o rejuvenescer-me o corpo e a mente com eletrizantes choques de energia. Quando possuo o corpo da jovem que se contorce e grita debaixo de mim, com as narinas dilatadas e as mãos ligeiramente trémulas de entusiasmo e antecipação, revitalizo todo o meu ser. É por isso que levo o meu tempo... estou a saborear. É como comer uma bela refeição, só que mental em vez de física.

Estou *viciado* em poder, entendem? É complicado, até para mim, pois preciso de choques mais fortes só para fazer a agulha andar. Por isso, continuo à procura.

De quê, poderão perguntar?

Como a maioria dos viciados, continuo à procura da derradeira dose, do excitante chuto de adrenalina, dopamina e outros maravilhosos neurotransmissores de que o meu corpo tão desesperadamente precisa. Sim, sou viciado; mas não morrerei numa vala, sem dentes, vestido com trapos rançosos e evitado por todos os níveis de uma sociedade cega, mas opiniosa. Não sou vítima; sou predador. Ao contrário da maioria dos viciados, controlo o vício; não é ele que me controla.

Foi por isso que, quando entrei na residência de Emily Townsend, ia equipado com um conjunto de contramedidas forenses: abraçadeiras, grandes sacos do lixo, luvas de látex e preservativos. Estava enfim preparado para fazer o que sempre quisera, desde a Donna.

Assim, quando, algumas semanas depois, soube que tinham apanhado o Homem de Família, senti-me aliviado, libertado até. Chegava de desperdiçar tempo com distrações inúteis, como homens e crianças; dali em diante, estava livre para perseguir a minha verdadeira paixão.

Finalmente, foi por isso que pude renunciar à maçã dos meus sonhos, Laura, para ser apanhada e... Não há palavras para isso. Ele não vai saboreá-la. Não gozará do seu corpinho perfeito como eu faria. Limitar-se-á a eliminar uma ponta solta, só isso. Ah... a injustiça... o lamentável desperdício.

Mas fá-lo-á hoje. O meu ardente tumulto em breve terá terminado. Adeus, Laura, meu eterno fruto proibido.

PLANOS PARA O JANTAR

Tess ficou alguns momentos a sós na sala de reuniões, enquanto Michowsky e Fradella iam reabastecer-se das suas bebidas e provavelmente de um rápido petisco. Sozinha, podia pensar melhor, mas não gostava do caminho que esses pensamentos seguiam.

Jantar com um assassino em série! Argh! Não conseguia pensar em nada mais repugnante do que sentar-se a poucos metros de um monstro desacorrentado e pôr comida na boca. Comida sobre a qual ele respirara, comida tocada por ar saído dos seus pulmões.

Deixa-te desta treta, Winnett, ou ainda vomitas prematuramente, admoestou-se, introduzindo um pouco de humor para desatar o nó que sentia no estômago. Não funcionou bem. Independentemente do que dissesse a si mesma, havia pouca lógica no tormento planeado. Não tinha nada. Após inúmeros dias passados a investigar os três casos, depois mais setenta e quatro, reduzidos entretanto a oito, nada se consolidava como um caminho viável para a investigação. Até o perfil que Bill McKenzie criara era uma visão parcial, preliminar; nem ele tinha as respostas que procurava.

Quais eram então as probabilidades de um monstro no corredor da morte poder ter alguma pista? E se estivesse apenas a brincar com ela? Bem, era uma possibilidade, mas não podia dar-se ao luxo de desperdiçar a mais ínfima esperança de obter uma réstia de informação valiosa do seu encontro. De algum modo, aquele monstro sabia que Emily Townsend fora violada, e Tess esperava conseguir extrair-lhe essa informação com um bife e batatas fritas.

Obrigou-se a concentrar-se na respiração durante alguns segundos, para acalmar o estômago e silenciar os pensamentos acelerados. Depois, ligou a Pearson.

— Winnett — cumprimentou-a ele, sem rodeios.

— Senhor — respondeu ela, franzindo inconscientemente o sobrolho. — Preciso da sua aprovação para interrogar de novo o Kenneth Garza. Esta noite.

Fez-se um breve silêncio.

— Fui eu que te mandei lá, para fazeres isso. O que me está a escapar?

— Hum, senhor, preciso de me desviar dos procedimentos — disse ela, retraindo-se em antecipação à resposta.

— Por que raios não estou surpreendido, Winnett? O que queres fazer?

— O Garza está disposto a trocar alguma informação por um jantar. Quer que eu jante com ele na sala de interrogatório em Raiford.

— Não pode ser isso, Winnett. Não me terias ligado só por isso. Estás a deixar algo de fora. O que é?

— As algemas. Quer estar solto durante a refeição.

— Nem pensar, Winnett. Mais alguma coisa?

— Tem de ser, senhor. É a fantasia dele. Se se mexer, leva um tiro.

Pearson resfolegou, repugnado.

— É isso que queres, Winnett? Os miolos dele espalhados pela tua cara?

— Não, senhor, mas contento-me com isso. Ele tem informações, coisas que nunca foram divulgadas no caso Townsend. Sabe da violação, quando essa informação não foi divulgada ao público.

Passaram alguns segundos em absoluto silêncio. Tess podia visualizar Pearson a passar a mão pela brilhante cabeça careca enquanto as rugas da sua testa e em torno da boca se aprofundavam.

— O diretor vai dizer-me das boas, Winnett — disse ele. — Está bem, avança lá com o teu circo. Sabes que excedeste as tuas quarenta e oito horas para este caso, certo?

— Sim, senhor, mas...

— Aprende a ouvir as pessoas, Winnett. Atrasei o outro caso, o da investigação à fraude nos seguros de saúde, mas não posso atrasá-lo por muito mais tempo.

— Senhor, poder-se-ia argumentar que a maioria da indústria dos seguros de saúde é uma fraude, por isso acho que pode esperar até apanharmos um assassino, não concorda? — replicou Tess, cerrando depois os maxilares e revirando os olhos, irritada consigo mesma.

— Caramba, Winnett — respondeu ele secamente, e desligou.

Não teve muito tempo para se recriminar pela falta de diplomacia, pois Michowsky irrompeu subitamente na sala.

— Estou pronto. Vamos a isso.

O JANTAR

A viagem até Raiford fora inesperadamente silenciosa. Conseguira convencer Gary a não conduzir e fizera o caminho apreensiva, tirando partido da sirene do carro e deixando-a soar o tempo todo. Teria de gritar se quisesse falar com ela, e Tess não desejava conversar; sabia o que ele tinha para dizer.

Gary levava consigo um pequeno arsenal, como se precisasse de mais do que uma arma. Provavelmente, era a sua forma de aliviar o stresse que a ideia do encontro lhe causava. Preferia que ele tivesse ficado no condado a ajudar Todd com as pesquisas na base de dados e a seleção de suspeitos, mas, por outro lado, era a segunda vez que ele estava lá para ela, a proteger-lhe as costas. Não queria admiti-lo, mas saber que ele ficaria na sala ao lado, de dedo no gatilho, acalmava os seus medos. Não lhe resolvia as náuseas, mas fazia-a sentir-se mais segura. Sorriu, um pequeno e tímido sorriso voltado na direção dele.

— O que foi? — perguntou ele, com ar tenso.

— Obrigada por fazer isto — respondeu Tess, elevando a voz acima do barulho da sirene.

Ele resfolegou.

— Se voltar para trás agora — disse, também aos gritos —, prometo que ninguém fica a saber. Vamos só... não avançar com isto.

— Tenho de o fazer, Gary. Sabe disso.

Não disseram nem mais uma palavra até entrarem na sala de observação. O espelho unidirecional mostrava que a sala de interrogatório já estava preparada para o evento. A mesa encontrava-se posta, coberta por uma toalha de damasco branco, com pratos verdadeiros e talheres. Copos de cristal para vinho e

guardanapos de damasco a condizer, elegantemente dobrados, completavam o cenário. Quem preparara o ambiente fizera um bom trabalho.

Garza já estava sentado, ainda com as algemas numa corrente, mas soltas da mesa. O seu lugar ficava à esquerda, não à frente, provavelmente para permitir uma linha direta de visão ou de fogo a partir da sala de observação sem que ela estivesse no caminho.

Examinou-o por alguns segundos, inconsciente de que respirava pesadamente. Garza tomara duche e usava roupas limpas, talvez cortesia do pessoal, mais para com Tess do que para ele. O cabelo e a barba ainda estavam húmidos, tal como da primeira vez que se haviam encontrado, e parecia também relaxado e calmo.

— Muito bem — disse ela, engolindo em seco —, vamos a isto.

Entrou na sala de interrogatório e ele levantou-se educadamente, saudando-a com um sorriso e um baixar de cabeça.

— Agente Winnett — disse ele —, que prazer inesperado.

Tess pousou a pasta que levava em cima da mesa e ocupou o seu lugar.

— E quanto a estas? — perguntou ele, mostrando-lhe as algemas.

Tess examinou-o por alguns segundos, cravando-lhe intensamente o olhar perscrutador. Não viu sinais alarmantes nos olhos ou no rosto. Até o seu instinto se manteve em silêncio.

— Dei a minha palavra — disse ela — em como seria educado e respeitaria este jantar, tanto quanto respeitei os seus desejos, contra todos os procedimentos.

Ele anuiu uma vez, tranquilizador. Tess fez um gesto na direção do espelho e não tardou a que alguém entrasse e removesse as correntes de Garza.

— As dos pés também — sugeriu Tess, esperando conseguir mais da sua cooperação. Se fosse esfaqueá-la, não precisava dos pés de qualquer maneira. Estaria a centímetros da sua faca de carne.

O agente aterrorizado baixou-se e levou a cabo a ordem.

Garza pôs a mão no peito, num gesto de gratidão. Parecia genuíno, mas Tess bem sabia que não devia confiar em nada do que um psicopata dizia ou fazia.

— Sou um moribundo, sabe disso. Eu... agradeço-lhe.

Tess aceitou as palavras com um ténue sorriso forçado e voltou a acenar.

— Começamos? — perguntou, no momento em que a porta se abria e um pálido e assustado guarda subalterno empurrava um carrinho com os aperitivos. Queijo, *foie gras*, azeitonas, salmão fumado, tudo isso.

Gary devia ter sido metuculoso a instruir o jovem, pois este nunca se pôs à frente de Garza enquanto servia e certificou-se de que não lhe obstruía a linha de fogo.

— Deve estar mesmo enalhada na investigação, agente Winnett — observou Garza assim que o guarda saiu da sala. Provou uma azeitona e observou com apreço o garfo de aço inoxidável. — Há muito tempo que não via um destes.

Tess serviu água para os dois e fez menção de pegar na pasta.

— Oh, por favor, não — pediu ele. — Primeiro comemos, depois falamos sobre o caso.

Ela não discutiu, deixando a pasta onde estava e voltando-se para ele.

— Falamos de quê, então?

— Encontraremos algo — disse ele, provando um bocado de salmão fumado. — Isto é delicioso, agente Winnett. Porque não prova um pouco?

Tess inspirou uma golfada de ar e espetou um bocado no garfo, mastigando-o rapidamente e engolindo-o, seguido de dois goles de água.

— Não gosta lá muito, pois não?

Teve vontade de se pontapear; precisava de subir a parada.

— Prefiro queijo — respondeu, pegando depois num minúsculo cubo de queijo suíço e mastigando-o com cuidado.

— Ah, estou a ver. Sirva-se, então. Nesse caso, fico-me pelo peixe.

Tess esperara que ele fosse apressado, que devorasse a comida requintada com menos compostura. Deu por si a estudá-lo, a tentar entender o que se passava na sua mente e o porquê de aquele jantar ser tão importante para ele. Deu-se conta de que, apesar dos milhares de páginas de ficheiros que lera, não sabia grande coisa sobre Kenneth Garza, o assassino em série conhecido como o Homem de Família.

Garza captou o seu interesse e respondeu, como se pudesse ouvir-lhe os pensamentos.

— Esta refeição faz-me lembrar os meus pais — disse calmamente. — Aposto que não há muito aí sobre a minha infância, pois não? — Apontou para a pasta.

— Não propriamente.

— O meu pai costumava bater-nos à hora de jantar — explicou ele, num tom quase casual. — Tivesse razões ou não, começava a bater-nos assim que tocávamos na comida. — Pegou noutra azeitona, espetando-a com o garfo sem qualquer hesitação. — Depois fazia-nos passar fome. Obrigava-nos a sentarmo-nos à mesa, e ali ficávamos a chorar, enquanto ele comia como um porco. Posso? — perguntou, apontando para o prato de queijos.

Tess anuiu e ele hesitou um pouco antes de escolher um pedaço de *brie* francês.

— Sei o que vai dizer — prosseguiu, logo após engolir o bocado de queixo —, que culpo o meu pai por aquilo em que me tornei. Normalmente, é assim que...

A voz esmoreceu e ele baixou os olhos por um segundo, fitando o prato vazio.

— Não — respondeu ela. — Perguntar-lhe-ei só o que está a repetir. Que história está a contar com os seus homicídios?

Garza abanou a cabeça um par de vezes, embrenhado nas memórias, como se fosse incapaz de se arrancar dali.

— Estou apenas a matá-lo uma e outra vez. E mato a pobre cabra que ficou ali, a fumar cigarros e a beber até suportar a dor que ele lhe impusera, e a ver calmamente como todas as noites os próprios filhos iam para a cama com fome, espancados e humilhados. Ele era generoso com a dor e a humilhação que distribuía. A minha mãe recebia a sua parte de cada vez que o porco ficava excitado, bêbedo ou ambos.

Uma expressão triste e repugnada permaneceu-lhe no rosto.

Tess reconheceu a tristeza que lhe vira no rosto sempre que se falava em violação. Mas não encontrava uma explicação. Estaria a representar uma fantasia? Passara a sua infância ao cuidado do Estado; não havia qualquer referência a uma mãe ou a um pai. Franziu o sobrolho, pensativa. O que estava ele a tentar dizer? Nunca ninguém se aproximara de qualquer perceção sobre os motivos de Garza para os seus horripilantes homicídios ritualísticos, a sua terrível assinatura.

— E quanto às crianças? Porque as matou?

— Os meus irmãos... nunca teriam recuperado — respondeu, numa voz carregada de tristeza. — Acabariam tal como eu, alinhados no corredor da morte, habituados a serem chamados monstros por pessoas moralistas como você. — Por um rápido segundo, Garza evitou-lhe o olhar, fitando-a depois. — Terminei-lhes com o sofrimento.

Tess não se dera conta de que estivera a comer os queijos, embrenhada na conversa. Esquecera a repulsa ao deparar-se com um novo mistério.

— Está a dizer que as pessoas que matou abusavam dos filhos?
— Fez um gesto com o garfo e pegou numa azeitona.

— Não — gritou ele, e bateu com as mãos na mesa, fazendo tilintar a loiça e sobressaltando Tess. — Não, não está a prestar atenção — prosseguiu, ainda agitado. — Matei a minha própria família. Foram os primeiros que matei, ali mesmo, àquela maldita mesa de jantar. Tinha doze anos.

— Oh! — reagiu ela, e chegou-se para trás na cadeira, sentindo uma súbita necessidade de aumentar a distância entre Garza e ela. — Isso não está em lado nenhum no seu ficheiro.

Como podia aquilo ter-lhe escapado? Aceitara a história no processo como a derradeira verdade e falhara completamente o ponto que ele tentava explicar.

Garza abanou a cabeça, como que a expressar o seu desapontamento com os registos policiais.

— Está descrito como um órfão sem outro historial além do Estado — disse Tess, num tom apologético.

— Eh-eh — riu-se ele tristemente —, mal sabe a polícia. Como se tivesse sido o Estado quem me deu à luz, hã?

Por um segundo, Tess observou-o em silêncio, incerta do rumo que a conversa tomava.

— Estaria disposto a dizer-me...

— Onde estão enterrados? Claro, dir-lhe-ei precisamente onde os sacanas estão enterrados, porque merecem ser desenterrados. Porque haveriam de descansar em paz? — Passou os dedos pelo cabelo à altura dos ombros e prosseguiu numa voz mais suave. — Enterrei os meus irmãos num sítio diferente. Queria-os longe daquele bruto, para que pudessem encontrar alguma paz, ao menos na morte. Não lhe direi onde os meus irmãos estão, agente Winnett. Têm o direito a ser deixados em paz.

Raspou o último pedaço de salmão da travessa e mastigou-o sem erguer os olhos do prato.

Sem saber o que dizer, Tess viu-o comer e, por algum motivo, contou quantas famílias ele matara. Eram-lhe atribuídas trinta e quatro, mas Tess determinara que fora outra pessoa a eliminar três delas. O que deixava trinta e uma, o número que Tess acreditava ser verdadeiro até àquele jantar. Mas agora ficara a saber que a contagem de Garza chegara às trinta e duas famílias assassinadas. Sem palavras, acenou novamente, convidando o guarda que estava a servir de empregado a trazer o resto da comida e combatendo as náuseas que regressavam.

O jovem guarda, de avental branco e um ar ainda mais pálido do que antes, serviu os bifes com batatas fritas e, com mãos trémulas, encheu-lhes os copos altos de vinho. Depois, desapareceu o mais rápido que pôde.

Garza levou o copo ao nariz, inalando o aroma com os olhos semicerrados.

— Obrigado por isto, agente Winnett — disse ele, batendo com uma unha no vidro. — Que prazer inesperado, ou talvez lhe pudesse chamar dignidade.

Ela acenou em resposta e ele bebeu um gole de vinho, pousando depois o copo em cima da mesa, mais perto do lado dela. Ao afastá-la do copo, roçou com a mão contra a dela e Tess deu um salto para trás. Instantaneamente, recuou e retraiu-se por uma fração de segundo, desviando o olhar. Não durou muito; foi uma reação instintiva, rápida como um relâmpago, antes de o seu treino e força de vontade assumirem o controlo e ela se endireitar, pronta para lutar caso fosse preciso.

Garza estava de olhos fixos nos dela, e uma tristeza perceptível ensombrou-lhe o rosto.

— Ah... — comentou baixinho, num sussurro quase inaudível. — Foi tocada. Ferida.

O sangue transformou-se-lhe em cubos de gelo e Tess paralisou, desviando o olhar por mais uma fração de segundo. Precisou de toda a força de vontade para não gritar. Como podia ele vê-la tão bem? Como era possível? Quis fugir, sair dali aos gritos e nunca olhar para trás. Mas sabia que tinha de se manter firme e agir o mais calmamente possível. Afinal, havia pessoas por perto a ver. E não umas pessoas quaisquer; investigadores, que podiam achar interessante escavar e descobrir porque é que ela, nada mais, nada menos que uma agente federal, reagira tão mal.

Respirou fundo e olhou-o nos olhos, inabalável.

— Está contaminada — sussurrou ele, tapando casualmente a boca para dificultar que as pessoas na sala de observação lhe

lessem os lábios. — Isso deixa-me tão triste. Se não estivesse trancado aqui dentro, oferecia-me para resolver as coisas por si.

O canto da boca de Tess ergueu-se quase impercetível.

— Mas chegaria demasiado tarde, parece-me — prosseguiu Garza, ainda num sussurro. — Bom para si, minha querida.

Comeu um pouco mais e afastou o prato.

— O que precisa de saber? — perguntou na sua voz normal, e apontou para a pasta.

Surpreendida, Tess pigarreou e ordenou rapidamente os pensamentos.

— Como sabia que a Emily Townsend foi violada? Eu... Não temos registo de essa informação alguma vez ter sido divulgada.

Garza recostou-se na cadeira e limpou cuidadosamente as mãos ao guardanapo, pondo-o depois de parte.

— Observei atentamente o seu trabalho quando me interrogaram acerca dele — respondeu, com a atitude de alguém que discutia uma transação comercial de rotina. — Lembro-me das famílias com quem passei algum tempo. Nitidamente, como se fosse ontem. Soube o que ele é assim que me mostraram as fotos dos casos que não me pertenciam.

— Quem? Precisamos de saber quem é — disse Tess, inclinando-se para a frente e quase lhe tocando na mão.

— Como poderiam? Nem ele sabe quem é.

Tess franziu o sobrolho, desiludida. Seria aquilo outro dos seus jogos? Distorcer palavras e contornar a informação?

— Disse que sabia quem...

— O quê, não quem. É um homem que se transforma a cada vida que tira.

— Transforma-se em quê? — pressionou Tess.

— Não há duas vítimas dele que tenham sofrido da mesma forma. Não está a castigá-las como eu, nem a repetir, a reviver a fantasia. Está a descobrir-se, quem é, quem pode ser.

— Quem? — perguntou Tess, sentindo-se cada vez mais confusa.

Ele hesitou um segundo antes de responder, mas então olhou-a nos olhos.

— Um monstro como nunca viram.

REFLEXÕES: DISFARCE COMPROMETIDO

Durante anos, senti-me grato pelo Homem de Família, pela sua existência, que me protegia das consequências das minhas escapadas. Então, de repente, poucos meses após ter gozado da companhia de Emily Townsend, ele foi preso.

Vi na televisão, e vi-lhe o rosto nos clarões de dezenas de câmaras. Um homem médio, mais com ar de sem-abrigo do que de alguém capaz de sair impune de inúmeros homicídios durante tantos anos. Tinha de ter algo de especial, no entanto, para ser capaz de uma coisa daquelas. Sei quão difícil isso é.

A sua captura fez-me refletir nas potenciais consequências para o meu futuro. Vi-me no seu lugar e odiei-o tanto que, nesse dia, fiz um voto solene. Nunca me deixarei apanhar vivo. Nunca. Ninguém pode enjaular o predador que sou.

Lembro-me de ter passado essa noite em silenciosa solidão; aleguei uma dor de cabeça para mandar a mulher e os filhos embora e tranquei-me na penumbra do meu escritório. Com ele fora de cena, podia ser livre, podia escolher o que queria fazer. Podia continuar, sem entraves, a busca pela euforia perfeita, tentar todas as coisas que queria experimentar. Nessa noite, prometi também a mim mesmo que manteria o vício sob estrito controlo. Com o Homem de Família inativo, tornava-me visível. Tinha de ter o dobro dos cuidados.

Uma vez por ano, foi essa a minha promessa. Talvez duas, caso surgissem circunstâncias especiais, mas não mais do que isso. Nunca mais.

Claro que não havia restrições autoimpostas ao que podia fazer nesses momentos especiais uma ou duas vezes por ano. Pelo

contrário. Deixei que a minha infinita imaginação me guiasse e experimentei novos e incríveis máximos.

O meu novo jogo envolvia várias semanas de busca pela maçã perfeita, a que provavelmente satisfaria todos os meus sentidos. Transformara o mecanismo neuroquímico da escolha numa arte avançada. Uma vez encontrada, levava mais algumas semanas a estudar tudo o que havia para saber sobre ela. Nessa altura, ainda planeava uma visita à casa. Só decorridos alguns anos me sentiria suficientemente corajoso para raptar uma mulher, pelo menos dois, acho. Durante o tempo que demorava a estudar o seu paradeiro, estilo de vida e círculo íntimo de pessoas, passava horas a sonhar acordado com a forma como o nosso encontro decorreria. Construía cada passo, na minha mente, é claro, e planeava cuidadosamente, para me certificar de que tinha comigo todos os adereços necessários para essa noite especial.

Não vos aborreço mais com esses pormenores táticos. Vou apenas levar-vos numa viagem ao passado e partilhar as experiências mais memoráveis daqueles dias.

Janice era uma maçã *gala*, crocante e muito doce. Vi-a um dia à espera do autocarro, ao calor sufocante de um verão de Miami. Soube mais tarde que tinha cadastro por condução sob a influência de drogas por se ter deixado apanhar pedrada ao volante. Foi aquela que seduzi, a única que, pelo menos durante parte do programa da noite, participou voluntariamente. Fora preparado com todo o tipo de drogas para ela experimentar, e de súbito era o seu melhor amigo.

Durou a maior parte da noite, até que peguei na faca. Então, tentou fugir e lutou deliciosamente contra o meu corpo possessivo. Tinha tanta energia. Levei uma lembrança da minha noite com ela; ainda a fito todos os dias e lembro-me dos seus longos cabelos e cintura fina. Não é um objeto de que alguém fosse sentir a falta, a minha lembrança, por isso não se preocupem.

Depois, houve aquela coisa lourinha, a minha *golden delicious*, que estava de visita, vinda de algures fora da cidade. Corri um sério

risco com ela; a única vez que fiz aquilo num quarto de motel, só com o som da televisão a cobrir os seus gritos abafados pela fita adesiva. Com ela, levei brinquedos, muitos, e experimentei-os todos. Não gostei, no entanto, de ter usar fita adesiva. Gosto de as ouvir gritar, guinchar e implorar; é parte do que me excita.

A seguir, mantive-me discreto por algum tempo, petrificado pela minha imprudência, mas não tardei a emergir do jejum autoimposto pela Karen, uma fogosa loura-acobreada que lutou como um ninja sob o efeito de *crack*. Era uma *honeycrisp*, invadindo-me os sentidos a cada dentada até penetrar o seu mais profundo âmago. Vivia no interior, numa casa relativamente isolada, num terreno de alguns hectares perdido nos bosques. Demorei bastante tempo com ela; as condições eram perfeitas.

Confesso que fiquei mais ousado com cada uma delas, mas nunca quebrei a minha promessa e mantive sempre o vício sob controlo. Uma vez por ano, às vezes duas, nunca mais do que isso. Tinha um ano inteiro para sonhar com aquilo e fazia com que cada encontro contasse. Ao longo dos anos, construí uma coleção de lembranças que ainda me enche o coração de euforia sempre que a vejo. Ainda sei qual das beldades me deu cada uma destas recordações e estimo-as profundamente. E todos os anos acrescento pelo menos um novo objeto ao meu conjunto de lembranças.

Numa nota atual e perturbadora, Laura Watson continua viva e de boa saúde. Raios partam tudo isto. Tenho de contactar o sacana que ficou com o meu dinheiro e não cumpriu. Quando o encontrar, farei com que também isso seja memorável. É uma promessa.

Depois, há o problema da Laura que ainda tenho de resolver. Está a tornar-se urgente.

MUDANÇA DE PLANOS

Eram quase nove e meia da noite quando Tess estacionou à frente da sofisticada residência em Miami Beach pertencente à Dra. Austin Jacobs. Era demasiado tarde para uma visita domiciliária, mas não tinha alternativa, nem era culpa sua. De Raiford, fora ao gabinete do xerife do condado de Palm Beach, onde pegara no seu carro. Depois, fizera a sua verificação de rotina ao apartamento de Laura, onde ficara à escuta apenas o suficiente para ouvir a conversa abafada que Laura e o namorado tinham ao jantar. A seguir, partiu rumo a Miami Beach o mais rápido que pôde, mas nem assim conseguiu chegar antes das nove.

Tocou à campainha e uma luz acendeu-se de imediato na sala de estar. Boa; a médica estava acordada. Ergueu o distintivo à frente do olho mágico, ensaiando mentalmente todo o discurso que ia preparada para fazer.

A porta abriu-se e a Dra. Jacobs apareceu, envolta num roupão felpudo.

— O que posso fazer por si?

— Peço desculpa pelo adiantado da hora, Doutora Jacobs. Sou a agente especial Tess Winnett, do FBI. Tenho algumas perguntas sobre a Laura Watson.

A Dra. Jacobs convidou-a a entrar e fechou a porta. Conduziu-a a uma sala de estar elegantemente decorada, onde ocupou uma poltrona de pele e convidou Tess a fazer o mesmo, do outro lado de uma pequena mesa de café. Tess acedeu, estranhamente consciente do ruído que o grosso cabedal emitiu ao deixar o seu peso assentar nas fundas almofadas.

A Dra. Jacobs passou as mãos pelo cabelo ruivo-escuro e enfiou algumas madeixas atrás das orelhas. Mesmo sem maquilhagem,

continuava a parecer imponente, à semelhança da imagem que Tess vira em toda a parte, da Internet à capa da revista *TIME*.

— Muito bem, estou a ouvir — disse ela, franzindo o sobrolho.

— Não há uma maneira fácil de lhe dizer isto, Doutora Jacobs, principalmente depois do que vi e ouvi sobre o seu projeto com a Laura Watson, mas temos quase cem por cento certeza de que o Kenneth Garza *não* matou a família Watson.

A Dra. Jacobs saltou da poltrona com a agilidade de um furioso felino da selva.

— O quê? Não pode falar a sério! Como é isso possível?

A cada pergunta, o seu tom subia um pouco mais, até estar aos gritos. Gesticulava furiosamente e circulava a passos largos, batendo com as pantufas felpudas.

— Desenvolvimentos recentes revelaram informações adicionais sobre este caso — Tess tentou o melhor que pôde dar uma resposta vaga, mas parcialmente verdadeira. Esses recentes desenvolvimentos eram, na verdade, conhecidos há anos, mas alguém escolhera ignorá-los devido a erros de julgamento e desleixo no trabalho policial. Essa era toda a verdade, mas a Dra. Jacobs não a teria recebido bem.

— Todo o meu estudo está feito em pedaços — continuou a gritar a Dra. Jacobs. — O que faço agora? Garanti bolsas, angariei fundos, falei com pessoas, estive na televisão nacional! Não posso dar uma desculpa e esperar continuar a ter uma carreira.

Acabou com a arenga e parou junto ao pequeno e bem abastecido bar.

— *Bourbon*? — sugeriu, num tom mais tranquilo. — Preciso de um.

— Não, obrigada — respondeu Tess. — Ainda estou de serviço.

— Bem, diga-me se mudar de ideias — disse a Dra. Jacobs, bebendo depois uma grande dose e servindo-se logo de outra. Retomou a caminhada, mas a um passo mais lento e mais calmo.

— Vejo isto como uma enorme oportunidade — afirmou Tess —, não de obter confirmação para um novo método de regressão, mas

de localizar e apanhar um assassino que ninguém sabia que existia.

A Dra. Jacobs cravou nela o seu olhar penetrante.

— Imagine só as manchetes — prosseguiu Tess, subindo a parada e avaliando corretamente o interesse da Dra. Jacobs. — Só precisa de ajustar esse método, de fazer as perguntas de mente aberta e de não presumir que já sabe as respostas.

A Dra. Jacobs manteve os olhos fixos em Tess, absorvendo.

— Só... não leve a Laura por um certo caminho — prosseguiu Tess, desconfortável ao aventurar-se na área de especialização de outra pessoa.

— Sei como fazer o meu trabalho, agente Winnett — replicou a Dra. Jacobs. — Felizmente, não preciso de conselhos das forças da autoridade, sobretudo quando estragam assim o trabalho.

Tess inspirou bruscamente, sem contar com a sua franqueza sem filtros, mas decidiu deixar aquela observação sem resposta.

De repente, a Dra. Jacobs afundou-se na poltrona e largou o copo na mesa de café. Esfregou a testa, pensativa, franzindo os lábios. Depois, rabiscou um rápido apontamento num bloco de notas que mantinha na mesma mesa de café.

— Reparei que as sessões que tivemos até agora deram poucos resultados — disse, num tom já profissional e firme. — Pareceu-me que a Laura lutava comigo sob hipnose. Não compreendo porquê.

— Normalmente, quando é que isso acontece? — perguntou Tess.

— Quando há um forte conflito emocional em jogo, ou quando desvendar esses factos enterrados é demasiado doloroso para observar e assimilar, mesmo enquanto adulta.

— Talvez isto ajude, então — sugeriu Tess.

— Talvez — respondeu a Dra. Jacobs com um riso triste —, mas não espere que lhe agradeça nos próximos tempos. Seja qual for o resultado, terei um pesadelo de relações públicas nas mãos. Para não falar em investidores zangados e num estudo comprometido.

Já não parecia assim tão furiosa, por isso Tess achou que era uma boa altura para lhe pedir um favor.

— Preciso de lhe pedir uma coisa — disse, levantando-se da poltrona. — Não pode contar nada disto à Laura. Não até estarmos inteiramente certos de toda esta situação.

— Quer que altere o rumo do estudo sem informar a paciente? É quase antiético — respondeu.

— Quase?

— Não há qualquer precedente que sirva de linha de referência. Mas prometi à Laura que exploraríamos a sua mente subconsciente em busca das memórias enterradas, não explicitamente do Kenneth Garza, o que torna a situação vagamente ética. Estarei, no entanto, a esconder informações críticas à minha paciente, e isso nunca está certo. Seja rápida, agente Winnett. Apanhe o assassino o mais cedo possível, está bem?

À porta, Tess ofereceu-lhe o seu cartão de visita.

— Contactá-la-ei em breve, mas, por favor, ligue-me se houver alguma informação nova.

A Dra. Jacobs anuiu e abriu-lhe a porta.

— Oh, e mais uma pergunta. É-lhe de todo possível acelerar essas sessões?

— Como assim? — Quando franzia o sobrolho, os olhos da Dra. Jacobs tornavam-se ainda mais penetrantes sob as sobrancelhas perfeitamente arqueadas e depiladas.

— Poderia talvez fazer uma sessão por dia? Em vez de uma por semana? Precisamos de chegar a essa informação o mais rápido possível.

A Dra. Jacobs resfolegou, zangada, e apoiou firmemente as mãos nas ancas.

— Isso é inusitado na minha linha de trabalho. Não se trata de uma fábrica, sabe, em que se adiciona outro turno para obter resultados com o dobro da velocidade. É do cérebro humano que falamos.

A mente precisa de tempo para sarar, para processar os acontecimentos traumáticos... — Interrompeu-se e inclinou a

cabeça um pouco para o lado. — Espere, porque está a pedir-me isto?

Dos degraus da frente, Tess hesitou por um segundo. Depois olhou-a nos olhos.

— Se esse assassino ainda anda por aí, há a ligeira hipótese de ele poder vir atrás da Laura, para a calar.

A Dra. Jacobs ficou de queixo caído, e deixou-se ficar à porta, sem palavras, a ver Tess sentar-se ao volante e afastar-se dali.

Tess imaginou a chocada Dra. Jacobs a trancar a porta da frente e a ir direita ao *bourbon*. Merecia-o. Fora mais do que cooperante, atendendo às circunstâncias.

Um ratinho no estômago de Tess fê-la sair mais cedo da Interestadual em direção a norte. Vinte e poucos minutos mais tarde, Cat punha-lhe um hambúrguer envolto em alface e um prato cheio de batatas fritas à frente, enquanto sorvia a sua bebida favorita através de duas palhinhas, apoiando-se nos cotovelos ao balcão do Media Luna.

Soube-lhe bem deixar a correria do dia abrandar até quase parar e dar-lhe tempo para recarregar as baterias gastas. E fazer desaparecer o sinistro encontro do dia, substituindo-o pela sensação acolhedora do seu bar favorito. Sentia-se em casa na espelunca de Cat, mais do que no seu próprio apartamento, vazio e triste. Gostava de ir ali já noite avançada e de o encontrar sempre sorridente, pronto para conversar.

— Confiaste em alguém hoje, miúda? — perguntou Cat, abrindo um grande sorriso que fez os seus dentes brilhar contra a pele bronzeada.

— Ahã — admitiu ela, relutante em abandonar a bebida. Quase esvaziara o copo alto, deixando apenas pequenos cubos de gelo e ervas. Cat trouxe-lhe de imediato uma nova bebida.

— Bem, em quem? Não me faças roer as unhas — insistiu ele. Era engraçado sem tentar e provavelmente sem saber. De uma graça calorosa e de derreter o coração.

— Confiei num recluso do corredor da morte — respondeu Tess, pegando no novo copo cheio até à borda.

Ele assobiou, surpreendido.

— Não era isso que eu queria dizer, miúda. Que raio? E que tal confiar em alguém com menos probabilidades de te querer fazer mal, hã? Porque não experimentas isso um dia destes?

— Tive a oportunidade — replicou Tess, de súbito triste —, mas não fui capaz. Simplesmente não consegui obrigar-me a fazê-lo. Deixa-me... vulnerável. Exposta.

— E o recluso no corredor da morte, não? — Cat plantou-se firme à frente dela, desafiando a sua lógica.

— Vai fritar dentro de poucos dias, Cat. Qualquer risco de exposição foi limitado, por isso, sim, o recluso pareceu-me mais seguro do que o *pro*... hum, colega.

— Está bem, digamos que percebo. Vais continuar a tentar?

Tess ergueu o olhar da comida que desaparecia e resmungou um «sim» de boca cheia.

— Correste perigo com esse recluso? — sondou Cat.

Tinha um talento inquietante no que lhe dizia respeito. Sabia o que lhe ia no pensamento, quase como um pai faria.

— Nah, não propriamente — respondeu, temendo o possível discurso que ele lhe podia ter feito sobre ser mais cuidadosa no trabalho.

A nuvem de uma memória surgiu-lhe dos recessos da mente cansada e fê-la afastar o prato, inacabado.

— O que aconteceu então, miúda? — insistiu Cat, numa voz suave, sentando-se do outro lado do balcão e aproximando a cabeça da dela.

Tess soltou um longo suspiro.

— Este recluso... percebeu-me em minutos — desabafou, a voz a quebrar sob a pressão das lágrimas que não sabia que continha dentro de si. — Trago a minha história escrita na testa. O que veem as pessoas quando olham para mim, Cat?

Ele não respondeu, esperando que desabafasse.

— Verão sempre a vítima de abuso sexual, e nada mais? — prosseguiu Tess, deixando que a tristeza anterior a dominasse sem lhe dar mais luta.

— Tu nunca foste uma vítima — respondeu Cat, gentil, mas firme. — Recusaste-te a tornar-te uma. Sempre admirei isso em ti.

Tess perscrutou-lhe os olhos por entre um véu de lágrimas. Ele tocou-lhe no antebraço com uma mão quente e cansada.

— Obrigada... — sussurrou ela, devolvendo o olhar ao balcão pegajoso.

— Não... Pergunto-te: porquê tornares-te vítima agora? — insistiu Cat. — O passado pode ser sepultado. Porque não o deixas ir?

UMA HISTÓRIA DE CRIME

Tess chegou ao gabinete do xerife do condado de Palm Beach alguns minutos antes das sete, levando uma caixa de café e um grande saco de pães e *croissants* para começar o dia. Subiu rapidamente, mal sentindo a pontada de lado, e parou à porta da sala de reuniões.

Fradella trabalhava no portátil, e sorriu com olhos cansados, raiados de sangue, ao vê-la. Fizera uma direta, e notava-se. Deixara a gravata e arregaçara as mangas, e uma pequena pilha de latas vazias e invólucros de comida contava a história da sua alimentação desde o dia anterior.

Michowsky adormecera com a cabeça apoiada no antebraço, curvado em cima da mesa. Quanto ao Dr. Rizza, ressonava ligeiramente, recostado na cadeira, de boca aberta.

Fradella fez-lhe sinal para que entrasse e continuou a digitar em silêncio. O ecrã montado na parede mostrava ecrã após ecrã de resultados do SIVD, estruturados, filtrados, mas incluindo ainda centenas de nomes.

Tess pousou a caixa e o saco, e isso foi como um despertador para o Dr. Rizza.

— Cheira-me a café — disse ele, esfregando cuidadosamente os olhos. — Nada como uma sesta, mas isto vai ajudar muito — acrescentou, estendendo a caneca vazia para Tess encher. Ela acedeu.

Michowsky remexeu-se na cadeira e ergueu a cabeça, piscando os olhos, confuso.

— Oh, bom dia — disse, ao ver Tess. — Hum, preciso de um pouco disso, se faz favor.

— Têm estado ocupados — observou Tess, sorrindo com apreço. Dirigiu-se ao quadro, onde uma nova e ampla tabela fora acrescentada desde o dia anterior, repleta de informação estruturada.

Mostrava a vitimologia, *modus operandi* e assinatura de oito casos, provavelmente selecionados do total de homicídios não resolvidos que encaixavam na cronologia. Havia mais dois ao fundo da tabela, não identificados por número, mas sim por nomes: Banks e Gonzales. Cada linha mostrava uma característica diferente, indo da fisionomia, idade e ocupação das vítimas à configuração do local do crime, arma e modo do homicídio, duração do ataque, vestígios, impressões digitais e, finalmente, uma linha dedicada à distensão em que o Dr. Rizza reparara nos padrões de alguns ferimentos. Com base na sólida linha de S para sim, e nos dois P para possível, parecia que tinham encontrado a assinatura do assassino, embora não soubessem ainda o significado daquela distensão na ferida. A tabela ocupava metade do quadro e, por cima de cada caso, tinham colado uma foto representativa do local do crime.

— Façam-me um resumo disto — pediu Tess, olhando para Fradella.

Surpreendentemente, foi Michowsky quem respondeu. Fora o último a adotar a sua metodologia tabelar de estruturar a informação.

— Desmontámos os oito casos que seleccionámos da pilha de catorze homicídios por resolver. Todas as vítimas foram violadas, torturadas e esfaqueadas, mas há variações. Vejamos — disse ele, procurando na pilha de papéis à sua frente e dando uma rápida dentada numa sandes.

Tess puxou uma cadeira para a frente do quadro.

— Por ordem cronológica, o primeiro caso é o de Janice Bennett, vinte e três anos, auxiliar de enfermagem. Quase não a incluímos. Era toxicodependente, tinha uma suspensão ativa por condução sob a influência de drogas quando morreu. Apresentava várias drogas

no sistema, e o Doutor Rizza disse que pelo menos parte do sexo foi consensual.

— Que drogas? — perguntou Tess.

— *Ecstasy*, PCP, GHB e também alguma cocaína. As narinas mostravam sinais de snifar de forma crónica — esclareceu o Dr. Rizza.

— Então como pode alguém tão pedrado consentir seja o que for, quanto mais sexo com um assassino? — Tess elevou a voz e Fradella ergueu os olhos para ela, franzindo o sobrolho.

— Só estou a dizer que ela não resistiu lá muito ao atacante — respondeu o Dr. Rizza. — Estritamente em termos de rompimentos vaginais e hematomas, quero dizer.

Ainda zangada, Tess fechou-se em copas, embora entendesse os factos.

— Muito bem, vamos prosseguir.

— Disse também que «a maior parte do sexo parece ter sido consensual» — acrescentou o Dr. Rizza —, mas esse aparente consentimento acabou quando o ataque endureceu. Tentou afastá-lo, mas com tantas drogas no sistema, não teve hipóteses. — Verificou as suas notas e continuou: — Há várias facadas, nenhuma hesitante ou letal, seguidas de um ferimento fatal desferido no baixo-ventre e revelando sinais de distensão. Morreu poucos minutos após esse golpe, de exsanguinação.

Tess olhou para a foto do local do crime e teve pena da pobre rapariga fotografada numa poça de sangue seco. Fora problemática, difícil, mas não devia ter acabado a vida assim.

— O que raio é essa distensão, doutor? Pode especular?

— Odeio fazer isso. O meu trabalho não inclui...

— Por favor — insistiu ela.

— Dar-lhe-ei os factos que consegui reunir. Algo, algum tipo de objeto, foi introduzido nesses ferimentos. Mais grosso do que a lâmina de uma faca, daí a distensão; forçou as feridas a abrir-se mais e puxou as fibras de colagénio na pele, em ambos os extremos da ferida. Esse objeto não deixou vestígios na cavidade abdominal.

É tudo o que tenho. Tire as suas conclusões, embora não ache que consiga. Posso imaginar muitos cenários horríveis, mas não consigo destacar nenhum deles.

— Pode ter introduzido a mão? — sugeriu Tess. — Ou... — Deixou a voz esmorecer.

— Oh, foda-se — reagiu Fradella.

— Mais uma vez, é impossível dizer o *que* ele inseriu. Não ficaram vestígios. Dei-lhe tudo o que tinha — respondeu o Dr. Rizza, desviando o olhar.

Pela sua expressão sombria e recusa em especular, Tess podia seguir a sua linha de pensamento e imaginar vários cenários, mas decidiu não dar voz a nenhum deles.

— Mais um pormenor — acrescentou o Dr. Rizza. — Devido à forma como as coisas ocorreram no seu caso, é impossível assinalar com precisão quanto tempo durou o ataque. Posso apenas dizer-lhe que de noventa a cento e vinte minutos entre a primeira laceração e a morte.

Tess abanou ligeiramente a cabeça, sentindo uma vaga de fúria a fazer-lhe subir a bílis à garganta.

— Próxima — disse, fazendo sinal a Michowsky.

— Rose Carrigan, vinte e dois anos, empregada de mesa do Colorado em férias. Não a teve por muito tempo; duas horas no máximo. Repare também na localização invulgar e de alto risco: um quarto de motel.

— Isso é estranho — concordou Tess. — Um risco irracionalmente alto. Quão certos estamos de que é o mesmo homem?

Michowsky soltou um longo suspiro antes de responder.

— Quão certos estamos de seja o que for nesta confusão? Seleccionámo-la da lista com base nos critérios de vitimologia, *modus operandi* e localização. Encaixa, mas é também uma exceção.

— Certo, percebo.

— Há mais dessas aqui — acrescentou Michowsky, batendo na pilha de pastas.

— O quê?

— Exceções.

Tess virou-se e olhou para a tabela desenhada no quadro. Os fatores variavam muito, principalmente em termos de duração dos ataques e *modus operandi*.

— O que aconteceu à Rose? — perguntou, mantendo os olhos focados na foto do local do crime que mostrava o corpo de uma jovem com fita adesiva a tapar-lhe a boca e presa aos postes da cama também com fita adesiva. Algum do sangue fora absorvido pelos lençóis, mas qualquer padrão visível nas fotos contava a história do seu doloroso fim.

— Trouxe brinquedos e levou-os todos ao partir. Não conseguimos encontrar nenhum no local, mas o doutor está certo de que usou adereços.

Tess olhou inquisitivamente para o Dr. Rizza.

— Tenho aqui, hum, «penetração vaginal e anal forçada com objetos estranhos» — citou. — Não fui eu quem fez esta autópsia; na altura, estava a tirar o meu pós-doutoramento, há seis anos. Mas liguei ao Doutor Gomez ontem à noite e verifiquei todos os pormenores.

Tess franziu o sobrolho, pensando no impacto dessa informação sobre o perfil que julgavam ter.

— A penetração com objetos não é normalmente indicativa de impotência do atacante? — perguntou.

— Não é o caso aqui — respondeu o Dr. Rizza. — Os objetos foram apenas o início.

Tess conteve um arrepio.

— Kristen Jenkins — prosseguiu Michowsky —, vinte e quatro anos, assistente executiva numa empresa imobiliária da baixa. Foi encontrada de pernas e braços estendidos e esfaqueada múltiplas vezes na sua casa, um duplex. Os vizinhos do lado estavam de férias. É a vítima número três.

Tess assentiu, examinando os dados escritos na tabela.

— Segue-se a número quatro, Veronica Norris, vinte anos, estudante, a trabalhar na sua licenciatura em gestão de empresas, encontrada pendurada na sua casa — prosseguiu Michowsky. — O assassino levou as suas próprias ferramentas e cravou os pregos na viga de suporte entre a cozinha e a sala de estar. Ele demorou o seu tempo com ela; esteve lá durante pelo menos seis horas. Foi a mais nova — acrescentou, e falhou-lhe a voz.

Esfregou a testa, cerrou o punho e apertou os lábios.

— Dá comigo em doido — disse violentamente, e Tess desviou os olhos da foto de Veronica a fim de olhar para ele. — Quando nos sai um destes casos que não conseguimos fechar, de alguma forma, fazemos simplesmente as pazes com isso. Não há provas suficientes; o que podemos fazer? Como avançar se não há pistas nem suspeitos? Segue-se em frente, porque no dia seguinte há outro sacana doentio que mata alguém e estamos tão ocupados ou mais do que no dia anterior. E depois isto — concluiu, com um gesto amplo da mão em direção ao quadro a abarrotar. — Todas estas mulheres... Sei que passaram anos, mas olhem!

Fradella parara de escrever e fitava o parceiro, de sobrancelhas arqueadas.

— Vamos apanhá-lo — disse Tess, numa voz calma e tranquilizadora. — Prometo.

— Às vezes, odeio o meu maldito trabalho, só isso — acrescentou ele.

Michowsky desviou o olhar e pigarreou, aparentemente envergonhado da sua explosão. Forçou algum ar a entrar-lhe nos pulmões e prosseguiu:

— A vítima número cinco foi Karen Rogers, de vinte e cinco anos. Era estudante de artes — parou e pigarreou de novo —, cujo marido estava em viagem de negócios. Tinham uma casa situada num terreno bastante extenso, por isso o sacana teve privacidade. Ficou lá quase um dia inteiro. — O queixo enrugou-se-lhe ao cerrar os maxilares.

— Marcou-a com o atizador da lareira, várias vezes — acrescentou o Dr. Rizza. — Ela debateu-se furiosamente. Cortou a pele contra as abraçadeiras com que estava presa. Tinha fraturas de stresse em vários ossos da mão e do pé, de tentar libertar-se. Infelizmente, não havia um único vestígio de ADN debaixo das unhas. O local do crime estava perfeitamente limpo.

— Facadas? — perguntou Tess, encolhendo-se por dentro.

— Múltiplas, culminando com o característico golpe fatal no baixo-ventre que tão bem conhecemos — acrescentou o Dr. Rizza. — Aquele com as pontas distendidas.

— A próxima, número seis...

— Espere — pediu Tess, interrompendo Michowsky, ainda a olhar para o impressionante cabelo louro-acobreado de Karen. — Vejo aqui um novo padrão.

Fradella parou de digitar e fitou-a atentamente.

— Estão a ver, como sabia ele que os vizinhos da Kristen se encontravam de férias, que devia levar um martelo e pregos pesados para a Veronica e que o marido da Karen estava ausente em negócios? Andava a persegui-las.

Michowsky recostou-se na cadeira com um longo e angustiado gemido.

— Entra-lhes nas casas antes; planeia tudo com cuidado — acrescentou Tess.

— Já sabíamos isso — respondeu Fradella. — Está no perfil.

— Não a este nível, não. Deve tê-las perseguido durante meses. — Encostou-se à mesa, concentrando-se na foto do local do crime seguinte. — Muito bem, número seis.

— Carla Cox, vinte e três anos, representante de uma empresa de produtos químicos. Com ela, foi asfixia sexual repetida. Encontraram-na estrangulada no seu apartamento, mas o golpe fatal foi na mesma o trauma com objeto perfurante no baixo-ventre — disse Michowsky.

— Daqui em diante — interveio o Dr. Rizza —, só as esfaqueou uma vez, não mais do que isso. No baixo-ventre, golpes fatais que

cortaram a artéria ilíaca comum dos dois lados. Desenvolveu uma precisão cirúrgica nos esfaqueamentos.

— Segue-se Sue Bailey, também de vinte e três anos, estagiária numa grande empresa de contabilidade; gravou-lhe coisas no corpo. Palavras, símbolos, uma confusão ininteligível. Viu as fotografias.

— Sim, vi.

— A vítima número oito é Diana Webb, de vinte e sete anos. Era programadora *freelancer*. Suspendeu-a e açoitou-a durante horas — disse Michowsky, bebendo depois um longo gole de café, como se para lavar o horror das mortes. — Quase a esfolou viva.

— Não houve violação nestes últimos dois casos? — perguntou Tess, embora temesse saber a resposta.

— Prolongada e repetida em todos os casos — respondeu sombriamente o Dr. Rizza.

Fechou os olhos por um segundo, mas as imagens de pesadelo não desapareceram.

— Vejo mais dois nomes adicionados à tabela — observou.

— Pois — respondeu Fradella. — Não temos cem por cento de certeza de que estes dois casos encaixem ali, mas é possível.

— Está bem, digam lá.

— Houve um relatório da polícia registado há treze anos, quando o Garza ainda andava à solta a praticar crimes. A família Banks disse que o cão deles assustou alguém e que viram, ao longe, um homem a fugir. Tentara entrar-lhes em casa através da porta das traseiras. No ficheiro, consta uma vaga descrição. Branco, vinte e muitos ou trinta e poucos, bom corredor, fisicamente em forma.

— Isso pode ter sido qualquer coisa — respondeu Tess —, um assaltante ou um drogado.

— Bate tudo certo, exceto o facto de Banks não ter morrido. Mesma idade, e localização geográfica, casa isolada nos subúrbios, crepúsculo, ataque numa sexta à noite.

— Está bem, presumamos que tem razão. Porque acham que é o Camaleão e não o Garza? O nosso suspeito planeia

meticulosamente; não se teria assustado com um cão que não sabia que existia.

— O cão era novo em casa; costumava viver com o pai da Cathy Banks até dois dias antes do ataque. Se quer mais uma razão, eis uma foto da Cathy Banks — acrescentou Fradella, carregando num botão e exibindo a imagem de uma loura jovem, bonita e magra no ecrã da parede.

— Ah — reagiu Tess. — Está bem, a família Banks provavelmente tem lugar na tabela. Estou convencida. E quanto à, hum, Shirley Freeman?

— Sim, uma empregada de loja de vinte e três anos que corresponde à letra a todos os critérios, exceto — disse Michowsky, folheando algumas notas — que foi esfaqueada uma única vez, no coração. Não houve tortura nem violação. A avó também foi esfaqueada, no pescoço. A arma corresponde à lâmina favorita do Camaleão. A velha senhora carregou num botão da sua pulseira de alarme médico antes de morrer.

— Não bate certo — observou Tess, pensativa. — Ele teria sabido da existência da avó. Não me digam que também era nova na casa.

Tanto Michowsky como Fradella acenaram vigorosamente.

— Esta é a Shirley — disse Fradella, mostrando a imagem no ecrã de televisão. Encaixava perfeitamente no tipo do Camaleão.

— Então foi surpreendido pela avó quando estava a começar, hã? Quando foi isso?

— Há apenas quatro anos. Os serviços de emergência demoraram sete minutos a chegar lá, por isso deve ter simplesmente fugido. Não viram ninguém.

Tess examinou de novo o quadro, sentindo a frustração a aumentar.

— Por favor, digam-me que encontraram alguns vestígios nos locais destes crimes. Não importa o quê. ADN, cabelo, fibras, qualquer coisa?

Michowsky e o Dr. Rizza abanaram a cabeça, parecendo tão frustrados como ela.

— Como diabo é que alguém faz isso? — murmurou Tess, mais para consigo.

— Alguma vez viu o filme *Gattaca*? — indagou Fradella. — Acho que foi isso que ele fez. Raspou, esfregou e depilou cada centímetro do corpo.

— Talvez esteja certo — concordou Tess. — Também é possível que tenha acesso a equipamento forense e informação. Macacões com capuz para cenas de crime, toucas de cabelo, proteções para botas, tudo isso.

— Qualquer pessoa pode comprá-los *online* — replicou Fradella. — Os descartáveis são baratos.

Tess revirou os olhos e gemeu.

— Vá lá, malta, precisamos de uma descoberta.

Michowsky franziu o sobrolho.

— A propósito, bom trabalho com isto — acrescentou, vendo o cenho franzido de Michowsky esbater-se. — Todd, que números são esses que tem estado a remoer?

— Introduzi os dados do perfil no SIVD; uma condenação por violação ou suspeita que nunca deu em acusação, faixa etária entre os quarenta e os cinquenta. Branco, bem integrado, e por aí adiante. O SIVD recompensou-me com setecentos e oitenta e oito homens que encaixam no perfil.

— Comparou-os com os casos de incendiários? Gente que faz chichi na cama? Acusações de crueldade animal? E quanto a registos juvenis selados?

— Eia... — respondeu Fradella, rindo-se. — Sim, deixe-me só dizer-lhe. Comparámo-los com os incendiários juvenis que não foram acusados ou cujos registos estavam selados. O seu analista, Donovan, não ficou muito satisfeito por saber que lhe tinha pedido para nos ajudar, mas cumpriu.

— Eu pedi-lhe que nos ajudasse?

Fradella fitou-a com ar envergonhado.

— Oh, sim, já me lembro — respondeu Tess, rindo-se. Fradella tinha iniciativa e conseguira que o trabalho fosse feito pelo preço de uma mentira inofensiva. Cada vez gostava mais dele.

— Dos setecentos e oitenta e oito, restam cinco, se juntarmos o fogo posto.

— Alguém que conheçamos?

— Não, nem perto. Com base no que vi até agora, estes cinco homens nunca se cruzaram com os Watson. — Fradella passou a mão pelo cabelo. — Eu e o Michowsky vamos reuni-los de qualquer forma e falar com eles.

— Apareceu outro tipo; alguém que processou o Watson, e depois o seu património, algumas vezes, sempre com falsas alegações — acrescentou Michowsky.

— Quem?

— O dono de um hotel que faliu; disse que o Watson lhe recomendara o modelo errado de luzes de parede e que isso lhe matou o negócio. Depois, afirmou que o Watson tivera um caso com a ex-mulher dele e planeava arruiná-lo. Meteu esse processo um ano depois de o Watson ter morrido. Seguiu-se outra alegação rebuscada contra o seu património, afirmando que o Watson prometera incluir o hotel numa revista, mas não o fez. Foi expulso do tribunal.

— Tragam-no cá; vamos ouvir a sua história — respondeu Tess, sentindo-se revigorada. Um negócio falido podia ser o gatilho que criava um assassino em série.

— Ele fez sessenta e cinco anos. É latino e tem excesso de peso. Não há qualquer acusação de violação no seu passado, nada, só coisas pequenas e falta de competências comerciais. Não encaixa no perfil num único ponto — disse Michowsky, deixando o desânimo transparecer.

— Tragam-no de qualquer forma. Quero saber o que alimentou o seu ódio pelo Allen Watson — replicou Tess. — Aparentemente, mais ninguém o odiava.

Olhou para os três homens, vendo novamente quão exauridos pareciam. Não dormira mais de três horas nas últimas noites. Eles trabalhavam há dois dias sem parar, e para quê? Continuavam sem nada. A não ser...

— O Garza tem razão — declarou Tess. — Este suspeito, o Camaleão, não sabe o que é nem o que quer. Está a evoluir, a explorar.

— Acha que parou? Depois da Shirley Freeman e da avó? — perguntou Fradella. — Não encontrámos mais nada desde então. Julga que foi apanhado? Por outra coisa, talvez?

— Não — respondeu Tess, pensativa. — Não parou; não depois de se ter tornado assim tão bom. Não quando se habituou à matança, ao cheiro do sangue.

— O BTK³ parou — observou Fradella, sem erguer os olhos do ecrã.

— Estou impressionada com os seus conhecimentos, Todd — replicou Tess. — Mas algo me diz que este suspeito não parou. Não pode parar. Sinto-o nas entranhas. — Deteve-se por um segundo. — Anda algures por aí. Não está morto e não está na cadeia. Sei-o.

Quase esperava que eles se rissem ou que pelo menos desdenhassem as suas observações, mas nenhum o fez.

— O que aconteceu então? Porque não conseguimos encontrar sinal do seu trabalho nos últimos três anos?

Tess mordeu o lábio, pensando. Como é que alguém como o Camaleão continuava a matar sem que ninguém soubesse? O que faria ela no lugar dele?

Estremeceu, reprimindo as imagens macabras que lhe invadiam a mente.

— Na verdade, é simples — respondeu. — Ficou *assim* tão melhor. Descobriu uma maneira de matar sem se preocupar com avós ou cães inesperados. Estou disposta a apostar que alguns dos desaparecimentos cuja fisionomia corresponde à das vítimas são dele. Construiu um covil algures. A sua câmara de tortura privada.

— Nunca a encontraremos — respondeu Fradella, dando voz aos medos interiores de Tess.

— Talvez o façamos — contrapôs ela. — Temos uma oportunidade, e está nas sessões de regressão da Laura Watson.

— A sério? — questionou Fradella. — É só *isso* que temos? Então estamos bem lixados.

— O quê!, espera que a Laura sonhe com o nome e o número da Segurança Social do tipo? — perguntou Michowsky amargamente.

— Tenho uma pergunta melhor para si — respondeu Tess. — Admitindo que estou certa e que ele continua por aí a matar, porque é que a Laura Watson ainda está viva?

§ BTK (de *Bind, Torture, Kill*) refere-se a Dennis Rader, assassino em série norte-americano que matou dez pessoas entre os anos de 1974 e 1991. (*N. da T.*)

REFLEXÕES: DONA SORTE

Agora que concordamos que não somos afinal assim tão diferentes, acho que posso responder à vossa última pergunta: como me tornei naquilo que sou hoje? Como posso desfrutar dos meus numerosos e sofisticados banquetes sem ser perturbado, sem deixar para trás o mais ínfimo vestígio?

A fase final da minha transformação começou com uma jovem chamada Shirley Freeman, uma empregada de loja que levou o seu tempo a guardar as minhas compras, enquanto sorria, batia as longas pestanas para mim e me olhava de soslaio a cada lata de sumo de tomate que largava naquele saco de papel. Namoriscou desavergonhadamente comigo, um homem com o dobro da sua idade, a aliança à vista, e a comprar tampões, entre outras coisas. Achei que estaria disposta... bem, pelo menos até certo ponto. Avaliei-a e, satisfeito com o que vi, decidi que seria ela o meu próximo banquete.

Só então lhe correspondi ao sorriso, e ela corou, encantada, como uma maçã *jonagold* tocada pelos raios do Sol.

Ao longo dos meses seguintes, fui meticoloso na pesquisa. Não tardei a saber tudo sobre ela, ou pelo menos assim pensei. Lembro-me de ter achado que a sua casa parecia muito acima do seu nível salarial, uma vivenda isolada num bairro agradável, mas, por outro lado, as pessoas herdavam coisas. Provavelmente, o ordenado cobria os impostos e serviços da propriedade, mas pouco mais. O carro, porém, parecia mais em linha com a sua classe social, confirmando a hipótese de uma herança com algum valor emocional e da qual não queria desfazer-se.

No dia agendado, quando todos os registos me mostravam numa viagem de negócios a Jacksonville, pousei na sua sala de estar

pronto para o meu banquete, armado de um *kit* completo de acessórios que, ao longo dos anos, aprendera a embalar e a levar comigo. Sacos do lixo grandes. Abraçadeiras. Fita adesiva. Macacões e protetores para as botas, para impedir que qualquer cabelo ou fibra ficasse para trás. Tudo isso e mais cuidadosamente guardados num saco de desporto que larguei na alcatifa assim que entrei na casa.

Olhei em volta à procura dela, e não a vi em lado nenhum. O piso principal, um espaço aberto demasiado decorado, revelou-se um desafio. No momento em que contornava o armário da sala de jantar, um grito horripilante gelou-me o sangue nas veias. Virei-me e vi-a ali, tomando fôlego para gritar de novo. Saltei para a frente e consegui derrubá-la, tapando-lhe depois a boca enquanto a esmagava com o meu peso. Bateu com os pés contra o chão e não parou até que peguei na faca e a aproximei dos seus olhos arregalados. Só então se acalmou.

Era tarde demais. À porta da sala, agarrada ao batente para se equilibrar e examinando a sala com os olhos de mãe águia, estava uma velha frágil. Quando os nossos olhares se cruzaram, li ali uma sentença de morte. A minha. Sem dizer palavra, a velha soltou o batente e carregou no botão de emergência da pulseira de alarme médico, uma e outra vez. Passados segundos, o telefone tocou.

Não tive escolha.

Ainda agora, em retrospectiva, percebo que só me restava fazer o que fiz. No fundo do meu pensamento dançava a pergunta para sempre sem resposta: «Como era possível?» Estivera naquela casa dias antes, enquanto Shirley trabalhava, e não havia ali ninguém. E nem sinal de que mais alguém vivesse com ela. Como era possível?

As mesmas perguntas davam-me voltas ao cérebro enquanto cravava a lâmina no peito de Shirley, silenciando-a para sempre. Quando parou de se debater, a velha gritou, não muito alto, e fez uma débil tentativa de chegar à porta da frente. Alcancei-a com duas grandes passadas e segurei-a pelo braço para a deter antes que agarrasse a maçaneta, enquanto o telefone continuava a tocar.

O sistema de correio de voz ativou-se e ouvi um jovem a confirmar que tinham enviado uma equipa de emergência, que deveria chegar dentro de cinco minutos.

Maldição! Estava preso ali dentro, com uma mulher morta e outra moribunda, e via a morte a aproximar-se, com os aquosos olhos azuis bem abertos.

Mas ainda não me tinham apanhado.

Arquejei ao erguer o braço que segurava a faca e baixei-o vigorosamente, apontando ao peito da mulher. Ela virou-se e a minha lâmina cortou-lhe antes a garganta, seccionando-lhe a carótida e a jugular.

Soube então... que, quando a dona sorte decide ser uma cabra, não há cabra maior à face da Terra.

A velha devia ter uma pressão arterial altíssima; caso contrário, não consigo explicar o jato que subiu até ao teto e me encharcou em sangue da cabeça aos pés. Peguei no saco, corri para a porta das traseiras e escorreguei duas vezes no soalho até chegar a terreno mais firme, lá fora, no jardim encoberto pelo crepúsculo.

Ouvi sirenes à distância, em rápida aproximação. Escolhi o lado escuro e corri sem tirar os olhos do chão, apertando o precioso saco contra o peito. Tive de atravessar dois quarteirões e lembro-me de pensar em como fora esperto ao estacionar no parque escuro e sem segurança nessa noite, embora normalmente tivesse tendência a ser demasiado protetor para com o meu novo *Lexus SUV*. Nunca se sabe quem anda a rondar por essas vizinhanças, certo?

Não encontrei ninguém e os serviços de emergência entraram na rua depois de eu ter virado a esquina e estar bem longe da vista. Talvez a dona sorte começasse a sorrir-me de novo.

A salvo atrás do volante, carreguei no botão da ignição e saí dali, parando em todos os sinais de *stop* e dando passagem aos peões. Então, enquanto esperava que um semáforo ficasse verde, o condutor do carro ao lado do meu olhou fixamente para mim e fiquei petrificado. Olhei para as mãos, para o meu rosto no espelho, para o

volante, para as roupas... tudo coberto de salpicos de sangue, com ar castanho-escuro à luz ténue da rua.

Consegui sorrir e acenar ao outro condutor. Ele sorriu-me de volta e desviou o olhar. Algumas pessoas são tão idiotas... mas isso correu-me bem. Depois, desapareci nos Glades, saindo da cidade pelo caminho mais curto e perdendo-me por estradas secundárias.

Nas profundezas da escuridão da floresta, atrevi-me a acender a luz interior do carro e a olhar para mim mesmo.

Não, a dona sorte continuava a ser uma cabra implacável com tensão pré-menstrual.

Estava ensopado em sangue seco, tal como o carro. Tudo aquilo em que tocara estava manchado. Os bancos de cabedal creme, os tapetes, a porta, grande parte dos comandos da consola central. Uma sentença de morte forense.

Onde podia ir assim? A sério, onde?

Não podia ir para casa e explicar a situação à minha mulher. Podia ser leal e afetuosa, mas acho que até isso tem limites. Não podia entrar num hotel com aquele aspeto. Não havia nenhum lugar onde pudesse ir.

Pensei em muitos cenários, cada um mais rebuscado do que o outro, enquanto o meu cérebro sobreaquecido continuava a andar em círculos e a chegar à mesma conclusão.

Estava acabado.

RESULTADOS

Tess assistia a uma gravação mal digitalizada de um velho interrogatório a Kenneth Garza, filmada numa sala desconhecida. A luz era demasiado ténue para que a gravação fosse clara, e ela semicerrou os olhos, aproximando-se do ecrã montado na parede para ver com mais pormenor.

Em primeiro plano, via o cimo das costas e a cabeça de um investigador desconhecido. Estava a ficar careca e a sua estatura corpulenta não lhe lembrava ninguém que conhecesse. Verificou o *e-mail* de Donovan, que lhe fizera um enorme favor e desenterrara todos os interrogatórios de Garza, digitalizara-os e organizara-os por ordem cronológica. Rotulara aquele como «Detetive McKinley — Miami-Dade, Kenneth Garza, re. homicídios Watson». Era o mesmo McKinley, o detetive que morrera pouco depois, que trabalhara no caso Townsend.

Tess subiu o volume e seguiu, curiosa, a conversa entre os dois homens, roendo a unha do indicador. Um Garza mais jovem, mas igualmente descontraído e acolhedor, respondia às perguntas em tom calmo, quase monossilábicas. Passaram vários casos assim, até que McKinley apresentou a Garza o ficheiro do homicídio dos Watson. Garza reagiu de imediato: «Não sei quem são essas pessoas.» McKinley insistiu, recusando-se a acreditar.

Discutiram durante algum tempo, com Garza a oferecer-se para fazer um teste do polígrafo e a perguntar depois a McKinley que razões teria ele para mentir, quando já confessara dezenas de homicídios. Mas a lógica não o levou a lado algum com o detetive McKinley, que, obstinado, insistiu em que o Homem de Família matara também os Watson. Chegou a provocar Garza sobre a Filha dos Watson: «Deve tê-lo feito sentir-se um tolo, deixar aquela

rapariga assim viva.» Garza não vacilou; limitou-se a afirmar calmamente que pouco lhe importava uma coisa ou outra, pois nunca vira aquelas pessoas.

Garza tentou uma última vez, dizendo a McKinley que queria esclarecer as coisas para bem da verdade e da honestidade, mas McKinley riu-se na cara dele e, com a mesma calma, Garza chamou-lhe imbecil. Dedicou-se então a estudar as fotos do caso incluídas no ficheiro Watson. No vídeo de baixa resolução, Tess julgou ver os lábios de Garza torcer-se num ligeiro sorriso intrigado, enquanto percorria as fotos, uma a uma.

A gravação terminou, deixando o ecrã negro e a sala de reuniões em silêncio. O vídeo mostrara a Tess como é que os três processos tinham ficado tantos anos por resolver, com um assassino em série em liberdade, continuando a matar. Primeiro Michowsky, depois McKinley — ambos lidaram apressadamente com os casos, ignorando provas e afastando-se da lógica e do senso comum. Tarde demais para pensar nisso, mas perguntou-se se haveria algo mais que lhes escapara.

O telefone interrompeu a sua introspeção infrutífera; era a Dra. Jacobs. Atendeu de imediato.

— Doutora Jacobs — disse, cumprimentando a autora da chamada.

— Agente Winnett — respondeu a Dra. Jacobs. — Pediu-me que lhe ligasse se houvesse alguma coisa. Não tenho a certeza se isto é ou não algo de relevante. Agendei outra sessão com a Laura esta manhã e não obtive mais do que antes. Seguiu bastante de perto o padrão de ontem, o que me leva a crer que isto pode ser tudo o que podemos esperar saber.

— Não sei se estou a segui-la — replicou Tess, franzindo o sobrolho e coçando a testa.

— Parece-me que as poucas coisas de que a Laura se lembra são incoerentes. Por exemplo, há algumas questões que gostaria de ver respondidas. Foi encontrada numa casa de banho às escuras. Quem apagou essa luz? Esteve sempre apagada? Ela não vai por

aí, por mais que tente. Lembra-se, no entanto, da campainha da porta e, em estado regressivo, imita o tinido como as crianças costumam fazer. Depois, fica frenética e desata a chorar, aos gritos: «Não, não, *bad*; não, não, *bad*, não.» Soluça descontroladamente, por isso tenho de terminar as sessões, sempre no mesmo ponto. Se, de alguma forma, pudéssemos ir além desse momento, então talvez...

— Que conclusões tira disso, Doutora Jacobs?

— Lembre-se que falamos de uma menina de cinco anos traumatizada. Em estados regressivos, é normal que os pacientes falem e ajam como na altura, num reflexo ou encenação do que fizeram, ou viram os outros fazer durante os acontecimentos traumáticos. Laura fala com a sua voz de cinco anos e diz coisas que uma criança dessa idade diria sob coação. Infelizmente, não consegui chegar a mais lado nenhum com ela; ainda não, pelo menos. Continuarei a tentar, mas...

— Tem gravações? — perguntou Tess, ainda a olhar distraidamente para o ecrã escuro da televisão. — Vídeos dessas sessões?

A Dra. Jacobs hesitou um pouco.

— Sim, tenho, mas teria de lhe pedir autorização para os partilhar consigo.

— Faça-o, por favor, e depressa — pediu Tess. — Depois daquele programa de televisão, não podemos ter a certeza de que ele não vai...

— Compreendo — respondeu a Dra. Jacobs num tom sombrio. — Eu não sabia... não fazia ideia. Nunca arriscaria o bem-estar de uma paciente, independentemente da razão, agente Winnett. Tem de acreditar em mim.

Tess ainda remoía os factos na cabeça muito depois de a chamada ter terminado. Independentemente de como os olhasse, a mesma questão incomodava-a, uma e outra vez. O que fizera o Camaleão antes dos Watson? Garza confessara todos os

homicídios de famílias anteriores àquele, o que significava que os Watson eram, de algum modo, relevantes para o Camaleão.

Podiam os Watson ter sido as suas primeiras vítimas? Que tipo de assassino tem aquele sangue-frio na primeira matança?

Já estudara várias vezes os pormenores do homicídio dos Watson e não encontrara quase nada de novo. Falara com a ama, até com Laura, mas não fora capaz de descobrir mais nada. A sua mente continuava, ainda assim, a dirigir-se obsessivamente para aí, como se algo lhe tivesse escapado.

Soltou um longo suspiro e esvaziou a chávena de café velho com dois goles sedentos, decidindo depois ir novamente visitar o Dr. Rizza. Mandou uma mensagem a Michowsky para se encontrar com ela no andar de baixo e dirigiu-se às escadas, à espera de um milagre.

REFLEXÕES: O MERGULHO

Afinal, não estava acabado nessa noite; renasci.

À medida que o meu ritmo cardíaco abrandava e a respiração áspera e superficial estabilizava num ritmo normal, uma solução surgiu do nada. Com a partida do meu breve pânico, chegou a sanidade, a salvação.

Mas primeiro tinha alguns problemas práticos para resolver. Estava escuro lá fora no meio dos Glades e, além da miríade de criaturas a fazer barulho nos bosques, ninguém assistiu aos meus planos de redenção.

Era suposto estar numa viagem de negócios a Jacksonville. Planeio sempre os meus banquetes com cuidado, certificando-me de que tenho um álibi preparado. O mais comum é uma viagem de negócios. Faço a viagem, certifico-me de que sou visto em toda a parte e regresso um pouco mais cedo, mesmo antes do banquete. Uma vez terminado, volto atrás algumas centenas de quilómetros por estradas secundárias e regresso a casa pela autoestrada, deixando um convenientemente datado rasto de papelada. Escusado será dizer que pago a gasolina em dinheiro.

Estou certo de que percebem tudo isso. Às vezes, uso um disfarce, uma identidade falsa, ou até uma matrícula falsa, quando estou muito perto ou os meus álibis envolvem viagens de avião. Voar é sempre o pior... muitas câmaras em toda a parte, dos parques de estacionamento aos átrios do aeroporto. Mas *pode* ser feito, sabem? Fi-lo muitas vezes.

E quanto aos hotéis?, poderão perguntar. Não fica no registo que saí mais cedo? Bem, não. Não nesta era de tecnologia. Não quando me asseguro de que escolho apenas hotéis que permitem fazer o *check-out* pela Internet. Saio, volto aqui, faço o que tenho a fazer e

entro remotamente, via *proxy*, registrando o *check-out* do hotel na altura certa para o álibi. Às vezes, gosto de ligar para a receção algumas horas antes, no momento de dar início ao banquete, e de lhes fazer uma pergunta tola sobre o tempo, porque tenho uma dor de cabeça terrível... Sim, lembram-se sempre de mim. Depois, desapareço via *web check-out*, sem deixar rasto no constante vaivém de clientes. Ou pelo menos é o que pensam. Jurarão ter-me visto partir pouco depois do *check-out*.

Regra geral, a maioria das pessoas, se lhe pagar uma bebida ou duas, lembrar-se-á de que estive lá mesmo sendo mentira.

Era suposto encontrar-me em Jacksonville. Ainda aparecia como hospedado num hotel de lá, e isso era fácil de resolver. Bastava entrar e fazer o *check-out*, cerca de seis horas antes de chegar a casa, em Miami. Depois... o quê?

Para entenderem a minha solução maluca, têm de saber um pouco de investigação forense; e eu estudei muito. Não há nada mais destrutivo para as provas de ADN e de sangue do que a imersão em água. Oh, mas esperem, afinal, há. Chama-se água salgada. O que temos nós aqui, em Miami? Pois, adivinharam. Todo um oceano.

Mantinha-se o desafio de encontrar uma forma plausível de deixar para trás o rasto de papelada da autoestrada, com todas as câmaras, e depois mergulhar o carro no oceano. Não estava satisfeito com a perspetiva de arruinar, numa única manobra, tanto o meu impecável registo de condução como o meu *Lexus* novinho em folha, mas bate certamente a injeção letal. Sim, o meu seguro automóvel ia levar uma pancada. Azar, mas podia pagá-lo.

Preparei os nervos tensos para a ideia de mergulhar de cabeça da amurada de uma ponte e depois para a água, mas não havia outra forma. Após uma hora a dar voltas à cabeça em busca de uma saída, foi a única que encontrei para aquela maldita confusão.

Comecei a trabalhar nos pormenores e na cronologia. Tecnicamente, se estava agora em Jacksonville, às nove da noite, e a viagem demorava, digamos, seis horas, tinha de fazer de imediato

o *check-out*, andar para trás durante algumas horas, entrar na autoestrada e começar a deixar o rasto de papelada.

Continuava a ter dois problemas. Primeiro, precisava de aparecer limpo e imaculado nas muitas câmaras das portagens. Sem manchas de sangue visíveis no rosto, nas roupas, no volante e nas mãos, pelo menos. Com um pouco de imaginação, uma muda de roupa da minha mala e alguma água pantanosa de um charco ali perto, resolvi isso. Estava suficientemente limpo para passar pelas câmaras da autoestrada, mas não mais do que isso. Ainda hoje me sinto grato por ter conseguido regressar ao carro sem que um jacaré ou uma cobra me arrancasse um pedaço. A dona sorte a redimir-se, era o que era.

O segundo problema apresentava-se mais difícil. Que razões poderia ter para sair da Interestadual e acabar na ponte em direção a Harbor Isles, também conhecida como Causeway Bridge? Mas, primeiro, porquê essa ponte específica?, perguntarão. Bem, por várias razões, a começar pela mais importante: é uma das poucas que restam com uma amurada metálica em vez de betão. Não sei se o meu *Lexus* pode rasgar betão, mas vi um *Honda* atravessar uma balaustrada metálica sem grandes dificuldades. Não queria arriscar, por isso a opção seria Harbor Isles.

Depois, essa ponte está sempre deserta à noite; ninguém passa por lá às três ou quatro da manhã, a hora prevista para a minha chegada. Finalmente, esse local tinha um bom motivo para sair da Interestadual, uma razão válida que qualquer polícia entenderia. A poucos metros da ponte, há uma loja com café e *donuts* aberta vinte e quatro horas por dia.

Um pequeno pormenor, mas de importância crítica, era usar a chave de pneus para fazer peso no meu saco de desporto e deixá-lo afundar-se num lago infestado de jacarés ao sair dos Glades. Depois, executei o resto do plano na perfeição.

Tudo decorreu sem falhas até chegar à Causeway Bridge, onde não consegui desviar-me devido ao trânsito. Precisava de pousar na água quando não estivesse lá ninguém, de deixar ali o carro durante

tempo suficiente para que o sangue que cobria os bancos de cabedal desaparecesse. Com os nós dos dedos brancos e a ouvir o coração palpar-me contra o peito a um ritmo lento e constante, passei pelo trânsito que vinha em sentido contrário, dei a volta e tornei a passar, fazendo nova inversão de marcha e acelerando.

Nem sequer ouvi o impacto contra a amurada; os *airbags* ativaram-se, envolvendo-me. Passado um segundo de silêncio, o carro mergulhou de frente na água, amolgado, como se tivesse batido contra betão. A água inundou-o rapidamente através das quatro janelas abertas. Mantive a calma e deixei que a água me passasse por cima, soltando depois o cinto de segurança e saindo pela janela, deixando para trás o meu belo *Lexus*, que continuava a afundar-se.

Não saí logo da água; nadei por ali um pouco, como faria a confusa vítima de um acidente. O meu grande chape acordou um par de velejadores, mas quando espreitaram pelas janelas, o carro desaparecera há muito. Nadei para baixo da ponte, onde fiquei muito tempo, esfregando as calças, o rosto, as mãos, limpando do meu corpo quaisquer vestígios de sangue. Quando achei que fizera um trabalho suficientemente bom, subi para a margem e posicionei-me de modo a ser encontrado por transeuntes.

Acreditem ou não, adormeci ali mesmo, na relva, perto da berma da estrada. Quando acordei, estavam a meter-me numa ambulância e já me tinham posto um colar cervical. Satisfeito, fechei os olhos e deixei que se atarefassem comigo.

Exultava com a forma como resolvera o desafio, mas não como tudo decorrera. Vinte e quatro horas antes, salivava de antecipação ante o meu banquete com Shirley, e agora tinha de lidar com a memória de fugir para salvar a vida, de me sentir perseguido. O poderoso predador achava-se envergonhado, indigno, e odiava-o.

Não podia tornar a acontecer. Nunca.

Nesse dia, fiz um juramento: jamais voltaria a sentir a amargura da privação ou o fôlego do meu inimigo na parte de trás do meu pescoço. Estava zangado, mais do que alguma vez estivera.

Foi então que decidi construir a minha cabana, bem escondida nos bosques, um refúgio anónimo onde nada de inesperado podia acontecer e onde podia demorar o tempo que quisesse com as minhas convidadas — tocar-lhes a pele com as mãos nuas, sem luvas, e sentir o seu sedoso calor contra a tensa e nua bainha da minha ereção.

Pena não poder levar lá a Laura. Teria sido espantoso.

A propósito, aquele assassino contratado jura que fez o trabalho. Disse que a armadilha está montada; só temos de esperar. Acontecerá em breve. Aparentemente, é comum no ramo, quando queremos que as coisas pareçam acidentais.

Estou constantemente irritado e de pavio curto; não paro de pensar na Laura, no que podia fazer-lhe, no que *não posso* fazer-lhe. Só existe uma solução para a febre que sinto; vou tomar alguém hoje. Preparei tudo. Há já algum tempo que ando de olho numa rapariga bonita chamada Monica. Dará uma bela hóspede para um par de dias, para me arejar as ideias.

Nunca tive uma Monica. Pergunto-me a que saberá a sua pele. Fecho os olhos e imagino uma maçã *aurora*, aromática e madura, pronta para a primeira dentada. Pergunto-me se me dará luta... se o seu corpo se debaterá contra o meu, em espasmos arrebatadores, ou se ficará quieta, oferecendo-se-me numa doce rendição, de olhos fechados, temendo respirar, com medo da minha lâmina.

ALGUMAS SURPRESAS

O Dr. Rizza tinha alinhado três mesas, e dispusera as provas arquivadas dos três casos que investigavam. As mesas estavam cuidadosamente identificadas com notas adesivas e revia, um a um, os sacos de provas, talvez pela décima vez.

Quando Tess entrou, endireitou as costas com um gemido e sorriu. Tinha um sorriso bondoso, incapaz de lhe apagar o cansaço dos olhos.

— Tenho visitas — observou, rindo-se —, deve ser importante.

— Muito — respondeu ela. — Os rapazes também vêm.

— O que tem em mente?

— O caso Watson, doutor. Quero dar-lhe outra olhadela. Algo novo aí que possa ajudar? — perguntou, apontando para a mesa etiquetada como «Watson».

— Talvez — respondeu, no momento em que Michowsky e Fradella entravam na morgue. Acenou na direção deles. — Havia um fio de cabelo com o folículo preso. Foi embalado separadamente, por isso só o encontrei há dois dias. Estava assinalado como «prova excluída» e nunca lhe fizeram testes de ADN. Fizeram agora; fiz um pedido urgente.

— E? — perguntou Tess, impaciente.

O Dr. Rizza abanou a cabeça.

— Não há qualquer correspondência na base de dados, infelizmente. É ADN do sexo masculino, e sem correspondência familiar com nenhum dos Watson, nem com Charlie, o rapazinho que ficou em casa dos Watson nessa noite.

— Por que raio foi excluído das provas? — perguntou Tess, virando-se para Michowsky com um olhar inquiridor. — Gary?

Michowsky franziu o sobrolho.

— Se bem me lembro, esse cabelo era preto asa-de-corvo, como o do Bradley Welsh. Tendo em conta o comprimento, concluímos que podia ser dele. Dada a natureza próxima da sua relação com os Watson, o cabelo tinha todos os motivos do mundo para estar naquele local. As duas famílias eram...

— Sim, sim, eram chegadas. Já ouvi isso um milhão de vezes. Não é motivo suficiente para excluir provas.

— Estávamos fortemente convictos de que o assassino era o Garza — respondeu Michowsky, olhando para o chão de cimento. — Eu... não pensámos...

— Sim. Tudo bem — disse Tess, um pouco mais fria do que desejaria —, temos o ADN agora e não nos está a ajudar muito, pois não?

— Não, não está — respondeu Michowsky, parecendo desafiador e erguendo os olhos ao encontro dos dela.

Quase reagiu, mortinha por lhe dizer que o facto de não haver uma correspondência ao ADN na base de dados não fazia com que a sua decisão de excluir provas estivesse certa. Tornava-a apenas perdoável. Foi o que fez, decidiu perdoar, e nada disse. Não tardou a que ele desviasse de novo o olhar. Provavelmente sabia tão bem como ela que errara em demasiadas coisas no caso Watson.

— Quer pedir uma amostra de ADN do Welsh? — perguntou Tess.

— Posso tentar — respondeu Michowsky. — Não acho que tenhamos o suficiente para um mandado, mas posso falar com o juiz Santiago. Tem tendência para aprovar mandados de ADN.

— Está bem, vamos fazer isso — disse Tess.

— Sabe que corro o risco de ele se rir na minha cara. O Bradley Welsh não é o nosso suspeito; tinha um álibi perfeito, com mais de cem testemunhas. Criou a Filha dos Watson, por amor de Deus. Não pode ser ele, digo-lhe. Não faz sentido.

— Eu sei — respondeu, absorta nos pensamentos. — Vamos apenas tentar, em nome do rigor. Não temos mais nada, de qualquer forma. Este caso ficou frio como gelo.

Ao dizer as palavras, um puxão nas suas entranhas discordou. Havia algo que lhe escapava, uma informação crítica, e que estava ali à sua frente, mas que não conseguia ver. Cerrou os dentes e juntou as mãos.

Todos ficaram um longo momento em silêncio. Depois, o Dr. Rizza deu uma palmadinha no ombro de Tess.

— Porque não terminam por hoje, malta? Durmam um pouco. Recomecem amanhã, com outro olhar.

Não era má ideia; a meia-noite aproximava-se e eram dos últimos resistentes do edifício. Deu um rápido abraço ao Dr. Rizza e subiu as escadas para a entrada principal, onde o rececionista a chamou.

— Chegou isto para si, agente Winnett — disse o jovem —, por estafeta.

Tess abriu o envelope e encontrou uma pequena *pen drive* e um bilhete manuscrito da Dra. Jacobs. Dizia: «Incluí os vídeos familiares relevantes que a Laura ainda tinha, com a autorização dela, claro. Ajudá-la-ão a estabelecer um quadro de referência para as sessões de regressão, também incluídas. Ligue-me se tiver alguma pergunta, e boa sorte!»

Hesitou por um segundo, pensando em subir para ver os vídeos na sala de reuniões, curiosa por saber que outras informações podia recolher. Com um suspiro, decidiu ir para casa. Pelo menos, podia vê-los com os pés levantados e uma bebida fresca na mão.

Fez a ronda de rotina pelo apartamento de Laura, mas não viu o carro estacionado e as janelas estavam completamente escuras. Perguntou-se se era habitual deixarem o gato sozinho em casa sem uma luz acesa.

Passados poucos minutos, tinha o portátil ligado à frente e descalçara os sapatos, trocando a roupa suada de todos os dias por uma *T-shirt* comprida e meias de lã. Ligou a *pen drive* e começou a ver os vídeos.

Tinha pouco a ganhar com a visualização. Os Watson eram uma família feliz e os vídeos captavam marcos da sua vida: aniversários, Natais, uma caça aos ovos de Páscoa com os três filhos, quando a

mais nova era apenas um bebé a gatinhar. Embrenhou-se na descoberta de como eram os Watson, aprendendo sobre a sua vida familiar. Reparou na bondade dos olhos de Rachel e no cuidado e paciência com que tomava conta dos bebés. Allen quase nunca aparecia, sendo provavelmente quem segurava a câmara.

Tess riu-se baixinho ao reparar em como a pequena Laura tinha dificuldade em pronunciar a letra «r». Soava-lhe de algum modo familiar, e lembrou-se de ouvir o atendedor de chamadas de Laura, com a mensagem gravada há muitos anos, quando os cinco Watson ainda estavam vivos e felizes.

Continuou a ver os vídeos, quase esquecendo o que procurava, imersa na alegre vida que os Watson haviam partilhado. Em todas as festas, as pessoas divertiam-se com a falta de erres de Laura, pedindo-lhe constantemente que dissesse o seu nome. Ela repetia que o seu nome era Lau'a, e eles sorriam, rindo-se e incentivando-a, como se fosse a primeira vez que a ouviam dizê-lo daquela forma. Não eram maus para ela; de todo. Desfrutavam dela, como dos truques de um cachorrinho doce.

Muitos dos vídeos eram de aniversários da família e mostravam as duas famílias juntas, Watson e Welsh. Eram, de facto, chegados. Perscrutou os Welsh em busca de sinais de alerta, de algum comportamento ou esgar que não pertencesse ali, mas não viu nada. Para todos os efeitos, os Welsh e os Watson faziam parte da mesma família.

Tess engoliu um bocejo e decidiu ver mais um vídeo. Era um vídeo de aniversário e a pequena Laura celebrava o seu quarto ano. Usava um chapéu engraçado, com sininhos na ponta, e andava por ali a distribuir pratos de papel com bolo pelos muitos convidados, crianças e adultos. Viu Laura voltar-se para a mesa, pegar noutro prato que a mãe lhe estendia e levá-lo a alguém fora do ângulo da câmara. Tess sorriu ao ver o andar engraçado de Laura, mas então o seu telemóvel tocou, cortando a tranquilidade dos vídeos caseiros como uma faca.

Parou a gravação e atendeu.

— Winnett — disse ela.

— Tess, vá imediatamente para o North Shore Medical Center — disse-lhe Michowsky sem qualquer preâmbulo. — O carro da Laura capotou a caminho de casa.

CONSEQUÊNCIAS

Tess chegou ao hospital no momento em que um médico se aproximava da Sra. Welsh e de um jovem, provavelmente o namorado de Laura. Lembrou-se de uma fotografia emoldurada que vira algures no apartamento de Laura na qual ele aparecia. Encontravam-se os três num círculo fechado à frente do quarto de Laura, e Tess abrandou a abordagem tempestuosa e pegou no distintivo, esperando porém que o médico terminasse a atualização.

— Daqui a um par de dias deve estar bem, com muito repouso. Está ligeiramente sedada, mas podem vê-la, se quiserem. O bebé também está bem — acrescentou com um sorriso.

Tanto a Sra. Welsh como o namorado franziram o sobrolho ante a notícia e trocaram olhares acusatórios. Tess achou que o silêncio confuso era um bom momento para intervir.

— Tess Winnett, FBI — apresentou-se.

— Que bebé? — perguntou Carol Welsh, ignorando Tess e olhando para o namorado de Laura com uma expressão de urso-pardo.

— Não faço ideia — respondeu ele friamente, erguendo as mãos. — Porque não lhe pergunta? Também não se deu ao trabalho de *me* falar nisso.

Tess assistiu incrédula à troca de palavras. Acabavam de saber que Laura estava grávida e não havia um sinal de alegria no rosto de nenhum deles. Virou-se para o médico.

— Posso vê-la? Preciso de falar com a Laura imediatamente.

— Claro — respondeu o médico, apontando para o quarto.

— Não vai ver ninguém — disparou a Sra. Welsh.

Era alta e distinta, o tipo de distinção que uma vida de abundância confere à maioria das mulheres. Estava habituada a que

fizessem o que ela queria; ouvia-o no seu cortante tom de voz.

— Desculpe? — reagiu Tess, virando-se para ela. Começou de novo a mostrar o distintivo, mas Carol Welsh bateu no ar como se estivesse a repelir um inseto.

— Sei quem é — disse secamente —, mas isso não muda nada. Não vai incomodar a minha filha.

— Visto que a Laura é adulta, tenho o direito de a entrevistar em privado, por lei, se o médico concordar, e ele acaba de o fazer — respondeu Tess, com um sorriso que não lhe chegou aos olhos. — Qualquer esforço para me impedir ou atrasar será uma obstrução à justiça, seguida da sua detenção.

Virou-se e dirigiu-se ao quarto de Laura, deixando para trás uma perplexa Sra. Welsh. Entrou, fechou a porta e soltou um silencioso suspiro. Carol Welsh era apenas uma mãe preocupada, ainda em choque após saber que a filha tivera um acidente de viação, agindo de forma protetora. Devia ter tido mais calma com ela.

Olhou para a cama e quase não reconheceu Laura. Parecia pálida e incrivelmente magra. A expressão de medo nos seus olhos diminuía um pouco, mas não desaparecera por completo. Fossem quais fossem os monstros que escondia, tinham ganhado vida. Provavelmente, sentia-se mais segura ali, num quarto de hospital, rodeada de boas pessoas.

— Olá, Laura — disse Tess, suavemente. — Sou a agente especial Tess Winnett, do FBI.

— Sim, lembro-me de si — respondeu ela, lambendo depois os lábios pálidos e secos. — Não sabia que o FBI se incomodava com acidentes de carro — continuou, um laivo de medo a cintilar-lhe nos olhos.

— Porque não me conta o que aconteceu? — pediu Tess.

— Circulava na Interestadual quando, de repente, o volante ficou preso. Primeiro, foi difícil movimentá-lo, exigindo muito esforço para o virar, por um segundo ou assim, mas depois paralisou por completo e eu não consegui parar... Colidi contra a amurada e capotei algumas vezes, segundo me disseram.

— Estou a ver — respondeu Tess, esperando pacientemente que Laura continuasse.

— Tive sorte — disse, com um sorriso ténue. — Mais um quilómetro e cairia de uma altura bem maior, na junção. Foi só um acidente — concluiu, lançando a Tess um olhar tímido. — Estou metida em grandes sarilhos?

— A Laura é engenheira — disse Tess.

— Quase — respondeu ela, esboçando um sorriso; depois encolheu-se de dor. Tocou na cabeça com uma mão trémula e magra.

— Então está na altura de pensar pela sua cabeça — prosseguiu Tess. — Quero pô-la sob proteção policial.

— Porquê? — perguntou Laura numa voz desesperada, quase como um grito.

Tess inspirou uma golfada de ar.

— Porque é possível que o Homem de Família não tenha matado os seus pais e irmãos. Pode ter sido outra pessoa.

Laura fitou Tess com uns olhos azuis que rapidamente se marejaram. Soltou um longo e trémulo suspiro que se transformou em soluços.

— Mentiu-me — disse ela, entre soluços. — Esteve em minha casa, olhou-me nos olhos e mentiu-me.

Virou-se de lado, para a parede, e bloqueando-a. Tess ficou ali, sem fala, incapaz de pensar no que podia dizer para que aqueles ombros frágeis parassem com o seu quase convulsivo tremor.

Lá fora, no corredor, Tess pegou no telemóvel e ligou a Michowsky.

— Gary, quero que desmontem o carro da Laura peça a peça. Foi sabotado. Quero saber quando, como e por quem. Oh, e ponha um agente fardado à porta do quarto da Laura no hospital, sim?

Dirigiu-se então à saída, mas sentiu alguém agarrar-lhe a manga.

— Proteção policial? — gritou-lhe Carol Welsh, puxando-a. — Não posso deixá-la fazer isso!

Tess parou onde estava e retesou-se.

— Gostaria de ser acusada de agressão a uma agente federal?

A Sra. Welsh largou-lhe a manga como se de repente lhe queimasse a mão.

— Não a deixo fazer isso — continuou, algo mais contida, suplicante. — Por favor... Nós cuidamos dela. Já o fizemos; faremos tudo o que quiser, mas não a obrigue a passar por isso outra vez. — Tess só viu preocupação e desespero nos olhos lacrimosos da Sra. Welsh.

— É o melhor para ela, tendo em conta todos os aspetos — respondeu Tess. — É óbvio que não conseguiram protegê-la disto — acrescentou, gesticulando vagamente na direção do quarto de Laura.

— Mas como pode ter a certeza? Porque está a dizer-lhe que... aquele homem horrível não foi o assassino da sua família?

— Lamento, não posso discutir os pormenores de uma investigação em curso — respondeu Tess secamente.

— Agora, de repente, não pode discutir, agente Winnett? Bem, não deixarei que meta a minha filha na cadeia, isso é certo. Vou dizer ao meu advogado para ligar ao seu chefe.

— Faça como quiser — disse Tess, depois virou-se e partiu, respirando pesadamente e incapaz de controlar a raiva. Preocupada, não reparou na enfermeira que estava ao lado delas no corredor, encostada à parede, a ouvir a conversa.

A caminho do carro, percorrendo rapidamente os corredores intermináveis, Tess não conseguiu impedir o seu pensamento de rever a troca de palavras com a Sra. Welsh. Parecia uma mãe deveras preocupada, mas recusava a proteção policial da filha adotiva? Em que cenário isso fazia sentido?

Limitou-se a desvalorizar a situação, pensando que devia ter sido a necessidade de controlo, típica das pessoas em posição de poder, que motivara a Sra. Welsh a recusar de forma tão veemente a proteção de Laura. Além da célebre má reputação que essa proteção tinha.

DUAS CHAMADAS

Ainda não eram sete da manhã quando Tess pegou no telemóvel e marcou o número de Pearson. Não se podia queixar da hora; afinal, ele dissera que da próxima vez devia ligar-lhe.

Atendeu após três longos toques, mas não parecia que estivesse a dormir.

— O que se passa, Winnett?

— Senhor, vou pedir um mandado para pôr a Laura sob proteção policial.

— Winnett, não concordámos...

— Concordámos, senhor — interrompeu-o —, mas alguém mexeu no carro dela. Não acho que possamos esperar mais tempo.

— Têm uma lista de suspeitos mais restrita ou algumas provas novas?

— Hum, ainda não, senhor, mas possuímos pistas que estamos a seguir.

Pearson deixou que um longo suspiro lhe escapasse dos pulmões e Tess visualizou-o a abanar a cabeça, cansado de discutir com ela, temendo o pesadelo de relações públicas que certamente se seguiria.

— Está bem, Winnett, avança, e tenta ser o mais discreta possível.

— Hum, senhor, talvez receba uma chamada esta manhã. A Carol Welsh não está satisfeita com o cenário de proteção policial. Falou num advogado.

— Winnett, não falámos já sobre as queixas? Prometeste-me que ias fazer o teu trabalho sem eu ter de apanhar os cacos. Parte do teu trabalho é negociar, persuadir, falar com as famílias.

— Lamento, senhor — disse ela, sem pensar —, mas não posso dar graxa e fazer o meu trabalho ao mesmo tempo.

— Cuidado, Winnett — ripostou Pearson. Estava irritado. — Porque não passas pelo escritório logo de manhã? Provavelmente precisas de ajuda com este caso.

Desligou assim que terminou o que tinha para dizer, não lhe deixando outra opção a não ser aceder. Era típico de Pearson, sobretudo quando Tess conseguia deixá-lo zangado. Retraiu-se de antecipação ante o encontro e decidiu parar primeiro no Starbucks. Precisava de toda a ajuda que conseguisse.

A viagem até à sede do FBI em Miami não era longa, e normalmente Tess desfrutava do ar matinal e desse tempo para organizar os pensamentos e planear o dia. Nessa manhã, contudo, invadira-a vários pensamentos contraditórios, enquanto tentava perceber como, se é que alguma vez o faria, ia apanhar o Camaleão.

O telemóvel interrompeu-lhe os pensamentos e ela atendeu pelo sistema do carro.

— Ei, Winnett, espero que não a tenhamos acordado — cumprimentou-a a voz alegre de Fradella.

— Estou no carro... o que se passa?

— Temos uma surpresa para si esta manhã, o doutor e eu. Acertámos em cheio com aquele cabelo. O ADN corresponde ao do cabelo dos Townsend.

— O quê? Não está a fazer muito sentido, Todd. Abrande e comece de novo.

— Lembra-se do cabelo preto que o doutor enviou para testes de ADN, o do local do crime dos Watson? O que foi inicialmente excluído?

— Sim, o resultado foi masculino, desconhecido, sem qualquer parentesco.

— Esta manhã, recebemos o resultado da análise que o laboratório de ADN fez ao cabelo dos Townsend. É o mesmo tipo.

— Espere, está a dizer que o mesmo homem deixou cabelos nos locais dos crimes dos casos Watson e Townsend? — Queria dar saltos.

— Exatamente — confirmou Fradella.

— Se esse cabelo for do Bradley Welsh, é impossível que ele consiga justificar a sua presença em casa dos Townsend — acrescentou Tess.

— O Bradley Welsh continua a não fazer sentido — Michowsky interveio na chamada. — Se conseguirmos um mandado, garanto-lhe que não corresponderá. E então ficamos sem nada; só uma correlação confirmada entre os casos Watson e Townsend, que já tínhamos.

Tess não respondeu; limitou-se a remoer os próprios pensamentos.

— Gary, quão seguro está do álibi do Bradley Welsh? Diga-me outra vez.

— Caramba, Tess, que raio? — resmungou ele. — Sei como verificar um maldito álibi.

— Faça-me só a vontade, por favor — insistiu.

— Hum, levou o pessoal da empresa e respetivas esposas a um jantar. Mais de cento e trinta. A mulher também. Reservaram um restaurante inteiro, esse tipo de coisa. Bar aberto, menu aberto. Tinham ultrapassado os objetivos de vendas para o ano, ou algo assim; era um jantar de agradecimento aos empregados. Foi para lá com a mulher por volta das quatro e meia da tarde e não saiu até ser quase meia-noite.

— Falou com as pessoas? Esteve realmente lá o tempo todo?

— Sim, falei com as pessoas, que raio — reagiu ele.

— E quanto a vídeo? As imagens de segurança do restaurante?

— Foi há quinze anos. Nem tudo era constantemente filmado. Não havia vídeo.

— A que distância ficava o restaurante da residência dos Watson?

— Diria que dez minutos, ou assim.

— E se ele se escapuliu? Desapareceu por meia hora, fez o trabalho e voltou?

— Está a especular, Winnett — respondeu Gary. — Cá vamos nós outra vez; vou explicar de novo. Ele teria sabido da existência da Laura. Tê-la-ia matado. A miúda tê-lo-ia reconhecido. Não a teria criado como filha. Não há nada aqui; admita-o. Continuamos sem nada.

— Pois, talvez tenha razão — concordou. — Concedo-lhe isso se admitir que ele pode ter-se esgueirado dessa festa por meia hora sem que alguém reparasse. As pessoas não conseguem ver-se umas às outras constantemente nas grandes festas com bar aberto. Era o anfitrião, claro que disseram que se encontrava lá, mas isso não significa que esteve o tempo todo.

— Continuo a achar que especula, mas sim, podia ter acontecido como diz. Só em teoria — salientou, ainda defensivo. — Mas não acredito, nem pensar.

— Então continuo a querer que esse mandado seja processado, o do ADN do Welsh.

— Com todo o gosto, para que possamos acabar com esta maldita conversa sem sentido, está bem?

— Gary, porque não foram os Watson ao jantar de agradecimento? — perguntou, após pensar por alguns segundos.

O silêncio dominou a chamada e o sistema amplificou os ruídos de fundo na sala de reuniões do gabinete do xerife.

— Não faço ideia — respondeu Gary.

— Hum, o doutor está aí?

— Bom dia, Tess — disse o doutor, juntando-se à chamada.

— Ah, bom dia. Ei, pode, por favor, certificar-se de que não há nenhuma prova excluída, inclusive um cabelo, em algum dos outros processos que estamos a investigar? Os Meyer, mas também os nove casos descritos no quadro?

— Já fiz isso, e não temos nada. Não há provas de ADN em nenhum deles.

— Obrigada, malta. Bom trabalho, a propósito — acrescentou antes de desligar.

Entrou no parque de estacionamento do FBI no momento em que o seu telemóvel tocava com um alerta. Imediatamente, o telefone tocou e Fradella voltou a cumprimentá-la.

— Já viu?

— Não, ainda não, o que se passa?

— O alerta de desaparecimento. Uma rapariga que encaixa no tipo do Camaleão. Monica Delgado. Desapareceu ontem à noite de Fort Lauderdale. Não voltou de uma ida às compras.

— Quem está a tratar disso?

— O condado de Broward.

— Diga-lhes que vamos assumir o comando. Porque estamos a saber tão tarde?

— Sabe como é, período de espera de vinte e quatro horas para qualquer pessoa desaparecida. Na verdade, registaram-no no sistema mais cedo devido ao nosso alerta.

— Mande-me os pormenores.

Tess desligou o motor e acedeu ao *e-mail*. O alerta tinha uma foto em anexo. Abriu-a e sentiu o sangue gelar-lhe nas veias. Monica Delgado podia ser a irmã gémea de Laura Watson.

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Tess chegou ao piso do FBI antes das oito, de café na mão, preparando-se para uma longa e desagradável conversa com o seu chefe. Esperava ter alguns minutos de prorrogação para se ligar ao SIVD e ver os pormenores relativos ao desaparecimento de Monica Delgado, mas o agente especial responsável Pearson já estava no gabinete.

Foi até lá e bateu duas vezes na porta aberta. Sem dizer palavra, ele convidou-a a entrar. Não parecia satisfeito; tinha o rosto contraído e duas profundas rugas verticais ladeavam-lhe a boca tensa.

— Winnett — disse ele —, senta-te.

Ela obedeceu, calada.

— Adivinha quem já me ligou. Bradley Welsh, com um dos advogados mais caros que o dinheiro pode comprar em Miami na chamada com ele.

— Oh — reagiu Tess, olhando-o nos olhos. — Tão cedo?

— Pois. Transferiram-me a chamada para o telemóvel; alegaram que era uma emergência.

Tess absteve-se de perguntar como correria a chamada. A julgar pelo aspeto, não correria bem, e ele ia partilhar os pormenores de qualquer forma.

— Poupar-te-ei à interminável lista de ameaças legais. Em suma, se a rapariga recusar a proteção policial, não há nada que possamos fazer. Contestam o mandado e ganham, e isso se conseguirmos sequer arranjar um juiz que o assine.

— Mas ela vai morrer! — exclamou Tess, saltando da cadeira. — Ele já tentou e falhou por pouco. Foi uma questão de sorte e das reações da Laura. Foi suficientemente rápida para sentir que o

volante não estava bom e começou a travar quando bateu na amurada. Irá de novo atrás dela, e desta vez não vai falhar.

Pearson afastou o argumento com um aceno, afrouxando depois a gravata com um gesto furioso e apressado, como se não conseguisse respirar.

— Não há nada que possas fazer, Winnett. Não é testemunha; não é membro de um gangue. Não acho que alguém vá assinar esse mandado, seja como for. Só temos especulação. E, se convenceres um juiz a assinar, estamos sob aviso da família Welsh para os notificarmos de imediato. Contestá-lo-ão. Não sei porquê, mas vão contestar. Deixaram isso bem claro.

— É exatamente isso, senhor — disse ela, debruçando-se sobre a secretária. — Porque o contestam?

— A essa pergunta, se é que tem resposta, cabe-te responder, Winnett. Tens uma lista restrita de suspeitos? Alguma prova? Seja o que for?

— Encontrámos ADN nos locais dos Watson e dos Townsend. Mas não há nenhuma correspondência no CODIS⁴ e não temos nada com que o comparar. Quero pedir uma amostra ao Bradley Welsh.

— Não há nada, absolutamente nada, que justifique isso! É sólido como uma rocha, tem um álibi confirmado, um registo limpo e quase quinze anos a ser um pai para essa rapariga! Perdeste a cabeça? O juiz atira-te esse mandado à cara, Winnett.

— Desapareceu uma rapariga ontem à noite; é igualzinha à Laura Watson e eu acho...

— Pode ser coincidência; pode não ser nada.

— Então não *tenho* nada e, se assim é, prenderei a Laura assim que o hospital lhe der alta. Conceder-nos-á mais tempo.

— Com que acusação? — perguntou Pearson, furioso. Foi a sua vez de se levantar bruscamente e agora estavam os dois a olhar um para o outro, tendo apenas uma estreita secretária entre eles.

— Obstrução — respondeu ela. — Posso detê-la por vinte e quatro horas, se isso significar a oportunidade de viver mais um dia.

— Ouve-me bem, Winnett, porque estou prestes a dar-te uma ordem. Não vais fazer tal coisa; entendido? Vais...

O telefone de Pearson tocou e ele atendeu, irritado, em alta voz. Era da receção.

— O que foi?

— Desculpe, senhor, mas temos uma turba de jornalistas lá em baixo a perguntar por si e pela agente Winnett, pelo nome.

— Está bem, já vou — respondeu, um pouco mais calmo. — O que raio fizeste desta vez, Winnett?

Tess conteve um suspiro trémulo, sentindo a adrenalina a percorrer-lhe o corpo. A sua já tensa relação com o seu chefe não precisava de mais tensão.

— Nada, eu...

— Vem comigo — ordenou, dirigindo-se depois aos elevadores. — Sê breve, e cuidado com o que declaras.

Não disse uma palavra durante a descida; nem sequer olhou para ela. Quando as portas se abriram, viram a imprensa reunida na entrada dos visitantes.

A campainha do elevador alertara a multidão, que avançou, parando junto às portas de vidro trancadas. Pearson fez-lhes sinal à distância com uma mão erguida, instando-os a aguardar, paciente, enquanto os dois se dirigiam apressadamente ao átrio da frente. E logo o clamor de câmaras e perguntas irrompeu.

Uma voz elevou-se e sobressaiu.

— Agente Pearson, ouvimos dizer que o Homem de Família não matou os Watson. É verdade? É verdade que anda atrás da Filha dos Watson?

Pearson ergueu as mãos e virou-as para fora, num gesto que pretendia aquietar suficientemente o clamor para se fazer ouvir.

— Não temos provas que consubstanciem tal alegação. O senhor é...?

— De certeza que a agente Winnett discorda — prosseguiu a jornalista, sem se intimidar. Era uma mulher rápida e arrojada com um sorriso sardónico e sabedor que dava com Tess em doida.

— E como, se me é permitido perguntar, obtive essa informação? — questionou Pearson, não sem antes lançar um rápido olhar desapontado na direção de Tess. Estava ao seu lado, de cabeça erguida e rosto pétreo.

— Disse-me um passarinho, senhor. Sabe, do tipo de espécie protegida pela Primeira Emenda? — O sorriso sarcástico da jornalista aumentou.

— Onde estava esse pássaro a cantar? Pode partilhar ao menos isso?

— Num de muitos corredores de hospital — respondeu a jornalista. — Agora é a sua vez, senhor. É verdade?

Pearson franziu os lábios antes de prosseguir.

— É uma teoria que explorámos, nada mais. Nem sequer é viável, na verdade.

— Agente Winnett? — perguntou a jornalista, pondo-lhe um microfone felpudo à frente.

— É nosso dever considerar qualquer possível teoria, principalmente quando o homem que julgam responsável pelos homicídios está prestes a ser executado.

— Terá uma suspensão? — lançou outro jornalista, um homem baixo e careca com voz retumbante.

— Não, não a vamos pedir — respondeu Tess secamente. — Confessou ter matado trinta e duas famílias. A sua execução decorrerá conforme o programado.

O clamor subiu de tom.

— Porquê trinta e duas? — questionou a voz tonitruante. — Tinha a indicação de que eram trinta e quatro e, se não matou os Watson, isso daria trinta e três? Os seus números não batem certo, agente Winnett.

— Merda, Winnett — murmurou Pearson.

¹ *Combined DNA Index System*: base de dados de ADN criada pelo FBI. (N. da T.)

ENCURRALADA

A primeira luz do amanhecer rompera parte das trevas, abrindo caminho para o interior da cabana por uma pequena janela e inúmeras rachas nas paredes, onde os troncos não estavam devidamente alinhados. Estava grata por cada fragmento de luz do dia que conseguisse obter, após uma noite aterradora acorrentada à parede, sem ver nada, ouvindo os ruídos constantes de insetos e o coaxar dos sapos.

Através de uma névoa, lembrou-se de lhe terem batido na nuca, assim do nada, quando parara para verificar um pneu furado. Não viu ninguém a aproximar-se; sentiu apenas o golpe; depois, nada. Até que acordou enquanto o homem que a levava lhe rasgava as roupas e a acorrentava à parede.

Lembrava-se de lhe ter implorado e chorado inúmeras lágrimas, porém ele não cedeu. Continuou a despi-la, mas deixou-a ali, sozinha. Antes de desaparecer, acariciou-lhe o rosto, puxou-lhe suavemente o cabelo e disse:

— Espera por mim, minha querida. Serás... eletrizante, vais ver.

Depois, lambeu o polegar com que lhe limpara as lágrimas, saboreando a sua dor.

Já estava escuro lá fora quando ele partiu e apagou a luz, deixando-a aos gritos na escuridão absoluta e a puxar desesperadamente as correntes, enquanto a mente imaginava hordas de cobras e aranhas a rastejar pelo chão húmido e por todo o seu corpo. Gritou até ficar sem fôlego, depois parou, com a garganta dorida e a mente obscurecida por um pânico tão brutal que a entorpeceu. Deixou-se deslizar para o nada e passou a maior parte da noite semidesmaiada, soluçando de cada vez que recuperava os sentidos, para desmaiar novamente, exausta. Foi

então que percebeu: não havia ninguém lá fora para a ouvir. Caso contrário, o homem ter-lhe-ia tapado a boca.

A primeira luz do dia trouxe algum alívio aos seus medos. Assim que conseguiu ver com suficiente clareza, reparou que não havia cobras nem aranhas perto dela. Os olhos luminescentes de uma aranha-lobo fitavam-na a alguns metros, abrigada debaixo da cama. Seguiu a aranha com o olhar, só para reparar que o chão estava manchado junto aos postes da cama.

Rastejou para tão perto da cama quanto as correntes lhe permitiam e examinou as manchas.

— Oh, não; oh, não — exclamou, começando a chorar. — Oh, Deus, não; por favor, que aquilo não seja sangue.

Soluçou, abraçando-se aos joelhos e encostando-se à parede húmida, forçando os olhos a fechar-se para bloquear a imagem perturbadora da mancha de sangue seco no chão. A sua imaginação corria desvairada pelos cenários de como aquele sangue chegara até ali. Quando voltou a abrir os olhos, a cabana de troncos estava inundada pela luz matinal, revelando mais pormenores da sua prisão.

Estava no inferno, um inferno real e tangível gerido por um homem doentio e perverso.

Duas das paredes encontravam-se revestidas de todo o tipo de objetos, pendurados numa horripilante exibição de instrumentos de tortura, alguns deles a fazer lembrar a Idade das Trevas medieval. Látegos, chicotes, cintos, varas, algemas, todo o tipo de dildos e espaçadores, cuidadosamente dispostos e prontos a ser utilizados. Uma cruz de madeira pendia do teto, com algemas e presa a uma corrente que facilmente subia ou descia. Na outra parede, havia uma coleção de lâminas, do mais fino e pequeno bisturi a grandes facas militares e de caça.

Os seus olhos arregalados assimilaram todo aquele horror, o coração a martelar-lhe contra o peito ao perceber que não tinha saída. Gritou então de novo, embora soubesse que ninguém a ouviria.

REFLEXÕES: UMA PENA BRILHANTE

Alguém pode dizer-me, por favor, como me livro da Filha dos Watson? O que se passa com ela? Escapou-me há quinze anos e agora conseguiu sobreviver após um golpe profissional? Que diabo? É um gato, ou assim? Tem nove malditas vidas?

Sim, estou furioso desde ontem à noite, quando soube do seu *acidente* durante uma viagem de negócios, a preparar o meu álibi para o meu banquete com a adorável Monica. Devia ter sabido antes da sua morte.

O que torna tudo pior é que sou constantemente assombrado por fantasias, por esta intensa necessidade de possuir por completo o corpo de Laura. Fecho os olhos e vejo-a a *ela*, não a Monica, nua e acorrentada à parede da minha cabana de troncos, à espera do meu regresso, imaginando o que lhe faria. Anseio por ouvir o seu último arquejo enquanto lhe cravo a minha...

Preciso de parar com isto, já. Nunca poderia acontecer; é um alvo demasiado perigoso.

Estragou-me tudo, a Laura. Vivi quinze anos a perguntar-me se a sua memória alguma vez voltaria. Ano após ano, agonizei, vendo-a crescer para se tornar a minha mais selvagem e devoradora fantasia e amadurecer no fruto proibido do qual nunca pude gozar.

Finalmente, após quinze anos de tormento, era suposto estar morta, enquanto eu celebrava a notícia com a segunda melhor coisa que conseguira encontrar para me ajudar a ultrapassar a frustração que sinto por não poder tocar-lhe. Agora estou tão zangado, que temo cometer erros. Ainda há minutos passei um sinal vermelho, e merdas estúpidas como essa podem fazer com que seja apanhado.

Odeio sentir-me assim, tenso, no limite, caçado. Predadores como eu nunca têm medo. Não me preocupo, tenho apenas mais

cuidado com aquilo que quero fazer, só isso. O medo não me domina; nunca dominou.

De outra perspetiva, não acredito no mercenário patético que contratei. Em minha defesa, não é que pudesse ir às *Páginas Amarelas* examinar os anúncios e verificar referências. O homicídio contratado é um negócio complexo. Sempre que perguntava, arriscava a vida. Então, finalmente, cheguei à fonte, uma pasta na *dark web*, chamemos-lhe serviços oficiosos, e encontrei alguém disposto a falar comigo.

Tinha uma longa lista de instruções sobre como proceder. Precisava de comprar um computador novo, dos baratos, pagá-lo em dinheiro e ligar-me à Internet através de uma rede *Wi-Fi* pública, num local com muito trânsito. Tinha de lhe pagar em *bitcoin*, e obter assim tantas *bitcoin* foi outro desafio. Finalmente, fez-me um orçamento de cinquenta mil, mas triplicou o preço ao saber quem era o alvo. Disse que, se fosse apanhado, seria condenado pelo homicídio de toda a família, não apenas de Laura, e era impossível negociar com ele. Muito bem, cento e cinquenta mil, em dinheiro impossível de localizar, metade antes, metade depois. Uma pipa de massa, para me roubar o prazer de matar lentamente Laura, como o meu coração desejava.

Depois falha? A sério?

Contactei-o hoje de manhã bem cedo, e ele nem sequer pediu desculpas. Disse que continuará a tentar até o trabalho estar feito, mas que precisa de deixar passar algum tempo, isto se eu ainda quiser que as coisas pareçam um acidente.

Não tinha escolha; concordei e deixei-o momentaneamente em paz. Mais tarde, quando o trabalho estiver feito, lidarei com ele. Não se preocupem, eu encontro-o. Registos anónimos e *bitcoin* não podem esconder alguém de mim quando estou à procura. Depois, não o matarei; não de imediato. Acho que já mencionei que matar homens não funciona para mim, nem como vingança por me fazer suportar toda esta... antecipação. Não tenho ansiedade; mas fico

impaciente, e há prazos que ele falhou por completo. Passou à história; só ainda não sabe.

Portanto, por toda a angústia que sofro neste momento, terá de assistir. Se alguma vez amou algo ou alguém na sua patética existência, terá de ficar sentado, amarrado e amordaçado, a ver-me destruí-lo, lenta e dolorosamente, fazendo-o durar, tornando-o memorável. No fim, terei misericórdia da sua alma e apagar-lhe-ei as luzes com uma bala na cabeça. Não é sequer digno do toque da minha lâmina. Sacana do inferno.

Pondo isso de parte, houve também uma notícia ambígua esta manhã. Via televisão no meu quarto de hotel em Tampa e deram uma notícia de última hora. A parte má é que o FBI desconfia que não foi o Garza a matar os Watson, e podem suspeitar de mais. O lado mesmo bom é que aparentemente a única agente do FBI que desconfia disso é uma mulher, Tess Winnett. É aqui de Miami.

Tem bom aspeto. Talvez um pouco velha para o meu gosto; ronda os trinta anos. Mas é uma bela criatura; loura, magra, e os seus olhos azuis podem carregar-se de tanta paixão.

O chefe dela parecia ansioso por encerrar aquela suposta verificação de factos que Winnett estava a fazer; mas ela ripostava. Interrompeu-o frente às câmaras. Juro, se me fizessem isso, nunca encontrariam o vosso cadáver.

Fez-me pensar... Os polícias estão constantemente a morrer e, sempre que um bate a bota, uma longa lista de pessoas que puseram atrás das grades tornam-se suspeitas, antes de considerarem outros cenários. Antes de alguém relacionar sequer a sua morte com o caso Watson. Nem sonhariam que fui eu.

E se esta agente Winnett — não, vamos chamar-lhe Tess. Em breve, ela e eu conhecer-nos-emos intimamente. Mais uma vez, e se Tess morresse? Não me parece que alguém estivesse assim tão ansioso em pegar no seu trabalho onde ela o deixou, certo? Os outros *feds* estariam ocupados a investigar a sua morte e esquecer-se-iam por completo de Garza, sobretudo depois de ele fritar na semana que vem.

Claro que isso não trata de Laura, mas, com muita pena minha, não posso tocar-lhe. Estou constantemente a dizer isto... É a minha obsessão. Enquanto a Laura espera pelo que aí vem, aquelas sessões com a psiquiatra podem ainda apresentar algumas surpresas, mas será um risco válido? Acho que, se a Laura tivesse algo trancado no cérebro, já o teria recordado. Soube que faz sessões diárias e continua sem nada. Penso que aí estou bem, pelo menos por algum tempo.

Também acredito que, se me concentrar em Tess Winnett, a psiquiatra mandará Laura embora assim que souber que a investigação se tornou nociva para uma das participantes. Posso sempre ajudar a Dra. Jacobs a ver a verdade através de uma chamada anónima ou assim.

A agente especial Tess Winnett, do FBI. Ora aí está uma rica pena para o meu chapéu. À medida que começo a pensar nisso, a planear, sinto-me excitado, incitado. Uma adversária digna, que me dará luta como mais ninguém.

Mexo-me no meu lugar e subo o ar condicionado do carro alguns graus. Não poderei desfrutar de Monica até mais logo, mas o simples facto de pensar em Tess causa-me uma enorme e quase dolorosa ereção.

BARRICADAS

Tess sentiu uma dor de cabeça a apertar-lhe o crânio com punho de ferro. Esfregou vigorosamente a testa, na esperança de afastar a dor, e deu uma dentada num *donut* rançoso, o último que restava na caixa que Fradella comprara a caminho dali, de manhã cedo.

Fora um dia frenético e enfurecedor, cheio de barricadas e becos sem saída. No momento em que Fradella chegava ao escritório com *donuts* e café, já Tess começara o dia com uma reunião não programada com o agente especial responsável Pearson na sede do FBI, seguida de uma pouco feliz conferência de imprensa. Misericordiosamente terminada, a subsequente conversa que tivera com um furioso Pearson durara duas horas. Queria saber todos os pormenores do caso e tinha inúmeras questões sobre cada conclusão que extraíra e cada suposição que fizera.

Sentira-se zangada e desanimada, principalmente consigo e a sua incapacidade para fazer avanços na investigação. Não falando no deslize sobre a contagem de casos de Garza perante a imprensa, que levava a um fogo cruzado com os jornalistas a que não esperara sobreviver.

Então, o agente especial Pearson surpreendera-a ao citar estatísticas de processos arquivados que ela já conhecia. Quatro por cento, a nível nacional, era a taxa de resolução, fosse qual fosse a unidade policial a investigá-los. Claro que os números locais variavam um pouco, mas a nível nacional era isso: quatro por cento. A maioria das histórias de sucesso que lera devia-se a avanços científicos na ciência forense, e pouco mais.

Agora, tinha o ADN do seu lado, embora este também lá tivesse estado para ajudar os investigadores quinze anos antes. Outra grande razão para os processos que ficavam por resolver era a

visão de túnel, e Tess encontrara isso nos homicídios das três famílias. Os investigadores anteriores recusaram-se a considerar todos os possíveis suspeitos, só porque Garza estivera convenientemente disponível. Quanto aos outros nove casos apresentados no quadro, davam testemunho de uma pouco brilhante taxa de resolução nacional para os homicídios em geral: cerca de sessenta e cinco por cento. A maioria das pessoas não faz ideia de que um terço dos assassinos escapa impune na América dos dias de hoje.

Bem, não quando ela estava envolvida. Enquanto o agente especial Pearson citava as estatísticas, Tess pensava apenas na rapariga desaparecida, Monica Delgado, e nas probabilidades de continuar viva. Queria passar a pente fino todos os ficheiros de desaparecimento e ver o que conseguia encontrar. Mas Pearson dera-lhe apenas mais vinte e quatro horas e o que era suposto ser um discurso encorajador, preparando-a para o fracasso.

Assim que ele a dispensou, Tess foi direita ao condado de Palm Beach, onde Michowsky e Fradella interrogavam o «quinteto de incendiários», como lhe chamavam. Eram os cinco homens que correspondiam ao perfil — uma acusação de violação no passado, seguida de reintegração bem-sucedida na sociedade, a idade certa e um pequeno incêndio na juventude.

Era quase meio da tarde quando Tess disse a Michowsky que os libertasse. Um cumprira pena por violação de menor, um erro evidente. Bastou olhá-lo nos olhos para Tess saber que não tinha um único osso violento no corpo. Quanto aos restantes, ou tinham álibis ou não fazia sentido, nunca se tendo cruzado com os Watson, nem com nenhuma das outras famílias assassinadas desde então. Recentemente, os cabelos encontrados nos locais do crime dos casos Watson e Townsend tinham servido de fator de eliminação adicional, o que limpava por completo a lista de suspeitos. Nenhum daqueles homens tinha cabelo preto asa-de-corvo. Outro beco sem saída.

Reagruparam-se na sala de reuniões, desanimados e sombrios.

— E agora? — perguntou Michowsky. — Não prevejo outro truque no nosso futuro.

Tess ligou o computador e ouviu o som da entrada de *e-mail*.

— Localizaram o carro da Monica — disse, sentindo-se energizada e resumindo a mensagem. — Foi abandonado numa estrada secundária com um pneu furado. Estão a examiná-lo, mas por enquanto não há impressões digitais, nada. Ontem à noite, chovia torrencialmente, por isso não esperam encontrar nada no automóvel ou em redor dele. Lá dentro, para já, não há manchas de sangue ou o que possamos utilizar.

A outra mensagem fê-los levantar-se de um salto e correr para o laboratório forense, onde os restos mutilados do carro de Laura Watson estavam a ser inspecionados.

— Olá, Javier — disse Tess, cumprimentando o jovem técnico forense assim que entraram no laboratório. — Diz-me coisas.

— Olá, agente Tess — respondeu ele, abrindo um grande sorriso adornado por uns belos dentes brancos.

— Ou é agente Winnett, ou é Tess — replicou, devolvendo o sorriso. — Decida-se.

— Espere só até lhe mostrar o que encontrei. Deixar-me-á chamar-lhe o que eu quiser.

Michowsky e Fradella aproximaram a cabeça, olhando para onde Javier apontava, bem fundo nas entranhas do compartimento do motor do carro. Tess aproximou-se pelo outro lado.

— O volante foi manipulado — disse Javier, entusiasmado. — A verdadeira surpresa foi como. Veem aquele pedaço de metal ali metido?

Tess semicerrou um pouco os olhos, mas Javier apontou a lanterna para o objeto em questão.

— Tivemos sorte, está a ver? Aquilo é parte de um dispositivo de microcarga.

— Uma bomba?

— Uma bomba pequenina, sim — confirmou. — Remotamente detonada por algum tipo de transmissor, talvez de rádio. Rebentou

com a mangueira de pressão do fluido do volante e todo o sistema de condução secou em segundos.

— E ela não sentiu a explosão? — perguntou Michowsky.

— Isto terá sido mais silencioso do que o estalar da rolha de uma garrafa de champanhe. Falo de um aparelho topo de gama, do tipo *Missão Impossível*.

— Isso é fantástico, Javier — disse Tess, abraçando-o. — Finalmente, uma pista que podemos seguir. Chame-me o que quiser.

— Que tal *quando* quiser? — perguntou ele, piscando-lhe o olho.

— Ah, não vamos por aí — disse Tess, rindo-se, mas sentiu as faces quentes.

— Mais uma coisa — acrescentou Javier. — Quem fez isto estava perto e detonou o dispositivo no momento em que achou que faria mais estragos. É de curto alcance; muito curto. Alguns metros apenas, talvez dezoito, mas não mais. Ele subestimou a velocidade a que o líquido do volante se esvairia; acho que queria que ela atingisse a amurada algures sobre a junção entre a Dolphin e a Palmetto. Se tivesse denotado trinta segundos mais tarde, a vítima teria passado à história, caindo de uma altura considerável e provavelmente irrompendo em chamas após colidir contra a estrada lá em baixo.

Passados alguns minutos, estavam de volta à sala de reuniões.

— Isto foi um golpe profissional — disse Tess, refletindo no rosto a confusão que sentia. — Por esta não esperava.

— Pode o Camaleão ser ex-militar, ou dos comandos, ou assim? — perguntou Fradella, sem sequer tentar esconder o entusiasmo.

— Os dois perfis estão em séria contradição. O nosso suspeito é um psicopata que anseia pelo poder. Não se encontra disso nas forças armadas; aí recebem ordens o dia inteiro. Nunca sobreviveriam.

— Qual é a sua teoria, então? — perguntou Fradella.

— Se o Camaleão não é militar, e isto foi obra de um profissional, pode ter imitado ou contratado um. Um assassino contratado. Eu iria

por aí.

— Que tipo de assassino em série delega as mortes? — questionou Michowsky. — Nunca ouvi falar em tal coisa.

Por um segundo, o silêncio engoliu a sala.

— Um muito inteligente — respondeu Tess. — Agora sabemos um pouco mais sobre ele. Não só é incrivelmente esperto, como é podre de rico, pode movimentar dinheiro sem ser detetado e tem talvez um álibi para essa noite. Sei que finanças quero investigar.

— Vá lá, não recomece — pediu Michowsky.

— Por falar no senhor Welsh, como vai esse mandado?

— O juiz disse que precisava de algumas horas para pensar nisso. Fartou-se de nos interrogar, no entanto. E quanto ao mandado que pediu para a proteção policial da Laura?

Tess franziu os lábios e o sobrolho.

— O juiz expulsou-me do tribunal; não tenho nada. Se o Pearson tivesse feito a chamada, talvez o resultado fosse diferente, mas não fez, e é isso que temos. O seu homem continua no hospital?

— Sim, e está a fazer horas extra — respondeu Michowsky. — Está a fazê-las *pro bono*. O nosso capitão puxou-nos a ficha; até este momento, não tínhamos causa provável. Agora temos, por isso adivinhe aonde vou.

— Vou tentar obter de novo esse mandado; talvez agora consigamos que o assine — sugeriu Tess, parecendo pouco convencida.

Um jovem agente fardado bateu à porta, enfiando depois a cabeça lá dentro.

— Chegou isto para si, detetive — disse ele, passando uma carta a Michowsky.

Ele abriu o envelope e extraiu os papéis lá de dentro.

— Tal como esperava. O mandado para o ADN do Welsh foi recusado. Desde o início que não fazia sentido; não me surpreende. Oiça isto — murmurou, lendo a carta do juiz. — «Não há nem de perto indícios suficientes para sustentar a invasão da privacidade de um fiel e notável pilar da nossa comunidade, além de grande

contribuidor para inúmeras instituições de caridade.» Acreditam nisto?

Tess levantou-se de um salto, resmungando uma longa e detalhada praga. Não conseguia ficar parada e sentir-se melhor só porque as estatísticas de casos arquivados estavam do seu lado se falhasse. Não com Monica Delgado desaparecida.

— Pois, também não me surpreende, mas não vou desistir, sabe?

— Pegou nas chaves e dirigiu-se à porta.

— Eia, calma, parceira — exclamou Michowsky —, aonde vai?

Tess franziu mais o sobrolho, pesando as opções. Bradley Welsh acabava de apresentar uma queixa formal ao FBI nessa manhã, por isso não havia hipótese de lhe pedir com jeitinho uma amostra de ADN. Mas ia lá de qualquer modo e, de alguma forma, conseguiria essa amostra.

— Sigam a pista do assassino contratado. Não há muitos locais que forneçam detonadores de microcargas. Quanto a mim, vou tentar o destino. Vou visitar a família Welsh.

— Tess, não pode ser ele. Porque arrisca a carreira com este... disparate? — insistiu Michowsky.

— O mais provável é que não seja ele. Mas não gostaria de ter a certeza? Absoluta e definitiva? Lamento, Gary, mas não me posso contentar com menos.

UMA VISITA

Tess esperou um bom minuto à frente da casa da família Welsh antes de tocar à campainha. Tinha o distintivo na mão, mas não deveria precisar dele, pelo menos a Sra. Welsh conhecia-a. Decidira falar com ela e não perguntar pelo homem cujo ADN procurava. Não inicialmente, enfim.

A propriedade estava rodeada por um oásis privado, um paraíso ajardinado com palmeiras, palmitos e arbustos em flor, providenciando privacidade e sombra, e servindo de lar a uma plétora de aves. O seu chilrear era o único som que conseguia ouvir; toda a verdura que cercava a propriedade abafava os ruídos distantes da cidade, criando uma atmosfera de total serenidade. Não esperava menos do fundador e CEO da WatWel Lighting, mas não deixava de admirar a casa imponente e as tranquilas imediações.

Carol Welsh abriu a porta e postou-se à entrada, rígida e tensa no seu fato de calças, fitando Tess com um olhar direto e condescendente. Depois, chegou-se para o lado, abrindo espaço para Tess entrar.

— Que desplante, aparecer aqui — disse por entre dentes cerrados, quase cuspindo as palavras. Fechou a porta, batendo-a, para vincar a sua posição. Voltou-se então para Tess, com as mãos firmemente apoiadas nas ancas e o mesmo olhar fulminante e cheio de desprezo. — O que posso fazer por si?

Tess olhou em volta, assimilando o máximo possível de informação. Estava no saguão de dois andares e a Sra. Welsh bloqueava-lhe o acesso à enorme sala de estar.

Tal como no apartamento de Laura, só que a uma escala maior, candeeiros e apliques de todo o tipo e *designs* adornavam a casa, a

julgar pelo que via. As paredes do saguão estavam cobertas por centenas de pequenas sombras triangulares, projetadas por um candelabro único. Tinha três camadas circulares intercaladas de elementos triangulares esculpidos em metal escovado, apontando para cima, cada um com uma pequena mas potente fonte de luz escondida atrás, provavelmente LED. Cada triângulo parecia único, com bases de cerca de cinco centímetros e perto de oito centímetros de altura, mas irregulares e quase ondulados, como se feitos de tecido suave e soprados para cima pelo vento. O efeito era extraordinário; cada fonte de luz projetava sombras nas paredes, multiplicadas inúmeras vezes.

— Veio aqui com o intuito de olhar para um candeeiro, agente Winnett? — perguntou a senhora Welsh.

Tess regressou à realidade e encontrou o olhar ardente da senhora Welsh.

— Não, embora seja uma peça impressionante. Nunca vi nada assim.

— O meu marido aventura-se no *design*, às vezes. O que posso fazer por si?

— Não por mim, pela Laura — respondeu Tess. — Por favor, convença-a a aceitar voluntariamente a proteção policial.

A Sra. Welsh baixou os olhos e, com eles, também os ombros. Quando voltou a erguer o olhar, o desprezo desaparecera; restava a mãe preocupada. Percorreu, distraída, a coleção de fotos de família emolduradas na parede. Ao longo dos anos, os Welsh haviam sido bons pais tanto para a sua filha, Amanda, como para Laura. Viagens de esqui, Natais no lago Tahoe, verões nas Caraíbas, rostos sorridentes, muita cor e diversão, com os dois adultos sempre presentes, vigilantes, enquanto desfrutavam da participação das duas raparigas nos seus jogos.

— Levou anos, sabe, a pôr aquela rapariga novamente de pé. Consegue imaginar? Ter de passar pelo que ela passou?

Por um segundo, a Sra. Welsh pareceu prestes a chorar. O queixo tremeu-lhe um pouco e os seus olhos toldaram-se. Mas

inspirou bruscamente e recompôs-se.

— Sabe que não falou durante anos? — prosseguiu, escondendo melhor as emoções, mas não por completo. — Nem um som, um riso, nada. Durante anos. Temíamos que pudesse ter-se perdido para sempre, incapaz de esquecer o pesadelo mais terrível que uma criança pode viver.

A Sra. Welsh baixou as pálpebras por um segundo e voltou a respirar fundo.

— Terapia, dificuldades, inúmeros esforços de socialização, anos dolorosos. Então, um dia, ela disse o meu nome, como fazia antes dessa noite. Tia Carol, foi assim que me chamou. É o que ainda me chama. Fiquei tão feliz... celebrámos, pusemos música e dançámos com as raparigas, os dois. Lentamente, ela recuperou, pôs-se em dia na escola e cresceu como uma criança saudável e normal. Está quase a terminar os estudos e a juntar-se ao Brad ao leme da empresa. Até há poucos dias, estava feliz. — A voz endurecera um pouco, como se ficasse mais zangada a cada palavra. — Então, entra você e rebenta com tudo. Só queria que desaparecesse e a deixasse em paz.

— Se o Kenneth Garza não lhe matou a família, não gostaria que o verdadeiro assassino pagasse por isso? Não gostaria que a Laura voltasse a estar segura?

— Como se atreve a falar-me em segurança quando nos mentiram todos estes anos? Foi você quem pôs a vida dela em perigo, você e a outra arruaceira, a Doutora Jacobs, essa metediga caçadora de gambozinhos que é responsável pelo regresso dos pesadelos e dos ataques de pânico da Laura. E agora quer que a ajude a pôr a minha filha na cadeia? Ou a enviá-la para algures no Montana, para embalar compras no Walmart a dez dólares por hora, até que vocês, seus incompetentes, apanhem um assassino que não conseguiram apanhar em quinze anos? Acho que esta conversa terminou, agente Winnett. Por favor, saia.

Tess ergueu as mãos num gesto pacificador. De alguma forma, a empatia que julgara estar a construir desaparecera, dissipada por

argumentos racionais que alimentavam a fúria parental da Sra. Welsh. Mas não podia partir; ainda não, não sem tentar conseguir a amostra de ADN, pois fora o que a levava ali.

— Antes — respondeu calmamente — posso, por favor, falar com o senhor Welsh?

— De momento, não está. Contacte o nosso advogado e marque uma reunião. Terá todo o gosto em ajudar quando regressar de viagem. O seu chefe tem o número dele.

— Oh, estou a ver — replicou Tess. — Posso usar o seu lavabo, por favor?

— Há bombas de gasolina, sabe? — respondeu a Sra. Welsh, o velho olhar condescendente a regressar em pleno.

Tess manteve a calma e sorriu.

— Por favor. Não vou demorar.

A Sra. Welsh apontou para uma porta a poucos metros dali, cruzando depois os braços sobre o peito.

Tess assentiu uma vez e entrou na pequena casa de banho. Fechou suavemente a porta e abriu a torneira do lavatório. A bancada de mármore perfeitamente limpa estava vazia, exceto por um sabonete líquido novinho em folha e uma toalha de mão elegantemente dobrada. O armário dos medicamentos encontrava-se também limpo e vazio.

Silenciosamente, abriu as gavetas, para encontrar apenas dois rolos de papel higiénico de reserva. Nem escovas de dentes, nem cabelos soltos no lavatório, nada.

Ajoelhou-se no macio tapete azul e semicerrou os olhos à luz ténue, mas não viu cabelos em lado nenhum. Finalmente, enfiou os dedos no escoadouro do duche e mexeu lá dentro, mas não encontrou nada. Franziu o sobrolho, perguntando-se quem limpa o escoadouro do duche assim tão perfeitamente. Percebeu então que o pequeno lavabo devia estar reservado aos convidados, desejados ou nem por isso, e que aquele duche provavelmente nunca fora usado.

Puxou o autoclismo, lavou as mãos e secou-as na pequena toalha. Quando ia a abrir a porta, viu Bradley Welsh a entrar pela porta que dava para a garagem.

Paralisou ao vê-la, e os seus olhos encheram-se do mesmo desprezo abrasador que Tess vira na esposa.

— É preciso ter lata... — começou, mas a mulher interrompeu-o.

— Precisamente o que eu disse. A agente Winnett está de saída.

Tess endireitou as costas e estendeu a mão ao Sr. Welsh, mas este ignorou-a, continuando a olhá-la de alto.

— Por favor, senhor Welsh — disse ela, o mais persuasiva que foi capaz —, a Laura vai ter hoje alta do hospital. Ajude-me a ajudá-la.

Cruzaram olhares, e Tess sentiu um arrepio a percorrer-lhe a espinha. Havia algo no seu frio olhar azul; não apenas desprezo ou ódio; lembrava-lhe a sua provação pessoal, do olhar que o atacante lhe dirigira anos antes, enquanto a amarrava, rasgando-lhe as roupas, e se preparava para a violar. Um olhar de luxúria, de sede de sangue, de antecipação.

Mas como podia conciliar esse instinto com as fotos de família que via na parede? Ali, era o verdadeiro Bradley Welsh; anos e anos de provas fotográficas, alinhadas e exibidas na parede para toda a gente ver. O amor que as filhas tinham por ele significava algo; testemunhava quem Bradley Welsh realmente era. E ainda assim... aqueles olhos...

Conteve um arrepio; não tinha tempo para se preocupar com isso; ao invés, estudou-lhe desesperadamente o casaco em busca de qualquer cabelo solto que lhe pudesse ter caído da cabeça. Usava o cabelo bem curto, com pouco mais de um centímetro de comprimento. Provavelmente também o pintava, pois não se via um cabelo branco.

Ali estava, acima do cotovelo, um fio quase invisível, preto contra o cinzento-claro do casaco. Calculou o movimento e cerrou os maxilares. Era agora ou provavelmente nunca.

— Por favor, ligue-me se... — começou, estendendo o cartão de visita.

— Não posso dizer à Laura o que fazer, agente Winnett. Não posso e não o farei — disse a Sra. Welsh, abrindo-lhe a porta.

Ao dirigir-se à saída, Tess passou pelo Sr. Welsh e fingiu tropeçar. Para se estabilizar, agarrou-lhe a manga, num aparente reflexo.

— Cristo! — rosnou ele, afastando-se dela e puxando-lhe a manga da mão. Nem sequer tentou ajudá-la a equilibrar-se, mas Tess não precisava.

— Lamento imenso — disse, numa voz humilde. — Eu... bem, obrigada — acrescentou, e saiu. Ouviu a porta bater e não olhou para trás. Ainda tinha os pelos da nuca eriçados e um arrepio de inquietude percorria-lhe a espinha.

Não abriu o punho direito até estar dentro do carro e, quando o fez, viu lá um cabelo tão preto como uma pena de corvo. Com um grande sorriso, pegou num saco para provas e selou o minúsculo cabelo, partindo, sorridente.

— Agora apanhei-te, senhor pilar-da-comunidade, frequentador-da-igreja, dá-me-arrepios Welsh.

REFLEXÕES: UM PLANO SENSATO

A principal diferença entre vocês e eu é que não hesito. Quando algo precisa de ser feito, faço-o. Sem demoras nem negação. Normalmente, vocês hesitam, e desperdiçam inúmeras horas, dias, até anos, sobrecarregados pela consciência e pelas avassaladoras ansiedades. Perguntam-se incessantemente: e se for apanhado? E se algo acontece? E se... E se?

Eu não me preocupo, planeio. Daí que não seja apanhado, porque planeio bem.

Alguém disse em tempos uma coisa que ficou comigo e me ajudou a moldar a vida. Acho que foi um historiador chamado qualquer-coisa-Parkinson. «A demora é a mais mortífera forma de negação.» Aplica-se a tudo, sejam quais forem as circunstâncias, do sempre adiado rastreio ao cancro a qualquer coisa que a nossa ansiedade nos obriga a temer, mas nunca a encarar. Achem que, se não fizerem esse rastreio, estão, na verdade, saudáveis? Não, só adia o momento em que um ser humano vulnerável e aterrado tem de lidar com a sua realidade, enquanto um problema inicialmente pequeno cresce, invisível, para se tornar numa sentença de morte. Mas como sabem que não vão celebrar, após um resultado negativo, eliminando toda aquela angústia? Porque esperam sempre o pior?

Eu não.

O meu problema é agora ainda pequeno, mas tem o potencial de se transformar na minha morte, se eu deixar. Portanto, não o farei. Felizmente, não tenho o grilhão habitualmente referido como consciência para me deter, e isso significa que lidarei com a minha encantadora Tess esta noite. Está a tornar-se um incómodo, e a demora é, como citava, a mais mortífera forma de negação.

Estou também a preparar-me para a minha noite com Monica e, por alguns minutos, fecho os olhos e visualizo-as juntas, Tess e Monica, prontas para mim, à minha espera, a gritar por mim. Como correria isso? Quão incrivelmente delicioso seria? Que tipo de adrenalina me daria? Aposto que seria inigualável, um novo nível de euforia, um novo começo.

Mas sejamos realistas, apesar da já incómoda ereção que me faz companhia o dia todo. Falamos de uma agente federal experiente, treinada para matar. Alguém que já matou e, quem sabe, talvez goste disso. Hum... quão incrível seria se pudesse possuir uma assassina, uma verdadeira caçadora, lenta e tentadoramente?

Ainda bem que tenho uma vontade de ferro, sabem? Posso tomar um duche frio e matá-la de forma rápida e eficaz, sem correr o risco de que ela me mate. Nenhuma mulher vale isso. Por mais maravilhosa que seja, há outras melhores do que ela por aí. Se quiser uma noite de sexo fascinante com uma agente federal, posso apanhar outra, talvez um pouco mais nova, e não me verá aproximar.

Em suma, tenho de me privar desta adrenalina em favor do pragmatismo e de fazer o trabalho de forma rápida, silenciosa e sem levar um tiro no processo.

Tess Winnett não é uma maçã para desfrutar; é uma contramedida.

Acho que nunca mencionei quão grato me sinto por as pessoas serem tão vaidosas e descuidadas, deixando as janelas destapadas após o crepúsculo e permitindo-me ver tudo o que há para ver a uma distância segura. O meu trabalho seria infinitamente mais difícil se não fosse por isso... sinceramente, não sei o que *isso* é. Uma tendência? Uma moda? Vaidade, para deixar toda a gente ver que bela mobília têm, e tudo isso? Sempre me questioneei sobre as pessoas que veem televisão com as cortinas abertas à noite, para que todos vejam o seu novo ecrã LED e sistema *surround*. Não gostam de ver os filmes seminus, como eu faço? Não precisam de coçar os tomates de vez em quando? Nunca o fazem? Importa-lhes

que sejam vistos por indivíduos como eu? Serão, na verdade, exibicionistas? Ficam secretamente excitados por saber que há pessoas como eu lá fora a ver? A cobiçar? A sonhar?

Tornam-me a vida e o trabalho tão fáceis, como dizia. Limito-me a descer a rua a passo ligeiro e a assimilar tudo. Que vizinhos estão em casa, a que horas, o que fazem? A que horas jantam? Quantos filhos? Há um marido ou um cão? Vou saber. Chega a casa todos os dias à mesma hora? Estou ali, à espreita, e graças à era da transparência em todas as janelas, estou a ver.

O mesmo sucedeu com Tess, sabem? Já sei que vive sozinha, num prédio de apartamentos. Sim, ainda que o objeto dos meus desejos viva num apartamento no enésimo andar, continuo a conseguir ver, do prédio do outro lado da rua, usando binóculos, e até imagens de infravermelhos, se for necessário. Só preciso de janelas destapadas.

Chega tarde a casa e às vezes salta o jantar. Raramente deixa a arma fora do seu alcance, e foi isso que alterou os meus planos, de a saborear a simplesmente eliminá-la. Sei que gosta das coisas simples e não parece ter muita mobília no apartamento, o que tornará a minha missão mais difícil, se planeio surpreendê-la. Enfim, tenho de ser paciente. Estarei lá esta noite, à espera que ela regresse, mas pode demorar horas.

Após ter partido deste mundo, no entanto, irei mergulhar na maravilhosa Monica.

NA MORGUE

Tess esperava impacientemente, empoleirada num banco de três pés junto à mesa de laboratório do Dr. Rizza. Sem dizer palavra, viu-o rodar os botões do microscópio, enquanto murmurava qualquer coisa que só ele ouvia.

Arrancara-o de casa àquela hora tardia e sentia-se culpada, vendo as profundas olheiras e a postura cansada, mas não aguentava esperar até à manhã seguinte. Se estivesse certa, apesar de todas as provas e lógica, e Bradley Welsh fosse um assassino em série, queria-o preso de imediato, nem um momento mais tarde. Talvez ainda houvesse esperança para Monica.

— Lamento, Tess — disse o Dr. Rizza, tirando depois os óculos e apertando a ponte do nariz, onde a armação lhe deixara marcas avermelhadas devido ao uso prolongado. — Não há um folículo preso a este cabelo. Não podemos extrair ADN.

— Não pode estar a falar a sério, doutor. Por favor, não me diga isso.

— Infelizmente. Até comparei o cabelo que tirou hoje com os que tínhamos guardados do antigo local do crime.

— E? — insistiu Tess, impaciente, saltando do banco. Era mais fácil manter a calma se andasse de um lado para o outro na tranquila e tenuemente iluminada morgue.

— Não é conclusivo, seja como for. O novo fio é mais fino do que o antigo. Pode isso indicar que não é a mesma pessoa? Sim, mas também pode significar que o cabelo ficou mais fino com a idade. Acontece; é comum. Fiz uma análise mineral e não corresponde aos cabelos antigos. Mais uma vez, não é conclusivo. Fatores ambientais, toxinas, nutrientes, até os medicamentos variam ao longo do tempo.

— Não temos nada, é isso que está a dizer, doutor?

— Para começar, a análise capilar só é admissível em tribunal para excluir alguém; nunca para incluir. Também não podíamos fazer isso. O novo cabelo não é suficientemente diferente dos antigos para excluir Bradley Welsh. Mas também não o inclui. Em quinze anos, o cabelo do homem pode ter-se alterado o bastante para justificar as diferenças que vemos, mas não tenho a certeza; nem oficiosamente. — Suspirou e desligou o interruptor do microscópio eletrónico. — Suponho que pode dizer que não temos mais nada além do que tínhamos antes de visitar os Welsh.

Tess engoliu um longo e pormenorizado palavrão. O doutor não merecia ouvir a sua explosão, por isso fechou-se em copas. Passados alguns segundos, sentiu a calma regressar lentamente, trazendo a clareza de pensamento.

— Só queria ter cem por cento de certeza, doutor, de uma maneira ou de outra — disse tristemente, olhando para o padrão dos mosaicos de cimento no chão.

— A vida não é precisa, sabe? — respondeu o doutor. — Damos o nosso melhor, mas nem sempre somos bem-sucedidos.

— Tem razão, doutor — concordou Tess, com um sorriso ténue. — É um homem sábio. — Fez uma pausa, mas o médico não lhe interrompeu a linha de pensamento. — Tenho dificuldades com isto, doutor —

disse. — Devia ver os retratos nas paredes. Devia ver como a Laura lhe olhou para os olhos, segurando-lhe a mão, quando tinha sete ou oito anos. É impossível que fizesse isso se ele lhe tivesse matado os pais, certo?

— Seria de pensar que sim.

— Mas, quando *eu* lhe olhei para os olhos, paralisei. Havia algo ali que... não conseguia explicar — desabafou, evitando pormenores que podiam levar a inúmeras questões sobre a sua história pessoal.

O médico voltou a suspirar e mudou de posição no banco de laboratório.

— Às vezes, os homens ricos e poderosos são assim ferozes. Estão habituados a que toda a gente lhes obedeça e, quando algo ou alguém lhes aparece no caminho, podem tornar-se agressivos. Isso não faz deles assassinos, no entanto.

— Pois, suponho que não — admitiu Tess, mas a sensação de inquietude colava-se a ela como um casaco ensopado.

— Quem mais tem na sua lista de suspeitos?

— Ninguém ainda, mas o carro da Laura foi sabotado, sabia?

— Ahã, sei os pormenores.

— Tivemos um desenvolvimento. O aparelho que utilizaram é rastreável. O FBI tem uma base de dados de todos os vendedores conhecidos desse tipo de aparelho, pois normalmente são utilizados por terroristas. É a nossa única pista. O Gary e o Todd estão a tratar disso.

— Bom — disse o doutor, batendo com as mãos nos joelhos. — É alguma coisa. Localizado o fabricante do aparelho, a Tess fá-lo-á falar; encontrará uma maneira.

— Pois... — concordou ela, quase distraída. — Vi os registos financeiros do Bradley Welsh. O Donovan ajudou-me. Não movimentou dinheiro e estava fora numa viagem de negócios quando a Monica desapareceu.

— Oh, afinal conseguiu um mandado? — perguntou o médico, aparentemente surpreendido.

— Tinha de perguntar — suspirou Tess, com um sorriso sardónico. — Tinha de perguntar.

— Não perguntei nada, minha querida — respondeu o doutor, com um sorriso. — Deve ter sido o vento lá fora. Está bastante mau.

Riram-se os dois.

— Agora descanse um pouco, minha menina. O Welsh não parece ser o seu tipo. Talvez amanhã comece de novo.

Tess deu um rápido abraço ao Dr. Rizza, dirigindo-se depois ao elevador. Parou junto às três mesas, ainda cobertas com as provas dos casos Watson, Meyer e Townsend, de olhos fixos no molde de um ferimento de faca num saco para provas transparente e selado.

Quanto mais olhava para o molde, mais as suas entranhas se revolviam, e sentiu o aperto do medo a torcer-lhe as vísceras. Mas porquê? Não fazia sentido.

— O que foi? — perguntou o Dr. Rizza.

— Hum, nada. Estou a tentar perceber onde já vi isto.

— Provavelmente aqui — respondeu o médico, começando a desligar os muitos aparelhos que equipavam o seu laboratório.

Tess franziu o rosto e abanou a cabeça, como se rejeitando a explicação do Dr. Rizza com todo o seu ser.

— Não se vê disto em mais lado nenhum, a não ser numa morgue ou laboratório forense.

— Vou descobrir — afirmou ela. — Posso ficar com isto? — perguntou, pegando no pequeno saco.

— Oh, não, esse não. Quebraria a cadeia de provas de um caso em curso. Vou buscar-lhe outro, das autópsias que faço com alunos quando cá vêm praticar.

Minutos depois, Tess saía da morgue com um pedaço amarelado de silicone flexível no bolso.

EM CASA

Era tarde quando Tess chegou a casa, mas não planeava deitar-se; ainda não. Tinha uma boa parte dos vídeos de Laura para ver, e queria vê-los todos, incerta quanto ao que ia encontrar, mas relutante em desistir do mais ínfimo fragmento de esperança.

Abriu a porta da frente e acendeu a luz, voltando a trancá-la. Tirou os sapatos e agitou os dedos contra a alcatifa macia, sentindo as solas dos pés relaxar após um longo dia, passado maioritariamente em pé. Tirou o casaco, inspecionou-o e resfolegou de repulsa ao sentir um ténue cheiro a suor e pó. Enrolou-o e atirou-o para o cesto da lavandaria, soltando depois a blusa e desapertando um par de botões.

Abriu o frigorífico e tirou uma lata de sumo de tomate. Depois, pegou na mala do portátil e pousou ambos os objetos na mesa. Ligou o portátil, removendo a arma do coldre e largando-a em cima da mesa junto à lata de sumo. Um estalido e bebeu metade do sumo, sedenta. Sabia bem, o gosto doce e salgado a tomates frescos, a sensação reconfortante de um estômago que deixara de estar vazio e a roncar.

Deixou-se cair no sofá e pôs os pés em cima da mesa. Com o computador no colo, abriu a *pen drive* com os vídeos de Laura. Procurou um pouco, tentando perceber onde ficara, mas encontrou aquele que queria ver a seguir.

Era um vídeo filmado no quarto aniversário de Laura, pois as pessoas não só lhe perguntavam o nome como também a idade. Estava sempre aos risinhos e dizia a toda a gente que se chamava Lau'a e tinha quat'o anos. Todos se riam calorosamente, despenteavam-lhe o cabelo ou beliscavam-lhe as faces, o que só a fazia rir-se mais.

As duas famílias festejavam juntas. Carol Welsh e Rachel Watson preparavam-se para servir o bolo. Tess sabia que Rachel fora professora de história medieval, pertencendo ao corpo docente da Universidade Internacional da Florida. Tinha uma bondade no olhar, que se iluminava sempre que olhava para os miúdos. Dispôs pratos de papel e garfos de plástico sem parar de sorrir. Carol Welsh pôs quatro pequenas velas em cima de um grande bolo de chocolate, com uma mensagem escrita a glacê branco: «Feliz 4.º aniversário, Laura!»

No pátio, os outros dois filhos dos Watson brincavam com *Legos* demasiado grandes e, às vezes, atiravam-nos para o relvado, competindo sobre quem os lançava mais longe. Rachel repreendeu-os, e o rapazinho mais novo, Casey, levantou-se com relutância e cambaleou até lá, recolhendo os blocos dispersos e trazendo-os de volta.

Ao lado, a única filha dos Welsh, Amanda, que devia ter oito ou nove anos, estava sentada numa cadeira de jardim, um pouco rígida e indignada, como se a ofendesse dar por si numa festa para crianças pequenas. Era a única que não sorria; mantinha os olhos teimosamente fixados na linha do horizonte, ignorando toda a gente como se fosse uma princesa cativa.

Devia ser Allen Watson a segurar a câmara, porque, a certo ponto, Bradley Welsh apareceu no ecrã; abriu uma lata de *Bud Light* e, após fazer um gesto de brinde, engoliu boa parte do líquido fresco. Depois, limpou a boca com a mão, sem cerimónias, recostando-se novamente na cadeira, sorridente e relaxado. Os olhos semicerrados exprimiam contentamento; tudo corria bem ao Sr. Welsh nesse dia.

Rachel chamou os miúdos para que se reunissem à volta do bolo e todos guincharam ao aproximar-se; claro que Amanda nem sequer se mexeu do seu lugar distante. Rachel ensinou pacientemente a Laura o que fazer, observando depois a filha enquanto esta respirava fundo e soprava as velas. Aplaudiram, deram vivas e

cantaram-lhe os parabéns, de forma um pouco desafinada e arrastada.

O vídeo passou abruptamente para o ponto em que Laura distribuía pratos de papel com fatias de bolo pelos presentes. Levou um prato à irmã, cambaleando de novo até junto da mesa para ir buscar outro prato. A mãe passou-lhe um e Laura virou-se e começou a andar tropegamente em torno da mesa.

Fora nesse exato ponto que Tess tivera de parar o vídeo. Endireitou-se um pouco no sofá e franziu o sobrolho, concentrando-se no ecrã.

A pequena Laura andava à volta da mesa, um pouco tímida e hesitante, dirigindo-se a alguém que estava fora do ângulo da câmara. Então, a câmara seguiu-a e Tess viu-a caminhar em direção a Bradley Welsh. «P'a ti, tio B'ad», disse, e Brad despenteou-lhe o cabelo ao mesmo tempo que aceitava o prato.

Tess sentiu um puxão de inquietude nas entranhas. Franzindo o sobrolho, parou o vídeo e recuou alguns segundos. Voltou a reproduzir a cena. A pequena Laura a entregar a Brad o prato de papel. «P'a ti, tio B'ad.» Brad a despenteá-lo o cabelo, sorrindo e aceitando a oferta. Tudo gestos normais.

Tess bebeu outro gole de sumo de tomate e assistiu à cena outra vez, incapaz de perceber o que estava errado, não inicialmente. Mas então compreendeu.

— Raios me partam — murmurou baixinho. — Raios me partam por completo. É ilógico como o raio, mas e se for?

Minimizou a janela do reprodutor de vídeo e foi à pasta do cartão de memória, vasculhando os vídeos das sessões de regressão até encontrar aquele que procurava. Passou à frente as secções que não lhe interessavam e reproduziu a cena imediatamente antes de Laura se ir abaixo, uma e outra vez.

O vídeo mostrava Laura deitada no sofá da Dra. Jacobs, de olhos fechados, enquanto as lágrimas lhe corriam livremente. Na sua voz infantil, Laura repetia constantemente, tremendo com violência: «Não, não, *bad*; não, não, *bad*.»

E se o «*bad*» nas sessões de regressão de Laura fosse, na verdade, «Brad»? O nome que não conseguia pronunciar corretamente quando era pequena, tal como acontecia com o seu? E se, em vez de se lembrar do que ela dissera na altura, durante essa noite aterradora, Laura se lembrava do que a *mãe* gritara? Podia ter sido Rachel Watson a gritar «Não, não, Brad» enquanto o atacante lhe cravava a faca no abdómen.

Fraco, ilógico, nem sequer perto do conceito de prova. Michowsky, Fradella e provavelmente qualquer outra pessoa diriam que não tinha nada em que se basear e que estava a alimentar a imaginação hiperativa com informações irrelevantes ou, na melhor das hipóteses, coincidentes.

Mas a única questão que lhe restava no pensamento era como podia alguém ser o pai afetuoso que vira Bradley Welsh ser, e também o assassino em série que ela acreditava que era. Como podiam as duas personagens coexistir no mesmo homem?

Deixou a mente vaguear por um ou dois segundos e lembrou-se de uma palestra dada por Bill McKenzie anos antes em Quantico. Dissera: «Há frequentemente uma conceção errada de que todos os psicopatas são pouco inteligentes, pessoas mal integradas e selvagens. Embora alguns o sejam, os mais perversos assassinos em série podem ter um aspeto exterior perfeitamente normal. Podem ser pais afetuosos e maridos dedicados. Podem ter negócios de sucesso ou feitos profissionais significativos. À superfície, podem ter vidas saudáveis e prósperas, enquanto, no fundo, tal como o tubarão nada em círculos sob a reluzente e serena superfície de um oceano no verão, o predador espreita e aguarda a oportunidade de atacar. Estes predadores são extremamente raros; chamamos-lhes *psicopatas perfeitos*, pessoas que facilmente alternam entre os dois aspetos da vida, fazendo com que ambos pareçam incrivelmente reais, sem mostrar qualquer indício da sua outra realidade. Estes raros psicopatas têm uma pontuação de pelo menos trinta e seis pontos numa escala de quarenta no Teste de Psicopatia de Hare. Como moldura de referência, um indivíduo normal tem em média

quatro pontos, enquanto um recluso no corredor da morte ronda os vinte e nove. O psicopata perfeito não tem uma consciência diminuída; não de todo. Felizmente, no entanto, muitos de vós viverão a vida profissional sem encontrar um destes assassinos.»

Hah... lá se foi essa previsão, pensou Tess, pegando no telemóvel e marcando o número de Michowsky. Foi para o correio de voz, mas deixou-lhe uma mensagem num tom entusiasmado.

— Ei, Gary, há algo que precisa de ver nos velhos vídeos da Laura Watson. Ligue-me quando ouvir isto, está bem? — Depois, desligou a chamada e largou o telemóvel na mesa de café.

Sentindo-se revigorada e otimista, saltou do sofá e correu para o quarto. Queria mudar de roupa e preparar-se para se encontrar com Gary e decidir o que fazer com a nova informação que descobrira.

Mas era informação nova, ou a sua imaginação? Perguntou-se se a Dra. Jacobs poderia ser capaz de lhe dar alguma perspetiva.

Abriu o armário e ia a meter a mão lá dentro para tirar uma camisa lavada quando algo lhe bateu contra as costas, fazendo-a desabar, arquejante. Ao cair, viu os pés do atacante ao seu lado. Agarrou no tornozelo do homem e agarrou-se o mais que pôde, ignorando a dor ardente nas costas.

Sem grande esforço, o homem soltou-se com um pontapé e desapareceu. Passado um segundo, ouviu o trinco da porta da frente a ser fechado. Tentou rastejar de regresso à sala, onde deixara o telemóvel na mesa de café junto à arma, mas uma vaga de escuridão toldou-lhe a visão e roubou-lhe as forças.

CHAMADAS DE EMERGÊNCIA

O frio dos azulejos do chão da casa de banho ajudou Tess a recuperar os sentidos, ou pelo menos pensou. A primeira sensação de que tomou consciência foi de quão frio o azulejo lhe parecia contra a cara. Então, sentiu o sangue a ensopar-lhe as costas e, com um gemido magoado, tateou com a mão, tentando avaliar os danos.

Chegou à ferida e quase gritou ao tocar-lhe. Era um corte profundo ao fundo das costas, do lado esquerdo, e sangrava profusamente. Levou a mão acima da cabeça para se apoiar na bancada e levantar-se. A mão, coberta de sangue, escorregou algumas vezes, mas limpou-a à blusa e conseguiu içar-se. Viu-se ao espelho, virada meio à direita, para examinar a facada.

Era grande e jorrava sangue a um ritmo alarmante. Se não o estancasse, não tardaria a morrer. Não podia esperar por uma ambulância. Meteu a mão trémula numa gaveta e, após vasculhar os muitos objetos lá dentro, extraiu um estojo médico de emergência. Abriu-o e encontrou o que procurava, uma seringa hemostática selada, cheia de pequenas esponjas.

Tentou abrir o invólucro, mas os dedos tremiam-lhe demasiado e não conseguia puxar com força suficiente. Com os dentes, rasgou a película, expondo a seringa. Então, pegou numa pequena toalha e mordeu-a, enquanto se posicionava de forma a ver o ferimento no espelho. Após um segundo de hesitação, cravou a ponta da seringa bem fundo na ferida e pressionou o êmbolo.

Soltou então um longo e agonizante grito, só parcialmente abafado pela toalha, enquanto as esponjas enchiam a ferida e se expandiam, absorvendo o sangue e fazendo pressão hemostática sobre os vasos sanguíneos cortados lá dentro. Quando foi

finalmente capaz, verteu alguma água sobre o rosto e bebeu também, tentando manter-se consciente e não entrar em choque.

Abriu uma ligadura de compressão e aplicou-a no ferimento, apertando-a o máximo que pôde. Quando terminou, voltou a salpicar o rosto com água fria, sentindo a náusea de um desmaio.

Havia uma seringa de anestésico no estojo de emergência e foi nisso que pegou a seguir. Abriu o invólucro e injetou o conteúdo diretamente na coxa, através do tecido das calças ensopadas em sangue.

Passado um longo minuto, a dor excruciante diminuía um pouco e a hemorragia parara. Atreveu-se a abandonar o apoio oferecido pela bancada da casa de banho. Arrastou-se até à mesa da sala de estar, gemeu ao baixar-se e pegou no telemóvel. Voltou a marcar o número de Gary e deixou-lhe outra mensagem.

— Gary, vá imediatamente para junto da Laura. Ele vai atrás dela... — A voz esmoreceu-lhe, mas Tess sorveu ar para dentro dos pulmões e continuou, quase num sussurro: — Ele apanhou-me, Gary, e nem sequer lhe vi o rosto.

Desligou a chamada, ligando depois para a central e instruindo-os a enviar todas as unidades disponíveis para o apartamento de Laura. Perguntou-lhes o tempo de resposta; responderam-lhe que seria entre dez a quinze minutos.

Inspirou longa e asperamente e tomou uma decisão. Laura vivia a três minutos dali; devia ser capaz de conduzir durante três minutos. Pegou nas chaves e, lenta e vacilante, saiu porta fora, retraindo-se, gemendo e praguejando a cada passo.

Nem sequer se deu ao trabalho de fechar a porta. Sabia que, depois da mensagem que deixara a Gary, o local não tardaria a estar a abarrotar de polícias.

DISCUSSÕES

Laura conseguiu adiar a iminente discussão com Adrian, mas não era evitável. Mostrava um estado de espírito sombrio e azedo quando a fora buscar ao hospital e mantivera-se invulgarmente silencioso enquanto ela fazia o registo de saída. Iniciou a conversa no carro, mas Laura pediu-lhe que fosse paciente e não discutisse, não até chegarem a casa.

Isso fora meia hora antes. Agora, tinham chegado ao seu apartamento e *Boo* estava contente por a ver. Traçou padrões intrincados com a cauda erguida ao alto e esperou que ela ocupasse o seu lugar habitual no sofá para lhe saltar para o colo, a ronronar. Laura acariciou-lhe suavemente o dorso e esfregou-lhe atrás das orelhas, saboreando a suave seda do seu pelo e o calor do seu corpinho.

Adrian pousou uma chávena fumegante de chá de camomila sobre a mesa de café e puxou uma cadeira para a frente dela.

— Fala comigo — disse, num tom que não aceitava discussão. — Porque não mereci saber que estás grávida de um filho meu?

Laura fechou os olhos, ainda um pouco zonda da medicação, não encontrava as palavras. A razão que ele ia ouvir era complexa, com o potencial de acabar com a relação.

Ajeitou o braço esquerdo, imobilizado numa faixa, e remexeu-se até descobrir uma posição em que não doía.

— Estou a ouvir — insistiu ele, lançando-lhe outro olhar sombrio.

Laura suspirou. Como sempre, tinha de fazer o que ele queria, quando queria. Talvez fosse tempo de terem essa conversa, afinal.

— Adrian, por favor, tenta entender. És demasiado autoritário para eu conseguir lidar. A maior parte do tempo, não tenho voto nas

coisas, e não acho que esse seja o ambiente certo para criar um filho.

Ele saltou da cadeira e enfiou as mãos nos bolsos das calças de ganga.

— O que estás a dizer, Laura? — perguntou, soando enganadoramente calmo.

— Estou a dizer que, contigo, ou cedo, ou discutimos até eu estar demasiado cansada para lutar e desistir só para terminar com a discussão. Vês as minhas opções, Adrian? É sempre assim!

— Quando é que eu quis algo de mau para ti, Laura? Importo-me contigo, só isso. Estou preocupado como o raio.

— Não precisas de estar — disse ela. Depois, suspirou e fechou de novo os olhos, ciente de quão fútil era tentar convencer Adrian de alguma coisa.

— Não preciso? Estás a falar de quê? Anda por aí alguém que quer matar-te; não é motivo suficiente para me preocupar?

Laura olhou-o nos olhos e manteve firmemente o contacto visual.

— Vivi assim a vida inteira, Adrian. A minha família foi condenada; sobrevivi porque... Na verdade, não sei porque sobrevivi. Não fazes ideia de quantas vezes desejei estar morta também. O que tiver de ser, será.

— Vais ficar aí sentada sem fazer nada, à espera que aquele tipo te mate? Isso é ridículo e tu estás louca. Preciso que liguês àquela mulher dos *feds* e lhe digas que vais aceitar a proteção policial.

Laura lembrou-se do homem que vira no concessionário, o que a seguira uma noite, e perguntou-se se seria ele, o homem que matara a sua família, o que tentara matá-la. Não ia fugir, por mais assustada que estivesse.

Às vezes, tinha tanto medo que quase não respirava, nem se mexia. Era paralisante. Mas reagia: dava um passeio pelas ruas que amava, fizesse chuva ou fizesse sol. Era como provocar quem espreitava nas sombras; como se o convidasse a acabar o que começara quinze anos antes.

Odiava admiti-lo, mas descobrir que Garza não matara a sua família não constituía uma completa surpresa para ela. Sempre duvidara disso, sem qualquer motivo ou prova racional e sem uma memória clara do verdadeiro assassino. Simplesmente, não acreditava assim tanto nisso. Por isso é que o medo fora uma constante na sua vida, fazendo-a questionar-se, ocasionalmente, quando seria a sua vez de morrer. Vivia a tempo emprestado, de um assassino que não emprestava.

Enfrentara tantas vezes esse medo que se sentia forte, inabalável e preparada. Não ia começar a fugir agora. *Que sera, sera*, dizia uma velha canção.

— Não, Adrian, não vou aceitar a proteção policial. Fim da história.

— Porquê? — Parecia desconcertado.

— Não consigo viver assim. Não posso fugir e tão-pouco ter-te a dizer-me como gerir a minha vida, grávida ou não.

— És maluca, sabes? — disparou ele, dando um pontapé na cadeira. Esta tombou e *Boo* reagiu, trocando de imediato o colo de Laura pelo esconderijo atrás do sofá. Quase odiou Adrian por lhe ter tirado *Boo*, por o ter assustado.

— Não acho que tu e eu devamos ser pais — disse ela, calmamente. — Não acho que estejas preparado. Não tenho a certeza se posso ser mãe. Acho que há outras pessoas mais qualificadas, mais equilibradas, mais interessadas.

— Também é meu filho, Laura! — gritou ele.

— Sim, e sei que darias connosco em doidos, Adrian. És incapaz de ceder e não podes correr riscos. Ambos são obrigatórios se queres criar uma família. A culpa não é tua; simplesmente não podes.

— Não vou deixar que faças isto, estás a ouvir?!

Saltou por cima da cadeira tombada e quase correu para a porta. Depois saiu e, antes de bater a porta com força, Laura ouviu-o amaldiçoar o seu nome.

Respirou fundo, envergonhada do alívio que sentia por ele ter saído. Não queria discutir mais, e talvez *estivessem* condenados; não tinham futuro juntos. Não se lembrava da última vez que fora feliz. Havia sempre algo a deixar Adrian infeliz, algo a que podia opor-se, algo que ela não fazia bem, algo por que a criticava. Tudo isso enquanto ela tinha os seus monstros para combater, os medos, a tristeza que ainda sentia quando pensava nos pais e nos irmãos, o terrível sentimento de perda. O doloroso vazio que às vezes ocupava todo o espaço no seu coração.

A campainha tocou e Laura ergueu o queixo, inconsciente das lágrimas que lhe escorriam pelas faces. Fora rápido. Adrian era rápido na raiva e lento a sarar. Talvez não voltasse para fazer as pazes; talvez fosse buscar as suas coisas.

— Entra, está aberta — gritou, não querendo levantar-se.

Carol Welsh entrou e fechou a porta.

— Laura? — chamou.

— Aqui dentro — respondeu Laura.

O seu rosto iluminou-se ao ver Carol. Limpou as lágrimas com um gesto rápido e começou a levantar-se. Carol deteve-a com um gesto da mão.

— Estou tão feliz por estares aqui — disse ela. — Depois de um dia infernal.

Carol parou à frente de Laura, após um rápido olhar na direção da cadeira tombada, seguido do arquear das sobrancelhas. Parecia imponente, num fato de calças e casaco adelgaçante. Parecia sempre imponente e perfeitamente arranjada, elegante, independentemente do que tivesse vestido.

— Devias trancar a porta, sobretudo quando há gente a tentar matar-te, não concordas?

Laura olhou para o chão por um segundo, inundada por uma onda de tristeza. Desiludia sempre as pessoas que a amavam.

Quando ergueu novamente o olhar, arquejou. Carol apontava-lhe uma arma ao peito. Os seus olhos eram frios, impiedosos. Os olhos de uma estranha, de uma assassina.

— O que... Porquê? — conseguiu Laura articular, lutando contra a garra sufocante do medo que não a deixava respirar.

— Porque o meu querido marido é demasiado covarde para atar as suas pontas soltas, é por isso — respondeu Carol, segurando a arma com mão firme.

— Não... Isto não está a acontecer... São a única família que alguma vez conheci, a Carol e o tio Brad — choramingou Laura, enquanto as lágrimas lhe brotavam dos olhos. — Estás a dizer... Oh, meu Deus!

Levou a mão direita ao peito, tentando firmar-se, para pensar com clareza.

— A culpa não foi dele; foi do teu pai. O Brad só fez o que tinha de fazer, mais nada.

Laura fixou os olhos nos de Carol, com uma pergunta não expressa.

— Eram novos quando fundaram a empresa e, durante alguns anos, não fizeram muito dinheiro — explicou Carol, soando irritada. — O Allen queria que o Brad cortasse nos custos de fabrico, pois tinha de oferecer grandes descontos para conseguir a assinatura dos contratos. O Brad fez isso e, durante algum tempo, as coisas correram bem. Então, uma casa pegou fogo devido a um dos candeeiros. Chegaram a acordo, ninguém se magoou, mas o teu pai foi categórico. Queria uma investigação completa ao que provocara o incêndio e a recolha maciça de todos os candeeiros com isolamento de qualidade inferior. Foi impossível dissuadi-lo. Ter-nos-ia arruinado, e o Brad só fizera o que ele pedira.

A visão de Laura desfocou-se, em parte devido ao fluxo constante de lágrimas e em parte porque o pesadelo que estava a viver era demasiado para suportar. Começou a doer-lhe muito o estômago e encostou-lhe a mão na tentativa de o acalmar.

— O Brad fez o que tinha de fazer, tal como eu agora.

Ouviu as palavras de Carol e empalideceu, lutando contra a náusea e perdendo.

— Vou vomitar — sussurrou, e começou a levantar-se.

— Vou vomitar — zombou Carol, e a troça doeu quase tanto como a história que acabava de ouvir. — Sempre foste uma fraca. Senta-te — ordenou.

Laura forçou-se a respirar fundo, para refrear as náuseas.

— Porque... me deixou ele viver? — conseguiu articular. — Porque não me matou também?

— Pensava que o tinha feito. Sabes como ele é; sempre preocupado, sem prestar atenção a nada. Cometeu um erro.

Os olhos de Laura arregalaram-se de choque.

— Vocês discutiram...

— Não, mas percebi pelas reações dele no dia seguinte.

A sala começou de novo a andar às voltas, arrastando Laura para um vórtice de dor. Amava-os profundamente; eram a sua família, as duas pessoas que conhecia como pais, apesar das ténues memórias que acalentava sobre os verdadeiros progenitores. Tentou compreender que, durante aqueles anos, amara o assassino do pai. Pegara-lhe na mão, adormecera nos seus braços e estimara a sua presença.

Uma nova onda de náuseas surpreendeu Laura, e ela arquejou desesperadamente. Vomitou onde estava, no sofá, conseguindo depois estabilizar-se e controlar o furioso grito de dor indizível que sentia a borbulhar.

— Porquê criar-me? — perguntou Laura por fim, quando foi capaz de articular palavras por entre os soluços sufocantes. — Porque não mandar-me para o inferno, para morrer nalgum lar de acolhimento? Porquê fingir que me amavam, quando devem ter-me odiado tanto?

— Tu, minha querida, eras o álibi perfeito do Brad — respondeu Carol, erguendo a arma. — Agora, tornaste-te um risco.

Laura fechou os olhos, aceitando a sorte tal como sempre pensara que faria. De alguma forma, a ideia de morrer parecia-lhe um alívio, prometendo acabar com a imensa dor que lhe rasgava a alma. Em breve estaria com a verdadeira família. Algures, porém, num recanto longínquo da sua mente, sentiu a nova vida a

desabrochar e lembrou-se de que tinha algo por que viver. Alguém para amar, abraçar, estimar e proteger. Por quem valia a pena lutar. Ia ser mãe.

Abriu os olhos no preciso momento em que ouviu o tiro, mas não sentiu nada. Viu Carol cair ao chão e aquela agente do FBI que lhe mentira, mal se segurando de pé, de arma em riste.

— Está bem? — perguntou a agente, numa voz débil.

Laura não conseguiu forçar-se a responder. Em vez disso, sentiu uma nova onda de lágrimas a inundá-la, o aperto de uma dor indizível a sufocá-la, e cedeu, soluçando violentamente.

Michowsky irrompeu pela porta, de arma em punho.

— Tess? — chamou.

— Tudo livre — respondeu ela. — Não em grande forma, mas livre. Acho que devíamos chamar a Doutora Jacobs.

— Vou pedir uma ambulância — disse Gary. Guardou a arma no coldre e acocorou-se para verificar os sinais vitais de Carol. — Foi-se. Vamos cuidar de si, agora.

— Não. Ainda não. Há algo que tenho de fazer primeiro. — Virou-se para Laura e tocou-lhe no ombro. — É difícil de acreditar agora, mas vai ficar bem.

Laura olhou para ela e agarrou-lhe na manga.

— Tenho de lhe dizer uma coisa — articulou, entre soluços e respirações trémulas. — Ele...

— Eu sei — respondeu Tess, afastando-se, seguida por Gary.

ENCONTRO

Estava quase completamente escuro quando Bradley Welsh estacionou no caminho frente à sua casa e desligou o motor. Pegou na pasta e saiu do carro, trancando-o com o controlo remoto. O *Audi* chilreou e piscou as luzes uma vez, mas os faróis ficaram acesos durante alguns segundos. Dirigiu-se à entrada principal enquanto via as horas no telemóvel, inconsciente do que o rodeava.

— Sabe, levou-me algum tempo — disse Tess, vendo como Brad se sobressaltava e parava de repente. Aproximou-se, saindo de trás de um grande arbusto, com a arma apontada a ele. — Agora sei onde já vi isto — acrescentou, atirando-lhe o molde de silicone para os pés.

De supetão, ele deu um passo atrás, como se tivesse visto uma cobra.

— Não sei do que está a falar — disse, aparentemente inabalado.

— O seu candeeiro, senhor Welsh. Não podia passar um só dia sem contemplar uma lembrança do que fez a todas aquelas mulheres, pois não? Queria chegar a casa e olhar para os ferimentos fatais que lhes infligira, replicados em centenas de sombras nas paredes. Mesmo à vista, onde todos podiam vê-los, mas ninguém saberia.

Ele endireitou-se, rígido, sem dizer uma palavra.

— Levava as lembranças dos locais dos crimes. Vertia silicone em cada um dos ferimentos fatais e fazia um molde. Quando viu que tinha os suficientes na coleção, construiu o candeeiro. Bastante original, e o *design* não é mau de todo. Até agora, não conseguíamos perceber o porquê de essas feridas terem marcas de distensão. Especulámos, mas não podíamos imaginar *isto*. Não podíamos imaginá-lo a *si*, senhor Welsh.

— Continuo sem saber do que está a falar — repetiu, dando depois alguns passos na direção dela. Tess ergueu um pouco mais a arma e ele parou onde estava.

— Há algo a tirar-me o sono à noite — continuou ela, lançando-lhe um olhar pensativo. — Como é que alguém tão inteligente, tão organizado, deixa uma testemunha para trás?

Brad quase revirou os olhos antes de os tapar com as pálpebras enrugadas. Parecia ofendido consigo mesmo, quase zangado.

— Ah, cometeu um erro — prosseguiu Tess. — Era assim tão egocêntrico, tão envolto na sua densa concha de superioridade, que nunca se deu sequer ao trabalho de reparar naqueles miúdos? E depois matou a criança errada. Ahah... Deve ter doído como o raio, com esse seu ego monstruoso!

As narinas de Bradley dilataram-se e os seus maxilares cerraram-se, mas ele não disse uma única palavra.

— É isso, não é? — riu-se Tess. — Então teve de viver com o seu erro este tempo todo.

Ele lançou-lhe um olhar venenoso e duas rugas vincadas surgiram-lhe na testa.

— Pensar que estive tão perto da Laura durante toda a sua vida, fitando-a, tocando-lhe, deixa-me doente. Manteve-a por perto para se assegurar de que não se lembrava de nada e, caso o fizesse, de que podia facilmente matá-la. Pobre rapariga, ser criada por tais monstros. — Esboçou um esgar de repulsa. — Aposto que não esperava ver-me com vida, pois não?

Ele abanou a cabeça e encolheu os ombros, e Tess pensou em quão calmo e sereno ele parecia, tão natural e genuíno, negando qualquer envolvimento ou conhecimento. Em circunstâncias normais, talvez tivesse acreditado nele, se não fosse por aquele puxão nas suas entranhas.

— Temos ADN, seu sabichão — disse ela, deixando que um longo e angustiado suspiro se lhe escapasse dos lábios secos. — Está feito. Acabado.

Nem a referência ao ADN o abalou; continuou ali de pé, à espera.

— Muito bem, vamos acabar com isto — disse ela. — Deite-se no chão, de barriga para baixo e com as mãos atrás da cabeça.

Ele não se mexeu, fitando-a com um olhar ferozmente frio.

— Ou o quê? — sussurrou. — Acertei-lhe bem; já não há muito mais que possa fazer-me. Está a dar o último suspiro, só que ainda não sabe. Talvez venha a tirar um molde seu. — Quando acabou de falar, sorriu e lambeu os lábios. Estava a gostar da situação. De a ver em sofrimento, a agonizar.

— Ainda posso matá-lo — respondeu Tess, secamente. — Em vez disso, vou deixar que ele o prenda.

Brad retraiu-se ao sentir a arma de Michowsky encostada às costas.

— Prometi ao meu chefe — continuou Tess, vendo como Michowsky encostava Welsh ao capô do carro e lhe puxava as mãos para trás das costas —, não, *jurei-lhe* que não havia mais mortes; só capturas.

Continuou a fitá-la com o olhar arrepiante.

— Mais uma coisa que não compreendo — disse Tess, a sua voz soando mais fraca. — Porque não estavam os Watson na festa da empresa nessa noite?

O canto do lábio de Welsh torceu-se um pouco, enquanto as suas narinas se dilatavam.

— Porquê... Pessoas como vocês nunca questionam quando gente como eu lhes faz favores. Acham que, de alguma forma, o merecem, e até se sentem gratas, na sua imensa simplicidade. Ofereci-me para tratar da festa da empresa sozinho, para ele poder passar mais tempo com os miúdos. O idiota aceitou, agradecido. — Esboçou um sorriso escarninho, o seu desdém denunciando um brilho de vileza no olhar. — Fácil.

Tess aproximou-se alguns passos, até poder cravar-lhe o cano da arma na lateral do pescoço.

— Onde está a Monica, seu filho da mãe doentio?

— Não sei do que está a falar — respondeu ele, com o laivo de um sorriso perverso no olhar. — Mas lamento — prosseguiu,

olhando Tess nos olhos, com aquele olhar arrepiante que lhe despertava pesadelos na mente. — Lamento não me ter demorado consigo. Lamento não me ter permitido desfrutar de si.

Michowsky guardou a arma no coldre e pegou nas algemas. De repente, Welsh virou-se e deu-lhe um pontapé no estômago, enquanto empurrava Tess. Michowsky, dobrado ao meio, gemeu de dor, enquanto Tess, fraca e desorientada, teve de se agarrar ao carro para se equilibrar. Quando recuperou, já Welsh ia longe, correndo, prestes a desaparecer atrás dos arbustos.

Não hesitou; premiu o gatilho duas vezes, calmamente, e viu como Welsh caía e não voltava a mexer-se. Michowsky correu para lá e verificou-lhe o pulso.

Foi a última coisa que Tess viu. Demasiado fraca para continuar de pé, deixou-se deslizar contra o carro de Welsh. Grata pelo apoio, deixou-se cair e sentiu a frieza do asfalto contra o rosto.

Como num sonho, ouviu Michowsky a gritar ao telefone.

— Preciso dessa ambulância imediatamente, raios, temos uma agente atingida. Estão a ouvir? Já! — Depois, agachou-se ao lado dela e embalou-lhe a cabeça sobre os joelhos.

— Aguenta-se, parceira, eles vêm aí — disse ele, engolindo com dificuldade. — Aguenta-se. Fale comigo.

— Não se preocupe — sussurrou ela. — As pessoas são difíceis de matar. A Monica...

— Vamos encontrá-la...

— Não — interrompeu ela, de forma quase inaudível, mas ele parou de falar e ouviu-a. — O GPS do carro deve ter a localização. Remota... nos Glades...

— Não sei como...

— Ligue... ao Donovan — conseguiu articular, desvanecendo-se depois num mundo de silêncio e escuridão.

RACIOCÍNIO DEDUTIVO

Levaram-na tão rapidamente na maca que isso lhe causou enjoos. Queria dizer-lhes que abrandassem, mas eles não a ouviam. Tentou falar mais alto, obrigou-se, mas só conseguiu produzir um lamento. Desistiu e viu as placas brancas do teto alternar com lâmpadas fluorescentes embutidas à medida que passavam. Demasiado rápido.

Lâmpadas... que importância tinham as lâmpadas? O que estava ela a esquecer? Esforçou-se por se lembrar, mas não conseguiu, e desistiu dessa luta.

A maca parou bruscamente e Tess julgou reconhecer a voz de Michowsky.

— Como está ela?

— Estável, mas fraca. Perdeu muito sangue e continua a sangrar internamente. Aquela seringa hemostática salvou-lhe a vida, mas devia... — A voz esmoreceu e ele pigarreou, mudando de assunto. — Informá-lo-emos depois da cirurgia.

Tess estendeu a mão e agarrou a manga do homem. A cabeça de Pearson apareceu, inclinada sobre a maca e fitando-a. Franzia o sobrolho e parecia perturbado. Estava metida em sarilhos.

— Desculpe... — sussurrou ela.

— Winnett, por que raio estás a pedir desculpa?

— Lamento, senhor. Eu tentei... — conseguiu dizer, mas Pearson teve de se chegar mais perto para a ouvir.

— Pois foi — interveio Michowsky. — Não teve escolha, mas tentou.

— O quê? — perguntou Pearson, franzindo mais o sobrolho.

— Não o matar — respondeu Michowsky.

Pearson resfolegou e virou-lhe as costas.

A maca começou de novo a rodar, mas Tess agitou o braço.

— Não — disse debilmente. — Monica?

— Encontraram-na, tal como disse — respondeu Michowsky. — Ela está bem.

Tess engoliu em seco e lambeu os lábios ressequidos, mas isso não a acalmou. Olhou atentamente para Pearson.

— Porque me mandou entrevistar o Garza?

Ele franziu o sobrolho e debruçou-se sobre a maca para ouvir a sua voz ténue.

— Esquece isso — respondeu Pearson, amavelmente mas com firmeza. — Falamos depois da cirurgia.

— Por favor... Sabia dos Watson e dos outros? — insistiu ela.

— Sabia, sim — admitiu Pearson, relutante, revirando depois os olhos.

— Então porque me enviou? — reiterou ela, sentindo-se mais fraca. Respirou fundo, obrigando o seu cérebro a manter-se alerta.

Um enfermeiro de bata branca aguardava com uma seringa carregada, pronto a enfiá-la na linha intravenosa. Estava a ficar impaciente e deixou-o bem claro sem dizer uma palavra. Devia ter sido ele quem fizera a atualização a Michowsky pouco antes.

— Porque és incapaz de confiar em alguém, sejam polícias ou assassinos em série — respondeu Pearson, indicando à equipa médica que prosseguisse.

— Então foi o senhor quem me fez regressar — disse Tess, um pouco mais alto, e o enfermeiro parou antes de lhe injetar o conteúdo da seringa. — Se não o tivesse feito, eu regressaria da licença *depois* de o Garza ter fritado. — Invocou os últimos resquícios de força e ergueu a cabeça da almofada dois ou três centímetros, estudando os olhos de Pearson. — Foi o senhor... Estou certa?

Pearson fez outro gesto na direção do homem, desta vez mais exigente.

O enfermeiro carregou no êmbolo e Tess sentiu a escuridão a engoli-la. Antes de se deixar afundar num sono indulgente, ouviu

uma vez mais a voz de Pearson, inicialmente clara.

— Caramba, Winnett, cala-te de uma vez. — Virou-se então para o enfermeiro, a voz a esmorecer com o resto do seu mundo, mas Tess julgou tê-lo ouvido dizer: — É fantástica, sabem? Cuidem bem dela.

NOVOS COMEÇOS

A sala de reuniões da WatWel estava envolta em silêncio e as persianas descidas da janela mantinham os ferozes raios do Sol à distância. Exceto os ruídos ocasionais de um edifício a fervilhar de atividade, a ocasional buzina de um caminhão ou os apitos de empilhadoras em atuação, nada perturbava a paz da grande sala.

Laura estava sentada à grande mesa de reuniões, folheando distraidamente as inúmeras páginas de um acordo de venda, o documento que, se assinado por ambas as acionistas, faria da WatWel parte da sua história. Em vez de escrutinar cada parágrafo, a sua mente desconcentrada contava as etiquetas amarelas onde o seu advogado assinalara que devia assinar ou rubricar o documento. Vinte e sete pontos no total; quatro assinaturas e o resto eram rubricas. Só os advogados podiam achar isso lógico para um documento de vinte e duas páginas.

Ergueu o olhar e fixou-o na figura esguia de Amanda. Não saíra de junto da janela desde que haviam chegado. De costas direitas e olhos cravados num ponto distante, algures na linha do horizonte de Miami, à espera. Não dissera uma palavra nem a fitara uma vez.

— Nunca pensei que este dia chegaria, sabes? — Laura rompeu o silêncio e a sua voz ecoou estranhamente contra as paredes da sala enorme, como se tivesse falado em voz alta num mausoléu.

Esperou que Amanda dissesse alguma coisa, mas ela não o fez, por isso Laura continuou:

— Era o meu legado, a última coisa que tinha para me lembrar dos meus pais. Isto, algumas fotos e a gravação das suas vozes num obsoleto atendedor de chamadas.

O silêncio tomou novamente conta da sala, e Laura folheou um pouco mais as páginas, incapaz de ler uma palavra. Tirou, no

entanto, a tampa da caneta, preparando-se para assinar.

O som de um bebé a agitar-se interrompeu o inquietante silêncio.

— Posso pegar-lhe? — perguntou Amanda, ainda a olhar para o horizonte.

— Claro que sim — respondeu Laura sem hesitação. — Acho que tem fome, mas não trouxe um biberão comigo.

— Compreendo-o — observou Amanda, pegando gentilmente no bebé e segurando-o nos braços. — Também estou com fome.

O choro passou, enquanto Amanda o embalava suavemente, apoiando-lhe a cabeça no seu ombro.

Laura viu-os juntos e sentiu um nó na garganta. As únicas peças que restavam da sua família estavam naquela sala, e um dos dois seres a que chamava família estava prestes a deixar a sua vida para sempre, com um acordo de venda assinado. Provavelmente, queria fugir dali e nunca olhar para trás, e Laura não podia culpá-la, nem um bocadinho.

Com dedos trémulos, começou a rubricar o documento.

— Por muito que tente, acho que jamais conseguirei olhar para um candeeiro da mesma forma. Não posso estar neste ramo; não quero voltar a falar de candeeiros na vida.

— Pensei em mudar a iluminação para velas — disse Amanda, com um riso triste. — Viver como os *amish*, sabes, mas somente em termos de iluminação. Morria sem Internet.

Laura quase sorriu. Amanda nunca ia mudar. Metade diva, metade empresária, uma combinação feroz.

— Passou-me pela cabeça — admitiu Laura, e rubricou mais algumas páginas, mas algo a fez parar. Retraiu-se um pouco, porém decidiu dizer o que lhe ia no pensamento. — Sabes, a única coisa que lamento ao assinar este negócio é perder-te. Seguiremos caminhos separados... nada restará para nos unir.

Amanda nada disse; continuou a andar ao longo das grandes janelas ensombradas com o filho de Laura nos braços.

— Seja como for, estou quase a terminar — acrescentou, olhando através de um véu de lágrimas para a última página do documento,

onde a sua última assinatura estava prestes a ditar o destino da WatWel Lighting.

— O que planeias fazer depois disto? — perguntou Amanda, e a sua voz parecia um pouco áspera, estrangulada. — Seremos podres de ricas, sabes? Podíamos plantar os nossos traseiros algures nas Caraíbas e nunca olhar para trás.

— Isso não é para mim — respondeu Laura. — Quero construir algo que valha a pena, algo que o Allen possa gostar de receber de mim. Também tenho uma lista de instituições de caridade com as quais quero envolver-me. Está na altura de trazer algum bem às nossas vidas, algumas cores brilhantes e vivas.

— O que achas da moda? — perguntou Amanda, timidamente.

Laura tapou a boca e lutou contra as lágrimas.

— Eras capaz de trabalhar comigo?

— Não trabalharia com mais ninguém — respondeu ela baixinho, com cuidado, para não acordar Allen. — És fantástica em tudo: operações, fabrico, logística, tens um dom natural. Eu posso tratar da comunicação, do *marketing*, das vendas, da distribuição, essas coisas todas. E era capaz de morrer para nos ver na Semana da Moda de Paris, a desfilar com as nossas coisas. O que me dizes?

Laura levantou-se e dirigiu-se a Amanda, olhando-a nos olhos de perto, enquanto um grande sorriso lhe aflorava aos lábios.

— Alinho, com uma condição.

— Di-la — respondeu Amanda no seu tom profissional, rindo-se depois baixinho.

— Não voltamos a falar no passado, sobre nada disso. Nunca mais.

— Combinado. — Amanda devolveu Allen à sua alcofa e abraçou Laura. — Irmãs para sempre? — sussurrou.

— Irmãs para sempre — respondeu Laura, limpando uma lágrima rebelde.

— Fantástico, agora vamos comer. Estou esfomeada!

A CIÊNCIA POR TRÁS DA PERSONAGEM

Construí a personagem do assassino como um psicopata com indícios de narcisismo maligno. Ao contrário dos psicopatas comuns, aqueles com laivos de narcisismo maligno são um pouco diferentes da norma, combinando o padrão generalizado de grandiosidade (tal como descrito na quinta edição do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders — DSM-5*) com as características típicas de um psicopata: riscos imprudentes, falta de apego, desonestidade, e a mais saliente: a falta de consciência.

Os psicopatas narcisistas são demasiado egocêntricos, ao ponto de não repararem em nada do que os rodeia que não os beneficie diretamente. Como tal, ele podia ter estado presente, por obrigação, em inúmeras festas de miúdos, sem sequer reparar ou recordar quantos filhos os Watson tinham. Um psicopata narcisista não tem verdadeiros amigos; tem uma estratégia e as subsequentes obrigações, que suporta com uma máscara de educação no rosto.

No primeiro capítulo, o assassino entra em casa dos Watson presumindo que os miúdos que encontra são todos filhos de Allen Watson. Sabe que são três, mas, no calor do momento, não se lembra de quantos rapazes e quantas raparigas. Está também stressado; é a primeira vez que mata. Ao ver o decalque no carro, repara na discrepância, e só então começa a prestar atenção, mas é tarde demais. Como a esposa refere num capítulo posterior, ele cometeu um erro porque não prestou atenção.

Pensem nisto assim; se as armas não lhes interessam de todo e, de cada vez que se encontram com o vosso cunhado em eventos de família ele fala sobre armas — calibres e marcas, e espingarda *versus* metralhadora —, é provável que desligue, finja um sorriso e esqueça tudo o que ele diz. Entra por um ouvido e sai pelo outro, certo? Não se lembrará dos tipos de arma que ele tem, nem que a

sua vida dependesse disso. Lembrar-se-á apenas de que ele gosta *muito* de armas, pois foi essa a parte que o aborreceu ou incomodou.

O assassino fez o mesmo, e ainda mais, pois é um psicopata narcisista completamente egocêntrico e não um indivíduo neurotípico como nós. Sabia apenas que Watson tinha três filhos... quanto ao resto, não estava para se incomodar.

A investigação sobre o mundo dos psicopatas foi para mim uma viagem fascinante. Se gostariam de saber mais sobre de que forma alguém como o assassino deste livro poderia ser o vosso vizinho, patrão ou colega de trabalho, eis alguns títulos bastante recomendados:

The Psychopath Whisperer: The Science of Those Without Conscience, de Kent A. Kiehl, PhD. O Dr. Kiehl descreve, de forma fascinantemente pormenorizada, anos de trabalho com psicopatas detidos e o estudo dos seus processos de pensamento.

Snakes in Suits: When Psychopaths Go to Work, de Paul Babiak, PhD, e Robert D. Hare, PhD. O Dr. Hare desenvolveu a ***Psychopathy Checklist — Revised (PCL-R)***, um teste de referência para o diagnóstico clínico de um psicopata. É um investigador de renome mundial e conselheiro do FBI. O livro *Snakes in Suits* é inteiramente dedicado ao estudo do «psicopata funcional», e em específico à forma como certos psicopatas prosperam em ambientes empresariais, onde conseguem construir carreiras e ter sucesso à custa dos outros.

The Sociopath Next Door, de Martha Stout, PhD. Embora os sociopatas sejam, a nível clínico, diferentes dos psicopatas, os dois termos são utilizados permutavelmente devido às numerosas características semelhantes. A Dra. Stout apresenta os comportamentos do sociopata bem integrado, da infância à idade adulta, e as profundezas dos estragos que os sociopatas podem causar, mesmo que não sejam homicidas.

Finalmente, deixem-me recordar-lhes um facto (ficcional) assustador da obra-prima de Thomas Harris, *O Silêncio dos Inocentes*. Antes de ser encarcerado numa prisão de segurança máxima, o Dr. Hannibal Lecter era um psiquiatra de sucesso com um consultório florescente, um indivíduo bem integrado.

Em última instância, este assassino não é mais do que uma personagem de ficção, criada para vosso entretenimento e para vos dar algo que ponderar acerca das pessoas que vivem neste mundo.

LEIA TAMBÉM, DA MESMA AUTORA:

A RAPARIGA SEM NOME

